

TERRORES DA NOITE

MARTIN CRUZ SMITH

EXILADO DOS
LIVROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Martin Cruz Smith

Terroros da Noite

Tradução de Edna Pacheco Fernandes
Título original: Nightwing

**EXILADO DOS
LIVROS**

CÍRCULO DO LIVRO S.A.

Caixa postal 7413

São Paulo, Brasil

Edição integral

Título original americano: "Nightwing"

Copyright © 1977 by Martin Cruz Smith

Tradução: Edna Pacheco Fernandes

Capa: Frank Frederico Urban

Licença editorial para o Círculo do Livro por cortesia da

Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

É proibida a venda a não sócios do Círculo

Composto pela Linoart Ltda.

Impresso e encadernado em oficinas próprias

2468 10 97531

*"Quando nasci?
De onde vim?
Para onde vou?
Quem sou eu?"*

...as questões hopi.

CAPÍTULO 1

O pele-vermelha do cartaz de cigarro — um índio de perfil com um olho corroído — fitava o oeste. Duas camionetas enferrujavam-se em meio a um canteiro de *yellow creosote*. Diante da luz de uma lanterna relampejou a língua ligeira de um lagarto.

Era meia-noite no deserto Pintado. Fazia trinta e oito graus.

O cartaz de cigarro e capotas de carro emendadas na posição vertical eram as paredes da cabana de Abner Tasupi. Um quadrado de folha-de-flandres servia de teto. Às vezes, Abner consertava automóveis e, às vezes, vendia gasolina Enco diretamente de um tambor. Em geral, os tambores estavam vazios e ele passava o dia escutando o rádio transistor. Uma estação de Gallup tinha discotecários navajos. Embora detestasse os navajos, não havia discotecários hopis. Havia muitos hopis em Mesa Negra, mas nenhum se atrevia a visitá-lo.

Bem, um apenas.

Jovem Duran se sentou na cabana, entre molas quebradas de um banco de carro. Um caneco cheio até a metade de vinho do Porto Gallo se aninhava entre suas pernas.

— Sinto muito — Abner se desculpou com o único amigo —, mas eles vão morrer.

— Todos os que conheço?

Vestido com calças e uma túnica de couro, Abner se agachou no chão imundo moendo grãos de milho. Tinha mais de noventa anos e seu

corpo escuro era tão duro quanto o de um inseto. Os cabelos grisalhos, cortados curtos sobre os olhos, caíam sobre os ombros emoldurando um rosto achatado de maçãs largas e lábios grossos e ressecados.

— Vamos lá, Abner, você pode me contar. Que diabo, afinal não sou um delegado a troco de nada.

Jovem tinha um terço da idade de Abner, e seus cabelos eram mais curtos, negros como piche e enfiados num chapéu Stetson sujo. O suor formava um anel em torno do chapéu e manchas de transpiração nas axilas e costas surgiam transformando sua camisa caqui em uma esponja escura. Mudou de lugar, tentando se acomodar sem ser espetado por uma mola do assento. Jovem detestava vinho do Porto, mas bebida de boa qualidade era rara na reserva. Além disso, gostava de Abner.

Abner recolheu a farinha de milho com as mãos e começou a espalhá-la diante da porta pelo lado de dentro e, caminhando de costas, pelos cantos do recinto.

Jovem tirou do bolso um maço de cigarros úmidos.

— Todos os que você conhece.

— Bem, isto é um começo, Abner, isto é um começo.

Aquela cabana sempre dava a Jovem à impressão de ser o rastro de uma inundação onde o lixo de diferentes civilizações tivesse emergido e secado. Uma caixa de velas e platinados. Parafusos de rodas e chaves de parafusos. Latas de sopa e de feijão sobre um tambor transformado em fogão. Camisetas enfiadas em buracos nas paredes onde espigas de milho pendiam de tranças de palha. Numa prateleira cor de laranja, enfileiravam-se bonecas *kachina*, cada uma medindo cerca de trinta centímetros. Uma era coroada com raios de sol de madeira, outra vestia plumas de águia e a tosca coleção de esculturas tinha de cinquenta a cem anos de idade ou mais.

— Sabe que você pode conseguir mil dólares por uma dessas bonecas em Fênix? Deveria vendê-las antes que alguém aparecesse para furtá-las.

— Ninguém aparece pelas redondezas, Pulga — Abner acabou de derramar a farinha de milho. — Não me preocupo com isso.

— Bem, eles imaginam que você vai acabar com eles, Abner.

Sobre um baú havia potes de pedra com mescal, datura e estramônio em pó.

Jovem resistiu à tentação de enfiar os dedos ali. Tempos atrás fora um viciado; passara sete anos tentando se manter no vício. Mas aquilo fora no exército. Agora fumava maconha e bebia um pouco de vinho apenas. As viagens não eram tão altas, mas em compensação não se deprimia muito. Abner era diferente. Abner era um sacerdote. E Abner estava certo, as pessoas o evitavam.

— Que diabo você quer dizer com isso, todos vão morrer? Você tem sorte de estar conversando comigo. Qualquer outra pessoa o levaria a sério, Abner. Você sabe disso.

O olhar distanciou-se do pote de datura. O baú estava coberto de selos de viagens onde se lia "Tijuana", "Verdade ou Consequências", "Sepultura". Bem poderia haver um escrito "Marte". Abner arranjara o baú numa loja de penhores; jamais fora além de Tuba City.

— Está um dia quente e os irmãos Gallo trabalharam muito bem, Abner. Beba um pouco.

Abner sacudiu a cabeça. O velho tinha tomado suas doses de datura, pensou Jovem. Uma grande dose daquelas sementes em pó era veneno. Uma pequena dose de raízes secas era capaz de erguer o cérebro como um carro sobre um macaco. Havia muitas maneiras de morrer numa reserva indígena. Bebida. Datura ou sementes de *loco*. Sentar-se no meio da estrada à noite. Deixar o tempo passar simplesmente, enquanto os segundos se acumulavam como areia numacova aberta.

Abner abriu o baú.

— Que danação. Você me prometeu que jamais faria feitiçarias perto de mim, Abner.

— Você não acredita nestas coisas — Abner sorriu em resposta.

— Não acredito, mas também não gosto. Só quero ficar aqui sentado batendo um bom papo com você. Como sempre.

— Sei o que você quer fazer — o velho continuava a sorrir. — Agora é muito tarde para isso.

— Olhe, vamos dar uma volta. Talvez a gente consiga caçar uma lebre.

Abner levantou um cobertor do fundo da prateleira alaranjada. Ali embaixo havia uma lebre dentro de uma gaiola com o focinho apertado contra as grades.

Jovem não sabia que Abner se concedia tais luxos como carne fresca. A maior parte dos velhos se alimentava de panquecas, pimenta, milho, e talvez uma pêra seca.

Dentro do baú estavam o que Abner costumava chamar de suas "mercadorias secretas". Bastões *paho*. Penas. Potes de milho seco, amarelo, vermelho e azul. Abner derramou pequenos punhados do milho sobre o baú diante das *kachinas*.

— Isto é só porque não quero que o persigam — disse Jovem —, porque vão me chamar para discutir com você. Essa gente é imbecil. Acredita nos seus rituais.

Do outro lado do baú, Abner vasculhou entre as penas de um cocar até encontrar as plumas brancas e pretas da cauda de uma pega. Colocou uma pena em cada feixe de milho. O efeito foi o de um altar. Abner deu um passo atrás para apreciar o próprio artesanato.

— Quero deixar o centro para a tabuleta *pahana*. Bonito, hem?

— O que é a tabuleta *pahana*?

— Você não sabe?

— Não.

— Então você não sabe grande coisa. — Abner esfregou as mãos.

— Sei que você está viajando num de seus sonhos. Quanto ingeriu de datura? Responda.

— Não muito — Abner sacudiu os ombros magros sem se virar para responder. — Você precisaria de muito mais, Pulga.

Jovem estava desapontado. Fazer feitiçarias era o melhor exemplo da atitude de um idiota. Nenhuma feitiçaria até então fora capaz de transformar um índio ignorante e pobre em um branco rico e influente. Pelo menos não no Arizona. Quanto às bonecas *kachina*, todo mundo sabia que eram brinquedos de criança, nada mais.

A fileira de *kachinas* devolvia o olhar com uma expressão de desgraça na madeira colorida.

— É. Preciso de um punhado de excitantes, uns picos, uma fungada de cocaína, um cigarro de ácido e uma lata de Coors só para começar a sentir o Espírito.

— Mesmo assim — insistiu Abner —, você é um bom rapaz.

Jovem franziu as sobrancelhas. Havia ocasiões em que sentia que tanto Abner quanto ele conversavam através de um intérprete incompetente, embora ambos falassem em dialeto hopi corrompido

pelas mesmas palavras dos brancos. Mentalmente ralhou consigo mesmo. Não devia ter passado pela cabana decrépita de Abner e sim seguido direto para a fazenda Momoa, como estava previsto.

Abner desencavou uma garrafa de soda tapada com folha de alumínio. Retirou a folha e entornou na palma da mão uma espécie de areia que Jovem desconhecia. Era muito fina, negra e brilhante como olhos. Ao encher a mão, Abner sentou-se com as pernas cruzadas e deixou que um fiozinho de areia corresse por entre os dedos e o polegar formando uma suástica num canto do chão. As linhas eram perfeitamente retas e os ângulos pareciam ter sido traçados com um esquadro.

Vazia, a mão de Abner estava lambuzada de óleo.

Que diabo, pensou Jovem. A última coisa que gostaria de fazer seria prender o velho.

— Você andou pelas redondezas da mina Peabody, Abner? Isto não é areia.

— Você é realmente um bom rapaz. E nada idiota, também.

Abner encheu a mão de novo e começou outra suástica.

— Não, a areia não é de Peabody.

Um mês antes, Abner fora apanhado despejando chocalhos de cascavéis na entrada da mina de Mesa Negra. Os guardas teriam atirado nele se Jovem não tivesse chegado a tempo para prendê-lo pessoalmente. E depois deixara que Abner se fosse.

— Diga-me para não me preocupar com você, meu velho.

— Não se preocupe — Abner concentrou-se no desenho. — Vai funcionar. Não consegui esta areia em nenhuma mina de brancos, arranjei-a com os mortos.

A areia negra tinha um aspecto viscoso, quase líquido. Jovem bebericou o vinho. Abner desenhou mais duas suásticas formando um quadrado perfeito com elas, os ângulos perfeitamente alinhados nas quatro direções. Jovem não tinha dúvidas.

— O que vai fazer, Abner?

Abner foi até o baú e encheu os braços com garrafas de pó negro que carregou para o centro do quadrado de suásticas. Sentou-se na posição anterior, abriu uma das garrafas e, enchendo a mão, recomeçou a desenhar. Uma coisa engraçada a respeito de sacerdotes, não importa quão velhos e fracos estejam, é que uma vez debruçados sobre seus

trabalhos parecem fixados no lugar por magnetos, são necessários dois homens para movê-los.

Tudo é uma questão de equilíbrio. O novo desenho de Abner foi uma curva de areia negra que se desenvolveu em forma de espiral.

— Não fique zangado comigo, Pulga. Abner encheu a mão novamente.

— Mas pensei muito neste assunto e decidi que alguma coisa precisa ser feita a respeito deste mundo. Em primeiro lugar, existem os malditos navajos. Aqueles canalhas precisam acabar. Depois, penso que todas as cortes federais e o Departamento Indígena. Também eles.

O pé resvalou da mão de Abner alargando a espiral.

— Eles estão nos matando, Pulga. Estão nos matando como sempre fizeram. Agora chegou a vez deles e das companhias. A Peabody de Carvão. A El Paso de Gasolina. Vou me concentrar neles, Pulga. Tudo depende de mim e vou me encarregar deles, Pulga.

Abner calou-se para abrir outra garrafa.

Jovem teve que rir diante da repetição de seu nome hopi. Jamais o escutava, exceto de Abner.

— Você vai destruir a El Paso de Gasolina?

— Não me importo com isso, apenas com as pessoas.

— Claro.

A estrutura da corporação de El Paso seria abalada, pensou Jovem, quando soubessem que um velho feiticeiro hopi, um aluado de noventa anos, pretendia atingi-los lá no meio do deserto. "Vou beber em homenagem ao acontecimento", acrescentou para si mesmo.

— Vi as escavadeiras perfurarem Mesa Negra — Abner cuspiu pela porta. — Ouvi dizer que vão desviar a água.

— A água vai para Los Angeles. Ei, Abner, por que você não deixa este trabalho para lá e vem beber um pouco deste suco?

Jovem ofereceu o vinho. Abner sacudiu a cabeça.

— Então, Los Angeles tem de acabar também. Assim como Tucson, Fênix e Albuquerque. Todas essas cidades.

— É gente demais. Você falou com alguém mais a este respeito?

Abner girou sobre os joelhos, os braços estendidos como as pontas de um compasso, e a espiral negra balançou em torno de si mesma uma vez, depois uma segunda vez, curvou-se ligeiramente para a direita, e tombou para a direção oposta num círculo mais amplo.

Do ponto onde estava sentado, Jovem podia ver as camionetas listradas do lado de fora. Carapaças oxidadas como restos de animais pré-históricos. "Há um monte de fósseis neste país", pensou. "Inclusive os índios." Tapou a garrafa de vinho.

— Como é que você vai fazer isso, Abner? Vai pegar uma espingarda e sair dando tiros nos carros na estrada? Dinamite? Como é que pretende parar todo mundo?

— Não pretendo pará-los, mas matá-los.

Abner olhou para cima. Tinha os olhos pequenos e expressivos, as pupilas negras com reflexos brancos.

— Vou acabar com o mundo.

As duas rodas de areia negra estavam prontas. A menor dava três voltas em torno de si mesma, a maior quatro. As duas juntas formavam um par de serpentinas de aproximadamente um metro e meio.

Embora Abner tivesse sido obrigado a parar e recomeçar várias vezes entre os punhados de areia, não havia sinal de falhas.

Nem a menor ruptura nas linhas concêntricas. Na escuridão da cabana, o desenho de Abner era tão perfeito e brilhante quanto uma cobra enrolada.

Nervoso, Jovem olhou através da porta, para além das camionetas e de seu jipe. O céu estava azul como água, profundo como uma turquesa incrustada numa concha de prata.

A brisa se movia como um dançarino de pés pesados sobre o chão arenoso, revolvendo grãos secos de plantas. A distância, do lado norte, erguia-se o paredão de Mesa Negra. Ao sul, estava Fênix a cerca de trezentos e vinte quilômetros; a leste, Albuquerque a duzentos e cinquenta. Poderiam estar em planetas diferentes. Era onde iria depois, lembrou-se Jovem, para um planeta diferente. Desencavou o último cigarro do bolso.

Abner foi procurar no baú garrafas de areia vermelha brilhante.

— Como é que você vai acabar com o mundo?

— De uma maneira diferente.

Abner fez um gesto para que Jovem lhe desse uma tragada do cigarro.

— Primeiro o mundo terminou com o fogo. As pessoas acreditaram nas histórias mentirosas de uma mulher e de uma serpente. O Criador

enviou as chamas e abriu os vulcões. Tudo se incendiou e queimou, exceto alguns poucos e bons hopis.

Abner começou a desenhar um anel de areia vermelha entre as suásticas e em torno da serpentina dupla.

— O segundo mundo foi bom até que as pessoas se tornassem muito prósperas, muito gordas. Elas se preocupavam apenas em ganhar dinheiro. O Criador viu o que estava acontecendo e fez o mundo parar de girar. A Terra saiu de órbita e tudo gelou, tudo ficou coberto de gelo. Todos morreram exceto os poucos hopis bons.

Jovem soprou uma baforada de fumaça. Aquela história tinha sido a ladainha de sua infância, ouvida repetidas vezes.

— O terceiro mundo era perfeito. Abner mediu o arco de areia vermelha.

— As cidades estavam cheias de joias e tapetes de plumas. As pessoas se esqueceram da vida simples. As mulheres se tornaram prostitutas.

Os homens começaram a lutar, voando de cidade a cidade para guerrear. O Criador perdeu a paciência. Pôs alguns hopis bons em canoas e cobriu o mundo com chuva e água.

Do altar, as bonecas escutavam com rígida atenção. Um deus de cara nebulosa de estrela. Um deus de espiga de milho. Um palhaço de cabeça redonda. Uma dançarina segurando uma serpente emplumada. Testemunhas mudas sobre um baú.

O anel vermelho estava pronto. Abner pegou uma garrafa de areia branca e outra alaranjada.

— Finalmente, a Terra emergiu e o Criador permitiu que os hopis desembarcassem no deserto.

Abriu a garrafa de areia laranja em primeiro lugar.

— Ele disse: "Este já é o quarto mundo. Chama-se Tuwaqachi, o Mundo Completo. Sua cor é o *sikyangpu*, o branco — amarelado. Fica na direção norte, para o lado de Mesa Negra. Masaw é o responsável, o deus da morte. De agora em diante vocês terão de levar uma vida simples".

A figura desenhada por Abner entre a serpentina e o anel era a silhueta de um cachorro correndo.

— O clã do Coiote — ele disse a Jovem. — Você.

— Estou emocionado — respondeu Jovem, pouco à vontade.

Abner destampou a garrafa de areia branca e passou com cuidado para o outro lado da serpentina.

— Então, tivemos mundos antes de nós e teremos mundos depois de nós. Para nós, depois do quarto mundo haverá o quinto.

— Talvez — sugeriu Jovem —, talvez você esteja apressando um pouco as coisas.

— Refere-se às profecias? Bem, este mundo deve acabar com bombas atômicas, pelo menos é o que os outros sacerdotes dizem. Tenho esperado por isto, mas não acredito que aconteça logo. Não se pode contar com isto. Assim sendo, vou destruí-lo agora.

— Quando?

— Hoje.

Junto ao traçado do anel vermelho, Abner finalizou a silhueta branca de uma ave. Pediu licença e saiu para colocar-se atrás de um arbusto e urinar.

Jovem esperou, desejando apenas ter outro cigarro. Abner voltou, fungando.

— Está um belo dia, hem? Como tem funcionado a máquina?

— O jipe? Está bem. Olhe, preciso ir ver os Momoa agora, mas depois vou para as montanhas. Quer vir comigo?

Abner sacudiu a cabeça e riu. Seus olhos estavam ligeiramente embaçados.

— Você não foi lá fora para se aliviar — disse Jovem.— Você tomou mais um pouco daquela porcaria.

— Quer um pouco?

— Não.

— Vai querer — Abner continuava a rir.

O velho tinha se comportado de uma maneira estranha anteriormente. Nunca tão negativa quanto naquele momento. Mesmo que agarrasse Abner à força e o levasse para as montanhas, quem ousaria prestar algum socorro? Quem não sairia correndo?

— Os outros sacerdotes conhecem seus planos?

— Eu os chamei. Alguns estavam ocupados fazendo porcarias para vender a turistas. Outros queriam assistir as apresentações de jogos pela televisão. Vou agir sozinho.

Abner destampou outra garrafa de areia negra. Balançou-se com cuidado enquanto rodeava o desenho, mas firmou-se bem no momento

de dobrar o corpo para riscar uma figura final dentro do anel vermelho. Sem interromper, deixou que a areia oleosa tomasse a forma de um homem sem cabeça. Uma capa em trapos caía-lhe dos ombros; saindo da capa, alongavam-se os dedos. Abner abriu uma bolsa de couro e tirou alguns ossos pequenos que serviram de colar. Nos pontos onde olhos e boca deveriam existir, colocou rodelas de espigas de milho. Sob os olhos, fileiras de pedaços de espelhos quebrados de modo que a figura sem cabeça parecia estar olhando e chorando ao mesmo tempo.

— Está quase pronto — Abner pôs-se de pé, satisfeito. Limpou as mãos num pedaço de pano e remexeu o baú até encontrar um punhal indígena e um cinturão de couro. Firmando o pé numa extremidade do cinto, esticou-o paralelo à perna como um amolador e afiou a lâmina da faca, para cima e para baixo.

— Se você vai acabar com o mundo, um dia a mais não fará diferença — disse Jovem. — Espere até amanhã.

— O rádio disse que talvez chova amanhã à noite.

— E daí? — Jovem quase deu uma gargalhada.

— Novas chuvas que se aproximam, Pulga — Abner respondeu sério. — Pense nisso. Minhas nuvens não gostam de chuva.

Abner experimentou o fio da lâmina. Dirigiu-se então para a gaiola da lebre, tirou o animal dali e amarrou-o pelas pernas traseiras com uma tira de couro presa no alto da porta da cabana. A lebre balançou de um lado para outro e rodou os olhos.

— De que gostam suas nuvens? — perguntou Jovem. Abner agarrou a lebre pela base das orelhas e torceu-lhe a cabeça para trás, esticando o pescoço.

Passou a faca pela pele branca do pescoço, e então seu braço caiu.

De pé, numa posição estranha, o velho olhava hesitante, emoldurado pela luz, segurando o animal com uma das mãos. Um reflexo fez a lâmina iluminar-se. Jovem sentiu o olhar como uma mão cega passando-lhe pelo rosto, como se de repente não fosse reconhecido.

— De que gostam elas? — repetiu.

A lebre chutou o ar. A faca brilhou, girando na mão de Abner.

O velho estava louco, pensou Jovem. Senil. Finalmente perdera a razão depois de uma vida inteira de datura, maconha, mescal e bebidas ordinárias. Afundado em histórias, profecias, mentiras e frustrações.

Não que Jovem sentisse uma amizade especial por Abner, nada além do sentimento que um homem pode ter por uma árvore nodosa de pau-ferro ou por uma lareira de pedra. Quando a árvore cai ou a lareira se despedaça, a sensação de perda existe. Como se uma pedra de toque tivesse sido roubada. Mas um feiticeiro numa cabana dentro de um depósito de lixo planejando uma guerra contra o Departamento Indígena, contra as pás mecânicas e os milhares de dólares das companhias de mineração? Isto não era apenas patético, era também cômico. Abner continuava a achar que os hopis eram o Povo Escolhido. Não eram escolhidos, eram marcados para o extermínio.

Os olhos de Abner indicavam que gostaria de responder, mas que não podia.

— Você não acreditaria em mim, Pulga — disse finalmente.

— Então, por que você começou a delirar a respeito disso tudo?

— Porque você é meu amigo. Você é uma parte disto e tem que ajudar. Não se preocupe -. Abner tornou-se mais enfático. — Vamos matá-los todos.

— Diga-me o que devo fazer.

— Depois, quando eu estiver morto.

O vento que penetrou na cabana levantou uma borda. Jovem pensou em reabrir o vinho.

— Se você é capaz de esperar tanto tempo, Abner, acho que eu também sou.

Quando Jovem se levantou, os anéis brilhantes da serpentina pareciam mover-se. Uma ilusão de ótica na escuridão. Para Abner, contudo, do alto da datura, Jovem imaginou que as espirais estivessem se movendo e ganhando velocidade. Continuava aborrecido com a suspeita de que Abner pudesse pegar uma arma e começar a atirar nos carros na estrada.

— Mas se desta vez você vai acabar com o mundo de um modo diferente — ajuntou Jovem —, estou curioso para saber como.

— Vai ser diferente.

— Não serão enchentes, fogo, gelo ou bombas. Armas, então? Como?

— Desta vez Masaw vai acabar com o mundo — respondeu Abner. — Vou me encontrar com ele esta noite.

— Esta noite, vai vê-lo? O deus da morte, hum?

A atenção de Abner voltou-se para o desenho e para a figura inacabada de olhos lacrimosos, boca redonda e sem cabeça dentro de um anel de areia vermelha. O corpo negro e a capa brilharam, macios como pelo.

— Se eu fizer as coisas certas — disse.

Jovem levantou o chapéu e passou a mão pelos cabelos. Sentia-se desamparado, totalmente perdido.

— Está bem — desistiu.

Deixando a cabana, parou na porta junto a Abner e à lebre, meio na sombra, meio na luz.

— Se alguém pode fazer isto, este alguém é você.

A caminho do jipe, escutou os gemidos da lebre se interromperem subitamente.

Nascera no clã do Coiote, filho único de um operário de construção desempregado e de uma mulher permanentemente enraivecida. Joe Duran, físico de urso, braços longos como postes, nunca se preocupou com a falta de trabalho. Uma vez por ano transportava tijolos em White Sands para a força aérea, uma experiência que lhe trazia as honras suficientes do trabalho. O que Joe Duran melhor fazia era beber e caçar. Era capaz de subir a corredeira de Dinnebito com cinco cartuchos e voltar para casa com quatro presas.

— Guardei o último para mim — diria a Jovem.

A terceira coisa que melhor fazia era fingir-se de palhaço. Quando se procuravam palhaços para uma festa, Joe Duran era sempre o primeiro indicado. Disfarçado com pó branco, mancava ao longo de uma fila de sacerdotes ou corria atrás das mulheres da assistência sacudindo um pênis de madeira, ou ainda caminhava para trás como um suicida até a borda da montanha. Todos consideravam essas proezas incrivelmente engraçadas, embora não houvesse diferença no modo de agir de Joe Duran em qualquer outro dia, e com o tempo deixou a mulher louca. Jovem lembrava-se de ver o pai usando roupas pelo avesso e plantando bananeiras sobre as mãos imensas no ponto mais alto da montanha, rindo enquanto sua mãe atirava facas e pedras. Por fim, num último acesso de sanidade, ela fugiu com um navajo para Window Rock. Joe Duran os seguiu, matou-os com a espingarda de caçar veados, chutou o navajo morto para fora da cama, deitou-se ao

lado da mulher e estourou os próprios miolos. Era um melodrama comum na vida da reserva.

Jovem foi levado para a escola da missão. Lá a vida era bastante confortável. Tinha comida, amigos, uma cama. Em aula, ficava tão mudo quanto possível, observando. Os professores o classificaram como "preguiçoso" talvez retardado. Até os catorze anos, quando a escola recebeu como doativo alguns jogos de pintura a óleo. Então, passou a ser muito notado.

Tinha uma facilidade natural, um olho de caçador para captar a cor. Não falava muito mais do que antes, mas sentava-se diante de um cavalete durante as horas de vigília pintando paisagens, apenas paisagens. Foram expostas, e para sua surpresa foram compradas. Jovem fez experiências com aquarela, tempera e acrílico, obcecado não tanto com a arte, mas com a revelação de que era capaz de ganhar dinheiro.

Com um passo, passou à frente de todos os índios que conhecia, em especial o próprio pai.

No espaço de dois anos, desenvolveu uma técnica com acrílico e verniz que emprestava às suas paisagens de deserto um acabamento duro de joia que era totalmente cínico e artificial. Só Jovem sabia o que estava fazendo. Não estava pintando o deserto, mas assassinando-o. Em suas telas, as aves eram tão brilhantes e mortas quanto broches de recordações, e a chuva parecia feita de pedras. Era um estilo que só os brancos podiam apreciar, mas eles pagavam. Nas galerias de Santa Fé e Fênix, pagavam muito.

Lisonjeado pelos brancos, correspondeu à altura. Cortou os cabelos e adotou roupas esportivas. Viu-se transformar num homem de boa aparência embora não fosse bonito. Tinha feições muito angulosas para tanto. Ocasionalmente apenas, sentia-se traído por uma hostilidade violenta nos olhos escuros, herança da mãe.

A Universidade do Novo México ofereceu a Jovem uma bolsa integral para os estudos de arte. Esse foi o segundo passo para o alto, disse para si mesmo. Poderia ser o que quisesse.

No verão anterior ao primeiro ano da faculdade, Jovem voltou à reserva indígena. A Dança da Serpente acontecia em Shongopovi. Por diversão, Jovem juntou-se aos corredores cuja competição pelo deserto assinalava o início da cerimônia. Pela primeira vez em sete anos, vestiu

uma túnica de couro e mocassins. Tivera sempre muita determinação. Na metade da corrida, os sapatos estavam ensopados de sangue. A dor o encorajou. Ultrapassou os rapazes da reserva no sopé do canyon e disparou pela estreita picada acima para vencer. O clã da Cobra estava pronto para conceder-lhe o prêmio quando foram interrompidos por um sacerdote do clã do Fogo.

— Este rapaz não é um hopi. Deem o prêmio para um hopi. Caso contrário todo o meu clã vai se retirar.

O sacerdote era Abner.

— Sou um hopi e venci — Jovem protestou.

— Você é vazio. Vejo seu interior e não há nada lá. Este prêmio é apenas para pessoas de verdade.

Humilhado, Jovem voltou para Albuquerque, para a universidade. Mas a universidade não era aquilo que esperava. Descobriu que era estupidamente ignorante na maior parte dos assuntos, mesmo para um índio. Sobre história, literatura, ciências ou estudos sociais, não conhecia praticamente nada. Pior, chegou ainda mais depressa ao fim de seu talento. Enquanto pintava o deserto, ainda que fraudulentamente, as imagens vinham-lhe com facilidade. Diante de todas as outras coisas, mesmo uma aula elementar, revelou-se um completo incompetente. Era o mesmo que conhecer uma única canção com uma única variação ou então ficar mudo. Mas havia muitas maneiras de curar as próprias frustrações.

A universidade tinha outros índios, navajos na maioria, que encaravam os hopis como inferiores. Jovem entrou em brigas com turmas de navajos, com jogadores de futebol brancos, com praticamente todo mundo. Depois de um único ano de reprovações foi jubilado. Após um ano de exército, foi levado à corte marcial e preso em Leavenworth, onde passou quase seis anos de sua vida.

Aos vinte e sete anos, Jovem foi solto e viajou para Los Angeles. Juntou-se aos mexicanos que trabalhavam como extras em filmes, preparou tintas para lojas de construções e transportou carros para a Hertz. Certa manhã, levando um Continental para Burbank, atravessou os *canyons* que segmentam Los Angeles num arquipélago de ilhas de concreto.

Afastando-se da rodovia, saiu do carro para caminhar pelo *canyon* que tinha a cor e a textura de papel pardo amarrotado. Sentado quieto,

ficou olhando as sombras deslizarem como gatos sobre as montanhas. Gatos domésticos que se espreguiçam e se enrolam na terra quente. E continuou sentado, imóvel. Na direção oeste, milhares de chuveirinhos contra incêndios borrifavam as paredes esturricadas do *canyon* com água comprada e distribuída vinda dos rios do Arizona. Como bolas de gude, a água rolava através do ar e dispersava-se nos últimos raios de sol. Uma gota após a outra, milhões e milhões explodiam silenciosas contra os ruídos da auto-estrada. A água que caía em forma de chuva nas montanhas Rochosas, que corria como o rio Colorado através do Grand Canyon em direção ao deserto, era deslocada para o sistema de irrigação. Ele riu até quase chorar.

Jovem entregou o carro com dez horas de atraso, foi despedido e, na manhã seguinte, voltou para a reserva, em condições pouco melhores do que quando fora embora.

Passou o primeiro ano depois da volta reaprendendo como viver. Ensinou a si próprio novamente a língua materna, que buracos secos eram capazes de produzir água com uma vara de cavar, como consertar roupas com uma agulha de osso e a diferenciar os rastros de um veado em fuga dos de outro distraído.

No final do ano, uma camioneta com velhos da tribo chegou ao seu acampamento.

— Você ainda está aqui — disseram-lhe. — Esperávamos que desistisse há muito tempo.

— Ainda estou aqui.

— Pretende ficar?

— Sim.

— Então teremos de fazer alguma coisa a seu respeito. Você é uma pessoa problemática. Jamais sossega. Não podemos mandá-lo embora porque conhecemos nossas obrigações. Sendo assim, vamos dar-lhe uma tarefa. De hoje em diante, você será um delegado. Amanhã irá a Hotevilla registrar-se. Talvez algum dia possamos usufruir algum bem de você.

Os velhos chefes voltaram à camioneta e partiram.

Aquilo acontecera há dois anos. A função de delegado consistia geralmente em confiscar armas de bêbados e assegurar que nenhum turista trouxesse câmaras fotográficas para os pueblos durante as festas. Jovem dispunha de todo o tempo que quisesse para refugiar-se

na mata. Permaneceu longe das confusões porque tinha a obrigação de manter a lei. Os velhos chefes não eram tão tolos.

Jovem deu partida e subiu com o jipe através de um bosque de zimbros até uma estrada cheia de lama. O rancho dos Momoa ficava nas montanhas acima da corredeira de Dinnebito. À medida que a estrada dava voltas pelo caminho ascendente, à temperatura caía. Uma vegetação rasteira cedeu lugar a novos zimbros, carvalhos e pinhões. Nas montanhas havia água, e água significava riqueza.

— Finalmente você veio — Joseph Momoa saudou o delegado. — Em que buraco estava metido?

Joe Momoa e sua família eram proprietários de cinco mil acres de florestas de madeira de lei e pastos que incluíam duas cachoeiras e pastagens para quinhentas cabeças de gado bovino e setecentos carneiros. A casa era revestida com madeira de sequoia e ficava sob uma antena de televisão tão grande quanto um radar. O celeiro fora convertido em uma garagem para seis carros e uma sala de jogos. O próprio Joe se convertera num próspero mórmon, assim como a mulher e os dois filhos, Joe Jr. e Ben. Os homens Momoa eram parecidos no aspecto agressivo, nas camisas de flanela e nas botas Acme de verniz. Joe guiava uma camioneta com ar-condicionado. Os filhos o acompanhavam lado a lado dirigindo motocicletas coloridas. Entre os hopis, eram os Rockefeller.

— O que você queria me mostrar? — perguntou Jovem.

— Você vai ver.

Joe se adiantou pelo caminho em declive sob os galhos dos pinhões. O malandro nem ao menos caminhava mais como um índio, Jovem pensou com certa ironia. Ele próprio não tinha caminhado como um índio por muitos anos, mais do que gostaria.

— Os pinhões devem render dez mil dólares este ano — Joe disse automaticamente.

— Quanto vai render a madeira?

Joe lançou um olhar sério por sobre o ombro. Os pinheiros cresciam acima do terreno dos Momoa e todos os anos centenas de árvores eram transportadas secreta e ilegalmente.

— Isso é problema seu — Joe Jr. respondeu a um passo de distância de Jovem.

Desceram até um prado com currais e cercados. Jovem viu carneiros que pastavam em sua área. Os bois estavam alinhados diante das manjedouras. Os cães de guarda pastoreavam às vistas dos Momoa.

— Agora, dê uma olhada naquilo — Joe apontou para o curral central.

A princípio, Jovem pensou que o curral estivesse vazio, mas ao atravessar o portão viu três cavalos de tração deitados de lado. Tinham os olhos abertos e irrequietos. Um tentou colocar-se de joelhos e Jovem pôde ver que era sangue coagulado e moscas o que à primeira vista parecia ser um cobertor escuro sobre as costas.

— Traga um cobertor de cavalo — ordenou a Bem Momoa.

— Pai? — Ben deu um passo atrás.

— Faça o que ele está mandando.

Joe pegou um cobertor de cima da cerca do curral e atirou-o para o filho.

O cavalo ajoelhado esticou a cabeça à maneira de um animal drogado. As moscas pesadas de sangue saltavam no ar enquanto Ben as espantava com o cobertor. Jovem abanou as moscas do próprio rosto.

— Que diabo aconteceu? — perguntou.

— Você é que vai nos dizer — respondeu Joe.

As espáduas e as ancas do cavalo pareciam ter sido retalhadas com uma navalha empunhada por um louco. Jovem deu uma pancadinha na cabeça do cavalo, correu a mão pela crina e parou de repente. Do pescoço até a cauda o cavalo estava em carne viva, sangue coagulado e tiras de pele. Os cortes não eram profundos.

— Continue a abanar — Jovem disse a Ben.

— Estou começando a ficar enjoado.

Pouco profundos, pareciam golpes de chicote em forma de V. E eram em maior número do que se podia contar. Um pouco de sangue tinha secado em listras pelas pernas e pela barriga do cavalo, mas o animal tinha perdido muito mais sangue do que aquilo. O cavalo estava trôpego, mas não aparentava dor. Jovem examinou o rabo. Estava escurecido pelo sangue coagulado; devia estar completamente emaranhado.

— Então? — Joe perguntou.

Jovem olhou os cascos do cavalo. Estavam lisos e não como deveriam estar se o cavalo tivesse chutado alguma coisa. Jovem

caminhou até os outros cavalos. Estavam em pior estado. As moscas zumbindo formavam em suas costas corcundas móveis. Examinou-lhes os cascos também. Estavam tão lisos quanto mármore, mas os cavalos estavam morrendo de hemorragia. Três cavalos, esfolados pela metade e que não tinham reagido.

— Não sei — disse Jovem.

Respirou fundo, afastando-se dos cavalos mutilados. Eles não tentavam nem ao menos espantar as moscas. Jovem sondou o terreno.

— Já deixaram os cachorros entrarem aqui alguma vez?

— Junto com os cavalos? Nunca.

Jovem via apenas marcas de patas na lama. Nenhuma profunda, nada que sugerisse excitação, nada que sugerisse que qualquer outra coisa além dos cavalos tivesse estado no curral.

— Encontraram os cavalos assim esta manhã?

— Exatamente.

Jovem olhou para o céu azul-claro. Águias? Ridículo. Ao baixar os olhos, notou algo que deveria ter visto antes. Onde o sangue manchara o chão, havia nódoas maiores e mais escuras. Pegou um pouco daquela terra com os dedos. Era viscosa e cheirava a amônia.

— Jesus. — Esfregou os dedos na terra limpa. — Bem, não consigo imaginar o que aconteceu. Com nenhum deles.

— Coiotes — disse Joe com firmeza.

— Coiotes? Atacariam os carneiros. Talvez uma vaca, mas não os cavalos, não tem sentido. Você teria escutado seus cães. O curral inteiro estaria destruído. Haveria rastros. Nenhum coiote morde desta maneira.

— Então um felino.

— Não.

— Então o quê?

— Já lhe disse que não sei.

— Não sobrou nada, que diabo. Perdi três cavalos, vou ter que matá-los. Isto significa seiscentos dólares em animais lanhados aqui e exijo alguma providência. Quero que você comece uma caçada, e não me refiro a uma perseguição qualquer. Uma caçada de verdade. Os navajos têm um helicóptero. Vá buscá-lo e nós sobrevoaremos estas montanhas e mataremos todos os coiotes e leopardos que encontrarmos.

— Você não vai conseguir pegar o animal que atacou seus cavalos desta maneira.

— Pois lhe digo que sim e, mesmo que não consiga, varreremos essas montanhas do modo que deveriam ter feito há muito tempo.

— Olhe, sei como se sente por ter perdido alguns cavalos.

— Sabe coisa nenhuma. Você não tem nem um cavalo em seu nome. Agora mexa-se e arranje um helicóptero para meus filhos e para mim. As espingardas nós temos. Muitas.

Jovem podia imaginar. Um helicóptero sobre a corredeira de Dinnebito, com os rapazes Momoa atirando a torto e a direito como metralhadoras em qualquer coisa que se movesse. Não seriam tempos felizes.

O cavalo ajoelhado caiu de lado de repente. As moscas avançaram sobre ele em espirais espessas.

— Nem navajos, nem helicópteros — disse Jovem.

— O conselho tribal deve se reunir dentro de duas semanas — o rosto de Joe se tornou rubro. — Vou contar a eles a respeito de suas bebidas. Chego a sentir o cheiro em voce.

— Procure saber qual é a opinião do veterinário a respeito do ocorrido. — Jovem afastou-se. — Se ele disser que foi um felino ou um coioote fez isto, voltaremos a conversar.

— Júnior! — berrou Joe.

Joe Jr. estava diante de Jovem. Pesava vinte quilos mais que Jovem, mas depois de olhar um instante Joe Jr. engoliu em seco e abriu passagem.

— O que precisamos aqui é de um delegado de verdade — Joe Momoa berrou atrás de Jovem —, não de um mendigo bêbado. Delegado de verdade como têm os navajos. Eu o conheço bem, Duran. Você nem ao menos é um hopi de verdade.

Diante da casa, Jovem entrou no jipe. Em vez de descer pela estrada que viera, subiu mais as montanhas. Sem muito esforço esqueceu-se da família Momoa, mas a visão dos cavalos permaneceu viva. Havia leopardos nas montanhas. Os locais altos eram seu refúgio. Os felinos corriam para longe dos homens, não em sua direção.

Pinhões e zimbros ficaram para trás substituídos por pinheiros chihuahua, depois pinheiros ponderosa, verticais como dentes de um pente, e bosques de amieiros. O ar se tornou frio e cortante.

Momoa estava certo num ponto. Para falar a verdade, Jovem não era hopi, era tewa. Os tewas tinham sido a tribo que expulsou os espanhóis do Novo México. Duzentos anos antes, quando os hopis estavam sendo invadidos por navajos e apaches, os hopis pediram aos tewas para virem fazer a guerra pelos hopis.

Os tewas vieram, lutaram e ficaram. O nome do herói tewa era Popay. Pulga. O mesmo que Jovem.

Ao chegar ao topo da montanha, o crepúsculo iluminava o charco. O deserto tinha a cor de um lilás desbotado. O sol iluminava o alto das montanhas e assim continuaria por mais uma hora. Jovem trocou as botas pelos mocassins feitos por Abner para ele. Apanhou a espingarda e caminhou durante cerca de vinte minutos até chegar a um córrego que levava a uma cascata, onde se deitou sobre uma pedra coberta de musgo e enfiou o rosto na água.

Ao levantar a cabeça, viu uma lebre observando-o sob um galho de pinheiro. A mão de Jovem deslizou até o coldre da espingarda. Poderia jantar a lebre e levar os pés para Abner na manhã seguinte. A lebre esfregou os bigodes com uma das patas dianteiras. Apoiado com o cotovelo sobre o cano da espingarda, Jovem colocou uma bala na culatra. Puxou a espingarda. A lebre deu um salto à frente, um alvo perfeito contra a relva verde. A água escorria pelas faces de Jovem, pelo queixo, voltando ao córrego. Ocorreu a Jovem que Abner já tinha uma lebre e afinal ele próprio não estava tão faminto. — Fuja!

Após um jantar à base de Monterey Jack e tortilla. Jovem cobriu as costas para aquecer-se. As estrelas lá em cima eram duras e penetrantes. Passeou o fecho de luz da lanterna pelo riacho para ver o brilho dos olhos dos animais ali reunidos. Os olhos das aranhas eram prateados, os olhos dos sapos, vermelhos. Ao se mover, traçavam tênues riscos de luz.

Jovem não fora obrigado a ficar no exército; os hopis podiam escolher a posição de objetante. Mas ele ficou e os testes de seleção mostraram que tinha um senso de relações espaciais altamente desenvolvido, de modo que foi promovido a sargento, treinado para interpretar fotografias aéreas através de visores tridimensionais e levado para a base Andersen da força aérea em Guam. Todos os dias e todas as noites três esquadrões de aviões com oito aparelhos B-52 decolavam de Guam para o Vietnã do Norte, cada avião carregando

vinte toneladas de bombas. Os alvos eram escolhidos a partir das fotografias tiradas por caças U-2 que circulavam indo e voltando entre a Tailândia e Guam.

Fotografias tiradas durante o dia podiam ser transformadas em mapas com números de códigos e coordenadas. As fotos noturnas eram quebra-cabeças infravermelhos e ninguém era melhor do que Jovem para decifrar as manchas vermelhas, verdes e azuis que significavam o calor da atividade humana, o frio das florestas fechadas e o gelo da água à noite. O inimigo podia recuar ou atacar quartéis de comando. Jovem nunca se enganava e a chuva a longa distância que enviava era sempre precisa. Para ele, era um jogo fascinante. Após um ano de serviço, recebeu a primeira condecoração e uma viagem de descanso e divertimento em Bangkok, onde lhe ofereceram colares de dedos e escalpos vietnamitas a preços módicos. E uma bolsa de partes íntimas costuradas juntas.

Naquela noite em Bangkok, enquanto Jovem dormia entre duas prostitutas, escutou o próprio pai rir. Então a piada era essa, pensou Jovem. Era sempre a mesma piada. Joe sacudia um pênis de madeira. Dançava de costas, com uma só perna, na borda do precipício. O colar de dedos. Em suas mãos. Os bombardeiros descarregando sua carga

Durante o voo. A bolsa sanfonada. Os belos mapas de fogo. A espingarda de caça na boca. As pessoas gostavam de matar-se umas às outras. Isso era engraçado.

— Não-Jovem sentou-se entre as duas mulheres.

Voltou para Guam e um mês depois foi levado à corte marcial por ter lido errado, deliberadamente, as fotografias de reconhecimento e por ter enviado missões de B-52 para bombardear o mar da China. A resposta de Jovem foi que se decidira a levar a guerra a sério e que não tinha mais vontade de lutar. Poderia ter sido condenado a vinte anos, mas bombardeiros frequentemente descarregavam as bombas na água porque o ataque fora abortado, ou então, com igual frequência, porque o piloto estava no final de seu período de seis meses. Além disso, a transferência pouco habitual de Jovem do exército para Guam confundiu a jurisdição da corte. Pegou dois anos.

No início não foi tão mal. Havia índios na prisão de Leavenworth; estudou um pouco na biblioteca e teve uma tarefa leve no estúdio de fotografia até que, um mês antes do término de sua sentença, um

guarda esvaziou uma pistola de água cheia de urina sobre ele. Era uma brincadeira de rotina de guarda de prisão entediado, mas Jovem quebrou a lâmina de uma cortadora de fotografias e cortou o braço do guarda até o osso. Ao deixar a prisão política um mês depois, recebeu mais dois anos para cumprir, sendo os seis primeiros meses numa solitária sem luz e com as paredes pintadas de negro. Ao final da segunda sentença, quando Jovem trabalhava na terraplanagem de uma estrada, um dos outros índios soltou-se das correntes — imbecilmente, uma vez que não havia para onde fugir senão quilômetros de terreno plano — e precipitou-se para as planícies do Kansas. Quando o guarda encarregado do grupo levantou a arma para atirar, Jovem jogou-o no chão e disse que traria o fugitivo. Jovem estava prestes a alcançar o amigo quando foi derrubado pelas costas por duas cargas de balas de 30-30. Passou dois meses no hospital e recebeu mais dois anos.

Daí em diante os guardas o deixaram em paz e ele não fez mais amigos.

No primeiro inverno de volta à reserva, passou por acaso pela garagem de Abner. O sacerdote do clã do Fogo há muito tinha sido expulso da montanha como feiticeiro, mas reconheceu Jovem.

— Seu carro quebrou?

Abner deu um passo fora da garagem envolto num cobertor.

— Não tenho carro.

Jovem pôs a mochila no chão. Havia um barril de água de chuva junto aos tambores de óleo. Ele quebrou o gelo que estava por cima para retirar um gole.

— É uma grande caminhada até a montanha.

— Não estou indo para a montanha – respondeu Jovem.

— Bem, não há nenhum lugar por aqui onde se possa ficar — Abner disse belicoso.

— Há todo este espaço para ficar por aqui.

O velho voltou às costas para o sol gelado a fim de ver melhor o visitante.

— Agora você trabalha com o departamento ou com as companhias?

— Com nenhum deles.

— Então o que está fazendo?

— Caminhando.

Jovem se virou para jogar a mochila sobre as costas.

— Apenas caminhando, está bem?

— Espere — Abner impediu que Jovem se afastasse. — Sente-se um momento.

Jovem deu de ombros e se agachou, mantendo o fardo equilibrado sobre os ombros. Abner agachou-se em frente a ele.

Dois minutos depois, Jovem afastou os olhos de Abner e examinou o local que a princípio pareceu tão plano quanto um tambor e que só com paciência produzia a sombra de arbustos desfolhados e quedas de arroios. Quando finalmente voltou a encarar Abner, o velho sorria.

— Há algum tempo, eu disse que você era vazio por dentro. Agora vejo que você é autêntico, uma pessoa completa.

— E daí? — Daí, tenho um pouco de vinho ali dentro. Daquele dia em diante, disselhe Abner, eles seriam amigos.

Nas montanhas acima da corredeira de Dinnebito, Jovem deitou-se e deixou que os ruídos da noite povoassem sua mente. Adormeceu observando uma estrela chamada Hotomkam seguir na direção oeste.

Enquanto o sol se punha, um bebê nasceu. Cego e pelado, foi lançado num berço formado pela membrana entre as pernas da mãe. Instintivamente, piou por entre os dentes de leite enquanto a mãe abria as asas do bebê e cheirava as glândulas odoríferas que o distinguiriam de outras crias no escuro. Só então ela permitiu que o bebê chegasse até a teta já à espera. Enquanto amamentava, a mãe observou com olhos brilhantes e enormes orelhas o resto da colônia que sacudia seu torpor. A vida começava a se espalhar. No nicho vizinho, um macho enlaçou uma fêmea com as asas, o estômago junto às costas dela e os dentes enterrados em sua nuca, copulando. O peso da fêmea enrijecia os tendões de seus pés agarrados ao teto de tal modo que nem a morte seria capaz de soltá-los. Mais adiante dois machos lutavam, gritando e batendo as asas contra o teto. Perseguiram-se em círculo, eriçando os pelos do papo até se precipitarem um contra o outro, usando as asas como arma. A luta provocou outras, círculos de tensão que cresceram enquanto o dia morria. Os membros maiores da colônia, as fêmeas, olhavam com um interesse complacente. O par acasalado se separou, o macho foi se juntar a outras fêmeas, a fêmea se empertigou. Um bebê de uma semana abriu as asas membranosas e piou. Os grandes acontecimentos da colônia — acasalamentos, lutas e nascimentos —

ocorreram até que a nesga de luz que entrava pelo teto da caverna se estreitasse até se tornar um fio tênue e uma necessidade diferente e maior imperasse.

Outros da espécie talvez procurassem o crepúsculo, estes esperariam pela noite. Como aranhas viradas de cabeça para baixo, as asas recolhidas, pés cuidadosamente presos à pedra, centenas de adultos se moviam para os lados ou para trás na direção da luz moribunda do esgoto. Caras achatadas, guarnecidas de bigodes, observaram os vestígios de um dia que terminava. Quando aqueles vestígios sumiram, uma fêmea de dez anos abriu as asas e voou para cima. Um após outro, todos a seguiram, e em segundos mais de mil se esgueiraram através do buraco, subindo e emitindo gritos que lhes indicavam a própria posição do voo.

Biologicamente, eram milagres da evolução. Asas de trinta e cinco centímetros, com membranas cinco vezes mais transparentes que luvas cirúrgicas, faziam-nos voar rápidos como andorinhas. pelos espessos, cinza nas costas e castanhos no peito, cortavam a resistência do vento. Olhos de cor cega punham em evidência a luz das estrelas nascentes e o *canyon* brilhava para eles e, à frente, o deserto parecia coberto de prata. Sobrevoavam os limites do *canyon* como uma nuvem, mas quando alcançavam o deserto, voavam cada vez mais baixo até se transformarem numa onda plana a um metro do chão. Em frente e em volta deles espalhava-se uma rede de gritos silenciosos e ecos que retornavam às grandes e moles orelhas marcadas por lóbulos separados. Cada morcego voava tão próximo ao companheiro que a onda parecia uma massa sólida, mas mesmo assim deslizava sem interrupção por entre cactos e arbustos. O ambiente era novo para os morcegos, mas não completamente diverso de seu lar mexicano.

Famintos, dirigiam os focinhos em forma de espadas para absorver o cheiro dos animais no vento noturno. Uma fileira de mariposas aproximou-se dos morcegos, espalhou-se e fugiu. Os morcegos se balançaram ao vento onde os odores eram ricos e viajaram para longe. Um falcão noturno que seguia as mariposas mudou de curso, voltando-se repentinamente para cima e na direção oposta. Ao contrário das aves, os morcegos não podiam voar muito alto.

Voavam apenas e voavam em busca do alimento, as asas batendo no ar catorze vezes por segundo em ritmo constante e proposital até

que o cheiro quente que procuravam invadissem o ar.

Partículas mínimas de suor e plasma se transferiam do ar para as dobras de suas narinas. A onda se balançava novamente e os gritos silenciosos aumentavam em ansiedade. Mil bocas se abriam, revelando o queixo pontiagudo e longos caninos e, diferentes dos dentes de qualquer outro morcego ou animal da criação, incisivos curvos e agudos como lâminas. Os biólogos os chamam de morcegos desmondotídeos, um nome que sugere a forma dos dentes e o desespero. Vampiros.

CAPÍTULO 2

O sol da manhã aqueceu a cabana de Abner, uma camioneta branco-suja do Serviço Público de Saúde e cinco turistas que olharam ansiosamente para o jipe de Jovem que chegava. Jovem classificava a maior parte dos turistas em duas categorias.

Os totemistas da alma que costumavam ser jovens, ociosos e desesperados para "entrar" para a religião indígena. E os totemistas fotógrafos, que eram mais velhos, mais limpos e desesperados apenas para voltar para o ar condicionado. As três mulheres e os dois homens ao lado da camioneta pertenciam à segunda categoria, embora um pouco mais bem vestidos que a maioria, com roupas informais dispendiosas.

Um dos homens tinha vomitado na camisa de cor pastel. Jovem desceu do jipe. Não viu Abner.

Ao perguntar se poderia ajudá-los em alguma coisa, uma das mulheres pôs a mão na boca.

— Abner andou criando problemas para vocês? — Jovem tentou sorrir para ela. — Não lhe dê muita atenção, ele é assim mesmo com todo mundo.

— Não, ele está... — O homem de camisa suja apontou para a cabana. — Deus o ajude.

A essa altura, Jovem já não escutava mais. Contornou a camioneta, passou pelos arbustos de *yellow creosote* de troncos ferrugem e

penetrou na cabana.

A entrada e o chão à volta onde o coelho tinha sido morto estavam encharcados de sangue. Um traço de sangue contornava o desenho de areia e atravessava o anel de areia vermelha em direção ao homem de capa, onde o sangue delineou uma cabeça em volta da boca e dos olhos cheios de lágrimas.

Na mão direita da figura, a linha vermelha estava partida, empurrada para o lado e assinalada por um bastão de oração decorado com plumas de pega.

Em outro bastão de oração estava espetado um maço de cigarros atirado fora na véspera por Jovem sobre a figura do coite.

E no meio da figura, espalhado sobre a serpentina dupla, jazia Abner, morto, ainda vestido com a túnica, usando uma máscara de couro cru de coelho. A própria pele de Abner, dos pés à cabeça, estava tão retalhada que os ossos se mostravam nos dedos e nos joelhos.

Jovem não era a única pessoa ali perplexa, olhando com desgosto e respeito. Junto à porta, estava outro turista vestido com um impermeável, um homem baixo de ar digno e um rosto suave e pálido. Do outro lado do desenho estava a enfermeira do Serviço de Saúde, uma jovem loura que usava *jeans* desbotados.

— Quando chegou aqui? — Jovem perguntou a ela.

— Há dez minutos.

O turista ajoelhou-se junto de Abner. Pigarreou e tirou uma Bíblia de dentro da capa, mas antes de abrir a boca foi arrastado pelo colarinho por Jovem.

— Nenhum missionário trabalha aqui.

— Pele-vermelha ou branco — o homem ergueu a Bíblia —, qualquer pessoa merece uma bênção final.

— Ele era um sacerdote do clã do Fogo — disse Jovem.

— Talvez fosse cristão também.

— Nem morto.

Jovem voltou-se para a moça.

— Eles tocaram em alguma coisa?

— Não — ela respondeu com raiva. — E não são missionários.

— Trabalhamos para uma fundação. — O turista ajeitou o casaco.

— Procuramos apenas ajudar...

— Dá no mesmo — Jovem interrompeu-o. — Por que estão aqui?

— A Srta. Dillon se ofereceu para mostrar-nos a reserva e levar-nos para a famosa Dança da Serpente. Chegamos alguns dias antes e pensávamos acampar em algum lugar também. Sou John Franklin.

Franklin tinha uma voz de barítono profunda, do tipo que soa bem numa assembleia. Na cabana de Abner era alta demais.

— Examinou o corpo? — Jovem perguntou à moça.

— Não havia nada mais que pudesse fazer por Abner, então tentei encontrar pegadas. No caso de termos um coiote raivoso à solta. Não sabia quando você apareceria por aqui. Foi por isso que paramos aqui para perguntar a seu respeito.

— Você encontrou algum rastro?

— Nenhum.

Anne Dillon tinha um rosto bronzeado e oval com olhos profundos. Era quase tão boa caçadora quanto Jovem, e ele sabia disso.

— Dei uma olhada no corpo — Franklin interveio. — O sangue me pareceu ainda fresco. Esse ataque de cães, ou seja lá o que for, deve ter ocorrido pouco antes de chegarmos.

Com a ponta da bota, Jovem tocou de leve na perna de Abner.

— Já está rijo. Deve estar morto há cerca de dez horas. Jovem seguiu na frente até a camioneta, onde os outros missionários se agitavam de um lado para outro como se a manhã não estivesse ainda bastante quente.

— Está tudo bem — Franklin assegurou a eles. — Acredito que este seja o Delegado Duran mencionado pela Srta. Dillon.

— Quais são os tipos de câmaras que vocês têm? — perguntou Jovem.

Franklin tinha uma Nikon e os outros tinham máquinas de trinta e cinco milímetros semelhantes, exceto a Sra. Franklin, uma senhora assustada de cabelos azulados, que levava uma SX-70.

— É isto mesmo que quero. E flashes, se tiver. Jovem pegou a Polaroid e entrou sozinho na cabana.

Tirou duas fotografias de Abner e quatro da cabana, deixou-as para revelar atrás do altar sobre o baú e voltou à camioneta.

— Obrigado. — Entregou a máquina e oito dólares. — Isto é pelo filme e os flashes.

— Você não precisa...

— Acho melhor que vocês se retirem agora.

Fez um cigarro enquanto entravam na camioneta, Anne sentando-se ao volante. Observou-os se afastarem até sumirem de vista, apagou o cigarro e entrou na cabana.- Que diabo, Abner.

Jovem permaneceu de pé durante dez minutos movendo apenas os olhos. Isolou o barulho do vento e as frestas de luz que penetravam pelas paredes e, principalmente, qualquer recordação dos turistas brancos, porque Abner se esforçara para que sua garagem de sucata se transformasse num *kiva* sagrado, e era nos termos de um *kiva* que Jovem precisava pensar e ver.

Diante do altar, havia uma bandeja com pão, carne crua, tabaco e milho; uma certa quantidade do milho estava espalhada pelo chão. Uma fogueira tinha sido acesa junto ao altar. Entre as cinzas, Jovem encontrou cordões feitos com agulhas de pinheiro e cascas de zimbros. Deixou cair às cascas carbonizadas ao ver a lebre num canto da cabana.

Estava esfolada, mas sem adornos, e tinha a garganta fendida para que o sangue jorrasse com o animal vivo, pintado para o deus de Abner.

A verdade era que o delegado tinha entendido o significado da lebre e do desenho pouco melhor que Franklin. Jovem vivera longe da reserva durante muito tempo e uma parte dele, não importava há quanto tempo já estivesse de volta, permaneceria sempre branca.

Tinha perdido o fio da meada. Não acreditava em nada, o melhor era deixar em paz os deuses de um feiticeiro que vendia gasolina. Tudo o que sabia era que Abner tinha dito que acabaria com o mundo.

Agachou-se junto de Abner e levantou a máscara. A boca de Abner estava aberta e cheia de datura empapada. Se a morte era dolorosa, Abner não o soube; ou talvez tivesse sabido e estivesse preparado. De qualquer modo, não podia ter sentido nada.

— Velho — perguntou Jovem —, o que está pretendendo? Que diabo está fazendo?

Abner fitava o amigo, todo olhos e dentes. A pele que não tinha sido retalhada estava perfurada com pequenas marcas de patas. Apesar do rigor mortis, algumas feridas ainda estavam úmidas.

O cheiro. Jovem lembrou-se. O mesmo cheiro que havia no curral de Joe Momoa. Em volta do corpo de Abner, a serpentina estava manchada de nódoas de amoníaco.

Os olhos de Abner estavam secos. As pupilas relaxadas pareciam fendas. Olhos de cabra.

— Não consigo entender, Abner. Não sei como, nem por quê. Você não quer me ajudar?

Os dentes de Abner, como de quase todos os índios da reserva, eram estiletos corroídos pela cárie. O maxilar mantinha um sorriso rijo.

— Está bem, velho. — Jovem fechou-lhe os olhos. Envolheu o corpo num lençol e carregou-o para a parte de trás do jipe. Voltou à cabana para pegar as fotografias. O comportamento correto da polícia seria o de preservar o local de uma morte suspeita. Para quem e para quê?, indagou-se. Era um policial tão bom quanto qualquer outro, a não ser que o exército do Arizona fosse chamado. Não tinha sido um homicídio. Havia animais no deserto. Essas coisas aconteciam.

O desenho de areia era belo, completo, bonito e totalmente misterioso. Do lugar de onde Jovem tinha arrastado Abner, no meio dos traços de manchas, ficara a silhueta desengonçada do corpo em negativo.

— Filho da puta.

Jovem chutou o desenho de areia. Grãos vermelhos, azuis, amarelos e brancos riscaram as paredes. Quando o chão parecia uma obra de arte profana, começou a chutar o contorno negro da silhueta. As nódoas do amoníaco grudaram em suas botas. Pegou areia seca e derramou sobre os contornos. As linhas ficaram desbotadas, mas apareciam através da areia. Levantou os olhos. Uma criatura do deserto olhava-o da prateleira laranja presa à parede. Asas móveis apareciam entre as mandíbulas do lagarto, que saltou quando Jovem arrancou a prateleira da parede. Quebrou-a sobre o joelho, jogou os pedaços no chão manchado e acendeu um fósforo. É soprou-o entre os dedos. Que diferença faria queimar tudo?

— Morto. Simplesmente morto.

Ao sair da cabana, Jovem escutou trovoadas ao norte da mesa. Uma rampa de nuvens escuras subia pelo céu. Por entre as nuvens, os raios explodiam como bombas. A ventania anunciava a tempestade.

O delegado deu partida no jipe e arrancou em direção às nuvens. Uma bola de artemísia passou rolando na direção oposta.

As caras que se podem ver nas nuvens, pensou Jovem.

Caras tristes com bochechas cinzas e azuis. Inchadas. Olhos fechados e prontos para chorar. Água apenas, nada de chuva atômica.

Nada de fim do mundo.

— Você é o responsável — disse ele para o homem dentro do lençol. — Você não acabou com o mundo, apenas com você mesmo. Um homem da sua idade deveria saber a diferença.

As nuvens continuaram a subir. O ar quente do deserto era um muro que as nuvens precisariam escalar, até encontrar duas paredes, uma quente e invisível e outra fria, azul-efervescente.

Recuada a parede invisível, a outra escura avançava lançando a mais de trinta quilômetros à frente uma sombra opalescente.

Abaixo das nuvens havia uma estrada murada, um armazém coberto de telhas, um frigorífico externo e um casebre de terra batida. Gilboa era o nome do lugar. Não era mais uma cidade. O Correio dos Estados Unidos não entregava mais correspondência; a meia dúzia de habitantes de Gilboa tinha que ir a Shongopovi no alto da montanha para enviar cartas. Os mapas ignoravam o lugar, do mesmo modo que os serviços públicos e as companhias telefônicas.

Por essa razão, a estrada terminava nas duas extremidades após cerca de quinze quilômetros, destruída pelo vento e pela areia.

Pingos grossos de chuva passavam com o vento. A verdadeira tempestade ainda não tinha começado. Jovem parou diante do casebre, levantou Abner nos braços e entrou. Após colocar o homem morto no chão, estendeu o braço e torceu uma lâmpada dependurada.

O escritório do delegado consistia em uma escrivaninha e uma cadeira. Um rádio de duas ondas. Um cofre de metal para as munições, duas garrafas de Jim Beam, um saco plástico de maconha e roupas de baixo. Poeira, muita poeira porque ele se ausentava do escritório durante semanas. Dois mapas — um da reserva, outro das auto-estradas do Estado do Arizona — estavam presos na parede.

Os mapas assobiavam com o vento que Jovem deixava entrar para arejar o casebre.

Abriu a tampa nervurada da escrivaninha e pegou uma folha de relatório de uma das divisões. As folhas eram compradas de saldos e o carimbo de borracha escrito "Departamento de Polícia de Fênix" estava riscado a lápis. Encontrou uma esferográfica soltando tinta sobre outra prateleira.

Nome: Abner Tasupi. Ocupação: proprietário de garagem. Data de nascimento: desconhecida. Raça-sexo: índio-masculino. Crime: morte. Em Modus operandi, Jovem escreveu "ataque de animal indeterminado, possivelmente raivoso". Em seguida, saiu e foi até o jipe.

Fantasmas de poeira balançavam para a frente e para trás sobre a estrada de Gilboa. Cerca de cento e dez metros adiante, os raios iluminavam o Armazém de Selwyn. A loja era um túmulo de aspirações passadas. Da parede de tijolos, um cartaz descascado prometia "Quartos turísticos — Gasolina — Doces — Conservas — Curiosidades indígenas".

O cartaz da lata de Coca-Cola tinha um termômetro quebrado. As portas de tela estavam remendadas com fita isolante.

Na frente da loja havia farinha, feijão, queijo, cobertores e panos, machados e enxadas, facas indígenas e munições. Um alce cego estava pendurado sobre o balcão. Sob o balcão estavam as joias empenhadas e uísque em galões. Selwyn estava na sala dos fundos com John Franklin e os outros brancos. Uma velha hopi e quatro meninas caboclas estavam no chão cercadas de potes e cordas de argila. Anne estava fora com a camioneta, procurando lenha antes que a chuva apertasse.

Em outros tempos Selwyn fora um missionário quacre. Usava longos cabelos brancos sobre a camisa aveludada aberta na frente. Um colar de turquesas repousava entre os cabelos do peito.

— Vocês não precisam me dizer que essa gente necessita de ajuda. Em seguida me dirão que o deserto é seco. Eu sei! Desculpem-me. — Selwyn arrotou contra o dorso da mão. — Olhem, dediquei a minha vida a esses índios. Para dizer a verdade, derramei amor e sangue por eles.

— Isto é admirável. — A Sra. Franklin lançou um sorriso sobre o delírio alcoólico de Selwyn.

— O que recebi em troca? Uma cusparada no olho. Olhem, vocês podem venerar lagartos e receber mais gratidão. Mas eu disse ao pessoal do departamento, quando eles vieram aqui há mais de dez anos: "Joguem seu dinheiro fora indo para a Lua". Estava pronto a testemunhar como um conhecedor. Com licença.

Franziu as sobrancelhas diante de um pedaço do tabaco que tirou da língua porque nem se lembrava da última vez em que tinha fumado.

— Gilboa não existiria se não fosse por mim. Sabiam disso? É o meu gerador que produz energia aqui, não apenas para mim, mas para o frigorífico onde eles jogam a maldita caça e para aquele pobre coitado que eles têm como delegado.

— Veem? Eles me detestam porque eu os ajudo. Vendo-lhes comida a crédito. Odeiam-me ainda mais por isso. E este é o melhor exemplo de todos. Estas mulheres idiotas estão fabricando potes. Potes!. Qualquer empório na terra dos navajos tem mulheres que fazem cobertores. Que diabo, agora os cobertores são vendidos a dois mil dólares, três mil um tapete. Que azar, tudo o que essas selvagens sabem fazer são potes. Pelo amor de Deus — esfregou os olhos —, alguém tem um cigarro?

Como não recebesse resposta, abriu os olhos e seguiu o olhar dos visitantes para o delegado encostado à porta.

— Ótimo.

O dono do armazém deixou os missionários e foi até Jovem.

— Você sempre tem cigarros.

Jovem já ouvira todas as reclamações de Selwyn muitas vezes. As "mulheres idiotas" que faziam potes eram a mulher e as filhas de Selwyn.

— Claro.

Bateu no maço e tirou um cigarro para Selwyn. Jovem percebeu que o grupo de Franklin se preparava para uma briga. Incrível. Assim como o armazém, Selwyn era um naufrago no deserto, ancorado na areia apenas o suficiente para não rolar para dentro de um arroio ou qualquer outra coisa que servisse de ralo. Quem poderia tolerar um branco tão fracassado senão os índios?

— Aqui está — Jovem estendeu um fósforo para o cigarro trêmulo.

— Obrigado — murmurou Selwyn. — Esses papa-bíblias que agora enviam para cá são de dar hemorróidas nos ouvidos.

— Tanto assim?

— Querem me ensinar sobre índios, pelo amor de Deus. Fique por perto. Eles já se vão embora e nós tomaremos um trago.

A mulher de Selwyn riu de mansinho e Franklin puxou um pigarro porque a voz de Selwyn voltara ao volume normal.

— Tínhamos a intenção de comprar alguns mantimentos para nosso acampamento — disse Franklin. — Com a mudança de nossa

programação, não pudemos fazer nada em Flagstaff.

— Preciso ir — Jovem disse para Selwyn. — Mas antes quero algumas espigas de milho, corda e um saco branco.

— Quem morreu?

— Abner.

— Que merda, não diga.

— Era aquele senhor índio que vimos esta manhã? -Franklin perguntou, mas foi ignorado.

— Você não vai fazer para ele um funeral comum, vai? — Selwyn perguntou a Jovem.

— Por que não? — Franklin estava ultrajado.

— Porque ele era um maldito feiticeiro, por isso! — Selwyn voou para cima de Franklin.

— Certamente você não acredita nessas coisas.

— Acreditar? Meu caro Franklin, você não sabe em que diabo de inferno está, sabe? Ei, querida — Selwyn gritou para a mulher —, tem algum feiticeiro por aqui?

A mulher interrompeu os risinhos. Cruzou as mãos sobre o colo e observou os potes.

— Feiticeiros? — Selwyn deu uma gargalhada. — Ora, os santos e os apóstolos não passam as fronteiras da reserva, você pensa que este lugar serve para quê? Índios, bêbados e mendigos. Meu Deus, cheguei aqui há quarenta anos, cheio de palavras empoladas e de fé no Espírito Santo. Pode apostar como eu era tão estúpido quanto você, meu irmão.

É difícil de acreditar também. Vim cheio de evangelho.

Até que um dia encontrei alguns homens da minha paróquia dando machadadas numa velha. Aquilo era demais. — "Por que estão matando esta mulher?", perguntei. Quase fui morto a machadadas tentando impedi-los. Bem, a razão pela qual faziam isto era que na noite anterior ela tinha se transformado num lobo e matado um homem.

— Você não acreditou neles.

— Claro que não. Não sou um desses selvagens ignorantes. Por outro lado, bem, tratei de me afastar de pueblos mal-assombrados, e quando os índios matavam um feiticeiro, o que acontecia todos os anos ou quase, eu calava a boca.

Selwyn fez uma pausa.

— Vocês, minha gente, continuam a me olhar desse modo patético. Não olhem para mim, olhem em torno de vocês. Ficarão exaustos de tentar enxergar o final daquele deserto e são capazes de se perder naqueles canyons. Enquanto estiverem lá, perguntem a vocês mesmos que tipo de deuses vivem num lugar como esse.

— Não somos pessoas totalmente sem esclarecimentos — um dos outros turistas falou com brandura. — Todas as sociedades acreditam num Criador diferente. Não importa o nome que Lhe deem, o Criador é praticamente o mesmo em qualquer lugar do mundo.

— Ah, é? Você se refere ao Descarnado.

— Quem?

— O Descarnado. Masaw. Pode chamá-lo do modo que quiser. Plutão, Satanás. Conheço um homem — os olhos de Selwyn reluziram como porcelana amarelecida — que acha que aqui é o inferno na terra. Talvez um dia vocês pensem do mesmo modo.

— Delegado, se esse homem que encontramos esta manhã era um assim chamado feiticeiro — perguntou Franklin—, há alguma possibilidade de ele ter sido assassinado?

— Não Abner — Selwyn respondeu por Jovem.- Ele era um feiticeiro muito importante. É verdade que foi expulso da montanha. Mas seriam capazes de cortar as próprias mãos antes de tocar em Abner. Ele sairia do túmulo para persegui-los depois de morto. Apareceria como um lobo ou. ...

— O homem que encontraram — Jovem interrompeu — era um velho eremita.

Apenas isto. Ninguém o matou, e, se eu ouvir algum rumor de que alguém o assassinou, saberei onde começaram os boatos. Está certo, Selwyn? — Segurou o merceeiro acima do cotovelo. — Com licença.

Jovem puxou Selwyn até a sala da frente.

— Pegue alguma coisa para beber, meu velho.

— Falo demais quando estou sóbrio.

— Você não está sóbrio, apenas não está bêbado o suficiente. Você deve saber falar em outras coisas, além de conversar fiado sobre feiticeiros. "Sairia do túmulo...", Jesus.

Encontrou um galão sob o balcão, abriu a tampa e despejou uísque na boca de Selwyn. Uma rajada de vento escancarou as portas de mola.

A bebida escorreu pelo queixo de Selwyn quando este se assustou.

— É apenas o vento — disse Jovem.

— Ele poderia.

— Então, diga uma oração esta noite.

— Ele poderia fazer muitas coisas.

— Já não pode mais.

Um raio ziguezagueou sobre Gilboa. Quando uma fagulha atingiu a porta externa do congelador, o lado de dentro do armazém se tornou prateado e em seguida negro pelo refluxo da eletricidade. O gerador voltou a funcionar. As luzes do armazém lançavam uma claridade cor de cera. Jovem apressou-se em pegar as mercadorias que tinha vindo comprar.

— Ponha na minha conta.

— O que mais? — Selwyn sentia-se melhor. — Talvez eu ainda consiga vender um pote para uma daquelas irmãs choronas que estão lá dentro.

As nuvens se abriram como velas. Em meia hora, cairiam oito centímetros de água, um quarto do total de chuva anual, o bastante para transformar os arroios em regatos e fazer brotar as sementes duras de fustetes, pau-ferro e paloverde azul.

A estrada de Gilboa se transformou numa trilha lamacenta e ondas eram lançadas em volta pelos pneus do jipe enquanto Jovem percorria os duzentos metros até a sua cabana.

Um Land Rover estava estacionado diante do escritório. Teve que atravessar a lama até alcançar a porta.

Abner continuava deitado no canto, mas o lençol tinha sido puxado e havia outro homem branco ajoelhado e debruçado sobre o corpo exposto.

— Vocês missionários não desistem facilmente. — Jovem fechou a porta.

O branco levantou os olhos. Devia ter a idade de Jovem, intensamente bronzeado, com cabelos ruivos muito curtos, grandes olhos azuis, sorriso largo, vestido com uma roupa caqui grossa e muito alto, tão alto que o corpo ao seu lado parecia o de um boneco. Tinha as mãos protegidas por luvas de borracha e, em vez da Bíblia, segurava um escalpelo e um envelope transparente.

— Não vai demorar nem um minuto. — A voz era timidamente oficial.

— Não vai demorar nem um segundo. Levante-se. Contrariado, o visitante obedeceu, curvando-se para não bater a cabeça no teto. Puxou a luva da mão direita e estendeu-a para Jovem.

— Peço desculpas pelo que tudo isto possa parecer. Chamo-me Hayden Paine.

Manteve a mão estendida por dez segundos antes de deixá-la cair.

— Bem, ao menos me dê algum tempo para limpar tudo e darei todas as explicações.

— Se fosse você, começava a falar já.

Paine sorriu, completamente à vontade apesar das luvas ensanguentadas, da exiguidade da cabana e do tamborilar da chuva.

— Estou parando em todas as representações oficiais e postos de saúde da reserva. Isto deve satisfizê-lo, imagino.

Estendeu a Jovem um papel dobrado. Enquanto Jovem o lia, Paine agachou-se junto à maleta de alumínio. Tirou a outra luva e jogou as duas num saco plástico, lavou as mãos com algodão e álcool e fechou o envelope transparente.

Jovem leu a carta: "A Quem Possa Interessar — O Sr. Hayden Paine está fazendo uma pesquisa médica que poderá vir a ser de grande benefício para a nossa nação. Ele goza de plena autoridade para viajar pela reserva, e para pedir a assistência de todos os oficiais da reserva na medida em que for necessário para sua pesquisa".

O cabeçalho tinha um selo em relevo com um sol, montanhas e feixes de espigas de milho. Estava assinado por "Walker Chee, presidente do Conselho de Tribos Navajos".

— Tenho outras identificações se você quiser. — Paine trancou a maleta.

— Não quero. Você está na reserva errada.

— Este território é hopi, sei disso, mas...

— Você ainda não explicou nada. Estava profanando um corpo quando cheguei e até agora não me disse por quê.

— A pesquisa médica, como está explicado na. ..

— Não há nenhuma explicação na carta. Que tipo de pesquisa?

Paine demonstrou apenas um ligeiro embaraço social. Pegou a carta de volta.

— É muita técnica, xerife.

— Delegado.

— Delegado. Estou fazendo um estudo sorológico de anticorpos. Pela identificação de anticorpos nas amostras de sangue da população local, terei condições de determinar doenças endêmicas desta área. Algumas doenças não podem ser encontradas de outro modo. É um processo complicado, e se eu tentar explicar mais a fundo, duvido que consiga entender. Nenhum leigo entenderia — Paine acrescentou rapidamente. — Tudo o que posso dizer é que esse tipo de estudo é necessário para elevar o nível de saúde da região.

Tive os maiores problemas em conseguir amostras de sangue dos mais idosos da reserva, e quando vi esse corpo aproveitei a oportunidade. Não tive a intenção de ser descortês com o defunto ou com você, pode me acreditar. Afinal, preciso de sua ajuda.

A voz de Paine tinha se elevado até o grito enquanto o tamborilar da chuva crescia de volume, acompanhado de explosões e trovoadas. Paine esperou com impaciência que o estrondo terminasse. Jovem gostava da chuva; qualquer pessoa que vivesse no deserto gostaria. Mais do que isso, a queda da água fez com que Paine ficasse quieto. Forçou-o a engolir a própria enxurrada de palavras. Para os índios, as palavras eram uma arma dos brancos. Os índios sempre acharam interessante observar um branco tentando ficar calado. Jovem cruzou os braços e esperou. O silêncio pode ser esclarecedor.

Paine manteve o sorriso largo. Devia ter cerca de trinta anos. Sua pele tinha um aspecto estragado, com as olheiras causadas pela falta de sono.

Um minuto se passou sob a chuva pesada.

Paine suspirou. Tinha o peito largo e braços fortes, pelos da cor de cobre claro descendo até os pulsos marcados por cicatrizes curvas. Um raio caiu do lado de fora, provavelmente sobre o Land Rover, pensou Jovem. Paine apenas relanceou os olhos para o lado do estouro. Confiante e controlado. A tempestade prosseguia para seu clímax. A chuva era menos responsável que a violência pela fecundação das sementes do deserto. O sorriso de Paine se tornara mais divertido.

Os olhos azuis eram claros como poças e tranquilos. Totalmente neutros. Não havia pigmentação nos olhos azuis, Jovem lembrou-se. Era apenas refração. Abner os chamava de olhos mortos. Costumava chamar. Paine manteve o olhar mútuo, pacientemente, sempre divertido. A água corria sob as tábuas do chão da cabana. Outros cinco minutos se passaram enquanto os raios se concentravam na pequena elevação do armazém de Selwyn.

O gerador de Selwyn falhou. A lâmpada da cabana esmaeceu até a luminosidade de um cigarro, e naquele nível pulsou a cada batida frágil do gerador de gás. Jovem observou os olhos de Paine deslizarem para o lado do corpo. As mãos de Paine se abriram e se fecharam. Os olhos deslizaram de volta. Jovem viu a sombra dos olhos azuis e as pupilas diminuírem como pontos. Pegou o rifle. A lâmpada reduziu-se a um único filamento alaranjado.

Jovem estendeu o braço até o bolso da camisa de Paine e tirou o envelope transparente. A mão de Paine agarrou o pulso do delegado.

— Preciso desta amostra! — Paine gritou.

A ponta da espingarda de Jovem afundou sob o maxilar de Paine. O rapaz resvalou ligeiramente para trás, com a cabeça de encontro à parede. Seus dedos soltaram Jovem, que pressionou o cano sob o maxilar.

— Você mentiu — Jovem disse sem entonação alguma: — tinha certeza de que o outro compreendera. — Não sei em quê, mas você mentiu.

Deu dois passos para trás e apontou para a fivela do cinto do médico. Paine fez um gesto com a mão, mas parou diante do brilho do cão da espingarda sendo erguido.

— Você está cometendo um erro! Delegado, preciso da amostra! Não sabe o que está fazendo! Por favor!

Jovem deu um pontapé na maleta de alumínio, que deslizou pelo chão.

— Vá se divertir com os navajos. Eles acreditam em qualquer coisa.

A expressão de Paine demonstrava que ele não conseguia ouvir Jovem por causa dos trovões, então Jovem abriu a porta. A tempestade invadiu. A estrada lá fora era um rio raso.

— Você pode ser o próximo — Paine avisou.

Pelo menos foi isso o que Jovem pensou que ele tivesse dito, porque com a porta aberta nem um grito era inteligível. Paine recolheu sua maleta e foi para a chuva, sendo obrigado a parar para destrancar o Land Rover. Jovem observava da porta da cabana e notou que a camioneta do Serviço de Saúde estacionara atrás do jipe. Por que, Jovem se perguntou, alguém trancaria o carro num lugar como Gilboa? Esperou até que o Land Rover sumisse, com os faróis e os limpadores de para-brisa ligados. A uma distância de cento e cinquenta metros, apenas as luzes traseiras eram visíveis através da chuva.

Anne Dillon abriu com força a porta da camioneta. Jovem entrou, tão molhado como se estivesse debaixo de um chuveiro, e jogou o chapéu e o rifle sobre a lenha no banco traseiro.

A camioneta era mais bem vedada que o escritório de Jovem. Podia-se conversar.

— Vejo que você continua ocupado promovendo turismo. — Ela virou-se para Jovem. — Sinto muito por Abner.

— Eu também.

— Mas a razão da minha vinda foi receber desculpas.

— Eu peço desculpas.

— Não é o bastante. Finalmente consegui que esse pessoal da fundação viesse do meio-oeste para cá, e a primeira coisa que você faz é insultá-los e me deixar embaraçada. Desde quando você é guardião de tudo o que é sagrado por aqui? Você me fez passar por boba. Depois você pede desculpas e espera ser atendido.

— Bem, você vai tentar. Vai tentar me desculpar custe o que custar.

Os olhos de Anne eram azuis, salpicados de pontos castanhos. Às vezes eram olhos muito analíticos.

— Você sabe, Jovem, é uma coisa muito cruel de se dizer. Mas eu não preciso amá-lo. Posso tentar com todas as minhas forças deixar de amá-lo.

— Que importa? — ele perguntou.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que você tem mais uma semana antes de deixar a reserva definitivamente e voltar para seu patrimônio e jogos de gamão ou qualquer outra coisa que a gente rica de Fênix faz. Pensei que íamos passar a semana juntos, mas parece que você está muito ocupada com

seus turistas ou missionários, seja lá quem for. Afinal de contas, o que fazem eles? Dão dinheiro para os necessitados? Ou apenas para os romanticamente necessitados? De onde vem o dinheiro deles?

— De alguns grupos religiosos, corporações na maior parte.

— Melhor ainda. Uma dedução romântica de imposto de renda. É o máximo. Falando como um dos necessitados, você compreende. Então faça isso, divirta-se. Melhor ainda, divirta-se com eles. A Deusa Branca dos hopis, a padroeira do bálsamo para os olhos.

— Se nós tivéssemos passado a semana juntos, era isso o que você teria para me dizer?

— O que mais?

Ficou observando a chuva bater contra o para-brisa por que Anne estava olhando para ele. Demorou um pouco até perceber que ela tinha os olhos cheios de lágrimas.

— Não — Jovem disse. — Eu não teria dito nada disso. Sou um tolo e estou terrivelmente enciumado.

Ela puxou-o de encontro a seu corpo. Os dedos da moça apertaram suas costas e ele sentiu uma lágrima quente no pescoço.

— Enciumado, eu aceito — Anne murmurou. — O resto você pode engolir.

— Terei uma semana inteira para engolir tudo isso.

— Agora, gostaria que eles não tivessem vindo. Estão esperando por mim.

Enquanto se beijavam, a mão dele deslizou para dentro da blusa de Anne e esfregou o seio suavemente até que o bico enrijeceu contra a palma de sua mão.

— Não vou passar toda a semana com eles, apenas quatro dias — ela disse.

Anne se remexeu, deitando-se no banco.

— Talvez eu devesse acompanhá-la. — Jovem deitou — se sobre ela.

— Hum, para esse tipo de indigente romântico, eles não estão preparados. Este é apenas o meu protegido. Eles podem ver alguma coisa lá do armazém?

— Não podem ver nada.

Anne chegara à reserva dois anos antes, prestando serviço voluntário de enfermagem como pretexto para deixar Fênix e uma fortuna de família construída sobre compras baratas de terrenos no deserto e vendas caras dos mesmos como campos de prova para a força aérea. A vida dos Dillon era um exemplo de sonho do sudoeste: exposições de cavalos árabes, golfe em Scottsdale, uma casa de campo em Sombrero Playhouse, e bolas de tênis com monogramas compradas na Neiman-Marcus.

Aos olhos de Anne, o sonho era uma espécie de doença do sono que infectara todos os seus conhecidos. Toda essa classe de sonâmbulos vivia suas vidas aparentemente inconscientes da existência dos bairros chicanos, das favelas de negros e da pobreza dos índios. Na época em que estava na faculdade, ela diagnosticou uma síndrome peculiar desse "sono", a ideia corrente de que essa classe privilegiada era verdadeiramente a nativa, de algum modo, e de que todas as outras pessoas, principalmente as pobres de outras raças, eram forasteiras.

Por isso, os chicanos eram chamados geralmente de mexicanos. Os pretos, de negros. Um índio morto era um item interessante da história do oeste, mas um índio vivo era uma doença social. E era fácil levar adiante esse sonho porque aceitar os direitos desses grupos menos afortunados — em especial o direito dos índios — às terras e às águas — levava inevitavelmente a uma desconfortável sensação de culpa. Fênix não acreditava em culpa, não fazia parte de seu estilo de vida.

Culpa. Anne foi trabalhar em Hotevilla Pueblo no território do planalto. Dirigindo cerca de cento e cinquenta quilômetros de cada vez através do planalto e pelo deserto para fornecer antibióticos e cirurgia de emergência pelos pueblos afastados, ela teve muito tempo para considerar a culpa social como uma motivação. Pouco depois, chegou à conclusão de que aquilo cheirava mal. Os índios cheiravam mal, os pueblos e as úlceras crônicas com as quais lidava dia após dia tinham uma certa tendência a cheirar mal.

Após seis meses, achou que estava na hora de ir-se embora e trocar os jeans por roupas brancas de tênis. Por nada menos que perversidade, resolveu ficar por mais seis meses e coisas curiosas aconteceram.

Ou os índios deixaram de cheirar mal ou ela parou de sentir o cheiro deles. Além disso, deu-se conta de que se surpreendia por ser tratada como uma branca por turistas brancos que visitavam a reserva. Então conheceu Jovem.

Os caminhos de ambos tinham se cruzado algumas vezes antes, o suficiente para formar uma antipatia muda entre os dois. Naquela ocasião, ela fora para a região montanhosa perto de Moencopi, uma área reivindicada tanto pelos hopis quanto pelos navajos, para tratar de um menino mordido por um coioote raivoso. A polícia navajo e Jovem chegaram para destruir o animal que se refugiara dentro de um celeiro. Enquanto os navajos esperavam fora com suas espingardas, o delegado hopi entrou com um cobertor e uma pistola. A custa de uma mordida através do cobertor, ele acertou o coioote. Durante os quatro dias seguintes, Anne cuidou do menino e do delegado com uma série de injeções dolorosas no abdômen. No primeiro dia dissera a Jovem que ele merecia a dor por ter entrado no celeiro em vez de esperar. Ele respondera que as galinhas e os filhotes de coelho daquela família estavam na parte de cima do celeiro, e se o coioote os atacasse, metade da alimentação daquela família seria destruída. Ela tinha os remédios à mão, portanto o que ele tinha a perder? Sentiria a dor apenas.

Durante um mês, ela passou a encontrar Jovem regularmente em diferentes lugares nas montanhas e no deserto. Inverteram a ordem natural das relações, começando pela libertação física do sexo para depois conversarem e curarem a solidão. O amor, ambos tinham certeza, viera apesar deles próprios. Agora, que ela deixava o Serviço de Saúde e a reserva, o amor era nada menos que uma carga, uma lembrança constrangedora.

Abraçou-se a ele, prendendo-o dentro dela. Mas a tempestade começava a se transformar em rajadas de vento. Sombras líquidas e frias desceram pelos braços da moça.

Agora tenho de ir. Você pode esperar mais quatro dias, não pode?

— As garotas Selwyn ainda não me seduziram.

— Não foi por deixarem de tentar. Elas me matariam se tivessem oportunidade.

— É bom tomar cuidado com potes caindo por aí.

— Tenho realmente que ir. — Anne beijou-o e afastou-o de si.

Sentaram-se e se vestiram ao mesmo tempo. A chuva ia diminuindo, quase acabando.

— Quem era aquele que você botou no olho da rua?

Ninguém. Ele contou umas histórias mentirosas a respeito de um estudo de anticorpos no sangue para descobrir doenças.

Anne acabou de abotoar a blusa em silêncio.

— Como é que você sabe que era mentira? Ela escovou os cabelos para trás.

— Sei apenas.

— Jovem, este é exatamente o estudo que o Serviço de Saúde devia ter feito anos atrás. E você o mandou embora? Então não sabe quantos hopis tenho de tratar por causa de anemia perniciosa e de parasitas no sangue?

Ela sentiu que a sua raiva aumentava, não podia evitar.

— Era uma história mentirosa.

— Quantos ficam cegos todos os anos por doenças venéreas, ou surdos por atrofia auricular? Por que você não deixou que eu conversasse com ele? Ele não tinha nenhuma identificação?

— Uma carta de Window Rock — Jovem admitiu. Não mencionou o que Paine estava fazendo com Abner, não queria nenhuma justificativa.

— Ah, então era isso. Ele tinha apenas uma carta dos navajos e isto não era o bastante para você. Muitíssimo obrigada. Talvez eu tivesse uma opinião diferente.

Em cada palavra, ela sentiu que ele se descartava dela e a isolava. De que adiantava?, pensou. Juntos, eles eram um exemplo perfeito de força centrífuga. Por que ela se desgastava com aquela situação? Jovem apalpou o porta-luvas à procura de cigarros.

— Fume os meus — disse Anne. Os seus estão mofados.

— E daí?

— Dá no mesmo se eu os fumar agora.

Além da teimosia, seus hábitos de pobreza a irritavam. Na verdade, fumar cigarros mofados era um dos resquícios da prisão.

— Você não confia nos navajos, não confia nos brancos. Você é paranóico? Odeia de tal modo qualquer auxílio externo, por que me tolera?

— Eu a amo.

— É assim tão simples?

— O que poderia ser mais simples?

— Bem, vou embora deste lugar definitivamente dentro de sete dias, Jovem. Você vem comigo?

— Para Fênix?

— Não tem que ser Fênix obrigatoriamente. Pode ser qualquer lugar. México, se preferir.

— E o que vou fazer lá?

— Você é um dos poucos hopis que podem sobreviver fora da reserva. Conhece fotografia e pintura. Tenho dinheiro suficiente para nós dois até você começar alguma coisa.

— Você sabe que poderia permanecer aqui.

— Já permaneci. Fui à audiência para todas as suas batalhas contra os desprezos imaginários de todos que tentam ajudá-lo. Assim como você tratou Franklin.

— Ele ia me ajudar? — Jovem riu.

— A fundação dele representa, entre outras entidades, um certo número de laboratórios. O que o povo hopi precisa é de uma doação de medicamentos e dinheiro para uma clínica própria. Eu esperava que a última coisa que faria aqui antes de partir fosse garantir essa doação, mas até agora passei a maior parte da manhã pedindo desculpas por você.

— Não faça isso! — o rosto de Jovem escureceu. — Jamais peça desculpas por mim a essa gente!

Anne olhou pela janela lateral na direção de um arco-íris que já se evaporava rapidamente. Estava mais deprimida do que com raiva. "Essa gente" eram os pahans, os anglos, os brancos. Por alguma razão fortuita, Jovem não a incluía entre a gente dela. Um dia chegaria em que ele, é claro...e ela estava pedindo a ele para sair com ela da reserva? Como podia estar tão louca?

— Talvez seja sexo apenas — ela murmurou para si.

— Talvez — a audiência de Jovem era muito boa. Maldita fosse se chorasse diante dele outra vez, de modo que pegou a chave e deu partida no motor.

— Vamos acampar no deserto por uns dois dias e seguir até a fazenda de Joe Momoa para pescar. Voltaremos para a Dança da

Serpente com os Momoa. Encontro você lá.

— Não vá.

— Por que não? — Anne descansou as mãos no volante.

Jovem não sabia. Dissera aquilo espontaneamente e não como conclusão de qualquer raciocínio, mas a partir de uma visão repentina que atravessou sua mente. Os cavalos de Joe Momoa, uma pintura de areia, os olhos de Abner, uma mancha de piche negro. O cheiro daquela mancha.

— Olhe — Anne segurou a mão de Jovem. — Quando eu voltar, vamos sair juntos por uns dois dias, sozinhos.

— Não é isso.

— Então o que é?

Principalmente o cheiro. Uma vez inalado, parecia envenenar o sangue.

— Algo que Abner disse ontem.

— Ah — ela até podia imaginar; dois índios bêbados ao sol. — Então é isso?

— Por que você não vai direto para o planalto agora e espera pela dança? Se eles querem ver muitos índios, esse será o lugar certo para ir.

— Eles querem acampar.

Anne sacudiu a cabeça e pôs a camioneta em movimento. Como ela não dissesse mais nada, Jovem desceu e fechou a porta.

Ele olhou pela janela. Seus cabelos úmidos estavam grudados na testa. Do banco de motorista da camioneta, ele parecia pouco maior que um menino.

Anne não podia pensar em nada mais para dizer, exceto que ele estava errado. Ele era amargo demais, silencioso demais, magro demais, escuro demais. Índio demais.

Jovem ficou olhando-a dirigir-se ao armazém de Selwyn e então entrou na cabana.

Os mortos deviam ser enterrados antes do crepúsculo. Jovem não acreditava nesse tipo de bobagem, mas Abner sim, e afinal o morto era Abner.

Jovem puxou uma tábua do assoalho onde ainda havia uma poça de água embaixo e lavou as mãos e o rosto de Abner. Com a tinta branca do armazém, decorou os braços e as pernas de Abner com linhas

pontilhadas e sobre o olho esquerdo desenhou uma meia-lua, símbolo de sacerdote. Penteou os cabelos de Abner e amarrou sobre eles tufo de penas assim como nos pulsos e tornozelos. Encheu as mãos do morto com farinha de milho.

Felizmente o rigor mortis tinha passado porque ele tinha que apertar os dedos sobre a farinha.

Esfregou o resto da farinha pelo rosto de Abner, o que foi difícil de fazer onde a pele estava dilacerada. Com a faca, cortou buracos num saco branco de modo a fazer uma "máscara de nuvem" para a cabeça de Abner. Nada era desperdiçado no deserto, nem mesmo os mortos; eram obrigados a retornar em forma de chuva. Depois de amarrar Abner dentro do lençol, dobrou e atou as pernas em posição de ajoelhar-se. Abner era um cadáver pequeno. Jovem carregou-o com um braço e com o outro uma estaca de plantação até o jipe.

Jovem guiou cerca de vinte e cinco quilômetros fora de Gilboa até chegar a uma colina coroadada de amarelo por árvores paloverde. Chegando lá, cavou cinco centímetros no solo úmido e quinze na areia seca, deitou Abner na cova, de costas, olhando para leste, e sentou-se para fumar.

— Bem, velho, você deveria ter alguém da sua família aqui para dizer algumas palavras. Acho que está zangado comigo. Francamente, preferia fazer-lhe algumas perguntas em vez de um discurso. Não sei se você foi um homem bom ou não. Para lhe dizer a verdade, não sei nem se isso é importante. Pregue uma peça neles. Não volte como nuvem. Volte como um cacto, hem?

No meio dos buracos da máscara de nuvem as pálpebras de Abner estavam fechadas. Uma mancha rósea apareceu na máscara em torno do rosto. Enquanto a mancha crescia, outras surgiram. Abner continuava a sangrar.

— Ei, velho, você já está morto — disse Jovem. Não apenas a máscara estava ficando vermelha, mas o lençol também. Pontos de um vermelho claro que se espalhavam. Jovem não tinha coragem de levantar a máscara, de modo que desceu à cova e abriu o lençol. Todas as feridas que cobriam o peito e os braços de Abner estavam úmidas e sangravam. Talvez o percurso de jipe tivesse aberto os cortes, Jovem disse para si mesmo. Mas feridas de mortos não sangram. Esticou o

braço por dentro do lençol até o pulso de Abner, que estava úmido, frio e não pulsava. Olhou então a mão de Abner. A corda que a amarrava estava desfeita e a mão jazia aberta e ensanguentada sobre coágulos de farinha de milho.

Quando o sol se pôs, soprou um vento noturno balançando os galhos de paloverde como espumas amarelas.

Jovem tapou a cova e a cobriu com pedras para desencorajar possíveis saqueadores.

Sobre as pedras colocou uma estaca de plantação, a estaca simbólica do túmulo para o mundo espiritual. O vento atirou a estaca contra a pedreira.

— Calma, Abner. Deixe essa estaca no lugar. O bastão ficou imóvel.

— Tente ficar morto por algum tempo. Será melhor para você.

Jovem percorreu o mesmo caminho de volta para Gilboa. Parou uma vez e olhou para trás. Naquele momento, os últimos raios de sol iluminavam o alto da montanha, emprestando às árvores de paloverde um vermelho brilhante.

Segundo o Corão, Jesus criou o primeiro morcego. Durante o jejum de Ramadan, ocasião na qual nenhum fiel pode comer do amanhecer até o pôr-do-sol, Cristo estava afastado, nas colinas de Jerusalém, e não podia ver o lado oeste. Tomando argila nas mãos, fez uma criatura alada na qual soprou vida. Essa criatura — um morcego — voou para uma caverna de onde emergia todas as noites e batia as asas em torno de Jesus para alertá-lo sobre o sol poente.

Os antigos egípcios consideravam os morcegos como exemplos de dedicação materna por causa de suas tetas. A reputação do morcego entre os chineses estava igualmente ligada à felicidade, e alguns povos do sul do Pacífico acreditavam nos morcegos como totens sexuais.

Mas no Novo Mundo, o morcego era deus. Seu nome maia era Zotzilaha. Inúmeras cidades e pessoas traziam seu nome e através de todo o México existiam templos com sua imagem: um homem de pernas separadas, com asas, cara, dentes e língua de morcego, segurando uma cabeça humana numa das mãos e um coração na outra. Zotzilaha, o Deus Morcego que controlava o fogo, foi transformado pelos astecas no Deus Sol, Huitzilopochtli, que exigia altares de sacrifícios de corações

humanos arrancados por sacerdotes adornados com capas de pele de morcego.

Em 1519, o ano assinalado pelas profecias para o retorno do Irmão Branco perdido, Cortez chegou ao México. Escorado pela profecia e ajudado por tribos rebeldes, aprisionou Montezuma. Os espanhóis documentaram em crônicas os ataques de morcegos "sugadores de sangue", mas naquela época o império asteca já tinha sido destruído.

Os deuses morrem, as pessoas se transformam, mas a natureza persiste. Por muitos séculos após Cortez, os morcegos-vampiros habitaram as selvas mexicanas e nos últimos vinte anos, por alguma razão desconhecida para o homem, foi registrado seu avanço para o norte. Era uma migração noturna, evidenciada apenas por relatórios científicos e esparsos a respeito de mortes de cabras, bois e mesmo pessoas nas montanhas de Sonora.

Agora, num novo ambiente de desertos e planaltos, os vampiros caçavam como sempre fizeram, com paciência e inteligência. Atacam duas ovelhas ainda não tosquiadas e uma lebre morta, envenenaram-nas e partiram para os coiotes. Os arroios pareciam fitas escuras ao luar. Salamandras-tigres se agitavam nos leitos lamacentos dos arroios, alimentando cobras noturnas e sendo alimentadas por insetos. Os morcegos deslizavam intocados pelos espinhos de cactos arborescentes de quinze metros de altura. As pétalas das flores noturnas dos céreos espalhavam um branco leitoso.

Um som diferente se misturava aos gritos altíssimos dos morcegos. Levada pela brisa, uma canção rural anasalada e gemente atravessava quilômetros. Como se fossem um único corpo, milhares de morcegos mudavam de rumo, seus próprios ruídos crescendo em intensidade, as membranas de suas asas poderosas batendo com mais rapidez. Eles sabiam que esse som especial significava Homem. O Homem e seus animais, convenientemente reunidos. Um oásis de vida.

Mais de trezentos quilômetros adiante, Isa Coloma, de catorze anos, com as costas e os braços doloridos após um dia de trabalho na tosquia do rebanho e amarrando os fardos de lã besuntada, sentou-se na cabina de uma camioneta Dodge bebericando numa lata uma soda de laranja quente e escutando um rádio transistor.

A camioneta não tinha motor. Seus eixos estavam apoiados em toras de madeira. Seu único objetivo era espantar os coiotes, e para esse fim servia muito bem. As noites de Isa eram longas e solitárias.

A noite pregava suas peças. Às vezes, a estação navajo de Gallup emudecia e em seu lugar apareciam estações de Houston ou de Kansas City.

Vozes conversariam com ele a respeito de restaurantes luxuosos e astronautas locais.

E então, bastava descansar as mãos sobre o volante e fechar os olhos para imaginar que guiava seu próprio Eldorado em direção a uma auto-estrada de alguma cidade ianque, que estava vestido com uma camisa feita sob medida com botões de madrepérola e sentado sobre uma carteira de crocodilo recheada de notas de vinte dólares.

Naquela noite, a transmissão de Gallup manteve no ar sua monotonia. Todas as lojas do Supermercado Piggly Wiggly de Bernalillo County, dizia a voz, estavam satisfeitas em honrar as boas marcas de comida. Ia haver um baile no clube de Tuba City. Os resultados dos jogos esportivos eram uma cortesia dos tratores Massey-Ferguson.

Isa fazia a soda render. Quando suas pálpebras começaram a ficar pesadas, saiu do caminhão, esfregou as pernas e se movimentou para que o sangue circulasse. Bocejando sempre, puxou o velho revólver do pai, um Browning Auto-5, de dentro do cobertor sobre o banco da cabina. O rebanho estava quieto. Daria uma volta por perto das ovelhas e retornaria para um cochilo.

Algo passou voando junto dele. Um falcão noturno, pensou. O único problema com o rebanho era durante a primavera, quando os coiotes se aproximavam à procura dos cordeiros, ou durante a tosquia se o corte não era bem feito e feria os carneiros; então, o cheiro de sangue deixava os coiotes excitados. Mas Isa era um bom tosquiador. Era capaz de tosquiar o rebanho até deixar visível sua pele rosada, sem um arranhão.

Caminhou menos de cinquenta metros até ficar realmente acordado. Mal podia avistar o rebanho, embora escutasse um burburinho constante. Os carneiros estavam ali, ele sabia que não deixariam o pasto. Mas havia aquele ruído permanente, um farfalhar de papel que chegava de todos os lados. Venceu um primeiro impulso infantil de sair correndo. E então, alguns centímetros adiante,

vislumbrou a luminosidade pálida da cabeça de um carneiro adormecido. — Ei,cara — ele chamou a própria atenção.

O estranho é que distinguia as pernas, mas não o corpo do carneiro. Via a cabeça de outro, mas não seu corpo. Uma asa roçou os cabelos longos do rapaz, abanando seu rosto. Algo tocou-lhe o pé. Havia uma lanterna enferrujada com pilhas fracas em seu bolso. Apontou para o carneiro mais próximo. Um fecho de luz amarela e frouxa iluminou as narinas imóveis de um carneiro. A luz deslizou até a cabeça encaracolada.

À primeira vista, o dorso do carneiro parecia coberto por um cobertor cinzento. Então dois morcegos levantaram os olhos para a luz e ele viu que o cobertor era uma dezena de morcegos pousados num lençol de sangue. O carneiro ao lado tinha seu próprio cobertor de morcegos, e quando Isa passeou a luz em volta, viu que todos os carneiros estavam cobertos da mesma maneira, servindo de alimento enquanto dormiam. Os morcegos eram maiores do que todos os outros que já vira antes, e aqueles que tentara espantar se limitaram a olhá-lo de boca aberta. Dirigiu a luz para baixo e chutou um morcego que subia em suas calças.

Reunindo toda a sua força, Isa disparou o revólver do pai contra os carneiros.

Os morcegos, como uma comunidade, ficaram assustados a princípio pela explosão do revólver. Dois morcegos morreram. Os mais próximos se espalharam para pousar logo adiante. A comunidade, como um todo, atacou visando a fonte do ruído. Não havia líderes, exceto naquilo em que os instintos comunitários fossem levados avante pelos indivíduos mais agressivos, as fêmeas, no meio de uma espécie animal muito agressiva. O instinto era proteger o Alimento e repelir o agressor, que, podiam ver claramente, era um homem sozinho. Em certo sentido, então, mais Alimento. O círculo fechou-se.

O Alimento era uma coisa maravilhosa. Havia poucos animais no mundo, e nenhum outro com o nível de inteligência dos morcegos, cujos organismos e sentidos fossem tão afinados e dirigidos somente para a conquista do sustento, e talvez isso fosse verdade porque nenhum outro animal era tão rodeado por ele. Eram capazes de sentir a pulsação do Alimento em qualquer outro animal de sangue quente, ou

sentir seu gosto no ar tão rico de suores e inalações. Como resultado, não havia inimigos naturais para os morcegos, nem mesmo o homem. Não podia haver inimigos, quando todos eram Alimento.

Um morcego se arremessou para o rapaz, esquivando-se com facilidade de um golpe do revólver. Outro morcego se atirou a sua frente, raspando-lhe o nariz. Isa começou a girar em círculos, ceifando o ar com a arma. A agitação, sua respiração cansada e as batidas de seu coração excitaram os morcegos. Em remoinho cercaram o rapaz, fora do alcance do revólver. De cima, em linha reta, um mergulhou e rasgou sua orelha. O rapaz caiu e, de repente, suas costas ficaram cobertas por morcegos que se agarraram à sua camisa e a rasgaram para atingir a pele.

Outro morcego pousou em sua mão e o rapaz deixou o revólver cair, levantou-se e começou a correr.

Eles seguiram o rapaz que corria até que ele alcançou a camioneta, atirou-se pela porta e fechou a janela. Por um certo tempo, os morcegos se amontoaram na capota e no para-brisa. Então, um a um, voltaram para os carneiros. Para a festa.

CAPÍTULO 3

— Quando eu morrer e for para o inferno – Selwyn apertou os olhos com a claridade do sol — aquele lugar vai parecer terrivelmente conhecido.

Apanhou o frasco no bolso do paletó enquanto Jovem desviava de um buraco na estrada. Esther, a mulher de Selwyn, e uma de suas filhas iam no banco de trás do jipe do delegado. A jovem adolescente estava preparada para uma ocasião social, vestida com um traje preto estampado de vermelho. À frente, surgia o centro do universo hopi chamado Mesa Negra. A partir do planalto gigantesco, quatro ramificações se estendiam pelo deserto na direção sul. Eram chamadas, de oeste para leste, Terceira Mesa (com os *pueblos* de Hotevilla e Oraibi), Segunda Mesa (com os *pueblos* de Shongopovi e Shipaulovi), Primeira Mesa (Hano e Walpi) e Mesa do Antílope (com as ruínas de Awatovi). Vistas da estrada lá embaixo, pareciam um único paredão de pedra achatada alcançando o horizonte nas duas direções. Apenas duas nuvens frágeis flutuavam no céu.

— Anne lhe disse onde iria acampar? — Jovem perguntou.

— Não perguntei. De qualquer modo, ela não me diria a que horas ou em que ano, Romeu. Ela está apaixonada por você, e você sabe disso. O pior é que é uma garota branca e rica. Quero dizer, não serve para você. Agora, por que você não fica com a minha filha Mae? Não seria mal.

Observou a falta de interesse de Jovem.

— É típico. Querem cobertores, eu tenho potes. Querem garotas brancas...

— Ei, Selwyn, você nunca me contou. Por que você desistiu de ser missionário?

— Não desisti. As missões desistiram de mim. Fui infectado por outro germe, entende?

— Não.

Selwyn se aproveitou do trecho relativamente plano da estrada de terra e tomou um gole do frasco.

— A minha teoria é que religião é como uma doença. Uma grande religião é como uma epidemia. Veja o cristianismo, o islamismo, o budismo. Tal e qual uma epidemia. Surge num lugar, sempre se espalha ao longo das vias de comércio, floresce durante algumas centenas de anos e desaparece. Ou é expulsa por uma nova epidemia. Fui mandado para aqui como um germe para infectar sua gente. Em vez disso — encolheu os ombros —, vocês me infectaram.

— Com quê?

— Com uma boca sempre seca. — Selwyn bebericou do frasco novamente.

À medida que se aproximavam, a Terceira Mesa se projetava em direção à estrada, uma pedreira escarpada completamente devastada no pico, exceto por algumas construções em ruínas feitas de argila em forma de caixotes. Old Oraibi continuava habitado por poucas pessoas, como se fossem sobreviventes de algum desastre.

Esther cutucou as costas de Jovem.

— Preciso amarrar as meias de Mae. Dê uma parada no Recanto Espanhol.

Jovem saiu da estrada e parou junto de um algarobo e de um cartaz meio apagado que dizia: "Aviso. É proibida a entrada de forasteiros em Oraibi. Devido a sua desobediência às leis de nossa tribo e às leis de sua própria tribo, de agora em diante esta vila se encontra fechada".

Selwyn foi urinar atrás do cartaz. Os envoltórios de algodão branco das pernas de Mae estavam desamarrados, deixando aparecer um par de meias soquetes baratas. Enquanto Esther enrolava as faixas tradicionais, Jovem esticou as pernas até o para-brisa e fumou.

Não havia nada que distinguisse aquela faixa da estrada de qualquer outro ponto, embora alguns hopis insistissem que fora ali que eles tinham saudado o conquistador chamado Pedro de Tovar e sua tropa, em 1540.

Esperava-se que ele fosse o Pahana, o Irmão Branco deixado pelos hopis mil anos antes, quando começaram a longa dispersão através do México. Oraibi fora fundada em 1100; os outros *pueblos* foram surgindo à medida que novos clãs chegavam a Mesa Negra. Juntos, esperaram pelo Irmão Branco barbudo cuja chegada significaria a complementação do mundo.

O Pahana não chegou no ano em que era esperado; personificado por Cortez, estava muito ocupado destruindo o império asteca. Atentos, os hopis davam um corte numa varinha para cada ano que o Irmão se atrasava.

Havia vinte cortes quando Tovar apareceu no horizonte. Rapidamente, os hopis se prepararam para esse momento épico. Os sacerdotes do clã do Fogo e do clã do Urso desceram às pressas para o deserto e esticaram um cordão com espigas de milho azul em sinal de boas-vindas diante dos cavalos e dos homens armados. Tovar assistia a tudo, confuso, de modo que tocou ao sacerdote católico a decisão.

— Por que estamos aqui? — gritou. — Santiago! — respondeu a tropa atirando nos hopis que estavam no caminho; subiram para o planalto, subjugando rapidamente os *pueblos*.

Para maior glória de Deus, os hopis foram feitos cristãos e escravos. Eram mandados para as minas à procura de ouro, prata, mercúrio e folhelho, que era tão inflamável quanto o carvão. Os índios que eram encontrados em rituais pagãos eram chicoteados e queimados com terebentina em brasa. Durante cento e quarenta anos, os hopis suportaram o próprio engano a respeito de Tovar, até que o tewa chamado Popay enviou uma corda com nós, indicando a noite da rebelião através dos *pueblos* do sudoeste. Em Mesa Negra, o momento da revolta foi assinalado com o pio da coruja. Os soldados de Castela foram degolados nas portas das igrejas, os sacerdotes esfaqueados no altar, as lanças de aço enterradas e a igreja arrasada até a última pedra. Ao todo, mais de quinhentos espanhóis morreram durante a retirada para o México, e embora os hopis tenham sido invadidos mais tarde por

espanhóis, mexicanos e americanos, a tribo tornou-se conhecida por sua relutância em se converter.

Estabeleceram-se para esperar pelo real, pelo verdadeiro Pahana.

Selwyn emergiu de trás do cartaz puxando o zíper da calça.

— A Bíblia diz que Jesus se retirou para o deserto e que lá jejuou durante quarenta dias — disse, ajeitando as calças. — Seria interessante saber por quanto tempo o filho de Deus conseguiria viver como um hopi, hem?

— Você é um canalha infame, Selwyn.

— Não comparado a você. É apenas a minha maneira de falar. A bebida me purifica.

— Exceto seus rins.

Dois carros passaram em alta velocidade pela estrada na direção da mesa.

O primeiro era um Buick Le Sabre novo, brilhante apesar de uma camada de poeira.

Quando o carro passou, Jovem viu o motorista, um índio de rosto quadrado vestido com um terno, falando ao telefone enquanto dirigia. Um adesivo no para-choque dizia "*Dine Bizeel*". "Poder Navajo."

— É Walker Chee!

Mae olhou com respeito para o carro do presidente do Conselho de Tribos Navajos.

— Um quebrador de cabeças.

Jovem usou o epíteto dos hopis para os navajos, devido ao velho hábito navajo de esmagar os crânios dos prisioneiros.

O segundo carro era um Cadillac. Atrás do volante estava um homem desconhecido para Jovem, um branco de camisa e gravata. Ele olhou para os índios à beira da estrada, decididamente disfarçado pelos óculos escuros.

Dentro do Land Rover, após uma noite catando trilhas, Paine dormia. Suava e sonhava ao calor da manhã. Estava de volta ao México.

Ele e o pai eram imunologistas contratados pelo Instituto Nacional de Investigações Pecuárias, trabalhando através da agência Estação de Pesquisa de Morcegos — Vampiros na Cidade do México. O objetivo da pesquisa da estação era combater o *derriengue*, a raiva transmitida pelas mordidas de vampiros. A tarefa específica de Paine era descobrir por que só os vampiros eram imunes ao vírus letal que carregavam.

As pálpebras fechadas de Paine brilharam. Estava de volta à serra Madre do Sul, perto da fronteira da Guatemala. Dentro da caverna. Ele, o pai e Ochay seguiam a luz emitida por seus capacetes, procurando passagem ao longo de um precipício a sessenta metros acima do fundo da caverna. As grutas serpenteavam seu caminho oitocentos quilômetros montanha adentro. Sua forma era ovóide, as paredes abaixo da borda ligeiramente curvas até o chão, as paredes acima em arco por mais outros trinta metros até chegar às gigantescas estalactites e aos poleiros dos morcegos. Paine era o guia e o assinalador. Estava amarrado a uma corda de náilon que passava por grampos denteados que ele pregara na parede calcária.

Joe Paine e Ochay vinham logo a seguir, desamarrados, amparados com as mãos na corda, carregando ambos um recipiente vermelho às costas, cheio de veneno.

Nenhuma capa de vinil nesta expedição por causa da subida, apenas óculos protetores e máscaras de oxigênio para vencer a evaporação de amônia dos excrementos dos morcegos. Sem máscara, um homem poderia sobreviver a uma concentração máxima de amônia de cem partes por milhão durante uma hora; junto à entrada da caverna tinham registrado a concentração de quatro mil.

— Mais fundo, ainda não estivemos lá — disse Hayden Paine.

O Dr. Joseph Paine estava ficando muito idoso para aquele tipo de trabalho. Cabelos grisalhos brotavam como penas de coruja por baixo do quepe de marinheiro e o peso opressivo do caixote dobrava seus joelhos. Por uma questão de orgulho, entretanto, ele se recusava a se restringir ao trabalho de laboratório na capital. Além disso, podia exercer algum controle sobre o filho.

Certamente, Ochay não teria vindo sem a companhia do velho. Todos os mexicanos da estação sabiam que o filho era um louco à cata de glória e que escolhia os maiores poleiros nas montanhas mais inacessíveis. Dos dez membros da primitiva equipe, apenas Ochay e Hayden Paine tinham escapado a mordidas ou quedas ou exposições à amônia. Toda a expedição se teria desmantelado se o velho não tivesse chegado.

À frente, Paine enterrou os grampos de ferro das botas. A margem de calcário liso tinha cinquenta centímetros de largura; uma estalactite

brilhante, semi-imersa na parede, bloqueava completamente o caminho.

Atrás de Paine, seu pai puxou a máscara para falar.

— Basta por hoje. Podemos amarrar os caixotes aqui e voltar amanhã.

Paine ignorou o conselho. Com a mão esquerda, vibrou o machado com força ao redor da protuberância da parede para o outro lado. Puxou com energia o cabo do machado. Parecia bastante sólido. Agarrando-o, balançou o corpo, rodeou a estalactite e se esticou até o ponto onde a borda continuava. Quando martelou um novo grampo, os ecos de seus golpes ressoaram até o fundo da caverna. Alguns morcegos berraram em tom de queixa.

Dois milhões de morcegos ocupavam a caverna. Os morcegos chamados fantasmas brancos. Os morcegos carnívoros de focinho pontudo. Os morcegos sugadores de néctar. Morcegos insetívoros de uma dezena de variedades. *Vampyrum spectrums* carnívoros de noventa centímetros de envergadura.

Os morcegos pescadores. E a colônia da qual todos os outros mantinham-se a distância, os verdadeiros vampiros, os *Desmodus*.

— Passe os tanques — ordenou Paine.

Joe Paine e Ochay prenderam os caixotes à corda. Do outro lado, Paine ficou olhando os tanques balançarem à volta da estalactite e, com uma calma ansiosa, puxou o veneno para a borda.

— Vamos.

— Não consigo — Ochay respondeu.

— Os vampiros estão muito mais adiante.

— Não posso...

Um guincho interrompeu-os. Houve um tumulto no teto da caverna onde os *Vampyrum spectrums* estavam pendurados. A lanterna de mão de Ochay acompanhou a queda de um *spectrum* bebê cor-de-rosa até o chão.

O chão condensava um mundo em si, uma sopa escura fumegante de néctar, carne, insetos e sangue digeridos. Vinte por cento de proteínas, ali se acumulavam poças de bactérias. Mais de um milhão de larvas, escaravelhos, sapos e caranguejos da montanha por metro quadrado. Baratas gigantes e cobras venenosas. Para todos eles, o guano era uma chuva constante de alimento, ou alimento para seu

alimento. A queda de um morcego azarado era uma bonança para eles, e segundos de agonia para o morcego.

— Vamos em frente. — Paine sacudiu a corda.

Joe Paine deslizou primeiro à volta da estalactite, depois veio Ochay, que tremia.

— Você está se arriscando muito. — Joe Paine se agarrava à parede. — Ochay...

— Se eu posso fazer isso, ele também pode.

— Mas o nosso oxigênio está terminando. Sugiro...

— Mas você não é o guia deste grupo. Sou eu. Paine seguiu. À medida que se aprofundava na caverna.

A borda ia se estreitando até cinquenta centímetros, vinte e cinco centímetros, quinze centímetros. Paine tinha que pregar um grampo a cada dois passos, enquanto o pai e Ochay lutavam com os caixotes atrás.

— Ele está com medo — o pai cochichou para Hayden. — Você devia entender isso. Está com medo de você. Agora, até eu estou com medo de você.

— Posso fazer o trabalho sem vocês.

— Pode mesmo?

Nas grotas acima, formas se contorceram, ouvidos se aguçaram para as vozes humanas. Mesmo através da máscara, Paine sentia o fedor da amônia, mais podre, mais penetrante.

— Esta é a última caverna em que você entra. Vou providenciar isso — disse Joe Paine.

— Estamos quase chegando.

Foi o final da corda e não o ar que se esgotava que por fim susteve Paine.

— *Madre de Dios* - soluçava Ochay.

Paine trouxera uma variedade de venenos secos e líquidos nos caminhões da expedição. Para uma caverna tão grande quanto aquela, selecionara cianogênio. A metade inferior de cada reservatório era de ar comprimido, a metade superior um compartimento de pó venenoso. Amarrou os dois recipientes juntos, de modo a colocá-los em posição horizontal e descê-los por cordas separadas, presas ao último grampo até que as extremidades chegassem ao nível da margem. Após ajustar as pontas do reservatório até atingir uma posição de noventa graus, adaptou os cronômetros em cada ponta para trinta minutos. Quando os

cronômetros marcassem o tempo, os tanques liberariam um aerossol de cianogênio de trinta metros que, em contato com a atmosfera da caverna, se transformaria em ácido cianídrico, letal para qualquer forma viva na qual tocasse, inclusive os homens que o haviam trazido. Paine fez os ligamentos e ajustes com uma delicadeza mecânica.

— Por favor... — implorou Ochay.

— Vamos voltar — Joe Paine implorou ao filho. — Talvez quando você e eu voltarmos para a Cidade do México, continuemos em direção aos Estados Unidos.

Paine não estava escutando. Permaneceu sozinho para se certificar de que ambos os cronômetros marcavam a contagem regressiva. Após ter certeza, apontou a lanterna para o teto onde este parecia estar coberto por pedras castanhas e denteadas.

Então, uma das pedras esticou as asas e se moveu mostrando os dentes diante da luz. Paine desviou a lâmpada antes que algum outro vampiro fosse molestado.

Soltou-se da corda e amarrou-a com um nó no último grampo. Seu pai e Ochay estavam a quase dez metros de distância. Avançavam mais depressa na volta do que na vinda e já se aproximavam da estalactite perolada a qual temiam não ultrapassar. Conferiu o medidor do tanque de oxigênio. Vinte minutos. O tempo exato.

Pela distensão repentina da corda esticada e antes que pudesse ver o que tinha acontecido, Paine sentiu que alguém tinha caído. Com a lanterna iluminou um par de pernas no espaço, depois a escuridão, e, finalmente, ouviu-se o impacto de um corpo batendo no fundo após um longo mergulho. Então, a luz localizou Ochay, que se lamentara durante toda a subida e não pronunciara nenhuma palavra ao cair. Ele estava afundando no lodo.

— Uma aranha! — Joe Paine gritou. — Uma aranha na corda!

A corda deu outro puxão na mão de Paine e afrouxou-se.

— Hayden! Depressa!

Joe Paine estava dependurado a um metro abaixo da borda, sobre uma plataforma estreita. Paine se moveu ao longo da corda alternando os braços.

— Estou escorregando.

Paine pôde ver os dedos do pai esticados sobre a superfície lisa do calcário, deslizando. Uma tarântula, com trinta centímetros de largura,

saltou sobre a borda na direção de Paine. Ele esmagou-a com a bota.

— Dê-me a sua mão. Esticou o braço para baixo.

— Não consigo alcançar.

Paine deu duas voltas com a corda do grampo em torno do pulso esquerdo e se curvou o máximo possível. Seu pai alçou o corpo, esticou a mão, muito curta e muito úmida para Paine agarrar com força. Os dois homens se entreolharam por um momento e então Joe Paine começou a escorregar. Deslizou pela parede da caverna, caindo três ou cinco metros de cada vez, e então, escorregando mais uma vez, tornou-se muito pequeno à luz da lanterna de Paine e atingiu o fundo.

— Hayden! Atire alguma coisa!

Paine jogou a corda, quase perdendo o próprio equilíbrio, quando os grampos se soltaram da parede porosa. Amarrou a corda, agora solta, em torno do machado e atirou-o para baixo. Balançou-se até atingir o limite máximo, esticado a cinco metros acima da cabeça do pai.

— Estão todos em cima de mim! Jesus, estão me comendo vivo!

O machado de Ochay continuava sobre a borda. Paine golpeou-o fundo no calcário e dependurou-se nele. Seu próprio machado lá estava, balançando a um metro e meio acima da cabeça do pai. Arrancou a máscara.

— Alcance a parede! Suba!

— Não enxergo nada! Hayden, eles estão... Oh, meu Deus!... Não!

— Suba!

— Meu Deus!

Fez-se silêncio até o último chamado.

— Hayden!

Ele acordou, sacudindo-se como se estivesse em convulsão, com uma das mãos agarrada ao pé do banco do caminhão. De quatro, tremendo sempre, arrastou-se até o compartimento de comida do Rover e entornou uma garrafa de água sobre a cabeça. Esfregou os olhos com as mãos, tentando apagar a visão do pai, de Ochay e dos outros. Demorou cinco minutos até conseguir abrir o vidro e tirar um soporífero.

Precisava dormir. Precisava dormir. Mas, por favor, meu Deus, chega de sonhos. Se pudesse descansar pelo menos até a noite...

— Não se esqueça de me pegar na volta – Selwyn disse enquanto ele, Esther e Mae desciam do jipe no sopé do planalto, onde a família de

oito pessoas da irmã de Esther vivia num reboque de alumínio que parecia um corredor de crianças pequenas entre o refrigerador de cervejas e a televisão. Usando capuzes de lojas de *souvenir*, as crianças pularam sobre Selwyn e começaram a lhe dar pancadinhas com seus pequenos machados de borracha.

— Que nunca se casem entre si — rugiu Selwyn. Jovem continuou sozinho pelo deserto, onde o clã da Serpente estava caçando cobras.

Cecil Somiviki e o irmão caçula, Powell, estavam sentados na porta aberta da traseira da camioneta de Cecil. Entre os dois havia um saco de lona que se movimentava constantemente com os saltos das cobras lá dentro-cascavéis do Texas e cascavéis dos campos, cobras azuis, cobras coral, mas sobretudo pequenas cascavéis hopi. Os dois irmãos estavam vestidos apenas com roupas de banho e tangas de couro; Cecil usava um chapéu Stetson de abas largas e Powell, óculos escuros. De tempos em tempos, o rapaz mais velho molhava o saco com água para manter a temperatura para as cobras.

— O que há de novo? — Cecil cumprimentou Jovem.

Ele era o xerife da tribo e, ao mesmo tempo, vendia pelos *pueblos* a gasolina que carregava em sua camioneta.

— Abner Tasupi morreu.

— Aquele filho da puta! Como foi que morreu?

— Foi atacado por algum animal selvagem. Estava completamente arreventado.

— Filho da puta!

Powell não disse nada. Tinha dezenove anos e lia, com as sobrancelhas franzidas e um ar estudioso, o jornal tribal *Oua Toqti, O Grito da Águia*, uma vez que a conversa estava abaixo de sua dignidade.

— Homem, ele era um doido varrido. Ah, era um selvagem. Bem, esta foi à melhor notícia que tive hoje.

— Ele era apenas um velho, Cecil.

— Era um assassino. Todos sabem disso. Um feiticeiro.

— Você acredita nessas besteiras?

— Não acredito, mas é verdade. Por que acha que o expulsamos? Ora, ele estava sempre em Canyon Maski, onde existem os *pueblos* fantasmas. Voltava depois de ter preparado algum veneno de cadáver. Sou capaz de apostar que ele matou umas quinze pessoas, ou até mais. Se tinha ódio de alguém, transformava-se num cachorro negro e

empurrava o pobre coitado precipício abaixo. Até os quebradores de cabeça tinham medo dele. A propósito, aquele tal de Walker Chee anda aqui por perto e está atrás de você.

— Não é a primeira vez.

— Desta vez, disse que você despachou algum *pahan*. Não quero me meter nisso, mas é bom você parar.

E o que me diz a respeito de Joe Momoa? Por que você está sempre provocando as pessoas? Além disso, você sempre escolhe as pessoas erradas também. Precisa aprender a levar a vida.

Um sacerdote do clã da Serpente se aproximou da camioneta. Estava com os braços estendidos e trazia em cada mão três ou quatro cascavéis, cascavéis do Texas e um tipo de cascavel de chifres e escamas ásperas, todas se contorcendo inutilmente. Cecil abriu o saco enquanto Powell pegava uma pena de águia. Quando uma cascavel hopi se projetava fora do saco, um movimento com a pena fazia a cobra recuar. O sacerdote jogou as cobras dentro do saco, acendeu um cigarro e saiu apressado em direção ao deserto.

— Algum veterinário esteve na fazenda de Momoa? — Jovem perguntou.

— Falei com Joe ontem. Tudo o que disse foi que iria caçar alguns animais noturnos na corredeira. Talvez estivesse se referindo a você.

Cecil deu uma tragada no cigarro; as cinzas se espalharam por sua barriga.

— Você estava longe daqui, não sabe nada a respeito de Abner. Já ouviu falar da época em que a Companhia Arizona de Gasolina enviou alguns homens para a corredeira de Jeddito? Abner tocou-os de lá. Disfarçou-se de Masaw. Verdade. Aquele filho da puta maluco abriu um túmulo e se vestiu com as roupas de um homem morto, cobriu-se com sangue de coelho e foi para Jeddito fazer bruxarias.

— E funcionaram?

— O que você acha? Aqueles *pahans* viram um louco coberto de trapos e sangue, pondo a boca no mundo, você acha que eles iam continuar por ali? Uma merda, homem. Powell pigarreou.

— Escutem esta notícia que está no jornal: "Embora os *pahans* tenham secado o rio Gila, embora os *pahans* tenham roubado quatro vezes mais água do rio Colorado do que a que tinham direito, embora tenham se apoderado do lago Powell e do rio Colorado Pequeno,

embora tenham roubado todo o rio San Juan, o lençol de água de Fênix está baixando tão rápido que a cidade pode se tornar uma cidade fantasma dentro de vinte anos".

— Idiota — Cecil bocejou. — Antes de secar uma piscina em Fênix, eles virão aqui pegá-lo para cuspir.

— Este é exatamente o tipo de comentário que eu poderia esperar de você.

Powell era o primeiro aluno da escola da missão. Falava como uma máquina de escrever.

— Não temos nenhuma liderança, apenas velhos e caras apolíticos como você. Por isso, temos que nos juntar a Chee; pelo menos ele é um líder que sabe ler um contrato. Por isso os navajos têm indústrias e exploram carvão. Chee poderia pôr essa reserva para a frente novamente.

— Claro, ele nos empurraria para um banheiro e puxaria a descarga, se tivesse oportunidade.

Cecil remexeu atrás do saco de cobras à procura de duas cervejas. Entregou uma lata para Jovem.

— Conseguiu algum bobalhão para enterrar Abner?

— Eu.

— Ah, ah. Bem, então você pode ficar com aquela tenda dele. Mas o que me diz sobre a sua magia? Ele tinha toda sorte de poderes que ninguém mais era capaz de manejar.

— Não acredito nessas bobagens.

— Ninguém acredita. Mas é melhor você tomar conta das coisas ou então devolvê-las ao clã do Fogo. Hoje estão todos em Shongopovi.

Jovem tomou o caminho para o planalto, atravessando o desvio para os caminhões da Cal Gas que não podiam continuar pela estrada, passando por pomares que produziam pêssegos pequenos e ressecados, e por plantações de milho que não cresciam além da altura do ombro de um homem, na direção das casas novas de cimento e madeira compensada no *pueblo* de Shipaulovi, onde Cecil vivia, e ao longo da periferia do planalto, por mais três quilômetros. Chegar ao *pueblo* de Shongopovi sempre lhe trazia uma imensa depressão. Mais do que qualquer outro *pueblo*, Shongopovi era o lar do antigo povo "tradicional". Fugindo dos navajos, fugindo dos brancos, formando um último posto bem na beirada do planalto.

Um depósito de lixo. Uma centena de casas miseráveis feitas de pedra e argila fincadas no rochedo. Cercadas por declives de construções externas. Nem um pouco de grama, nenhuma rua de verdade, apenas moscas cochilando nas aleias, um rosto enrugado numa janela quebrada e sombras cavadas no adobe. Ruínas desabitadas em torno de uma *plaza* poeirenta suspensa sobre o deserto. Ninguém jamais descera o longo precipício, claro. Em Shongopovi, todos caíam no ostracismo.

O sol cegava. Jovem estacionou na *plaza* em frente à casa que pertencia a Harold Masito, um sacerdote do clã da Correia de Urso, e entrou por uma porta de tela num ambiente frio e escuro. Harold estava num sofá-cama consertando bastões de oração. As paredes eram decoradas com fotografias do neto e um retrato a bico-de-pena de John Kennedy.

Numa certa época, Harold fora um dos homens mais fortes da reserva. Agora, os músculos tinham desaparecido, deixando a grande carcaça curvada e o rosto murcho junto ao nariz e ao maxilar pesado. Ele fora um dos homens que fizeram de Jovem um delegado.

— Abner morreu.

Jovem se sentou respeitosamente numa cadeira de armar.

— Hum — Harold assentiu.

Cuidadosamente, amarrou uma pluma na base do bastão.

— Há duas noites. Você era amigo dele, de modo que pensei que deveria saber.

— Então é assim?

Harold pegou outro bastão, os dedos artríticos esforçando-se para ficar firmes.

— Foi assim. Tive de enterrá-lo sozinho. Ele pediu a você e aos outros sacerdotes para irem à casa dele antes de morrer.

— Não sou do clã do Fogo. Mas era amigo dele. O mínimo que podia ter feito era uma visita. Dois anos, não o visitou nenhuma vez e agora ele está morto.

— Você está nervoso.

— Que diabo, estou mesmo. Afinal, o que sou eu? Um coitado qualquer. Um coitado enterrou Abner. Isso não faz sentido algum para mim. O velho Abner era alguém, merecia muito mais do que isso. Muito

mais do que ver todo mundo lhe virar as costas e deixá-lo morrer sozinho no deserto.

Quando eu era garoto, Abner já era um homem importante.

— Abner era um homem importante — Harold disse após um intervalo de cinco minutos. — Mas depois tornou-se louco, perigoso. Antes disso, foi um homem muito importante, como disse você. Talvez o maior homem do mundo. Está com fome?

Harold saiu pela porta de tela dos fundos e foi até o local onde a mulher estava diante de um *horno*, fogão de pedra. Voltou trazendo panquecas.

— Não tem manteiga. Quer margarina?

— Não, obrigado, velho.

O velho sentou-se no sofá, pensativo. A panqueca esfriava em suas mãos. Finalmente, Jovem perdeu a paciência.

— Você o tratou como um lixo, pior do que a um *pahan*. Você, o clã do Fogo e todos os velhos. Agora o pobre coitado está morto e você continua a agir do mesmo modo. Por quê?

— Abner era velho, muito velho — Harold suspirou. — Mais velho do que eu. É difícil acreditar que esteja morto, mas ele está entre amigos. Eu era amigo dele, como você disse. O que fizemos me aborrece, mas era necessário. E se ele morreu, como você falou, então ele está entre amigos.

— Velho, não foi isso o que perguntei. Responda-me apenas. Como puderam tratar Abner do modo que trataram?

— Você é mais *tewa* do que *hopi*. Você é um guerreiro...

— Esqueça-se disso, velho. — Jovem adiantou-se na cadeira. — Nunca fui um guerreiro. Era um maldito presidiário em Leavenworth. Abner merecia melhor companhia do que esta para um funeral, e quero saber por que foi tudo o que recebeu. Quero saber a razão.

Harold pegou um bastão de oração, depois deixou-o e olhou para Jovem.

— Veja, ele falava com Masaw o tempo todo e Masaw subia pelo paredão do planalto e assustava as pessoas. E Abner se retirava para os *pueblos* dos mortos e voltava cheirando a cadáver, e isso era desagradável para todos nós.

— Você quer dizer que Abner era um feiticeiro. É isso? Era esse o problema? Vocês todos, todos os sacerdotes, acreditavam nisso.

— Você sabe como são essas coisas — Harold disse. — Tudo estará bem enquanto seguirmos a ordem das coisas. Enquanto cumprirmos as cerimônias corretamente, haverá chuva e Masaw nos protegerá de nossos inimigos. Muito bem. Mas Abner, ele foi longe demais.

— Longe demais?

— Ele atraía Masaw para cá todas as noites. Eu o vi.

— Masaw?

— Isso mesmo. De longe, porque se ele o toca, então você morre. Entende a respeito de que estou falando? Mesmo a morte tem fome. Tem um estômago para encher.

— Vou lhe contar o que vi. Vi o corpo de um velho. Não de um feiticeiro. Um velho que era amigo meu e que tinha sido amigo seu e de todos no planalto. E se andava agindo de modo esquisito ultimamente, talvez fosse porque todos os sacerdotes daqui, todos os seus velhos amigos o deixaram assim.

— Você fez bem em visitá-lo este último ano. — Harold desviou os olhos de Jovem. — Eu me sinto bem em saber que estávamos certos a seu respeito. Há mais alguma coisa?

Jovem suspirou.

— Bem, velho, há sim. Seus pertences. O que devo fazer com eles ou a quem devo entregar?

— Entendo. Receio que tenha chegado atrasado. Os sacerdotes do clã do Fogo já desceram para um *kiva* e não devem subir nos próximos dois dias. De qualquer modo, já tinham tomado a tábua do clã das mãos de Abner há um ano.

— Qual tábua?

— A tábua do clã do Fogo. Abner não poderia causar muito transtorno sem ela.

Jovem não estava interessado em histórias a respeito de uma tábua e não havia nada mais a fazer na casa de Harold. Agradeceu a Harold pela conversa. Na porta, parou.

— Outra coisa, velho. Ouviu falar algo sobre o desejo de Abner de acabar com o mundo?

— Não — Harold respondeu breve.

Pegou um bastão de oração e uma pluma. A pluma escapou de seus dedos nodosos e voou para cima, flutuando lentamente.

— Tem certeza de que ele está morto?

Jovem voltou à plaza. O sol estava a pino, pronto a derreter o planalto. Jovem piscou por trás dos óculos escuros diante de um repuxo de água prateada e seus olhos caíram sobre alguns meninos brincando com um pião tosco sobre um telhado e depois percorreram a plaza. Escadas rústicas assinalavam três entradas ao longo da plaza poeirenta. As escadas levavam às *kivas*, câmaras subterrâneas. Pelo arco e pela crina de cavalo nas duas escadas mais próximas, sabia-se que estavam ocupadas por sacerdotes dos clãs do Antílope e da Serpente, que lá estavam escondidos já há seis dias para a Dança da Serpente.

Dois homens surgiram de duas portas adiante. Um era Walker Chee e o outro era o branco que estava guiando o Cadillac. Chee ocupava toda a passagem. Os navajos eram diferentes dos hopis: eram mais altos, mais musculosos, e suas cabeças pareciam quadradas nas extremidades. Chee embelezava esses atributos com o cabelo cortado à navalha à altura do colarinho de um terno escuro de três peças, uma gravata de seda e anéis de turquesa pelos dedos grossos. O homem branco tirou os óculos escuros. Suas feições eram largas e rosadas, como se desenhadas com a ponta fina de um lápis. Nenhum dos dois percebeu a presença de Jovem na sombra.

O branco franziu as sobrancelhas.

— Você disse que o negócio estava fechado.

— Só mais alguns dias, Piggot.

— Só mais alguns dias e mais alguns dias, é o que eu escuto sempre. Tenho equipes de trabalho à espera. Afinal, qual é o seu jogo? E você tinha ficado de trazer mapas do *canyon*. O que aconteceu com os mapas?

— Os mapas não são importantes — disse Chee.

— Você sabe o preço de mapas daquele tipo? Não queremos mapas por aqui. Aqui não. É melhor você deixar este assunto por minha conta.

— Está me embromando, Sr. Chee. Estou tentando descobrir por quê.

Um velho nativo se juntou aos dois homens e Jovem aproveitou a oportunidade para tentar escapar sem ser visto. Alcançou o meio da plaza.

— Delegado, quero falar com você — Chee chamou. Jovem parou.

— Com licença.

Chee deixou Piggot e o velho e se aproximou de Jovem, sozinho. O presidente do conselho caminhava com desenvoltura de proprietário, dirigindo-se a Jovem em tom inaudível para qualquer pessoa à volta. Jovem tinha consciência de ser mais baixo e, em comparação, mais pobre. Havia talvez mil moscas voando pela plaza. Nenhuma delas ousaria pousar em Chee. Chee concedeu um sorriso.

— Você é o Delegado Duran, certo? – perguntou com suavidade.

— Sim, sou eu.

— E você andou tocando um certo Sr. Paine ontem, não é verdade?

— Chee baixou a voz.

— Mostrei a ele que estava na reserva errada. Começaram a surgir os curiosos nas janelas em volta da plaza. O homem branco procurava alguma coisa nas solas dos sapatos.

— Você vai me dizer que estou na reserva errada? — Chee perguntou.

— Está perdido?

— Não, não estou. Aí está a diferença entre nós dois. Olhe, enfrento problemas com meus índios, exatamente como você. Intimidados e pobres. Vocês têm prazer nisso, muito bem. Já ouvi falar sobre você, Duran. Você é o melhor exemplo vivo de ignorância no Arizona, sabia? Não pode ajudar a si mesmo e não pode ajudar a ninguém mais. Faço das tripas coração para trazer algum dinheiro para o planalto. Vou a Washington, Nova York, Houston e mostro a eles que um índio não tem, necessariamente, de ser um bêbado ou um inibido, e tão logo consigo trazer alguém até aqui para nos ajudar, um pobre coitado como você aparece para atrapalhar. Agora, você pensa que faço isso para aparecer em capa de revista. Ótimo, esta é a sua opinião. Mas há três indústrias e mais doze em fase de proposta para minha reserva provando que um índio pode fazer mais do que mendigar tostões. E iniciei os programas médicos, o que significará que não temos de ser o povo mais assolado por doenças neste país. E os programas de irrigação pelos quais lutei através dos tribunais são tanto para os hopis quanto para os navajos. De modo que, faça-me o obséquio, delegado, até que você se torne tão inteligente quanto a média, desapareça de circulação quando encontrar alguém que tenha alguma coisa a ver comigo. Combinado? E não volte a me espreitar nunca mais.

Enquanto Jovem ficava ali, louco para dar uma resposta, Chee gesticulou para o homem branco e ambos se afastaram da plaza. O delegado escutou a palavra "perturbador" dita de passagem, da maneira como alguém atiraria fora algo irrelevante. Segundos mais tarde, o Buick e o Cadillac apareceram à frente e visivelmente espremidos atravessaram as aleias em direção à estrada da mesa.

Jovem escutou o ruído suave de pneus grandes sobre a poeira. Por que odiava Chee? Porque Chee estava com a razão.

— Você está rindo — disse Homem de Pedra. — Há alguma coisa engraçada?

Homem de Pedra era o velho da aldeia com quem Chee estivera conversando. Usava um trapo amarrado em torno da cabeça. Tinha os músculos flácidos. Jovem teve a sensação e o receio de estar vendo ali o próprio futuro.

— Não é nada, velho. Acho que todos os sacerdotes do clã do Fogo já estão no *kiva*.

— Sim. Acho que Abner Tasupi foi o último a descer.

— Abner? Não é possível.

Jovem atravessou a plaza até o *kiva* mais próximo à borda do planalto. Na escada, as plumas dos clãs eram sacudidas por um vento que soprava direto das montanhas de São Francisco, visíveis no outro lado do deserto, a uma distância de cento e vinte quilômetros. Um *kiva* era um elo com o mundo subterrâneo de onde o primeiro hopi saíra engatinhando; em outras palavras, era uma câmara escura, enfumaçada, para onde pessoas desamparadas se retiravam a fim de preparar as cerimônias que manteriam unido seu mundo miserável. Arbustos de juníperos amarrados à escada abaixo da entrada bloqueavam a visão de Jovem. Homem de Pedra seguiu-o.

— Abner está morto.

— Ah! — Homem de Pedra concentrou-se. — Bem, você sabe, só o vi de costas. Vi oito pessoas descerem e pensei que o último fosse Abner.

Observou Jovem, que chutava nervoso as pedras em volta da abertura.

— Se você diz que ele morreu, devo estar enganado.

Paine continuou no México após a morte do pai. Nenhum mexicano da estação de pesquisas voltaria a trabalhar com ele, mas já que o

programa era mantido generosamente com o dinheiro da Agência Americana de Desenvolvimento Internacional, ele tinha permissão para trabalhar sozinho durante um ano.

Quando chegava no Land Rover cheio de equipamentos de laboratório e venenos, os índios das montanhas fugiam de suas vilas, um acontecimento que Paine considerava indecentemente ridículo porque ele vinha para matar a morte, não espalhá-la. Eles ficavam olhando escondidos enquanto Paine, com a máscara de gás sobre o rosto, carregava para dentro de uma caverna recipientes de carbonato de bário, ou trióxido de arsênico ou sulfato de tálio. Quando ia embora, os índios comemoravam, na crença cômica de que tivessem expulsado um demônio.

Mesmo quando os mexicanos cortaram definitivamente a verba, não fez diferença. Os pesquisadores de coração queriam estudar o sistema circulatório do vampiro, os pesquisadores de som queriam testar os ouvidos dos vampiros, e os psicólogos estavam fascinados pela inteligência dos vampiros. Nenhum morcego se apoderava de uma presa mais depressa do que um vampiro.

O tempo todo, Paine se dirigia para o norte seguindo os sobreviventes da colônia de vampiros da caverna onde Joe Paine morrera. Um núcleo de vampiros, ainda que grande, era em geral apenas uma parte de uma colônia maior. Fixando transmissores de rádio em miniatura em morcegos cativos, ele traçou a rota dos sobreviventes para outras cavernas. Quando envenenava essas cavernas, os sobreviventes se mudavam para outras.

As horas e os movimentos dos vampiros se tornaram seus também. As marcas características de sua alimentação eram os pontos de referência de sua vida. Uma caverna de mortos envenenados era sua derrota, porque seu equipamento de transmissão acusava sempre mais sobreviventes e ainda outras cavernas, e o próprio México parecia um corredor escuro de cavernas, o que à noite realmente era.

Deste modo, ele perseguiu os morcegos serra Madre ocidental acima, ao longo da costa marítima da serra de São Francisco e para o norte até o sopé de Sonora. A caçada durou dois anos e ele não sabia se algum dos sobreviventes originais ainda existia, mas vampiros viviam muito, eram inteligentes e se adaptavam com facilidade.

Finalmente, ele perseguira sua presa até o fim daquele corredor de cavernas, até a última antes da fronteira americana. Naquela noite, traçara o coro silencioso de uma colônia mais importante de vampiros que atravessava a fronteira.

Nenhuma colônia verdadeira de vampiros fora registrada nos Estados Unidos até então, o que era um quebra cabeça clássico para os zoólogos. Do norte do México à Argentina, através dos Andes até os pantanais das Guianas, os vampiros prosperavam. Sempre se detinham diante da fronteira americana. Ninguém sabia por quê.

Mas os morcegos de Paine não retornaram.

Ali estava a sua grande oportunidade. Uma vez que não havia nenhuma outra colônia de morcegos vampiros no Arizona para se misturar à sua, pelo menos poderia destruí-los todos. Contudo, Paine não previu um problema. Ninguém acreditaria nele. Representantes dos departamentos médicos, quando interrogados a respeito de ataques de vampiros, riam na sua cara. Parou de fazer perguntas sobre morcegos e usou questionários mais generalizados a respeito de ataques noturnos e ferimentos estranhos, sempre sem sucesso. Os vampiros tinham desaparecido.

Paine recomeçou com as reservas indígenas, trabalhando na direção norte pelo rio Gila, Maricopa, Apache, Colorado e Hualapai, terminando na maior de todas, a navajo.

Encontrara Walker Chee em Mesa Negra. O presidente do Conselho de Tribos Navajos chefiava um grupo de homens brancos pelo contorno do que fora uma parte do planalto e era agora os limites da Companhia de Carvão Peabody. A mina era uma enorme pirâmide invertida cavada em terraços, uma pirâmide tanto mais vertiginosa porque formava um vácuo repentino e opressivo dentro do qual pás mecânicas de oito níveis ficavam reduzidas ao tamanho de brinquedos. Paine esperou junto às duas limusines estacionadas longe da borda da mina enquanto Chee caminhava empertigado para um lado e para outro, assinalando etapas da operação para os visitantes.

— Lá adiante, vocês podem vê-la — Chee apontava para uma chaminé no ponto mais distante da mina —, é a máquina de pulverização. O pessoal da Peabody usa água fóssil para fazer uma lavagem do carvão e a lavagem é movida pela força da gravidade

através de tubulações por quatro mil e quinhentos quilômetros em torno do Grand Canyon para as indústrias de Nevada.

Um dos brancos chutou uma pedra para dentro da mina. Voltou-se para Chee; tinha o tipo de cabeça rosada onde os óculos escuros se tornavam o traço dominante.

— A respeito do pessoal da Peabody. Vocês têm criado problemas para eles, não têm?

— Nenhum problema, Sr. Piggot. Renegociamos. Recebemos de quinze a vinte e cinco cents de royalties por tonelada. O Estado de Montana recebe um mínimo de quarenta cents. Queremos apenas elevar nossos royalties ao nível corrente. Veja por exemplo o petróleo...

— Por isso estamos aqui — o homem chamado Piggot interveio.

— Temos recebido quinze por cento de royalties. Os árabes pedem um mínimo de cinquenta por cento...

Paine observou as pás mecânicas cavando quatrocentos metros dentro do fosso. Cabos de aço puxavam escavadeiras sobre o minério explorado. As escavadeiras subiam, transbordando, resfolegavam, rodavam para os caminhões de carga e despejavam toneladas de carvão subterrâneo. Pareciam brontossauros se alimentando vagarosamente numa lagoa seca.

— Você queria falar comigo.

Chee se afastou do grupo e se aproximou de Paine.

— Sim. Suponho que todos os questionários médicos devem passar por você.

— Certo.

O navajo coçou-se por cima da roupa. Estava quente perto da mina. Seus olhos estavam pregados em Piggot.

— Estive fazendo uma espécie de pesquisa biológica...

— Vamos deixar este assunto para outra hora — Chee sugeriu com impaciência. — Tenho um escritório, você sabe. Marque uma entrevista.

— Bem, tenho uma foto para lhe mostrar.

Paine interceptou a visão de Chee com um envelope de papel manilha.

— Com licença.

— Dê uma olhada apenas.

— Uma outra... Paine puxou a fotografia de dentro do envelope. A figura era um instantâneo colorido de uma mordida de vampiro, um

furo nítido com dois milímetros de profundidade num tecido humano densamente irrigado.

— Em que diabo de lugar conseguiu esta foto? — Chee reagiu com irritação.

— Eu...

Chee agarrou Paine pelo braço e, à força, afastou-o cerca de cinco metros da beirada da mina. Começou a murmurar furiosamente.

— O que é que está pretendendo? Quem lhe deu esta fotografia? Estou tentando fechar alguns negócios aqui e era só o que me faltava um branco filho da puta como você destruir um acordo de um milhão de dólares, trazendo alguma história sobre peste. Você sabe o que aqueles homens ali farão se ouvirem a palavra "peste"? Já viu uma limusine sumir?

— Não disse nada a respeito de peste – respondeu Paine.

O longo momento que se seguiu foi de intenso prazer para Paine. Na verdade, a fotografia era de um índio mexicano que fora mordido meses antes, mas ele calculara rápida e cuidadosamente.

— Você também tem uma foto como esta — disse a Chee. — Conhece alguém com ferimentos como esse e que tem peste. Sabe o que provocou esses ferimentos?

Chee não respondeu.

— Então você é um felizardo — disse Paine —, porque eu sei e você vai me contratar.

Aquele encontro com Chee à beira da mina foi apenas o primeiro. Mais tarde, houve outras entrevistas em Window Rock e no planalto, a transferência de um relatório sobre uma autópsia impublicável arranjada por Chee e listas de equipamentos pedidos por Paine.

Agora, sob o calor modorrento do meio-dia, Paine procurava pulgas.

Os arroios do deserto ainda estavam um pouco escuros, como se batidos por chuvas na véspera. Os pedúnculos das iucás vibravam com as ondas de ar quente.

O deserto Pintado atraía Paine. Ele apreciava a falsa esterilidade que encobria as desesperadas adaptações de vida como os lagartos desmembrados e os cactos arborescentes gigantescos. Mais do que isso, ele saboreava a solidão, a sensação de que poderia andar dias seguidos, meses se quisesse, sem ver outra criatura humana. As outras pessoas,

não importava quão diferentes fossem, eram espelhos de cada um. Paine não queria reflexos.

Atravessou uma duna de areia até atingir terreno firme, onde parou e subiu para o teto do Land Rover. Um pouco antes, vira um abutre. Desta vez, localizou dois com o binóculo a cerca de três quilômetros de distância e quase um quilômetro acima, sobrevoando um poço.

Um terceiro abutre se acercou. Paine deslizou para a cabina, atirando o binóculo para o lado e dando partida no motor.

Uma questão de minutos poderia tornar seu trabalho cem vezes mais difícil. Paine acelerou o Rover até cinquenta quilômetros, passando sobre algarobos e atravessando charcos. Então, já sem o binóculo, viu outros abutres que desciam em direção ao poço. Um arroio profundo de dois metros de largura espalhava-se diante de Paine. Desviou para a direita, encontrou uma elevação e afundou o pé. A setenta quilômetros, o Rover cruzou o arroio, deu uma pancada forte e prosseguiu sobre lama.

Paine tocou a buzina. A um quilômetro e meio adiante, sobre um outeiro surpreendentemente verde, havia um caminhão no meio de sessenta ou setenta abutres. Esqueletos de carneiros cobriam a colina. Com a mão na buzina, Paine avançou sobre as aves necrófagas, dispersando-as com o para lama. Os abutres deram pequenos saltos para os lados, os olhos vermelhos sobressaindo entre as penas negras, procurando ganhar altura com as asas de mais de um metro de envergadura. Paine freou e saltou do Rover, engatilhando o 45 ao atingir o solo. Atirou e arrancou a cabeça de uma ave. As outras se afastaram numa onda negra e amontoada. Paine atirou novamente, para cima, apenas para mantê-los distantes.

Há muito aprendera que a morte não era um momento de calma. Sem a peleja dos abutres, a colina ressoava ainda com a atividade vibrante das moscas. Quando partisse, os abutres voltariam, acompanhados de outras aves menores e roedores, um verdadeiro coro de necrófagos grandes e pequenos. Esperava apenas que tivesse chegado a tempo.

Pegou a maleta de alumínio no Land Rover, abriu-a junto a um carneiro reduzido a cabeça e pés e mil moscas que lutavam por um local onde depositar seus ovos. Colocou uma máscara cirúrgica e calçou

as luvas de borracha. Na cintura, pôs um cinto inventado por ele próprio.

Além do coldre para a pistola automática, o cinto trazia divisões feitas de couro e feltro para colocar uma quantidade de tubos, seringas, escalpelos, tesouras cirúrgicas, envelopes transparentes e uma lupa de joalheiro.

O caminhão estacionado sobre a colina não tinha nem rodas, estava fixado sobre blocos. As janelas e o para-brisa estavam lambuzados de sangue pelo lado de dentro. Paine agarrou a maçaneta da porta e deu um passo para o lado ao abri-la.

Ninguém caiu lá de dentro. Não havia ninguém na cabina, embora o assento e o chão estivessem cobertos de sangue seco. Paine ficou desapontado, mas ao menos a profusão de manchas de sangue era um bom sinal.

Caminhou no meio do rebanho. Umhas cem carcaças se espalhavam em desordem pela colina, a maioria com o ventre aberto pela ação de coiotes e abutres. O terreno estava revolto. Suspendeu uma carcaça com a bota e remexeu o solo manchado por nódoas escuras cheirando a amônia. Assim começava a melhorar. Prosseguiu a caminhada até que encontrou uma ovelha menos estraçalhada que as demais. Embora destripada, os intestinos jaziam sobre a relva e um tremor das narinas indicava que ela continuava clinicamente viva. Paine agachou-se junto a ela. Alguns abutres pousaram mais adiante à procura de um carneiro afastado. Ele não lhes prestou atenção.

A região anterior do peito da ovelha apresentava covas superficiais que sangravam. Paine suspendeu um tubo emborcado e arremessou-o sobre as feridas. Introduziu um cartão entre o bocal e as feridas. Uma atividade diminuta teve início dentro do tubo. Ele deslizou o tubo e o cartão sobre todas as feridas e então atarraxou o gargalo do tubo. Fixou a lupa de joalheiro no olho direito e levantou o tubo contra o céu. Oito, nove pulgas saltavam contra o vidro.

Havia mais de duzentas espécies diferentes de pulgas só na América do Norte. Aumentados, os parasitas da ordem dos Sifonápteros apresentavam um equipamento básico: cor posápteros, pernas fortes, pelos enfileirados e um aparelho bucal pungitivo que explicava o nome latino. Havia quatro espécies no tubo. Os camundongos que tinham

mordiscado as feridas deixaram pulgas de roedores. *Xenopsylla cheopis*, as pulgas sem olhos com fileiras duplas de pelos.

O coioote que tinha destripado a ovelha depositara duas espécies: as pulgas comuns de cachorro, redondas, com a boca em forma de bigodes; e as pulgas carnívoras, com olhos e cabeça obtusa.

Havia duas espécies restantes. Não tinham olhos, a cabeça era em forma de elmo e o aparelho bucal imitava dentes. Eram pulgas de morcegos.

Por alguns momentos, Paine ficou atordoado pela importância de sua descoberta. Lá do alto, os abutres observaram-no abaixar-se junto a outros carneiros e coletar mais espécies, e quando ele as guardou no caminhão e se afastou, todas as aves desceram novamente através do ar que se elevava do poço termal para terminar aquele trabalho a elas designado pela natureza.

Paine guiou devagar, controlando a própria excitação.

A vida era injusta. Habitualmente, apenas os pobres e os gênios se conscientizavam disso, mas o fato fora revelado a Hayden Paine com a morte de seu pai. Joe Paine era o verdadeiro imunologista de primeiro escalão; Joe Paine que em 44 chefiava a equipe do Instituto Rockefeller que identificou uma misteriosa doença paralisante que matava centenas de milhares de cabeças de gado por ano, morte que era atribuída à raiva transmitida por vampiros. Todas as outras autoridades afirmavam que o morcego era um vetor impossível. O assim chamado vírus *derriengue* não parecia exatamente o da raiva sob um microscópio. Além disso, invariavelmente a raiva matava seu transmissor enquanto a maioria dos vampiros infectados se fortalecia com ele. Foi preciso que Joe Paine provasse que o vírus da raiva se modificara sob a influência de tão bizarro hóspede e que apenas o vampiro, dentre todas as espécies da terra, não era vulnerável à raiva.

Seguramente, as habilidades de Joe Paine não terminavam aí. Chee estava aterrorizado com a peste? Em 1967, os Paine, pai e filho, foram a Saigon para estudar uma doença que se alastrava entre os refugiados da cidade bloqueada. Joe Paine superou os obstáculos dos americanos e vietnamitas para identificar a doença como peste bubônica, transmitida pelo arroz infectado por ratos. Um pequeno item em meio aos horrores da guerra: em 1967, havia cinco mil quinhentos e quarenta e sete casos de peste no Vietnam.

Mas Hayden Paine era sempre obrigado a voltar às cavernas. Ele sofria de claustrofobia. Um passo na escuridão e seu coração dobrava o ritmo das batidas. A condição viera aos poucos, aumentada com a experiência.

No primeiro ano de trabalho com vampiros em companhia do pai, a claustrofobia se evidenciou como energia nervosa. No segundo ano, sem entender por quê, pois estivera presente às expedições em cavernas com o pai ainda na infância, Paine teve problemas respiratórios. No final do segundo ano, começou a ter desmaios em consequência da elevação da adrenalina no sangue, já escurecido pela falta de oxigênio, que fluía como nitrogênio. O terceiro ano foi o pior.

Numa era de torturas sofisticadas, não existe um instrumento mais eficaz do que a claustrofobia. Ela combina elementos de sufocação, deserção, cegueira e isolamento da realidade. Todos esses elementos operam numa caverna, embora sejam irreais. Quando Paine entrava numa caverna de morcegos, seu coração disparava, cada batida era um alarma camuflado. Quando a claridade da entrada desaparecia, seus pulmões se tornavam um par de vácuos e seus membros dormentes. A cada passo, sentia a caverna fechar-se atrás dele. O brilho da lâmpada de seu capacete era uma lua fantasma sem referências para ele, como um vagalume num caixão.

Passado o limiar do pânico, obrigava-se a penetrar mais fundo na caverna, aparentemente mais seguro quando sua sanidade retornava. Seus olhos se esbugalhavam atrás dos óculos. Mesmo tentando se concentrar nas técnicas do trabalho com as cordas ou quando estendia uma rede etérea de fio superfino, ele experimentava seu terror quente e salgado.

Então, alguém ligava uma lâmpada e a caverna acordava num turbilhão de asas em pânico. Quando o ruído das asas e os guinchos dos morcegos formavam um ronco vertiginoso, só então, ocasionalmente, Paine libertava seu grito de terror.

Ele era inteligente o bastante para saber que não era um covarde. Infelizmente, era inteligente o bastante também para saber que a razão pela qual voltava às cavernas era para imitar o pai, e ao imitar um homem melhor, ele se tornava uma farsa.

Não importava em quantas cavernas tivesse entrado e quão competente parecesse ser.

O pânico secreto brotava sempre até que os riscos fossem tão grandes que seus olhos deixassem de apertar-se na escuridão envolvente.

Com exceção de seu pai, ninguém sabia desse fato, por isso Joe Paine tinha de continuar quando os outros voltavam para trás.

Por isso, o melhor homem morrera injustamente naquela caverna no México. Mas não sem antes deixar um presente de despedida. Como restos de uma fogueira, o medo de Paine cedeu e desapareceu.

A areia do deserto tinha a consistência de cinzas compactas. Para Paine, o deserto era uma terra incendiada e constantemente em chamas. Um alívio comparável à noite.

Após um percurso de cinquenta quilômetros, ele parou à sombra de um canyon chapado, de paredes amarelas, e montou seu laboratório. Como o cinto, era também uma construção imaginada por ele próprio. Compunha-se de tubos de alumínio atarraxados horizontalmente à parte mais alta da traseira do Rover e de um telescópio projetado para trás fixado sobre tubos enterrados na areia. Sobre essa estrutura, estendia uma rede muito fina de arame que se ajustava em torno das portas abertas do Rover e da entrada na outra extremidade. Ele estendeu a rede e prendeu-a no solo por meio de orifícios distantes quinze centímetros um do outro; o efeito geral era de um casulo brotando do caminhão.

Dentro do casulo, armava mesas e o equipamento. Do refrigerador do Rover, saíam as gelatinas com culturas de sangue. Os tubos de ensaios. Frascos com tampas de borracha contendo soluções mortíferas. Microscópios e *slides*. Uma caixa preta e quadrada com sessenta centímetros de lado, com a frente coberta por um crepe negro. Paralelo à caixa ele colocou o tubo com as amostras do rebanho.

Puxou o capuz negro para o lado e desenrolou um fio de extensão de dentro da caixa e ligou-o a uma pilha elétrica colocada sob a mesa. Um painel branco e brilhante — do tipo usado para os raios X — acendeu-se sob um mapa de acetato das reservas navajo e hopi. Paine retirou o mapa. Com um escalpelo limpo, cortou o dedo mínimo e derramou três gotas de sangue sobre o painel brilhante. Sobre o tabuleiro manchado de sangue, colocou uma cobertura de plástico transparente com uma abertura circular presa por um fio.

Pegou o tubo com as amostras, sacudiu-o com cuidado, contou as pulgas no fundo do vidro e vagarosamente desatarraxou a tampa, introduzindo um cartão entre a tampa e o tubo.

Virou o tubo e o cartão, e puxou o cartão ao adaptar o tubo na cobertura de plástico. Fixou então um microscópio sobre o painel e puxou o capuz de crepe, cobrindo a cabeça.

Aumentadas no 20X, as pulgas se remexiam desconfortáveis dentro dos limites do painel e da cobertura. Entretanto, o calor do painel brilhante espalhou o odor suculento de um matadouro. As antenas se repuxaram e os pelos dos palpos se enrijeceram. As pulgas de cachorro e as carnívoras foram as primeiras a se voltar para as gotas de sangue em forma de balões, mas as cegas *X. cheopis* e as pulgas de morcego acompanharam o assalto. Havia o suficiente para todas. Os élitros surgiram dos estiletos suclórios e mergulharam no sangue.

No 50X, os corpos das pulgas ficavam transparentes. Paine observou o fluxo vermelho correr pelo estilete, atingir o esôfago e derramar-se no estômago. As paredes da faringe e do esôfago se dilatavam e se contraíam, bombeando o sangue para dentro. Estudou primeiro a pulga de cachorro, a pulga carnívora e a *X. cheopis* antes de focalizar uma das duas pulgas de morcego que se alimentavam. Um fluxo vermelho circulou através do estilete, girou e percorreu o caminho de volta até a gota de sangue. A pulga de morcego estava doente, vomitando o alimento, morrendo lentamente de inanição. No 75X Paine pôde ver por quê. Uma massa gelatinosa bloqueava o esôfago, distendendo-o de tal modo que a válvula funcionava mal, despejando tanto sangue quanto aquele que sugava. A outra pulga de morcego sofria o mesmo bloqueio.

Paine retirou o tubo da cobertura e introduziu uma das mãos enluvada. Pinçou uma das pulgas de morcego e esmagou-a no recipiente com gelatina para cultura de sangue.

A segunda pulga de morcego foi pinçada com cuidado e colocada sobre uma lâmina, onde Paine comprimiu seu estômago. Um esguicho vermelho jorrou sobre a lâmina. Paine mergulhou a pulga numa solução mortífera. Introduziu novamente o tubo na cobertura.

Paine passou para outra mesa eclipsada por um microscópio fluorescente.

O microscópio tinha lentes comuns compostas, montadas segundo um sistema de lâmpada de mercúrio oscilante, telas de radiação e filtros ultravioleta que iluminavam o campo de visão com uma luz violeta-azulada.

Era um aparelho desengonçado, quente e que consumia muita força, mas Chee insistira em que não deveria haver outras comunicações entre Paine e os laboratórios navajos em Ship Rock, exceto através do rádio. E o laboratório fluorescente era um laboratório bacteriológico completo.

Paine preparou uma lâmina com o conteúdo do estômago da pulga de morcego, secou-o e o tingiu com um preparado fluorescente. Colocou a lâmina sob o aparelho, cobriu a cabeça com o capuz, acendeu a lâmpada e focalizou.

O preparado continuava a agir. Paine esperou, temendo apenas que as batidas de seu coração atrapalhassem o foco delicado. Embora estivesse à sombra do canyon, o calor da lâmpada fazia o suor escorrer pelo seu pescoço e peito abaixo.

Na lâmina, organismos invisíveis começavam a se tornar visíveis contra o fundo escuro. Eram bacilos curtos, ligeiramente semelhantes a alfinetes de segurança.

Bacilos de peste. Os morcegos transportavam peste.

Chee tinha contratado o homem certo.

No caminho de volta a Gilboa, tendo deixado a mulher com a família, Selwyn rugia bêbado.

— Então, Walker Chee ganhou de você, hem? Você foi atingido pela chave de Phi Beta Kappa e comprou uma briga. Você sempre afunda a perna até o joelho num buraco de escorpião antes de olhar onde anda? Não está tratando com outro selvagem, rapaz. Está brigando com a Companhia Peabody de Carvão e a Kennecott de Cobre. Meu amigo, você é uma tartaruga na auto-estrada do progresso. Sabe o que acontece com tartarugas em auto-estradas?

Jovem devolveu a garrafa de Selwyn. Começava a sentir uma leve tonteira.

— Você está com a razão, não está, Selwyn?

— Certo, estou com a razão. Olhe a estrada. Não foi bom você ficar tomando a minha bebida, veja se não me mata. Sabe, Tonto, não posso

acreditar que Abner esteja morto. Acho que vou beber em homenagem a ele.

— Pensei que detestasse Abner.

— Eu? Nunca! Um cara sensacional. Meio esquisito, mas ainda assim um grande sujeito.

— Não era quacre também.

— Vamos fazer um brinde aos quacres. Agora, que diabo, veja se fica na estrada.

Jovem saiu da estrada com o jipe e passou entre dois cactos barrigudos. Continuou se distanciando da estrada enquanto Selwyn se agarrava ao para-brisa.

— Aonde vamos? — gritou Selwyn.

— Você quer beber em homenagem a Abner, pois então vamos beber.

O jipe sacudiu quando Jovem acelerou sobre as pedras de um córrego seco. Adiante, o terreno formava pequenas elevações de pinhões e Algarobos que o povo do sudoeste gostava de chamar de colinas. A velocidade do jipe criava uma falsa brisa.

— Minha bexiga! — Selwyn advertiu.

Jovem não estava ouvindo. Precisava sentir o sopro do vento no rosto e a tensão física por manejar um veículo em alta velocidade sobre pedras escorregadias sem perder o controle.

— Segure-se.

— Santo! — Selwyn exclamou quando o jipe voou sobre um lado do córrego e caiu sobre duas rodas, depois quatro.

Jovem, mais calmo, diminuiu a marcha enquanto procurava caminho entre os Algarobos. Onde a água era quase inexistente, o Algarobo permanecia um arbusto franzino, mas onde havia um lençol de água razoável, o Algarobo se tornava uma árvore de verdade com folhas verde-oliva. Quase um quilômetro adiante, ele vislumbrou o amarelo brilhante dos ramos das árvores paloverde por entre uma moldura de Algarobos, como a plumagem de pássaros amarelos.

— Estamos indo para onde estou pensando? — Selwyn murmurou.

O rastro de poeira do jipe dava voltas pelas colinas. Os espigões floridos do cacto *cholla*, com poucos centímetros de comprimento,

estavam sob os pneus. Para Selwyn, bêbado ou sóbrio, o deserto era um labirinto.

Nunca tinha entendido por que os hopis eram uma tribo de gente permanentemente perdida e errante. Por algum motivo, pareceu-lhe que Jovem tinha escolhido uma elevação de árvores de paloverde dentre todas as outras.

Jovem parou o jipe.

— Traga a sua garrafa.

— Você sabe que sempre odiei aquele filho da puta.

— Venha.

Apoiaram-se um no outro e subiram aos tropeções por entre as árvores. Jovem se lembrou que deveria ter trazido alguma coisa, uma tigela de farinha de milho ou uma barra de açúcar para o espírito de Abner comer. Selwyn tropeçou e escorregou.

— Você pode andar — disse Jovem.

— Olhe, se eu pudesse caminhar, estaria indo na direção contrária.

Jovem passou o braço de Selwyn sobre seus ombros e quase o carregou ladeira acima. Passaram sob os ramos baixos e com dificuldade pelo meio das papoulas, enquanto os xingamentos de Selwyn cresciam em intensidade. Soprou um vento forte. As árvores se curvaram.

No alto do morro, Selwyn escorregou do ombro de Jovem e caiu de joelhos. Em volta da cova havia poeira e pedras, e a cova estava vazia.

— Ele não está morto — disse Selwyn. — Eu sabia. Aquele canalha se levantou.

Jovem caminhou em torno do buraco. Nem o lençol que o envolvia fora deixado.

— Ele está morto. Alguém o desenterrou.

— Não vejo marcas de pés ou pegadas. Ele saiu sozinho. Eu lhe disse que era um feiticeiro.

— Um saqueador de túmulos não é obrigado a deixar o nome. Foram aqueles infames lá do planalto, os antigos amigos de Abner. Ou então aquele *pahan* que já tinha tentado apoderar-se de Abner antes. Paine.

— Não, ele se levantou. Ele não está morto, meu bom Jesus, não está. Sinta este vento. Cristo, ele está andando por aqui. Está ali.

— "Miguel, leve o barco para a terra, aleluia, Miguel, leve o barco para a terra, aleluia! O rio Jordão é profundo e largo, aleluia, há leite e mel na outra margem, aleluia!"

O hino se misturou aos ruídos de pratos de alumínio e utensílios que eram distribuídos, e ao chiado de hambúrgueres na fogueira do acampamento. John Franklin regia o coro com um cigarro. As pessoas estavam sentadas em camas de campanha; a fogueira projetava suas silhuetas ondulantes ao lado da camioneta.

— Excelente — aplaudiu Franklin. — Não estava excelente, Srta. Dillon?

Anne forçou um sorriso amarelo.

— Minha voz não é mais a mesma. Lá! — uma das senhoras ensaiou uma nota aguda.

— Estou com fome. Deve ser devido ao ar do deserto.

— George, você teria fome até debaixo d'água.

Anne distribuiu batatas fritas e pães. Desde a partida de Gilboa, suas tarefas piedosas se estendiam à cozinha e à limpeza. Contanto que dessem algum dinheiro para a reserva, lembrou a si mesma.

— Cada um pode preparar o próprio bife.

— Eu só gosto de hambúrgueres mal passados.

— O café ainda não está pronto? Ai, aqui o frio é penetrante à noite, não é?

— Agente firme, Henry — disse Franklin, um momento antes de Anne responder com uma frase que soou vagamente igual.

— Ei, ouçam isto!

Todos se calaram. Anne tinha armado o acampamento no final da tarde numa área que parecera confortavelmente rodeada por ramos de *ocotillos*. A noite camuflou os *ocotillos* e a fogueira aproximou o círculo sombrio dos cactos arborescentes. Um lamento se arrastou pelo deserto.

— É uma coruja — disse Anne. — Elas se aninham em buracos nos cactos.

A Sra. Franklin continuou a fitar a escuridão. Não se recobrou da visão daquele velho índio que tinham encontrado morto na véspera. Já vira pessoas mortas em outras ocasiões; Deus era testemunha de como já fizera muitas visitas a hospitais. Mas aquilo era morrer como gente.

Aquele índio morrera como um animal qualquer, como um pombo numa calha, pensou. Coisas assim não deviam acontecer. E o deserto a incomodava. O frio cortante a desorientava.

Ela estava habituada às nuvens plácidas e ao verde majestoso das árvores de Minnesota. O deserto, ao contrário, parecia um cemitério, e os cactos arborescentes, túmulos.

— É muito bonito — mentiu. — Ainda temos mais lenha para a fogueira?

— Deixe isso para lá, Claire — uma das outras mulheres respondeu. — Assim é romântico.

— Não seja metida, Claire.

— Continuo com frio — ela respondeu.

Anne se afastou do acampamento à procura de madeira. Não esperava encontrar nenhuma, nem mesmo uma planta resinosa, mas após um dia de viagem dentro de uma camioneta cheia de gente, sentiu-se feliz em poder ficar sozinha por alguns minutos na escuridão. Uma lua pairava fora de alcance acima dos braços levantados de um cacto arborescente morto. Anne estava a cerca de três metros do acampamento quando escutou passos às suas costas.

— Sou eu — disse Franklin. — Pensei que você talvez precisasse de alguma ajuda.

— Não há madeira por aqui.

— Eu sei.

Franklin demonstrou cumplicidade e em seguida mudou de tom e comentou:

— Voltou a considerar a minha proposta, Srta. Dillon?

— Não. Não me vejo como uma secretária.

— Ora, mas poderia ser muito mais interessante do que isso. Realmente, você prestaria uma ajuda mais pessoal. Iria adorar a viagem. Vai haver uma convenção do Conselho Mundial de Igrejas em Londres neste inverno. Conheceria muitos bons cristãos.

— Isso seria uma variação.

Enquanto Franklin procurava decifrar o insulto de Anne, sua mulher o chamou da camioneta.

— Não se preocupe, John, não se incomode. Observou o marido e a jovem retornarem.

— Um cobertor resolve.

Junto à fogueira, Anne serviu nos pratos hambúrgueres e feijões de uma panela que se encontrava no meio do carvão. Franklin fez a oração.

— Srta. Dillon — disse Henry, o homem faminto —, não consigo deixar de pensar no delegado com o qual nos deparamos. Todos os hopis são tão pouco cordiais quanto aquele? Tive a impressão que depois de todo o trabalho que você desenvolveu por esse povo, ele não tem qualquer gratidão. De que adianta dedicar trabalho e dinheiro se essa gente cospe na mão que os alimentou?

Entre uma mordida e outra, houve um eco geral de concordância em volta do fogo do acampamento.

— Acho que as fundações não podem depender de gratidão — Anne disse.

— Claro que todos nós sabemos disso — John Franklin observou. — O que na verdade queremos de você é um testemunho sobre o caráter deles. Bem, tomemos o delegado como exemplo. Como o explicaria?

— Não sei o que quer dizer com "explicaria".

— Ele foi o único hopi que encontramos até agora, sem contar as mulheres que faziam potes. Parece ser amigo seu, você falou muito nele.

— Você vai conhecer outros índios — Anne tentou se esquivar da pergunta. — A família Momoa, gente na Dança da Serpente.

Ela não gostou do caminho que a conversa tomava. Franklin queria castigá-la por ela ter recusado sua proposta, e os outros se associavam. Ou talvez a paranoia de Jovem fosse contagiosa. Mas o tédio que começava a se instalar no grupo desaparecera completamente.

— Ele é um bom amigo? — Claire Franklin perguntou.

— Sim. Mas é preciso aprender a conhecê-lo.

— Bem, aparentemente você aprendeu, querida. Como foi que conseguiu isso?

— As minhas respostas podem não ser iguais às suas. Era uma evasiva pouco convincente, Anne tinha consciência disso.

— Vejam, eu vivi aqui algum tempo.

— Sozinha? — uma das outras mulheres perguntou, com um brilho estranho nos olhos.

— Nós não vivemos aqui — Franklin deu à pergunta um tom mais digno. — Não tivemos o privilégio. Agora, você mencionou a possibilidade de ajudarmos essa gente. Na verdade, estou inclinado a duvidar se teríamos a vantagem de sua companhia caso você não pudesse abordar um determinado assunto e receber algum tipo de auxílio. Mas para que possamos ajudar este povo, você precisa nos ajudar. Diga-nos alguma coisa a respeito do seu delegado.

— Tudo o que posso dizer a vocês — Anne respondeu após um rápido raciocínio — é que ele é um homem do deserto. Uma criatura do deserto. É necessário ser um tipo muito diferente de animal ou de planta para sobreviver aqui. Ser muito rijo e auto-suficiente.

Olhem, tomem os arbustos aqui à volta como um exemplo. Eles crescem afastados uns dos outros, e uma das razões para isso é que cada arbusto espalha um veneno em torno de si que mataria outra plantinha nova. Tem que ser assim, porque se os arbustos crescerem muito juntos, não haverá água suficiente para todos.

— Da maneira como você o descreve, ele mais parece um escorpião — comentou Franklin.

Anne olhou aquelas fisionomias idiotas, de bochechas estofadas pela comida. Qualquer interesse que ela pudesse ter sentido pela companhia deles não existia mais.

Deixou cair o prato vazio no chão.

— Vou escutar o boletim meteorológico.

Assim que entrou na camioneta, fechou as janelas para isolar o som das vozes que vinham de fora. Esticou os dedos para o rádio, mas deixou-o desligado.

— Você acha que há alguma coisa entre a Srta. Dillon e aquele delegado? — a mulher de Henry se interrogou em voz alta.

Anne olhou fixamente através do para-brisa. Jovem seria daquele jeito, tão difícil de ser abordado quanto ela dissera? A negação do amor seria uma forma de autopreservação?

— Espero que não chova amanhã — Claire Franklin suspirou. — Passar um dia dentro de uma camioneta não corresponde à minha ideia de férias.

— Pode chover hoje à noite. Está ouvindo a brisa?

— Passe o ketchup, por favor.

— Estou escutando a brisa, mas não estou sentindo.
— Imaginem só, a Srta. Dillon e aquele delegado!
— Por que você e a Srta. Dillon não trouxeram mais lenha, querido?
— Agora, o som parece de asas.
— Não há nada como um hamburger feito ao ar livre.
— Você sabe, ela estava me importunando a respeito daquela doação.
— Há muita gente mais perto de casa que precisa de ajuda.
— Continuo procurando o ketchup.
— Olhem a lua.
— Não consigo vê-la.
— É exatamente o que eu quis dizer. Estava ali há alguns segundos atrás.
— Não se preocupe, achei o ketchup.
— Trate de ficar longe dela, John, isto é tudo o que tenho a dizer — Claire Franklin murmurou..
— Prestem atenção.
— Oh! — a Sra. Franklin pôs-se de pé num salto e sacudiu os braços. — Um morcego!
— Não vejo nada.
— Pelo amor de Deus, querida — Franklin estava aborrecido. — Ele não vai se aninhar no seu cabelo.
— Isso é um truque de mulheres velhas. — Henry jogou o frasco de ketchup para o lado. — Não sei, talvez eles só importunem mulheres velhas.
— Mais um! — Claire encolheu o pescoço.
— Está bem, está bem. — Franklin ficou de pé, segurando um cobertor. — Mostre-me.

Um som abafado cortou o ar sobre o acampamento. Claire Franklin cambaleou, com as mãos sobre a cabeça. Afastou as mãos. Um talho se estendia da sobrelha esquerda até a têmpora direita, e do ferimento, acima dos olhos, corria uma cortina de sangue.

— John! — ela gritou. — Socorro!

Franklin sacudiu o cobertor, e tropeçou como se alguma coisa semelhante a um punho o tivesse atingido entre as omoplatas. Sentiu

que dentes penetravam em suas costas.

— John. — Henry, assim como os outros, não entendeu o que estava acontecendo. — John, o que está acontecendo?

Então o ruído, primeiro como o dispersar de folhas secas, depois como uma onda arremessando-se sobre degraus, invadiu o acampamento. Espalhou-se e cobriu o acampamento. Dez, vinte morcegos sobre um corpo. Centenas rodopiando logo acima.

— Maude!

Henry atirou-se ao chão com dois morcegos em seu pescoço e viu um corte abrir sua mão. Mais adiante estava sua mulher, sobre um dos joelhos, aos berros sob uma capa de morcegos. Um morcego se fixou em sua bochecha. Outro pousou no chão. Abriu as asas e se precipitou na direção de Henry como uma aranha.

O chão estava coberto por morcegos que corriam. Claire Franklin levantou-se do chão qual uma estátua vermelha. Outro vulto, aparentemente com duas cabeças, correu pelo meio da fogueira. Franklin e outro homem rodavam como dançarinos enlouquecidos.

— Aqui! — Anne gritava da porta da camioneta. Henry vacilou contra a porta, fechando-a.

Curvava-se sobre a camioneta cada vez com mais força à medida que os outros tentavam jogá-lo ao chão ou empurrá-lo, subindo uns sobre os outros.

— Afastem-se! Deixem-me abri-la! — Anne berrava do lado de dentro.

Eles não a escutavam. Ela os ouviu guinchar. Anne jamais vira morcegos tão grandes e, uma vez que os homens tinham deixado de reagir aos morcegos para brigar entre si, os morcegos se amontoaram sobre eles pavorosamente. Os esforços dos homens se tornaram grotescos, como se nadassem em câmara lenta. Nadadores que não se diferenciavam entre si. Havia apenas gritos, olhos arregalados e uma mão que besuntou de sangue o para-brisa.

Anne deu um chute para abrir a porta. Dois vultos entraram atropeladamente, e o segundo bateu a porta e a trancou.

— Os outros...

— Cale-se — Franklin empurrou-a.

Os outros bateram nas janelas, inutilmente. Uma combinação de terror, confusão e perda de sangue começou a se desenvolver. Uma mulher envolta numa capa de morcegos agarrou o braço esquerdo com força e caiu de costas. Num segundo, seu rosto estava coberto. Sufocado.

— Precisamos deixá-los entrar. — Anne lutava contra Franklin.

— E deixar que os morcegos entrem também, você está louca?

— Não pode deixá-los morrer.

— Você nos meteu nisso. Ajude-me a segurá-la, Henry. Um antebraço molhado envolveu o pescoço de Anne. A princípio, ela pensou que estava sendo estrangulada, mas eles estavam empurrando-a para o banco de trás, para longe da maçaneta.

Claire se arrastou para debaixo da camioneta a fim de livrar as costas dos morcegos. Uma fileira compacta acompanhou-a sob o veículo. Outro vulto se ajoelhou, de mãos postas, com os braços e o corpo cobertos por morcegos. Por fim, os gritos decresceram em intensidade, encobertos por ruídos apressados de patas sobre o teto da camioneta e pelos gritos dos morcegos, excessivamente altos para serem percebidos pelo ouvido humano, mas sempre uma pressão sutil e incessante na consciência.

Franklin ligou o motor e acendeu os faróis.

Um vulto se dirigiu à camioneta, agitando uma vareta em chamas. Sua camisa e seus cabelos pegavam fogo. Uma nuvem de morcegos o acompanhava.

A camioneta partiu, sacudindo-se sobre Claire, e parou. O homem em chamas bateu a vareta contra uma janela enquanto o motor de arranque gemia e finalmente pegava. A camioneta estraçalhou um *ocotillo*.

— Não pode deixá-los — disse Anne.

— Faça-a calar-se — Franklin ordenou.

Anne se livrou de Henry. Tudo em que tocava era carne viva.

A camioneta empurrou um cacto arborescente, amassando o farol direito enquanto o sangue não cessava de correr pelos olhos de Franklin. Mas ele conseguiu encontrar o caminho e ganhar velocidade. Um ou dois morcegos bateram as asas com força acima deles. Ele pisou

no acelerador até o fundo, esquivando-se dos cactos altos e esmagando cactos e arbustos menores.

Por sorte, encontrou a estrada de terra por onde Anne chegara ao local do acampamento. A estrada era acidentada, mas em linha reta, e a camioneta se balançava a cem quilômetros, distanciando-se dos últimos morcegos.

Graças a Deus, Franklin não cessava de pensar. Graças a Deus.

Por meia hora, Franklin correu atrás do fecho de luz de seu farol solitário. Henry tinha entrado em estado de choque, enquanto Anne, entorpecida, deixava a cabeça cair com o ziguezague da camioneta. No meio daquele pesadelo, ela não queria sentir nada. Franklin lançou-lhe um olhar pelo espelho retrovisor.

— Vou fazer uma chamada pelo rádio — disse ele.

— Não há nenhum rádio aqui. Ficou no acampamento, tudo está por lá.

— O mínimo que você pode fazer é me dar um pano. Continuo a perder sangue.

— Então, deixe que eu guio, conheço o caminho.

— Para você voltar? De modo nenhum. E quando sairmos daqui, pode deixar a história por minha conta. Não se esqueça, foi você que nos meteu nesta situação. Alguma vez em sua vida tinha visto morcegos como aqueles?

— Ninguém jamais viu morcegos como aqueles – ela disse numa voz monótona.

— Exceto aqui. — Ele riu com amargura. – Como está Henry?

— O pulso está fraco, mas ainda está melhor do que os outros que você deixou para trás.

— Olhe, você pode me agradecer por estar viva. Quase não saímos de lá. Fiz o que devia ser feito. Quando formos socorridos, eu conto o ocorrido.

— Vá para o inferno.

Como é que morcegos podiam comportar-se daquela maneira?, Franklin perguntou a si mesmo. Raiva. A garota não tinha medicamentos com ela e, além disso, não tinha sido mordida. Não tinha por que se preocupar. Ele é que precisava ser socorrido.

Um fiapo de nuvem atravessava o luar. O sangue continuava a escorrer de seus olhos. A estrada desaparecia sob rajadas de areia trazida pelo vento. Um algarobo bateu contra as janelas.

— Você não conhece o caminho — disse Anne. — Tem que me deixar guiar.

— Sou eu que corro risco de vida — disse ele impensadamente.

Ao ouvir as palavras em sua boca, tomou consciência do arrepio que percorria seu corpo. Não deu importância ao ar da noite ou à pressão baixa, apenas à viscosidade fedorenta e ao cheiro semelhante à amônia. Os pneus deslizaram na areia.

— Veja para onde vai — Anne preveniu.

Ela se curvou para a frente. Franklin respirava ruidosamente pela boca e seus olhos pareciam vidrados sob as pálpebras vermelhas.

— Você vai entrar em choque. Precisa parar. Devagar.

Agarrado ao volante como se fosse a própria vida, concentrou-se no único fecho de luz que se tornava mais estreito e vermelho.

— Diminua a velocidade — Anne falou propositalmente no ouvido dele. — Você precisa me deixar pegar o volante.

À medida que Franklin perdia a faculdade de falar, mais ele se concentrava no fecho vermelho de luz. O farol cintilou com os insetos noturnos, com asas e olhos e promessas calorosas. Inacreditavelmente, ele estava alcançando a luz. A estrada vermelha se expandiu e o recebeu.

— Vou pegar o volante agora.

Anne esticou os braços sobre seus ombros. Quando ela encostou o antebraço em suas clavículas, a camisa se moveu e um morcego levantou a cabeça da cova úmida que tinha feito no peito de Franklin e arreganhou os dentes vermelhos para Anne.

A estrada fazia uma curva. A camioneta continuou em linha reta decependo pela raiz dois cactos arborescentes gigantes, e mergulhou entre tamarizes, antes de se chocar contra uma duna e capotar.

CAPÍTULO 4

Isa Coloma sentia frio. Estava nos meses da Lua do Falcão e a neve o cobria. Ela caía em seus olhos, seu cérebro, entre suas costelas até o coração.

Isa Coloma, sedento e quente, lutava em sua febre contra as tiras que o mantinham estendido, ao sol, sobre um vagão de feno diante da cabana de Jovem. Seus pulsos e tornozelos estavam em carne viva. Nos ombros, no dorso de uma das mãos e, pior, no pescoço havia bubões vermelhos e inchados. Os nódulos linfáticos se tornaram luas intumescidas de doença em torno das quais o resto de vida de Isa iria gravitar.

Seus pais estavam dentro da cabana.

— De manhã, fui buscá-lo como de hábito. — Richard Coloma torcia a aba do chapéu. — O rebanho estava todo morto. Imagino que um felino os atacou. O garoto estava bem, exceto por alguns arranhões e por estar agindo de modo estranho. Nós o mandamos para a cama e ele foi, mas começou a ter febre e aqueles tumores, então viemos atrás de Abner.

— Provavelmente, ficaremos arruinados sem o rebanho. Não sei, talvez a gente consiga outro rebanho — disse Irene Coloma —, mas ele é nosso único filho.

O pai girava o chapéu nas mãos, cinco centímetros de cada vez, enquanto, respeitosamente, Irene cruzava as mãos sobre o avental,

como se ela e o marido estivessem num salão de mármore de um tribunal em vez de num cômodo sujo de tábuas.

— Abner morreu — disse Jovem. — A Srta. Dillon está fora, no deserto. Vocês lhe deram uma aspirina?

— Ele não consegue engolir.

— Ele está com um febrão — acrescentou o pai. — Fica tremendo e não consegue se manter de pé.

Jovem não queria ir olhar o menino. Não sabia nada de medicina. Havia uma clínica em Tuba City e os Coloma poderiam chegar lá até a tarde. Ainda assim, levantou-se da cadeira. Se eles se sentiam melhor com isso..., disse para si mesmo.

— Você vai dar uma olhada nele?

— Sim, vou.

Ele estava de ressaca por causa do uísque ordinário de Selwyn, e o sol muito branco foi uma martelada em sua testa. Jovem parou junto à carroça de feno apertando os olhos.

Quando viu o suor e a inchação rosada e brilhante no pescoço do rapaz, os traços de seu rosto se distenderam. O rapaz começou a tremer e a retesar o corpo, contorcendo-se como um arco até tocar a carroça apenas com os ombros e os calcanhares. A mãe se aproximou para confortar o filho.

— Não! — advertiu Jovem. — Afaste-se.

— Por quê? Eu ia...

- Não toquem nele, não toquem nele, não fiquem a menos de dois metros dele. Vão até o armazém e arranjem alguns cobertores. Na volta, passem pelo frigorífico. Vão encontrar um alce em pedaços que é meu. Enrolem a carne nos cobertores e tragam para mim.

— Claro — Richard Coloma respondeu inseguro.

— Esperem, mais uma coisa. Algum de vocês foi mordido por pulgas ultimamente?

— Não.

Jovem voltou à cabana e chamou Cecil Somiviki pelo rádio. A mulher de Cecil respondeu à chamada e disse que o xerife tinha ido a Shongopovi lavar cobras para a festa.

Jovem ficou sentado diante do rádio. Era sábado. Se continuasse a chamar a Saúde Pública do Arizona durante quarenta e oito horas,

talvez conseguisse uma resposta, talvez conseguisse um médico. A cidade mais próxima era Flagstaff.

Agora era a estação de mergulhos e banhos de piscina por lá; não iriam enviar uma das ambulâncias até a reserva.

Depois, havia as clínicas navajos em Tuba City e Ship Rock.

Sintonizou o rádio numa faixa que jamais usara antes, a da capital navajo.

— Chamando Window Rock. Aqui fala o delegado hopi Duran chamando a polícia navajo. Respondam, por favor.

— Aqui é Window Rock. Você disse hopi? Câmbio.

— Estou em Gilboa.

— Sabemos onde fica sua base de operação, Duran.

— Tenho aqui um possível caso de peste bubônica.

Uma hora depois, um Navajo Air Beechcraft de oito lugares, branco, listrado de azul e com um sol navajo amarelo na cauda, aterrissou exatamente em frente à cabana. Dois policiais navajos com capacetes brilhantes de plástico preto e branco se mantiveram por perto enquanto médicos, usando luvas e máscaras, retiravam a carne gelada que Jovem tinha colocado ao lado do rapaz para mantê-lo frio. Isa foi rapidamente removido para um mesa de metal e fechado dentro de uma tenda transparente de oxigênio ligada a um aparelho de ar refrigerado e um esterilizador de germes sob a mesa.

Seus pais observavam fascinados, como se o filho estivesse sendo transformado num ser extraterreno. Continuavam a passar os olhos por Jovem, mas Walker Chee estava no comando.

— Isto não é peste necessariamente — Chee explicou a Jovem. — Observamos todos os possíveis portadores de pulgas que transmitem peste. Ratos, marmotas, coelhos, esquilos. Exercemos um controle estrito sobre isso. Provavelmente, o rapaz está com febre de arranhadura de gato.

— Claro. Estou só um pouco surpreso que você tenha acompanhado os médicos com todas as indústrias que precisa controlar — disse Jovem.

— O que eu puder fazer para ajudar, farei.

Chee vestia um blusão turquesa com monogramas nos bolsos. Ele acendeu um pequeno charuto.

— Você acertou em cheio chamando-nos. Estava enganado a seu respeito. Muita gente teria deixado que essas pessoas procurassem um médico-feiticeiro e então, Deus nos perdoe, se temos aqui um caso de peste, poderíamos ter um problema de outras infecções. Decididamente, faremos um ótimo relatório a seu respeito.

— Isto é maravilhoso — Jovem respondeu com voz monótona.

Observou os médicos empurrarem a mesa com rapidez. Suavemente. Apesar da antipatia que sentia por Chee, Jovem tinha que admitir que estava bem impressionado. Aos trinta e oito anos, Chee governava uma área maior do que muitos Estados.

Se o seu sorriso brilhante e suas roupas eram capa da *Business Week*, talvez fosse porque ele o merecesse. Tinha atraído aquelas indústrias, clínicas médicas e pás mecânicas para explorarem o carvão do planalto, e pesquisas de urânio no deserto e uma rede de semicondutores de eletricidade em Ship Rock; um colégio comunitário indígena e grupos de investidores brancos de Fênix e Dallas. Jovem estava muito impressionado pelo fato de um homem como Walker Chee, que não era médico, vir supervisionar pessoalmente o atendimento a um rapaz hopi. Um pouco cético, também.

— Você não tem outros casos em suas terras? — perguntou Jovem.

— De peste? Nenhum em toda a nação navajo.

— Teve algum no ano passado?

— Por que pergunta?

— Porque eu me lembro que há três anos você teve vinte casos de peste bubônica.

Os médicos voltaram para fumigar a carroça de feno com dióxido de enxofre.

— Deixe que eu me coloque no mesmo plano que você, delegado. A vida de qualquer indivíduo nas minhas terras ou nas suas é valiosa para mim. Não se pode estimar o valor de uma pessoa. Mas, com todos os problemas que temos em nossa agenda, desemprego, educação, tratamentos de saúde em geral, eu bem que gostaria que alguns casos de peste bubônica fossem nossos maiores problemas.

Após terminar o serviço na carroça, os médicos correram até Chee. Um era um jovem navajo, o outro era mais velho e branco. Os dois policiais navajos empurraram o casal Coloma para diante. Jovem reconheceu o policial mais alto, um homem musculoso chamado Begay.

— O que está acontecendo? — perguntou Jovem.

— Não se preocupe — Chee deu um tapinha em suas costas —, há lugar suficiente para todos nós no avião.

— Por quê?

— Quarentena, é claro. Apenas uns dois dias na clínica até ficarem prontos os resultados do laboratório. Os médicos podem confirmar, este é um procedimento corrente imposto pelo governo. É simplesmente para sua proteção.

Chee fez um sinal imperceptível para os policiais, que saíram de perto dos Coloma para vir rodear Jovem.

— Ande, vá perguntar aos médicos.

Jovem estava com seu 38. Descansou a mão na coroa da maneira mais casual que foi capaz.

— Então, é peste com certeza? — perguntou ao médico branco.

— Espere — Chee levantou a mão. — Eu lhe disse, eles não podem fazer um diagnóstico agora. Olhe, delegado, você pediu a minha ajuda aqui. Uma vez que eu o atendi, faça o que lhe digo. Pule como um coelho para aquele avião.

Assim como o avião luzidio dominava Gilboa, Chee dominava outros índios. Em geral, a simples força da personalidade era suficiente, mas havia outras maneiras. Ele deu um passo atrás e os médicos passaram.

— O que foi que o mordeu? — Jovem perguntou.

— Hem?

— Você disse que mantém um controle sobre portadores de pulgas. Vi aqueles ferimentos. Diga-me qual animal o mordeu.

Chee se afastou momentaneamente.

— Os pais dizem que um felino ou um coioote atacou o rebanho. Talvez ele tenha sido atacado pelo mesmo animal. Saberemos quando o rapaz puder falar.

— Se ele falar, e isso poderá ser tarde demais para mais alguém. Fale, doutor, diga que espécie de ferimentos são esses.

— Bem — o médico *pahan* aproveitou a oportunidade para encobrir a ansiedade com profissionalismo —, esta é uma boa pergunta. Não podem ser marcas de dentes porque mais parecem as fendas que se observam em patadas. Não são as marcas pontudas que os dentes caninos costumam deixar. Por outro lado, não podem ser

marcas de patadas porque são muito mais acentuadas. Não apresentam a contusão que se espera ver, e a configuração é de uma única cavidade em vez de quatro ou cinco lacerações, como são as marcas habituais de patas. Na verdade, eu só poderia descrevê-las de uma maneira: como as lesões produzidas por duas lâminas chanfradas e próximas. O que seria? Um felino, um coiote, marmota? Rato? O quê?

— Não sei dizer. Jamais vi ferimentos como esses — o médico respondeu.

— O que isto tudo vem provar? Chee perdeu a paciência.

— Já vi ferimentos como esses antes. — Jovem disse. — E vi as nódoas que os acompanham.

Begay aproximou-se.

— Vocês vão examinar o local onde o rapaz foi atacado, não vão? — Jovem falou rapidamente. — Jamais encontrarão o lugar sem os Coloma ou sem mim. Vamos ver se podemos encontrar mais alguma coisa. Já que querem ajudar.

Paine chegou ao acampamento tarde demais. Abriu a porta da gaiola de lucite de trinta por cinquenta centímetros próximo ao que tinha restado de Claire Franklin, o que consistia em sangue coagulado, um crânio esmagado sobre um rastro de pneu e uma cavidade abdominal destripada e vazia como um tambor. Quase vazia.

Paine chutou as costas da mulher e um camundongo — canguru saltou do estômago para a gaiola. A porta da gaiola fechou-se.

Os cadáveres restantes estavam mutilados por animais necrófagos e em condições igualmente precárias. O cenário deixado pelos necrófagos sempre dava a Paine uma impressão de fim de festa. Pedacos de pele e roupas espalhados aqui e ali pelo chão como flâmulas rasgadas. Corpos, uma cafeteira, restos de hamburger e marshmallows dispersos numa serenidade fatigada. Em atividade, apenas moscas e formigas e sapos-bois à espera das formigas. Uma cena para Bosch, ele pensou.

Tirou uma Coca da caixa de mantimentos do acampamento, abriu-a e se sentou.

— A razão pela qual eu os chamei aqui, o tópico de hoje, é o seguinte: o que pensam vocês sobre a morte? Vocês estão esotraçalhados, eu sei, mas parece provável que tenham agora um

discernimento construtivo. Terapia de grupo pode ser uma novidade para vocês. Mas não para mim, de modo que dirigirei a sessão.

Um assunto por onde podemos começar é se, de seu ponto de vista privilegiado, vocês encaram a morte como uma simples continuação da vida, se vocês se veem agora, pelo menos em parte, encarnados num abutre ou numa marmota ou numa comunhão da carne segundo a visão católica. Tenho consciência de que as pessoas detestam falar sobre isso. Evitam o assunto, é um destruidor de conversas. Se isto ajudar, posso lhes dizer que todo o pensamento profundo e grandioso a respeito da morte acontece durante a peste. Sabe-se que milhões de pessoas morrem durante a guerra, mas todo o pensamento é desperdiçado em patriotismo e estratégias. Vejam a peste. Estratégias são inúteis e patriotismo é ridículo. A morte apenas, nada mais do que a morte é por fim encontrado. Por exemplo, vocês provavelmente se lembram da poesia medíocre que Robert Frost escreveu sobre uma pilha de lenha apodrecendo na floresta. Não existia qualquer sentido verdadeiro de vida ou de morte. Míldio apenas. Agora comparem com o poema de Nashe, *Em tempos de pestilência*: "A luminosidade se derrama do ar; rainhas morreram belas e jovens; o pó cerrou os olhos de Helen. Estou doente, devo morrer. O Senhor tenha piedade de nós.

Paine derramou a bebida pela garganta seca abaixo, ruidosamente.

— A morte é algo muito íntimo. É tão fácil de ser esquecida. Assim como sexo, uma coisa muito íntima. Hoje em dia, as pessoas gostam de falecer e não "estar nos braços da morte". O que é fascinante a respeito da peste, vejam vocês, é que é uma morte personalizada. Quero dizer, a morte é como uma pessoa. Um amante. Houve um caso noticiado em *O Diário do Ano da Peste* a respeito de um homem condenado que correu pelas ruas de Londres beijando as moças bonitas, infectando-as deliberadamente. Matando-as. As pessoas diziam que ele estava louco. Contudo, na minha opinião, no momento em que ele corria pelas ruas, libertou a própria alma e era a morte com duas pernas e lábios.

— "Acredito que vocês comecem a entender. A peste é um beijo. Sem aquele beijo, a picada da pulga, a peste morreria. Agora vem a parte espantosa. A morte pode morrer, também. Sim, o amor nos faz a todos vulneráveis. Inclusive a ela."

Paine terminou a bebida e jogou a garrafa azul no chão. A caminho do Land Rover, pegou o camundongo engaiolado e olhou para as

espirais rochosas distantes.

— Voe, voe, pequeno morcego, como gostaria de saber onde você está. Lá no alto do mundo você voa, como uma bandeja no céu.

O helicóptero Bell UH-1 iroquês matraqueou a quinze metros de altura sobre a própria sombra enquanto tubos de metal choveram sobre o rebanho morto. O centro de cada tubo estava cevado de carne, as extremidades abertas estavam revestidas de inseticida.

Walker Chee inspecionava as carcaças com binóculos.

— Não vejo aquelas manchas de amoníaco a que você se referiu.

— Não estamos suficientemente próximos. Desça — Jovem gritou mais alto do que o ruído do motor.

— Não!

O helicóptero levantou voo descrevendo um círculo amplo. Lá dentro, os patrulheiros empurravam tambores para o alçapão, e quando o aparelho passava novamente sobre o rebanho e o caminhão de Isa Coloma, Begay despejava mais veneno, balões que explodiam em contato com o chão e transformavam-se numa farinha de milho temperada com um anticoagulante letal chamado *worfarin*.

— Tenho um encontro com Piggot dentro de uma hora no meu escritório. Vamos parar por aqui — Chee disse ao piloto.

— Posso mostrar-lhes as mesmas mordidas e manchas nos cavalos do curral de Joe Momoa — Jovem disse aos médicos.

— Não — respondeu Chee.

— O que quer que tenha atacado o rapaz e o rebanho atacou também os cavalos.

— Isso é o que você diz.

— Então, o que foi que os atacou? — Jovem apontou para a colina deixada para trás. — Um felino persegue um rebanho e ataca um carneiro. Os coiotes espalhariam o rebanho pela região. Lá atrás, existem oitenta carneiros massacrados.

— Duran — Chee balançou a cabeça —, você vê um rapaz doente e grita "peste". Você vê alguns carneiros e cavalos mortos e diz que é um mistério. Temos nos ocupado com o controle da peste há anos. Trabalhamos com o Departamento Indígena e com especialistas do Centro para Controle de Doenças de Atlanta. A peste é transmitida por pulgas roedoras. Qualquer roedor num raio de quilômetros em torno desta montanha está completamente morto agora. Sabemos como lidar

com este problema, se você permitir que nós continuemos a tratar do assunto.

— Aqueles carneiros não foram mortos por marmotas.

— Mas a peste é transmitida por pulgas roedoras. Ponha isto em sua cabeça, delegado. Não tive tempo de verificar todos os almoços de abutre que você encontrou.

— Porque você precisa voltar para os seus brancos.

— Exatamente. Porque foi a companhia de óleo dos brancos que nos deu este helicóptero para podermos despejar o veneno para você. Porque os recursos dos brancos nos fornecem fotografias de satélites que nos auxiliam nos programas de irrigação. Claro, você pode imaginar tudo isso. Porque, apesar do seu povo, vou trazer algum dinheiro para as mãos dos peles-vermelhas. Se isto não lhe agrada, você pode se retirar a qualquer momento.

Chee acendeu um charuto arreganhando os dentes.

— Você está assustado, Duran. Fica apavorado com qualquer pessoa bem-sucedida, especialmente se for outro índio. Ia lhe mostrar os computadores que estão sendo instalados na clínica, e que fariam seus olhos saltar das órbitas, mas mudei de ideia.

Não vou levá-lo para aborrecer os médicos. Além disso, este deserto é uma quarentena suficiente para você. Basta você tomar um banho com sabão antiséptico e queimar as roupas antes de se aproximar de alguém. Não posso fazer nada por você.

Chee se acomodou no assento escutando o assobio do jato e as pancadas das rotações do motor, um passageiro seguro em seu elemento. Jovem observava o solo.

Anne soltou o cabo do distribuidor e levou-o com ela, sentando-se à sombra da camioneta. Henry jazia inconsciente na areia. Franklin observava com os olhos semicerrados. Tinha quebrado as duas pernas no acidente. Os dois dedos menores da mão esquerda de Anne estavam quebrados e amarrados. Ela descascou o cabo com o canivete de Franklin. Ele cuspiu polpa de cacto no chão.

— Não adianta.

— É tudo o que temos. Deixamos tudo com os morcegos.

Quando acabou de descascar o cabo, Anne separou os fios de cobre enrolando-os um por um e pondo de lado, com exceção de um fio. Ao seu lado estava o único objeto aproveitável encontrado na camioneta,

uma vara de pescar que deveria ser usada para pegar trutas no riacho de Joe Momoa.

Com uma das pontas do fio de cobre escolhido, Anne fez um gancho de dez centímetros, através do qual passou a outra ponta do arame. A cada movimento que fazia com os dedos quebrados, sentia uma dor latejar até o cotovelo. O que era pior é que os dedos estavam escorregadios. Na quarta tentativa, ela amarrou o gancho de arame numa extremidade da vara de pescar e puxou a outra ponta por dentro da argola superior.

Franklin olhava sem interesse. Os traumatismos que sofrera eram secundários diante do fato de que se recusava a comer e a beber. A matemática da sobrevivência no deserto era simples. Sem abrigo e sem água, um homem saudável duraria um dia. Uma vez que Franklin estava perdendo apenas cerca de cinco quilos de água por dia, na sombra, ele tinha mais dois dias de vida. Para Henry, com febre, o pulso fraco e em coma, Anne dava algumas horas.

— Reze por mim — pediu Franklin.

— Não.

Ela colocou um seixo na boca para controlar a própria sede. Foram necessários dez minutos até que ela enganchasse o arame e o amarrasse no molinete. Um puxão experimental fez arrebentar o laço na extremidade da vara.

— Sim, embora eu caminhe através do Vale das Sombras da Morte...

— Você está desperdiçando energia.

— Deveria economizá-la? — perguntou. — Isto é fácil para você. É sempre fácil para os heróis. Eu encontro um pouco mais de dificuldades, minha querida. Sou um homem mau — riu-se debilmente — e creio em Deus. É uma contradição que consegui manter durante toda a vida, mas à medida que me aproximo da morte, minha situação se torna violentamente desconfortável.

— E você está perdendo umidade nos pulmões a cada palavra.

— O menor dos meus problemas. Sabe aquele morcego que estava no meu peito...?

— Você estava em estado de choque muito antes de demonstrá-lo. Não seria capaz de sentir uma faca no peito.

— A Bíblia diz que os morcegos se aninhariam nos ídolos falsos. É um presságio.

Os dedos quebrados de Anne incharam. Ela tornou a atá-los ao dedo médio como apoio.

— Você vai nos deixar, não vai? Quando o sol se esconder. O armazém não deve estar a mais de setenta quilômetros e você conhece o caminho. Poderá percorrê-lo em duas noites.

— Talvez enviem alguém à nossa procura — disse ela.

— Não. Eu me lembro que você disse que não encontraríamos viva alma até que alcançássemos as montanhas. Não somos esperados dentro dos próximos três dias. O que acha: mais dois dias até que alguém comece a ficar preocupado? Até que o seu delegado venha atrás de você? Será uma semana, então. Tenho certeza de que você já pensou nesse assunto. Irá embora esta noite, enquanto ainda tem forças.

Um pouco antes, ela tinha subido a duna onde a camioneta tinha batido. De lá, viu, ao norte, a orla distante do planalto. Ao sul, a névoa azulada dos picos de São Francisco.

No meio, nada, nem uma cabana, nem um pastor, nada além do deserto e do brilho denso do ar superaquecido que, nos locais onde o terreno era plano e estéril, dava a ilusão de água.

Ela se sentou e consertou o laço na extremidade da vara.

— Você é uma mulher bonita. Não devia morrer aqui.

— Não vou morrer.

— Talvez um índio possa viver aqui...

— Exatamente. Você aprende a viver. De um modo diferente.

Anne tirou a blusa empapada de suor e amarrou-a em forma de chapéu. Os seios nus, de mamilos escuros contra a pele clara e sardenta, se moviam a cada movimento. Vestiu o abrigo de Franklin, pegou a vara de pescar e deixou a camioneta.

Quarenta e poucos metros adiante, junto ao leito raso de um arroio seco, cavado de buracos, ela parou e esperou dez minutos, até que sua presença se tornasse parte do arroio como um besouro que subia em pedregulhos minúsculos e um focinho que vezes seguidas cheirava o ar antes de emergir na forma de um camundongo às carreiras. De cabeça para baixo, uma aranha passeava, aparentemente no ar, de um lado para outro do arroio. Um lagarto chihuahua, do comprimento de um dedo de Anne, escavava o solo à procura de escorpiões.

Ela sentiu os raios de sol em suas costas e uma gota de suor descer entre as omoplatas. As cores do deserto, quando uma pessoa podia observá-las detidamente, eram as cores de uma mulher. A distância, a textura da pele se estendia sobre as curvas suaves dos quadris, branca ao sol, parda na meia sombra e azul na sombra profunda da parte inferior dos seios. Se ela estivesse nua, pensou, poderia se tornar invisível contra a pele do deserto.

A língua do lagarto se arremessou como uma fita. Não havia lagartos chihuahua machos, apenas fêmeas que se reproduziam por clone, como se os machos fossem um luxo tão desnecessário quanto folhas num cacto. Trabalhando laboriosamente, sentindo a presença do escorpião mais embaixo, o lagarto não viu uma cascavel de quase dois metros deslizando no leito do arroio.

A cascavel escorregava com a cabeça levantada e movendo-se lentamente de um lado para outro, para melhor medir a distância do bote. Tinha escamas lisas, listradas dos lados, e a barriga clara como mármore. Concentrando-se na presa, a cobra apontou o focinho para o laço de cobre.

O lagarto disparou arroio abaixo enquanto Anne puxava a vara. A cascavel balançou-se no laço até Anne conseguir derrubá-la e esmagar sua cabeça estreita com uma pedra.

Metade da cobra seria cozida, metade seria comida crua por Anne para aproveitar sua umidade.

Ela se recusava a morrer.

Há sessenta milhões de anos, quando o longo Dia do Dinossauro se extinguiu, uma explosão de versatilidade conquistava lugar em meio a uma nova classe de vida chamada mamíferos. Alguns mamíferos se desenvolveram muito, esforçando-se para preencher o espaço vazio deixado pelos dinossauros. Outros se tornaram velozes sobre os pés ou criaram barbatanas para nadar. Alguns morcegos de árvores, pequenos insetívoros munidos de dedos ágeis e apetite voraz, desenvolveram dobras soltas de pele ao longo das costelas que lhes davam condições de deslizar entre os galhos.

O ato de deslizar se tornou mais fácil quando os três dedos externos se alongaram e se espalmaram como pés de pato. Os dentes se transformaram, os incisivos comprimidos por caninos maiores. A clavícula cresceu, as costelas se nivelaram e o externo se tornou curvo

para apoiar os músculos fortes do peito, enquanto o coração e os pulmões se avolumaram. A parte superior do braço encolheu, assim como o polegar e o indicador. Os dedos externos e espalmados se alongaram ainda mais, o terceiro dedo atingiu o comprimento da cabeça e do corpo. A capacidade de deslizar transformou-se em voo e os morcegos apareceram. Na Idade do Homem, estimava-se em duas mil as formas de morcegos.

Paine tentava escutá-los na escuridão.

Estava sentado no interior do Rover, iluminado pela luz amarela e fraca da cabina, enquanto folheava preguiçosamente um exemplar da revista *Playboy*, que pegara no consultório do médico de Chee em Window Rock. O reflexo das páginas transformava os nus. Os seios eram brilhantes como unhas esmaltadas. A loura da página central era tão lisa quanto sabão.

No alto do Rover, um microfone unidirecional girava compassadamente para a frente e para trás, descrevendo trezentos e sessenta graus. No centro do microfone havia seis tubos de alumínio preparados para vibrar em uníssono como um diapasão na mesma frequência, ainda que ligeiramente, a uma distância de quilômetros. O chamado de muitos morcegos diferentes poderia fazer vibrar um tubo, mas só o chamado ecoante do vampiro era capaz de fazer vibrar todos os tubos. Dentro do caminhão, a alça de pistola da seta do microfone estava voltada para o ouvido de Paine. Um alarma ligava a alça a uma pilha elétrica e um segundo arame conduzia a um amplificador de sinais sem distorções que, por sua vez, era assinalado num osciloscópio sobre o banco ao lado de Paine. Atravessando a tela verde do osciloscópio, havia uma linha branca tão reta quanto uma régua.

O médico de Chee tinha aplicado uma injeção em Paine. Agora, estava cheio de micróbios; uma suspensão de três bilhões de bacilos de peste mortos em fornalha cobertos por hidróxido de alumínio flutuava em suas veias. O que ele queria era novos ouvidos para novas vozes.

A noite era cheia de vozes de corujas, sapos, falcões, lagartos, camundongos, insetos, coiotes. O deserto inteiro era um reservatório de miados, latidos, uivos e guinchos. Gritos audíveis e inaudíveis. Razão pela qual ele tinha de usar o osciloscópio, porque a audição humana terminava à pequena frequência de vinte mil ciclos por segundo.

Um rosto emburrado mostrava a língua numa página da revista.

Os animais se adaptavam a formas diferentes de sobrevivência. No gênero humano, a adaptação era evidenciada externamente pelo tamanho do cérebro e pelo aparelho sexual. O pênis distendido, os seios crescidos, lábios grossos e nádegas. Entre os morcegos sobressaíam as asas e as orelhas, desenvolvidas e cheias de circunvoluções como coroas. O lóbulo da orelha era tão separado como uma adaga. Um labirinto que descrevia muitas e muitas voltas como uma concha, entrelaçado por músculos que permitiam a audição do eco mais nítido do que o chamado, um guincho que poderia alcançar duzentos mil ciclos por segundo, dez vezes a capacidade humana.

O tato era o sentido no qual a maioria dos mamíferos confiava durante a noite, quando as cores adquiriam gradações diferentes de cinza.

Os roedores se amontoavam em buracos fechados e seguros. Os homens apalpavam à procura da sensação de uma pele macia, rodeados por fantasias e limitações, cegos na escuridão.

Paine pôs a revista de lado e sorriu.

Jezebels, diria Ochay. Todos os dias até a morte, o mexicano estava ou ajoelhado rezando ou tentando incutir preceitos religiosos nos outros membros do grupo.

Depois de morto, Ochay teve a sua vingança. No alto das sierras, o caminhão de Paine quase caiu numa ravina e ele perdeu sua biblioteca particular com livros de Milton, Shakespeare e Lewis Carroll. Tudo o que restou foi um Novo Testamento de Ochay, uma cópia bem encadernada com os piores julgamentos e profecias sublinhados cuidadosamente.

Aquele foi o único material de leitura de Paine nos seis meses seguintes.

Todas as revelações estavam sublinhadas. São João, o Divino, lamentava-se no deserto, recheando a bagagem dos futuros homens malucos. "Eles têm como rei sobre eles o anjo do poço sem fundo... O resto da humanidade que não foi morto por essas pestes não se arrependeu dos trabalhos que fez com suas mãos..." As correntes do fantasma de Marley eram melhores que o livro de Ochay, Paine pensara mais de uma vez, embora houvesse partes que ele achava interessantes. "Então, eu vi um anjo de pé diante do sol e em voz alta ele chamou todas as aves que voavam nos céus. "Venham, reúnam-se para a grande

ceia do Senhor, para comer a carne dos reis, a carne dos capitães, a carne dos homens poderosos, a carne dos cavalos e seus cavaleiros, e a carne de todos os homens, livres e escravos, pequenos e grandes."

O osciloscópio estremeceu e lançou um sinal de pontos brancos. Apenas um tubo do microfone estava respondendo: um sinal errado. Os céus do Arizona estavam cheios de pequenos morcegos insetívoros: morcegos de guano, morcegos das cavernas, morcegos vermelhinhos, morcegos dos grotões, morcegos de franjas e os morcegos cabeças da morte que traziam boca e olhos brancos sobre a pelagem negra da barriga — todos rodopiando em sua caça noturna à procura de gafanhotos e mariposas, infestando o ar com seus guinchos em ultrassom a uma frequência de cento e quarenta mil ciclos por segundo.

Os tubos sensíveis do microfone de Paine vibrariam em conjunto a setenta e três mil ciclos por segundo, porque os maiores morcegos eram "murmurantes", emitindo sons de baixa intensidade através das narinas e não através da boca. Como a respiração. O microfone prosseguiu em seu movimento constante. A linha do osciloscópio voltou a se equilibrar.

Nas últimas noites, os morcegos pareciam vir do lado oeste. O ponto de partida mais provável eram os picos de São Francisco. Ele interceptara as colônias de morcegos de Mansion Mesa para o sudeste.

Solidariedade era um conceito que Ochay e São João jamais conseguiram assimilar, pensou Paine. Para eles, era a conquista do céu ou a queda no inferno, exceto a realidade do mundo. Mas a solidariedade era um dos fenômenos biológicos mais interessantes.

O metal vibrava com o canto do morcego. A carne, com o vigor do papel de revista. Estes eram exemplos simples da solidariedade mecânica. A solidariedade existente entre formas de vida era mais sutil.

A verdade é que a morte não era céus que se rachavam, nem soar de trombetas de anjos ou bigas de fogo. A morte era um verme filaria, trazido através de uma mordida de mosca, criado na pigmentação da pele humana e expelido pelos olhos. Ou um vírus do câncer que parecia saltar da lâmina e metastar a atmosfera. Ou os bacilos da lepra que tornavam os membros ornamentos murchos. A ironia era que entre imunologistas não havia imunidade e entre parasitólogos não havia prevenção. O corpo recolhia ou atirava defesas contra a atração sedutora do invasor? Raramente. Segundo as estatísticas, o organismo

dos pesquisadores se rendia com afetuosa antecipação. Com solidariedade. Os pesquisadores de câncer eram os mais atingidos pela doença. Os pesquisadores da filaria se tornavam cegos. O especialista em lepra contraía a doença. O ponto principal ao se dizer que uma doença ou um parasita era endêmico em determinada região era que eles estavam em toda parte, e não havia escapatória. Principalmente quando não se tentava escapar, mas antes perseguir implacavelmente. Onde a intimidade era uma necessidade profissional. As pessoas sempre se assombravam com os imunologistas que estudavam a progressão de uma doença repugnante através de seu próprio corpo.

Ora, se acabariam por contraí-la, que diabo poderiam fazer a respeito? O câncer brotava, os vermes engordavam, e o homem se desgastava pelas amostras. Um risco ocupacional. Quase literalmente, a pessoa se tornava a imagem de seus estudos à medida que o invasor se alastrava.

— Razão pela qual — Joe Paine costumava assinalar na Cidade do México — somos tão desgraçadamente inteligentes.

A linha do osciloscópio vibrou ligeiramente.

Paine observou a seta rotativa do microfone e a agulha girando no compasso. A linha do osciloscópio estava plana, estremeceu e endireitou novamente. Um tremor insuficiente para uma impressão. Paine tamborilou o compasso, nervoso.

— Somos tão inteligentes — Joe Paine costumava dizer — porque nosso tema é a raiva. Escolhemos uma doença curável.

O que talvez fosse o único erro que Paine se lembrava de ter sido cometido pelo pai. Porque o tema era morcegos.

Cabeceou. A linha do osciloscópio estava reta, reta, reta... um tremor... reta, reta, reta... uma impressão. Fraca e de intensidade baixa, golpeando uma oitava com três listras harmônicas. Segundo o compasso, vinham do lado oeste.

Dentro do tubo fixo da seta do microfone, bastonetes giravam em círculos excêntricos. Quatro reentrâncias registravam as alterações da seta. Ele torceu o tubo um clique, para um arco de cento e oitenta graus, girando para o lado oeste, do norte para o sul.

No osciloscópio, as impressões eram um pouco mais fortes e duas vezes mais frequentes. Aquelas deviam ser as fêmeas que lançavam sussurros suaves, regulares e perscrutadores à frente do grupo

masculino. Ele calculou uma distância de cerca de um quilômetro e uma velocidade de trinta quilômetros horários. Anotou a direção e a hora do contato num mapa pendurado.

Apesar do ar fresco da noite, ele transpirava. A maioria das "impressões" dos morcegos eram sombras graciosas em forma de sinos ou de diamantes. A voz dos vampiros era rouca, quase humana.

Novos morcegos chegaram ao alcance do microfone. Nordeste, ele concluiu e torceu o tubo outro clique, cortando o arco para noventa graus.

A linha do osciloscópio vibrava quase que constantemente. Eles vinham exatamente em sua direção.

Paine saiu do Rover e ajustou um filtro ultravioleta sobre uma lâmpada de busca fixada na porta. O osciloscópio começou a apitar, engatilhado pela intensidade dos sinais. Voltou para o Rover e fechou as janelas. Torceu o tubo, outro clique marcando quarenta e cinco graus, e o osciloscópio começou a registrar sinais elétricos fortes e repetidos.

Paine retirou a tomada da pilha e passou a dirigir o microfone manualmente pela alça. A tela fluorescente do osciloscópio tornou-se branca, sobrecarregada pelos impulsos. Desligou o osciloscópio e a luz interna, pegou binóculos eletrônicos, sensibilizados, e acendeu a luz de busca. Dirigiu o fecho para o alto.

Eles chegaram, dez de cada vez, depois vinte, depois mais do que se podia contar, a cerca de dez metros acima do Rover, às centenas, uma das maiores colônias de vampiros que ele já vira. Não planavam como morcegos insetívoros, mas batiam as longas asas desembaraçadamente, cobrindo o céu e colorindo-o com asas vermelhas em forma de facas.

O motociclista dirigia seu pesado veículo pela estrada em declive da montanha. Era uma estrada perigosa, metade do percurso à beira do abismo, e, se não a conhecesse tão bem, estaria fadado a um acidente na escuridão. Manteve a velocidade, mais por medo do que por qualquer outro motivo.

A beirada da estrada, amolecida pela chuva, cedia sob os pneus. Endireitou a motocicleta e acelerou. Estava feliz por ser obrigado a se concentrar na estrada e, ao alcançar um ponto quase totalmente alagado, atirou a moto sobre o barranco interno da estrada, com habilidade, até o caminho se tornar outra vez trafegável.

Ele tinha sorte, disse para si mesmo, mais do que o irmão. Alguém precisava ter ficado fora, junto ao curral, durante a noite para atirar no que quer que viesse atacar o gado. Seu irmão quis ir para experimentar a nova 30-30, que ele conseguira com uma arma automática, duas lâmpadas de controle remoto e uma cama de campanha. Seu irmão nunca tinha atirado. À meia-noite, entrou cambaleando pela porta da cozinha, sangrando da cabeça aos pés e berrando: "Morcegos!"

O que era uma loucura.

E ele tinha mais sorte que sua família.

A velha senhora ficou nauseada primeiro. O velho teve que socorrer os dois e então passou mal também. Nada disso teria sido sério, se a tempestade não tivesse chegado e arreventado o cabo telefônico.

Jesus, quantas vezes tinha dito a todos que precisavam ter um rádio na fazenda só por precaução? Talvez um milhão de vezes. Se ele não conseguisse trazer um médico a tempo, a culpa seria deles. Um pouco de planejamento servia por muito tempo. Em primeiro lugar, toda aquela maldita estrada precisava ser consertada, nivelada em alguns lugares, se eles tinham intenção de subir com caminhões para transportar madeira. Provavelmente seria obrigado a administrar tudo durante algum tempo.

Diminuiu a marcha para achar passagem entre alguns galhos que tinham caído atravessados no meio da estrada. Um fio preto como um chicote de carruagem estava entrelaçado nos galhos. Parou e girou o guidom, balançando o farol até encontrar um poste telefônico na margem externa da estrada. O fio era o cabo telefônico.

Seguiu com a motocicleta até o poste e abriu os alforjes de couro lavrado. Ele era realmente uma pessoa de sorte, mas sorte não significava nada a não ser que se estivesse preparado. Dentro das bolsas estavam o capacete com lâmpada do técnico de cabos, luvas, cinto e um fone que ele apanhara ao deixar a Companhia Telefônica do Sudoeste. Não era um furto; todo mundo levava alguma coisa. Ninguém iria discutir se ele salvasse algumas vidas. Atou o cinto e o capacete, experimentou a lâmpada que estava fraca, mas suficientemente boa. Galgou as estacas do poste ansiosamente até o fio arreventado.

No alto do poste, teve as primeiras dúvidas. Nunca fora muito bom em trabalhos de cabo e a lâmpada do capacete parecia muito mais fraca

a dez metros do chão. Mas se trabalhasse com calma, poderia ainda economizar algumas horas ali em vez de tentar buscar socorro na moto. Não havia outras casas com telefone na área da corredeira de Dinnebito e nem telefone público, exceto próximo a Tuba City. Apertou o cinto à volta do poste mais um furo. A noite estava escura demais, embora gostasse de noites escuras para caçar texugos e, às vezes, veados. Ficava às cegas até escutar um ruído e então acendia a luz. Os animais estremeciam com os olhos alaranjados e terrificados, e ele atirava exatamente entre eles.

As luvas estavam duras pela falta de uso. Ele tinha medo de deixar cair o cabo caso cometesse um engano. O próprio fone era muito simples: tinha um disco na alça e dois arames ligados a grampos. Não conseguia firmar bem as botas nas estacas e isso o atrasava. Além disso, os grampos estavam tão cobertos de ferrugem pelo desuso que foi obrigado a raspá-los com a faca de caça. Estava prestes a ligar os arames aos grampos quando descobriu que não estava só. Dependurado de cabeça para baixo no arame, a três metros de distância, um morcego observava-o.

Os grampos escorregaram de suas luvas, mas ele os recobrou rapidamente. Era o maior morcego que jamais vira, castanho-fosco, com um focinho amassado e a cabeça franjada. Mas era apenas um morcego, e depois de engolir em seco, riu de si mesmo. Pendurou a faca no cinto para deixar livre as duas mãos e prendeu o fone no arame. A luz do capacete percorreu o cabo. Havia mais cinco morcegos pendurados no arame.

Não havia nenhum morcego no fio quando ele subiu no poste tinha certeza disso. Não estava com medo, mas bem que gostaria de ter trazido uma pistola. Havia uma nos alforjes. Olhou a moto lá embaixo. A luz mal alcançava o chão, mas era capaz de apostar que o veículo estava vivo. A princípio pensou que poderiam ser sapos rodando e saltando pela estrada, mas, então, olhou em linha reta para baixo e viu que a metade inferior do poste estava coberta por eles e que estavam subindo, pelos lados e por trás, e ele sabia quem eram e, embora inconscientemente, atrás de quem estavam. Seu coração pressentiu e começou a bater contra as costelas. A linha balançou dando um puxão no fone em sua mão. Em questão de segundos, a linha estava dura de

morcegos. Um deles levava um filhote agarrado ao peito. O filhote virou a cabeça para olhá-lo.

— Não!

Alguma coisa golpeou-o no meio das costas e jogou-o contra o poste. Ele deixou cair o cabo telefônico, que balançou. Suas calças foram atravessadas por dentes. Deu um soco para baixo e seu braço foi retalhado do cotovelo até o pulso. Fitou-o assombrado. Numa mancha suspensa, os morcegos no arame caminharam em sua direção. Ele tentou desatar o cinto, mas as luvas eram muito grossas. Arrancou a luva esquerda e imediatamente um morcego cobriu o dorso de sua mão. Havia outros em suas costas e agarrados nas suas pernas.

As mordidas eram afiadas, mas não muito dolorosas. Mais frias do que qualquer outra coisa.

Sacudiu o morcego de sua mão e seus dedos ficaram vermelhos e escorregadios. Ele sempre tivera a sorte a seu favor, e se conseguisse alcançar a moto...

Deu um chute e a outra bota resvalou na estaca. Ficou pendurado pelo cinto e observou os morcegos se arrastarem, de cabeça para baixo, do alto do poste. Suas pernas chutavam e se agitavam como se corresse no mesmo lugar por pequenos espaços, e depois disso, durante muito tempo, elas se ergueram lentamente e caíram como um corredor de maratona que chegasse ao final de sua carreira sob uma carga injusta.

CAPÍTULO 5

Uma fileira de homens cantava "Ho-o-hah!" diante do cenário do deserto. Estavam completamente pintados de preto exceto por uma faixa branca na testa e na boca e pontos nos braços e costas. Penas de águia enfeitavam seus cabelos e peles de raposas pendiam das túnicas azuis. A cada passo que davam para o lado, os fios de turquesa que levavam ao pescoço e os guizos de carapaça de tartaruga atados aos joelhos marcavam o compasso.

— Lá está o coitadinho do meu irmão — Cecil Somiviki apontou para um dançarino diante de Jovem. — Aquele que está de peruca. Está tão apavorado que é capaz de cagar dólares de prata.

Cerca de quinhentos hopis estavam sentados pelos telhados e escadas, comendo pão *piki* e bebendo Coca-Cola, os rapazes vestidos com roupas escuras de vaqueiro, as moças em trajes de festa. Uma delegação de navajos, cintilantes como um estojo de exibição de joias de prata, mantinha-se reunida, mas os turistas brancos, exaustos pela subida desde o estacionamento a trezentos metros abaixo nos campos de plantação de abóbora e com as testas queimadas de sol sobre os óculos escuros, espalhavam-se em torno da plaza poeirenta. Jovem procurou por Anne. Walker Chee estava lá, com uma cinta de veludo amarrada em torno dos cabelos cortados à escovinha.

— Os quebradores de cabeça continuam atrás de você — murmurou Cecil. — Bem, de qualquer maneira, não posso

despedi-lo hoje. Oh, oh, minha senhora!

Estendeu o braço diante de Jovem e agarrou uma Instamatic que uma mulher branca tinha enrolado em sua manta.

— Nada de fotos, a senhora leu os avisos.

Ela usava óculos de gatinho e pomada branca de zinco no nariz.

— Avisos?

O sorriso dela adquiriu a forma oval quando Cecil abriu a parte posterior da máquina e esmagou o cartucho do filme sob a bota. Ele jogou a câmara dentro de um saco e entregou a ela um pedaço de papel numerado.

— Pegue a máquina depois da dança.

— Esta é uma cerimônia religiosa — Jovem explicou-lhe.

— Ao ar livre? — protestou ela. — Deixe disso!

— Lembre-se — disse Cecil —, sem bilhete, nada de câmara.

Ele e Jovem continuaram a caminhada ao longo do perímetro da multidão, atentos às máquinas fotográficas, ou gravadores ou blocos de desenho.

— Aquele maldito clã da Correia de Urso devia estar pegando esses brinquedos lá embaixo no estacionamento.

Flâmulas de plumas e crinas de cavalos flutuavam ao vento, presas à escada do *kiva* do clã da Serpente. Jovem ficou admirado de ver que ainda havia plumas no *kiva* do clã do Fogo.

— É — Cecil respondeu à sua pergunta —, esses velhos rapazes estão lá embaixo há vários dias. Ei, temos aqui outro antropólogo amador.

Um adolescente branco agarrava uma sacola gasta de companhia aérea que, nas mãos de Jovem, revelou um gravador Panasonic e uma bolsa de maconha.

— Fora daqui — Cecil pegou o gravador. — O que está acontecendo com você hoje, Jovem? Em geral, é você quem descobre todas as muambas.

No centro da plaza, erguia-se um arco de ramos de choupo verde sobre um buraco coberto por uma tábua. Os dançarinos batiam com os pés sobre a tábua, avisando aos espíritos lá embaixo que os mensageiros estavam a caminho para pedir chuvas, e cantavam: "Ho-o-ah, ho-o-ah, ho-o-ah!" Um dançarino suspendeu os "mensageiros, punhados de cobras.

Jovem e Cecil abriram caminho até a frente da multidão, enquanto os dançarinos chamados "colhedores" abanavam os braços em torno das margens da plaza. Sua tarefa consistia simplesmente em apanhar qualquer cobra que escapasse no meio da multidão.

Os sacerdotes do clã do Antílope marcavam o ritmo com chocalhos de seixos. Jovem sentiu que a adrenalina o afetava como um uísque. Mesmo Cecil começava a ficar excitado; se não fosse pelo seu trabalho, já estaria dançando. A multidão deu um passo atrás.

— Filho da puta, filho da puta — Cecil repetia para si mesmo.

O primeiro dançarino mordeu sua cobra cerca de vinte e cinco centímetros de distância da cabeça e sustentou o resto do corpo da cobra com a mão esquerda. Ao lado do ombro direito de cada dançarino havia outro com uma pena de águia, o "chicote de cobra". A cauda de uma cascavel do Texas esgueirou-se pelo solo. Eles tinham de passar dançando com cada cobra, em torno do arco de choupo no centro da plaza, quatro vezes, e então pegar outra cobra e recomeçar. Era assim que conseguiam chuva.

— Eles arrancam os dentes das cobras, sabia? – Jovem escutou um branco explicar para o filho.

Powell Somiviki passou curvado, dançando sobre os calcanhares.

— Que merda, ele pegou a cobra pelo lado errado — Cecil disse.

Os olhos de Powell giravam nas órbitas até quase sumirem de vista. Seus joelhos vacilavam. Do lado esquerdo de sua boca e longe do alcance da pena de águia, uma cascavel cor de sangue espichou o focinho pelo rosto de Powell. A boca escancarada da cobra deixava entrever dois dentes amarelados. Jovem observou a cobra enrolar a cauda em torno do braço de Powell na tentativa de armar um bote. Powell continuava a dançar enquanto a cobra buscava o melhor ângulo.

— Filho da puta — disse Cecil.

— Papai, eu vi. ..

— Elas estão alimentadas — respondeu o pai.

Uma cascavel negra disparou do local onde estavam os dançarinos e atravessou a plaza, seguida negligentemente por um "colhedor". Embora ele a tivesse alcançado, não conseguiu detê-la, fato que não foi apreciado pela multidão quando a grande cobra escapou por entre as pernas das pessoas.

Aos gritos, todos saltavam contra as casas ou corriam em direção à estrada. O colhedor suspendeu a cobra pela cauda e trouxe-a de volta.

Powell estava de joelhos do outro lado da plaza. Desmaiara apenas. A serpente não tinha ainda se enrolado o suficiente no braço de Powell para dar o bote, quando o dançarino que o acompanhava socorreu-o desenrolando a cauda da cobra e trocando de lado a cabeça na boca de Powell.

— Veja o que a formação de universidade faz por alguém. — Cecil suave. — Não se diferencia o lado direito do esquerdo. Estúpido...

A dança prosseguiu. Walker Chee pediu licença para ir visitar uma das casas mais distantes à margem do planalto. Quando saiu, Jovem o esperava.

— Como está o filho dos Coloma?

— Dei as notícias aos anciãos — Chee tentou se esgueirar.

— Como ele está? — Jovem bloqueou a passagem.

— Ele está em boas mãos. A propósito, vocês por aqui estão perdendo uma grande oportunidade. Poderiam oferecer a Dança da Serpente para as cadeias de televisão, fazendo concorrência, e ganhariam um milhão de dólares por ano.

Sem fazer nada além do que sempre fazem. Poderia ser a maior atração do país.

Jovem estava assombrado. Conversar com Chee era como tentar pegar um lagarto pelo rabo. Mesmo que o prendessem, ele fugia.

Quando Jovem voltou à plaza, um dos dançarinos tinha sido mordido. Uma cobra azul o atacara no pescoço até que a sombra de uma pena de águia passou diante dos olhos da cobra e ela se soltou, caindo no chão com um baque. Powell dançou por cima da cobra azul, levando outra cascavel na boca, com o focinho apoiado em seu ombro e a cauda balançando quase no ritmo dos passos do dançarino. Homem e cobra, duas partes da natureza intimamente ligadas, e não era por acaso: as lendas falavam da esposa-cobra. O que nem brancos, nem mesmo os navajos nunca entenderiam, Abner sempre dizia, é que a Dança da Serpente era uma dança de vida e não de morte.

— Aquele garoto, ele se saiu bem — Cecil piscou o olho para Jovem.

Quando a última cobra foi trazida de volta para o arco do choupo, o chefe do clã da Serpente fez um círculo de farinha de milho com linhas

que indicavam leste, oeste, sul e norte, o sol e o mundo subterrâneo dos mortos. Enquanto ele orava, os dançarinos atiravam suas cobras dentro do círculo onde elas se contorciam amontoadas.

Por fim, todos os dançarinos lutaram pelas cobras, cada um agarrando tantas quantas era capaz de carregar, e correram da plaza pelo estreito atalho que circundava a parede do planalto, até o deserto, por onde correriam vários quilômetros até soltarem os répteis.

Jovem, Cecil e um segundo delegado chamado Frank entregaram as câmaras confiscadas e dirigiram o trânsito de turistas que se retiravam do estacionamento no campo de abóboras, e quando a área estava quase vazia, tomaram algumas cervejas geladas junto à traseira da camioneta de Cecil.

Anne não aparecera. Obviamente, pensou Jovem, ela tivera coisas melhores para fazer.

— Não foi a pior Dança da Serpente a que eu já assisti. Nem a melhor — Cecil atirou longe a espuma da cerveja -,mas tampouco a pior.

— Seu irmão esteve bem. — Frank arrotou.

— Um pouco trêmulo a princípio. — Cecil franziu as sobrancelhas. — Foi como eu disse a ele, não se pode lutar. É preciso confiar em si mesmo, e tudo sairá bem.

— Quem era aquele que foi mordido? — Jovem tentou participar da conversa.

— Qual é o nome dele... Borboleta. Não, é o irmão do Borboleta. Ah, amanhã, vou cair na pele dele. — Cecil deu uma risada. — Não foi formidável ver Powell com aquelas cobras?

Cecil coçou o saco com satisfação. Frank era o delegado do pueblo Walpi; tinha bastante sangue branco nas veias para conseguir costeletas e um nariz longo, e pelas costas os amigos o chamavam de Cara de Cavallo.

— Você viu quando deixaram aquelas cobras se meterem no meio da multidão. — Ele cutucou Jovem. — Aquela loura gorda. Pensei que ela ficaria no ar pelo menos durante um mês.

— Muito divertido — Jovem disse.

— Eles querem vir e ver a dança, têm que enfrentar o risco — disse Cecil. — Ninguém os chamou. Isto não é Gallup. Se querem ficar

bêbados, assistir a uma dança encenada e Roy Rogers, podem ir a Gallup.

— Você sabia que Roy Rogers guardou o Trigger espalhado em casa? — Frank ficou sério.

— Não! — Cecil estava enojado. — Para quê?

Os últimos veículos que restavam no estacionamento eram os caminhões de lona dos hopis e o Le Sabre de Walker Chee.

— O que será que Chee está fazendo por aqui? — Jovem aceitou uma tragada de Frank.

— Negócios — Cecil respondeu com uma voz fininha.

— Negócios?

— Foi o que ouvi dizer. O canalha não impõe o menor respeito. — Cecil cuspiu no chão.

— Que tipo de negócios?

— Alguma merda a respeito de deixarem que os quebradores de cabeças façam todo o policiamento das terras em condomínio. Está nos fazendo um favor, como de hábito. Que diabo, não era um condomínio até que os navajos foram ao departamento falar com os amigos deles e roubaram à terra de nós. Quando os quebradores de cabeças e o departamento terminarem as negociações, nós teremos apenas o espaço necessário para agachar e urinar.

— Por falar em Chee, encontrei um cara engraçado há duas semanas — disse Frank. — Um *pahan* alto, de cabelos ruivos, disse que era médico. Dirigia um caminhão esquisito?

— Eu o conheci — disse Jovem. — O que foi que ele fez de engraçado?

— Da primeira vez que o vi, nada. Da segunda vez, dei de cara com ele em Five House Butte. Ele me perguntou a respeito de morcegos. Ele também lhe perguntou sobre isso?

Cecil e Frank ficaram para abrir outras cervejas, enquanto Jovem voltava para o *pueblo*. O barulho das reuniões familiares saía pelas portas de tela junto com o aroma de coelho frito. Através de uma janela, viu Chee e alguns outros navajos com os velhos do *pueblo*. Jovem sentou-se sozinho onde a *plaza* terminava no espaço. Deixou os pés dependurados na borda do planalto. O sol ardia na altura de seus olhos. Olhou para baixo por entre as botas, onde um junípero se debatia para sobreviver e obscurecia a longa queda. Com binóculo, poderia ter visto

os dançarinos voltando do deserto. Eram pontos escuros que subiam uma ladeira no meio de sombras e se estendiam por quase um quilômetro de areia. Havia névoa no ar, lilás para leste e dourada para oeste. Além do deserto, do outro lado das montanhas, as cidades começavam a se acender. Winslow, Flagstaff, Tucson, Fênix.

Avenidas, palmeiras, luminosos de neon, piscinas, tudo aceso, tudo alimentado pela energia da água que era comprada, roubada, dividida, superestimada e estava em extinção. "Ho-o-ah", todos queriam chuva.

E os morcegos. Por que o pahan, interessado numa fatia do velho Abner, indagava a respeito de morcegos? Se ele os queria, por que não ia às cavernas Carlsbad, onde havia milhões deles? O que havia de tão misterioso em procurar morcegos?

Todos pareciam bem na fazenda dos Momoa, pensou, E se indagou por que se preocupava em pensar nos Momoa, até que se lembrou que era lá que Anne deveria ir. Abner e o rapaz Coloma tinham sido ambos atacados a leste de Gilboa. Ela ia para oeste. E tinha um rádio.

O único problema que ela tinha era ele próprio. Lembrou-se da primeira vez em que tinham acampado juntos na corredeira de Dinnebito. Acampar era uma palavra formal para o caso. Pescavam trutas na quantidade essencial para comer. Faziam amor num cobertor.

Na segunda noite, ela começou a falar na família e, na terceira noite, fez perguntas a respeito da família dele.

— Não tenho família, nem histórias — ele respondeu.

— Vi aqueles esboços que você desenhou. Aquele rosto terrível e ensanguentado em todos eles. Pareceram cheios de simbolismo para mim.

— Simbolismo, coisa nenhuma — respondeu ele. —Aquele é Masaw.

Para distraí-la, ele lhe contava histórias sobre Canyon Maski. A história de como Masaw escapara ensanguentado e em chamas de um poço que se incendiava sem jamais se apagar. A história sobre a cidade dos mortos. Quando Anne pediu para que ele a levasse até lá, recebeu uma negativa.

— O que você quer dizer é que esse lugar não existe na realidade, não é? — ela riu.

— Mais ou menos isso. — Ele escolheu a saída mais fácil.

— Algo assim como "um lugar sob o arco-íris"?

- Vamos explicar de outro modo. Se for lá, você estará perdida. Um detalhe a intrigava.
- Como é que você pode fazer os desenhos se nunca viu Masaw?
- Abner me diz o que devo desenhar.
- Ele vê Masaw?
- Abner tem seus contatos.
- Abner vai acabar se envenenando com datura um dia desses.
- Isso também vai acontecer. Estava errado, afinal, pensou Jovem.

Abner e Anne, as duas únicas pessoas de quem gostava. Um morto e a outra de partida. Mas deixando a reserva e não ele, necessariamente. A não ser que ele insistisse em ficar, e para quê? Para terminar seus dias tão enrugado quanto Homem de Pedra ou um pária como Abner? Chee estivera prestes a lhe tirar o emprego. Cecil se recusava a investigar o que tinha acontecido com o corpo de Abner.

Por que não acompanhar Anne? Ou, expresso do modo como a maioria dos brancos gostaria, por que viver como um índio? Por que viver sujo no mato, suando o dia todo e gelando à noite? Com algum treinamento vocacional, poderia trabalhar das nove às cinco da tarde num escritório refrigerado e ter dois ternos, um carro pequeno e duas semanas de férias. Ou, se tivesse habilidade suficiente, tornar-se um índio profissional como Chee. Não que Anne tivesse alguma vez colocado a questão daquela maneira. Para ela, era simplesmente uma questão de amor. De "compromisso", como dizia. Mas Jovem já estava comprometido. Nascer como um índio de reserva era o mesmo que cometer um crime e ser condenado ao isolamento a vida inteira. Estar em quarentena com uma doença perniciososa que tornava a vida entre os brancos asfixiante. Os sintomas evidentes dessa doença-crime eram: autopiedade, desconfiança, estupidez e orgulho. Existia algum índio do século XX, perguntava Jovem, que não fosse esquizofrênico? E quem não se aproveitara desta desculpa? Alguém agia assim melhor do que ele?

Jovem escutou passos através da plaza e Harold Masito se sentou ao seu lado, fumando um cigarro de tabaco do planalto feito a mão, uma mistura que era três vezes mais forte do que os cigarros industrializados. O sacerdote do Correia de Urso usava a camisa formalmente abotoada até o pescoço. De lado para o sol, seu rosto era tão rude quanto o arenito.

- Por enquanto, nenhuma nuvem — ele olhou para as montanhas.

— Nenhuma ainda.

— Está tentando inventá-las? Não pode inventá-las. Fazemos a nossa parte e as chuvas chegam. Em dois dias ou mais. Não é logo. Talvez tenhamos uma brisa esta noite. Depois teremos uma chuva de verdade, não como a de ontem.

— Na realidade, estava pensando em Abner — disse Jovem. — Em Abner e em morcegos.

Ficaram sentados em silêncio durante um minuto, observando uma bola de algarobo passar rolando no chão lá embaixo. Chocou-se contra algumas latas de soda que tinham sido atiradas do planalto. As latas poderiam ser aproveitadas. Cortadas e colocadas sobre os brotos de milho na primavera.

— Estive pensando em Abner também — disse Harold. — Não devíamos jamais tê-lo expulsado do planalto.

— Você achava que ele era um feiticeiro, lembra-se?

— Ele era. Mas tinha poder. O único tipo de poder que encontramos era Masaw, esta terra. Abner conversava com Masaw e nós o expulsamos daqui e agora perdemos a terra aos poucos. Eu achava que era um grande sujeito. Estava errado, se temia Abner. Você, não.

— Não achava que ele fosse um feiticeiro. — E agora?

— Não. Alguém mais é que é. Saquearam o túmulo de Abner. Você não é capaz de fazer ideia, não é?

— Você quer dizer que ele não está lá dentro.

— Exatamente. Para mim, não é este o mistério. A única coisa que não consigo descobrir foi o que o matou. Nunca vi ferimentos como aqueles. Não havia rastros.

Harold apagou o cigarro.

— Os rastros só estão ali quando você os vê. Abner fazia as coisas direito. Eu o vi em sonhos, ontem à noite. Foi por isso que vim até aqui à sua procura.

— Oh!? — Jovem estava amargamente divertido. — Agora que conversou com ele, o que Abner tinha a dizer?

— Ele me disse para ajudá-lo porque você não sabe ler.

— Velho, não sei muita coisa, mas ler eu sei.

— Palavras.

— Claro.

— Você viu alguma palavra ao encontrar Abner?

— Não.

Harold grunhiu como se tivesse marcado um ponto.

— Então, o que é que haveria de ler? — Jovem perguntou com impaciência — Algumas inscrições de areia no chão? Olhe, está um pouco tarde para você vir em auxílio de Abner. Não o expulsei do planalto, você sim. Com aquelas histórias de feiticeiros.

— Ele roubou a tabuleta.

— O quê? — Jovem foi apanhado de surpresa.

— Ele roubou a tabuleta do clã do Fogo para que o Pahana não pudesse voltar. O verdadeiro Irmão Branco tem uma ponta de tabuleta, e quando ele vier, devemos juntar a tabuleta novamente e tudo acabará bem. Sempre tivemos aquela tabuleta, mesmo antes de chegar a este mundo, para que soubéssemos quem era o Pahana quando ele chegasse aqui.

— Antes deste mundo?

— Desde o mundo maia. Abner sabia ler a língua maia.

— Oh! — Jovem fez uma cara séria. — Ele nunca me contou isso.

E o que me diz a respeito de latim e grego? Pensou consigo mesmo.

— Tivemos de deixar os maias porque a vida era muito fácil lá.

— Parece ser uma boa razão.

— Aqui com Masaw, somos obrigados a zelar pelas cerimônias para atrairmos chuva e conseguirmos milho. É dessa forma que nos mantemos próximos do bom caminho.

Sei que é difícil, mas fomos escolhidos...

— Escolhidos, não — Jovem perdeu a paciência. — Fodidos. Somos os divinos-fodidos do mundo. Olhe para nós! Vestidos com trapos, comendo um milho que outros povos não teriam coragem de atirar aos porcos, dormindo em choupanas e não fazendo nada senão gastar o nosso tempo nos regozijando por sermos os divinos-fodidos mais desesperançados do mundo. Porque é isso que somos e ninguém é o responsável, fomos nós que fizemos isso por nós. E somos tão desgraçadamente idiotas que nos orgulhamos da situação.

Tão logo pronunciou aquelas palavras, Jovem sentiu-se envergonhado. Harold o olhava completamente chocado.

— Perdoe-me, velho. Fui grosseiro e injusto. Ok? Você falava sobre a tabuleta que Abner roubou.

— Existe essa tabuleta.

— Tenho certeza de que sim — Jovem tentou acalmar Harold.

— Nós a levamos a Washington para o Presidente Taft, eu me lembro, para vermos se ele era o Pahana.

"Deixe-me imaginar", pensou Jovem.

— E era ele? — perguntou.

— Não. — Harold abaixou a cabeça.

Jovem se sentiu desconcertado pela lembrança do altar que Abner tinha armado em sua choupana. Abner deixara um lugar no altar para a tabuleta.

— De qualquer maneira, isso não tem importância — o rosto de Harold iluminou-se — agora que Abner a entregou de volta a Masaw. O Pahana perdeu a oportunidade. Você não vai deixar a reserva, vai? — Harold acrescentou.

— Por que deixaria? — Jovem estava surpreso.

— O boato é de que você será despedido. Chee estava lá dentro dizendo que nos dará muita ajuda, mas quer que você seja despedido.

— Os anciãos não fariam isso, nem Cecil tampouco.

— Não é assunto de Cecil. E Chee tem uma boa conversa. E talvez seja porque você começou a andar com aquela moça branca. Você acha que não existe má vontade por causa disso?

— É um assunto entre mim e ela.

— Bem, mas as coisas são assim. — Harold deu de ombros e bateu as palmas das mãos nos joelhos. — Preciso ir. Meu filho deve ter trazido sorvete num balde de gelo. Você termina este.

Deu a Jovem seu último cigarro.

Despedido, pensou Jovem. Nunca pensara muito no emprego até agora. Exceto pelo fato de que não valia nada, e se ele não era capaz de manter um emprego como aquele, o que poderia fazer?

— Abner me disse outra coisa no sonho — disse Harold.

— É?

— Ele disse que você deveria me mostrar as fotografias que tirou dele.

Jovem sentou-se e expeliu uma corrente profunda de fumaça que flutuou no ar. A perspectiva de ser despedido permaneceu em sua mente, mas ocorreu-lhe que não tinha contado a ninguém a respeito das fotos de Abner morto na cabana. Ninguém sabia de sua existência, exceto Anne e os excursionistas. Talvez tivessem falado com Selwyn.

— Está bem — disse vagorosamente. — Vou trazê-las. Não estou com elas aqui...

Tateou o bolso da camisa, sentiu alguma coisa plana e tirou os instantâneos Polaroid de Abner estendido no chão. Jovem pensava ter arquivado as fotos junto com o relatório da morte; estava certo de não tê-las deixado no bolso.

— Estava enganado. Para que você as quer?

— Para ler para você. — Harold pegou as fotografias. Ele se esquecera de arquivar as fotos, apenas isso, Jovem disse para si mesmo.

O velho sacerdote do clã da Correia de Urso estudou as fotos vagorosamente, uma por uma.

— O coioote é você. A pega é a ave de Masaw, é a portadora de notícias. O fogo é... — Harold franziu as sobrancelhas — o fogo está partido. Espirais e suásticas estão viradas para trás. Elas estão para trás. Ele fez isso.

O rosto de Harold caiu como uma parede desmoronando. Seus olhos se mostraram surpresos, depois furiosos.

— Nós não devíamos tê-lo expulso, devíamos tê-lo matado.

— Leia o resto para mim — Jovem pediu.

Harold rasgou as fotos em pedaços e jogou-as contra o vento que subia a parede do planalto. Jovem tentou agarrar alguns pedaços no ar, mas as fotos voaram em direção ao deserto.

— Não vou ler mais nada — Harold ficou de pé. — Não vou ajudá-lo. Até logo.

Jovem fitava os pedaços de papel que flutuavam ainda mais alto no céu. Agora, ele jamais saberia o que Abner tinha feito.

— Talvez os sacerdotes do clã do Fogo possam ajudar. — Virou-se, mas Harold já entrava na casa.

A última claridade do dia estava se apagando. As casas quadradas de pedra e barro do pueblo se tornavam quadrados de luz cada vez menores, apenas as esbranquiçadas lâmpadas a gás. As vozes e os ruídos de refeições ecoavam através das aleias. Folhas de choupo verde se arrastavam pela plaza.

Jovem se levantou, esticou o corpo e se dirigiu para a estrada que levava ao estacionamento. Cecil o convidara para jantar. Quase no final da plaza, contudo, Jovem se viu de pé junto ao terceiro kiva, onde o totem do clã do Fogo pendia do último degrau da escada que conduzia à

câmara subterrânea. Era incomum, quase um sacrilégio, os sacerdotes permanecerem no *kiva* durante a Dança da Serpente. Mas era infinitamente pior para a pessoa que fosse incomodá-los.

Permaneceu junto à escada, tentando escutar alguma palavra, ou um chocalho ou ainda um murmúrio de movimento lá embaixo. Isolou da mente os sons dos cavalos e o sopro do vento. O *kiva* estava silencioso. Os ramos de juníperos amarrados à escada, abaixo da entrada, obstruíam qualquer visão da câmara, mas Jovem percebeu o odor de comida estragada.

Sacudiu a escada a título de experiência. Não obteve resposta. Homem de Pedra dissera que oito sacerdotes estavam no *kiva*; um deles teria notado a escada. Embora eles pudessem ter saído na noite anterior ou duas noites antes sem que ninguém tivesse notado. O *kiva* poderia estar vazio. Observou um besouro preto com asas raiadas de vermelho aparecer na entrada pela escada. Um besouro de carniça.

Uma gargalhada ressoou pela viela. A plaza continuava vazia exceto por Jovem. Um segundo besouro veio atrás do primeiro.

Jovem começou a descer as escadas. Quando enfiou as botas por entre os ramos de juníperos, teve a certeza de que seria saudado por reclamações enraivecidas. Não houve reclamações, nenhum ruído exceto o ranger dos degraus. Sacudiu outro inseto de sua mão. O *kiva* estava frio. Não fresco. Tão frio que fez a camisa colar-se às suas costas. E escuro. A nesga pálida de luz que vinha pelo buraco de entrada terminava antes de tocar o chão. Quando Jovem alcançou o solo, a luz desapareceu em seu rosto. Não era possível enxergar nada além da abóbada cinza do *kiva*, cuja linha curva mergulhava no escuro. O ar estava pesado, difícil de respirar e ligeiramente adocicado. Riscou um fósforo.

Estava rodeado por um círculo de homens sentados com as costas contra as paredes do *kiva*. Todos os homens estavam de peito nu. Alguns seguravam bastões de oração. Um deles, que fitava Jovem, tinha o colo coberto por farinha de milho e areia colorida. Não havia marcas nos homens, mas suas peles estavam enegrecidas como se tivessem sido chamuscadas e uma espuma ressecada formava uma crosta em seus lábios e peitos, e eles estavam mortos.

O helicóptero navajo aterrissou no meio dos holofotes armados em torno da plaza. Um suporte para luzes ultravioleta usadas para

exterminar insetos foi dirigido para o *kiva*, de onde surgiu, desajeitado como um astronauta na Lua, um vulto vestido com um macacão de vinil hermeticamente fechado. O material do traje estava impregnado de dietiltoluamida, um repelente para ratos. A chapa sobre o rosto mostrava os olhos e uma máscara de oxigênio. Um vulto semelhante veio a seguir e, juntos, os dois homens carregaram um esquite meio caído feito do mesmo material brilhante do helicóptero. Era o quarto caixão lacrado que carregavam do *kiva* para o helicóptero. Voltaram para buscar outros.

— São dez horas.

Walker Chee olhou para o relógio de pulso. Ele, Jovem, Cecil e os anciãos da aldeia assistiam a tudo do telhado da casa de Homem de Pedra, a cerca de três metros de distância.

Todos os habitantes da vila, muitos deles enrolados em cobertores para se proteger da friagem noturna, estavam sobre os telhados e observavam em silêncio a cena iluminada.

— Foi uma sorte que isso não tivesse acontecido esta tarde.

— Sim — Jovem concordou. — Só nos faltava algumas centenas de brancos saírem daqui às carreiras dizendo que havia alguma epidemia.

— Espere um momento, você não sabe de que está falando.

— Quero saber a respeito de que vocês dois estão falando — Cecil interrompeu. — Epidemia de quê?

— Ele não sabe do que está falando — Chee respondeu. — Eles podem ter morrido por qualquer motivo. Ele disse que os homens pareciam queimados.

— Eu disse que *pareciam* queimados. Não estavam queimados — Jovem o corrigiu.

— De qualquer maneira, outro helicóptero já está a caminho. O que eu quis dizer antes foi que é uma sorte não termos que inocular aquela multidão que vocês tiveram aqui esta tarde. É assim — Chee lançou o olhar para Jovem — que rumores absurdos começam.

— E contra que diabo de doença você irá inocular as pessoas? — perguntou Jovem.

— Usaremos antibióticos de amplo espectro, como estreptomicina. — Chee voltou-se para um ancião. — Estou tentando apenas ajudar a vocês. Xerife, você vai tirar seu delegado das minhas costas?

Um sexto caixão prateado estava sendo carregado para fora do *kiva*. Os mesmos anciãos da aldeia, que tinham engolido as transações comerciais mais importantes da vida de Chee algumas horas antes, estudaram as feições do presidente do conselho, com uma expressão abertamente desconfiada.

— Muitas pessoas por aqui não aceitam qualquer tipo de injeções — disse Cecil. — A propósito, uma vez que tudo isso vem estragar a Dança da Chuva, não será uma boa ideia que você comece a dar ordens por aqui.

— Isto é muito mais sério do que qualquer Dança da Chuva! — Chee perdeu a paciência.

— Diga-nos primeiro — Jovem sugeriu — como é que você quer manter em quarentena a vila inteira.

— Olhe — Chee disse a Cecil —, se vocês querem um presidiário como delegado, o problema é de vocês. Não tenho de tratar..

— Você vai querer que este lugar fique em quarentena? — Cecil perguntou.

— Como uma medida de precaução... — Chee descobriu olhos que o observavam de todos os telhados vizinhos.

— É uma medida normal.

O sétimo esquife foi colocado no helicóptero. Um dos dois vultos vestidos de macacão acenou para Chee. O segundo vulto retornou ao *kiva* com um lança-chamas. Uma língua de fogo atingiu a câmara subterrânea.

Homem de Pedra lembrou:

— Vi oito sacerdotes entrarem ali.

Chee pegou um rádio portátil no cinto e falou por ele.

— Doutor, você tirou todos os corpos lá de baixo, não tirou?

O rádio respondeu com uma afirmativa, embora Jovem não tivesse visto nenhum dos homens vestidos de macacão fechado usar um rádio próprio. O que significava que tinham microfones na gola e fones nos ouvidos.

— Muito bem. Não havia outros corpos, apenas sete

— disse a Homem de Pedra.

— Eles viram uma pequena tabuleta de pedra? — Homem de Pedra perguntou.

Chee encolheu os ombros, mas transmitiu a pergunta.

— Todos os itens foram anotados. Não havia nada que correspondesse a sua descrição — o rádio respondeu.

— Dê-me o rádio — disse Jovem.

— Você está fora de cena — Chee sacudiu a cabeça.

— Seu povo demitiu-o hoje.

— Dê a ele o que está pedindo — Homem de Pedra tinha os olhos fixos no *kiva* profanado e havia lágrimas em seus olhos. — Ande.

Jovem estendeu a mão.

— Duran — Chee baixou a voz —, você viu aqueles corpos. Não havia ferimentos, nem inchações, nem bubões, nada. Não tente inventar coisas do nada. Não inicie o pânico.

— Obrigado. — Jovem pegou o rádio. — Doutor, qual dos dois é o senhor? Levante a mão.

O vulto sem o lança-chamas levantou a mão direita.

— Doutor, o que foi que matou os homens no *kiva*?

A voz que respondeu era anasalada e contida, uma voz branca. O médico que tinha ido a Gilboa para socorrer Isa Coloma, adivinhou Jovem. Não há indicações claras. A presença de espuma nos leva a acreditar que houve complicações pulmonares.

— Uma doença, então.

— Ou agentes intoxicantes. Talvez uma doença.

— Uma doença altamente contagiosa.

— Não necessariamente. O ambiente da câmara é bastante anormal. Instalações exíguas, comida compartilhada, falta de higiene, *etc.* Uma doença que não fosse normalmente contagiosa poderia se tornar assim.

— O senhor viu alguma mordida de pulga ou alguma pulga?

— Até agora não.

— Inchações?

— Nenhuma espécie de inchação. Posso garantir-lhe que não havia indícios de peste bubônica, se é aonde você quer chegar. As precauções que estamos tomando são métodos profiláticos normais em se tratando de uma possível doença contagiosa e indeterminada. Mais uma vez, faço menção a agentes tóxicos. O que eles comeram ou respiraram. A higiene pública do próprio pueblo deixa muito a desejar.

— Está bem, doutor, vamos parar com esta merda para começar. Tivemos uma enfermeira por aqui que passou dois anos me falando a

respeito dos malditos indicadores. Os indicadores daqueles sacerdotes eram: primeiro, espuma, o que quer dizer que seus pulmões estavam infectados. Segundo, cianose, pele escura, o que quer dizer que os pulmões estavam tão congestionados que não havia oxigênio no sangue. Terceiro, sete homens morreram em dois dias. Em outras palavras, morreram vitimados por peste pneumônica, que é terrivelmente mais infecciosa do que peste bubônica.

— Qual é a diferença? — perguntou Cecil.

— Você nem precisa de pulgas. Basta um homem com peste e um resfriado nos pulmões, que ele pode matar os amigos com uma tosse. É cem por cento fatal. Não é certo, doutor? — Jovem acrescentou pelo rádio.

O vulto vestido de macacão levou muito tempo para responder.

— A partir do momento em que os homens morreram, pararam de respirar e expelir os bacilos, e se foram manejados da maneira correta, as possibilidades de outras infecções são praticamente nulas.

— Então era peste pneumônica.

— Esta é uma especulação prematura. Faremos a autópsia, do mesmo modo que fizemos com o rapaz...

O sinal de Chee para o médico veio atrasado.

— Então — Jovem olhou furioso para o navajo —, seu filho da puta.

— O principal é evitar o pânico — disse Chee.

— ... sinais patogênicos no corpo do rapaz indicariam a possibilidade de peste bubônica — o rádio prosseguiu. — Havia mordidas de pulgas que suspeitamos fossem os vetores, pontos de entrada para os bacilos. Devo insistir que ele foi um caso isolado.

— Até esta noite.

— Talvez — a voz admitiu —, até esta noite.

— Oito casos não fazem uma epidemia — disse Chee. Jovem olhou para os dois vultos vestidos com macacões brilhantes, o lança-chamas, os holofotes e os suportes de lâmpadas ultravioleta, o helicóptero cheio de mortalhas. Uma invasão de aparelhos do século XX como Shongopovi jamais vira.

— Mas se for — disse Jovem —, se for uma epidemia, Chee, você está pronto, não está? Isto é o que me interessa. Você está desgraçadamente pronto.

— E daí? Você tem sorte por eu estar aqui.

— Talvez — Jovem entregou o rádio. — Cecil, Joe Momoa em geral comparece à Dança da Chuva, não é?

— Nunca deixa de vir. E Joe Jr. e Ben vêm em sua motos.

— Você os viu hoje?

— Não.

— Nem eu.

— Se vocês tivessem telefones por aqui... — disse Chee.

— Você tem — disse Jovem — no seu carro.

Jovem, Chee, o médico branco e o patrulheiro navajo chamado Begay voaram para a corredeira de Dinnebito no segundo helicóptero. Os faróis exploraram a escuridão a vinte e cinco quilômetros por hora porque o último relatório vindo pelo rádio informava que o telefone dos Momoa continuava sem resposta.

— Então eu sou filho da puta, não sou? — Chee perguntou a Jovem. — Se é verdade, por que eu o estou ajudando?

— Porque você está num beco sem saída, porque está escondendo alguma coisa. Porque está apavorado.

O deserto deslizava sob os dois fochos de luz como duas pistas claras salpicadas de plantas, ondulando a cada vez que o helicóptero sobrevoava uma duna. Jovem cutucou o ombro do piloto.

— É melhor subir um pouco, há umas chaminés de pedra logo à frente.

— Não enxergo nada.

— Suba assim mesmo.

O helicóptero subiu quinze metros. Uma leve inclinação do aparelho balançou o farol, que iluminou uma coluna vermelha de arenito próxima aos patins de aterrissagem. O helicóptero subiu mais quinze metros.

Jovem não tinha boas recordações de voar em helicópteros; não tinha boas recordações do exército. Assim como o exército, os helicópteros eram muito complicados e ilógicos, barulhentos e destruidores. Sentado ao lado de Jovem, o médico, com o qual conversara pelo rádio na plaza, distribuía macacões de vinil guardados numa caixa com a inscrição "Centro de Controle de Doenças — Esterilizado Enquanto Lacrado".

— Não me importo de ter mentido para você — disse Chee — e não me importo de ser um filho da puta. É este o preço. Entendeu?

— Por quê? — Jovem esticou as pernas da melhor maneira possível.

— Para ser como eles. Como os brancos. Você não é tão burro que não tenha percebido isso. Você não gosta da ideia, mas não tente mentir para mim. Você sabe.

— Não sei de que diabo de coisa você está falando.

— Ah, é? Estou dizendo que estamos do mesmo lado. Você e eu, Duran, você e eu do mesmo lado contra os brancos.

— Você é preconceituoso?

— Você não é? Alguém não é? Os brancos não são? Vou a Houston, Fênix, Dallas a cada duas semanas e sou cumulado de atenções por banqueiros brancos maravilhosos que se levantam quando entro num escritório. E sei que cada um deles prefere tomar no cu a negociar comigo. Levam-me para almoçar, naturalmente longe de seus clubes particulares, e me oferecem filés e lagostas, e quando viro as costas, eles cospem no chão.

Para começar, eles me detestam e me detestam ainda mais porque eu os obrigo a pagar.

Eu os obrigo a pagar milhões. Nada mudou, Duran. Eles ainda querem roubar tudo. Querem nos ver morrendo de fome, mas agora não podem fazer isto, Duran, e você pode agradecer aos árabes por isso. As reservas de carvão, gasolina e petróleo estão acabando e eles não têm tempo a perder. Não podem esperar que a gente morra de fome, então são obrigados a comprar. Você sabe o que mais descobri? Eles não são mais inteligentes do que nós. Mas têm dinheiro, têm Washington e não perdem de vista a seguinte ideia: são eles contra nós. Se não nos juntarmos, Duran, estaremos mortos.

Enquanto Chee falava, o médico mostrava com gestos como vestir o macacão. Primeiro os pés. Os quadris eram justos. O balão de oxigênio ficava suspenso sobre as costas. O tubo de ar ficava preso e passava sobre o ombro. Um microfone pendurado ao pescoço e fones de ouvido se ligavam a um rádio no bolso superior. A vestimenta era fechada com um zíper do tornozelo até a garganta. Uma fita colante cobria o zíper. Jovem esperava que algumas precauções fossem tomadas num voo noturno, mas nada como aquilo.

— Eles sabem que não podem me fazer de trouxa. Assim — disse Chee —, tudo o que podem fazer agora é agir nas minhas costas.

Conseguir alguma oposição contra mim no conselho tribal. Da mesma forma, atingir os hopis passando por cima de mim. Eles contam com você para me apunhalar pelas costas.

Dois helicópteros, isso interessava a Jovem. Um helicóptero de presente era possível. Dois? Novos, custavam um quarto de milhão de dólares. Usados, também não eram baratos. Ninguém jogaria fora dois Hueys, nem mesmo para Walker Chee.

— Estamos no mesmo time, Duran. A história a respeito de tribos diferentes não existe—Você não gosta de mim, eu não gosto de você. Mas teremos de conviver com este fato. Há outra coisa que você precisa aceitar. Sou o único índio em quatro Estados, talvez o único do país que pode nos salvar. Nem Dança da Chuva, nem médicos-feiticeiros, nem o coração mole dos liberais. Eu, apenas! Porque conheço os estatutos bancários e as taxas de juros e como subornar o burocrata certo. E porque sou um filho da puta. O melhor que nós temos.

— Foi por isso que você não me pôs em quarentena em Ship Rock? Não queria que eu ficasse falando a respeito de epidemias e "apunhalando-o pelas costas"?

— Agora você está sendo tolo, novamente. — Chee enfiou a vestimenta. — Você está vendo que estou fazendo tudo ao meu alcance para impedir uma... outros casos.

— E para me ver despedido, era este o bom relatório que você ia apresentar sobre mim?

— Isso pode mudar, delegado. Se você continuar no time, não haverá mais problemas.

O terreno se alteava em contrafortes e as luzes do helicóptero atravessaram bosques de pinhões e campinas encharcadas.

— Coloquem as máscaras — disse o médico.

— Esperem até ver a cara de Joe Momoa quando chegarmos — Chee gracejou. — Vamos matá-lo de susto.

As fileiras da plantação de pinhão deslizaram sob a porta do alçapão. Depois, um campo pedregoso e um riacho com pedras claras como olhos. Outro bosque de pinhão. Uma estrada, outro bosque de pinhões, um curral vazio, a casa de Momoa inteiramente acesa. O helicóptero sobrevoou a casa duas vezes antes de descer numa área aberta.

Um morcego flutuou sobre um cacto. Ao luar, as flores dos cactos eram brancas, polpudas e quase fluorescentes e desprendiam um odor de almíscar. O morcego meteu o nariz num arbusto tenro de antera para lambar o néctar com a língua comprida.

— Eles estão de volta!

— Não — Anne jogou mais lenha na fogueira. — Este é um morcego de cacto. Ele poliniza as plantas.

— Como uma borboleta. — Franklin riu e tossiu. — Uma borboleta do deserto.

De quatro, ela soprou uma brasa que se acendeu em chamas. Assustado, o morcego se afastou do cacto e sumiu na escuridão.

— Como está Henry? — Franklin se levantou sobre os cotovelos. — Onde está ele?

Anne mantivera o fogo aceso durante o dia todo, enviando um sinal inútil de fumaça para o alto. Agora ela queria claridade. O arbusto em chamas iluminou uma pilha de pedras a cerca de dezoito metros da camioneta.

— Ali. Eu o enterrei esta tarde enquanto você dormia. Você dormiu o dia todo.

Ela tinha laçado um lagarto heloderma horas antes. Cortou o rabo carnudo, enfiou-o num espeto e colocou-o sobre a fogueira. Os dedos quebrados de Anne estavam inchados e roxos. Pedacos de cactos enchiam a bolsa que ela fizera da própria blusa. Franklin esfregou a barba crescida no queixo; em qualquer outra ocasião, estar sozinho com uma mulher jovem o acenderia como a um bode. Em qualquer outra ocasião.

— Meu Deus, como essas estrelas são brilhantes! — Ele deixou a cabeça cair para trás.

— Elas são sempre brilhantes. Aqui, são mais claras.

— Essas estrelas cegam.

Anne pegou o último pedaço de carne crua de cobra.

— Você precisa comer.

— Não.

— Ao menos, mastigue um pouco para extrair o suco. Ele fez um gesto de impaciência.

— Você vai sobreviver a isso, não é, Srta. Dillon? Você é capaz de viver aqui.

— Uma pessoa gastou muito tempo me ensinando como sobreviver.

— E você acha que alguém virá salvá-la. Aquele delegado índio, certo?

Ela estava prestes a lhe dizer para calar a boca, quando achou que não havia razão para mentir.

- Sim, acho que ele virá. Talvez ele salve nós dois.

— Não, por mim, não me importo. Engraçado, corri para fechar a porta na cara de Claire, e agora não me importo realmente.

— Deveria tentar.

— Diga-me uma coisa — ele voltou o rosto na direção da jovem —, você me perdoaria por ter deixado minha própria esposa morrer? Perdoaria?

Ele esperou um momento.

— Não, não acredito que qualquer pessoa perdoasse. Se eu morrer aqui, sou um homem de sorte.

Anne girou o rabo do lagarto. A pele carunchosa se soltava no fogo, deixando à mostra uma gordura brilhante, ligeiramente estriada.

Franklin se ergueu sobre um cotovelo.

— Sabe, vi Deus enquanto dormia. Bem, o lugar se parecia muito com este. Eu estava sozinho no deserto, perdido, e vi uma fogueira de acampamento. Enquanto eu me dirigia para o acampamento, percebi um homem agachado, com o rosto voltado para o fogo. Era alto e tinha uma manta ou algo assim sobre os ombros. Chamei-o e, sem olhar para mim, ele fez um gesto para eu me aproximar do fogo. Ele preparava uma sopa e eu estava faminto, de modo que corri para o fogo. Na verdade, estendi a mão para a comida quando realmente vi seu rosto. Ele era duas vezes mais alto do que um homem, mas o que tinha de mais notável era o rosto. Era grande e coberto de sangue. Seu nariz estava quebrado, isso pude notar, mas não era possível que todo aquele sangue fosse do nariz. Contudo, era amável. Disse que eu podia ficar ali. Ele parecia saber quem eu era. Eu lhe perguntei quem era e ele respondeu que era Deus. Foi tudo.

— Este é Masaw, o Deus hopi. Você leu a seu respeito antes de vir para cá, por isso teve este sonho.

— Nunca peguei nesse tipo de livro, com certeza. — Franklin sacudiu devagar a cabeça. — Obrigado, agora estou me sentindo

melhor.

Franklin estava morrendo de desidratação. Anne não conseguia entender por que ele não ingeria líquidos. As mordidas dos morcegos eram superficiais, as pernas quebradas causavam dor apenas e ela não vira qualquer sinal de contusões ou hemorragias internas. Entretanto, não conseguia engolir nem o sumo de cactos e não parecia agonizar.

Ele estava simples e deliberadamente deixando-se ir.

Por aquela razão, não conseguia entender por que Henry tinha morrido.

Ela tinha consciência de que sua própria sobrevivência tinha limites. As calças compridas estavam frouxas nos quadris. Não tinha mais forças para voltar para Gilboa, mesmo que dividisse a caminhada por três noites. Desse modo, ia se manter firme. Jovem acabaria vindo. Na verdade, ela tinha certeza disso, Jovem já estava a sua procura.

— Alguém vai nos encontrar — disse ela.

Franklin não respondeu. Ele estava estendido, de costas, quase relaxado, e fitava o céu. Anne se ajoelhou ao seu lado e espremeu a blusa para que o suco de cacto pingasse.

— Tome isto. Ao menos umedeça a boca.

Os olhos dele estavam abertos, mas a anos-luz de distância.

— Você não precisa engolir...

Quando seu cotovelo tocou o peito de Franklin, ela deu um salto para longe. Pensara que a camisa estava estofada apenas por causa da posição do corpo; não estava. Colocou os dedos sobre o peito e sentiu uma carne esponjosa e macia. Anne desabotoou a camisa e abriu-a. Sobre o externo de Franklin, havia um bubão redondo e rosado. Abriu completamente a camisa. Havia outros bubões ainda maiores nas axilas.

— Tão brilhantes — murmurou ele.

A porta da frente estava aberta. A cabeça de um alce com uma galhada de oito pontas decorava o vestíbulo. Na sala de estar, um candelabro com pingentes de cristal iluminava outras cabeças, um cabide de espingardas, quadros a óleo com cenas esportivas, amostras religiosas, tapetes navajos e uma vitrine com joias de prata.

Não era possível chamar os Momoa através das máscaras de oxigênio; os homens podiam se comunicar pelo rádio apenas entre eles. No macacão hermeticamente fechado, Jovem se sentia úmido e quente.

Os homens pareciam visitantes de outro planeta. Jovem se sentia como um extraterreno. Pegou o telefone.

— Não funciona.

— Aí está a resposta — disse Chee. — Houve alguma tempestade forte por aqui nos últimos dias?

— Uns dois dias atrás

— Há um poste caído. Fim do mistério.

— É possível.

Colocando o fone no gancho, o pé de Jovem esbarrou uma garrafa aberta de Pepsi que estava debaixo do sofá. Ainda havia alguma bebida na garrafa e o resto tinha secado sobre o tapete.

— Vamos em frente.

O banheiro do primeiro andar estava vazio e limpo. No escritório de Joe Momoa, sobre a escrivaninha, havia uma pilha de pagamentos de contas de início de mês, prontos para serem enviados pelo correio. Jovem olhou através do vidro de um aquário. O peixe maior parecia saudável. Dois peixes menores, meio comidos, flutuavam na superfície. O arejador borbulhava. Ele jogou comida de peixe dentro da água.

Ninguém estava na cozinha. O médico abriu o refrigerador cor de cobre.

— A comida está fresca. Nem o leite azedou.

Os armários pintados de cor de cobre estavam limpos, e as mesas de cortar carnes livres da menor migalha.

— Carne de urso — Begay olhou no refrigerador. — Assim é que se vive.

— Olhem isto — Jovem puxou um trapo sujo de sangue de dentro da lata de lixo.

— E daí? — disse Chee. — Isto podia ser de qualquer coisa. Talvez do urso.

Àquela altura, Jovem já tinha atravessado as portas almofadadas da lavanderia. Abriu a tampa da secadora e começou a atirar as roupas no chão da cozinha.

— Que diabo está fazendo? — indagou Chee.

— Veremos.

Jovem espalhou as roupas pelo chão ladrilhado. Duas camisas e um vestido tinham um tom castanho desbotado.

— Isto poderia ser qualquer coisa — disse Chee —, poderiam ser marcas de ferrugem, certo, doutor?

— É possível. — O médico colocou as roupas manchadas dentro de um saco.

— É claro que é certo — disse Chee. — Se Joe chegar aqui e vir esta bagunça, ele vai arrancar a sua pele, Duran.

Eles se voltaram para um ruído do lado de fora da cozinha. Jovem ouviu um suspiro de alívio pelo rádio que não era capaz de distinguir de onde vinha. Begay abriu a porta. Entrou um collie, agitando baixo o rabo, procurou a tigela vazia de comida e voltou-se para os homens.

— É dos Momoa?

— É da mulher dele — disse Jovem. — Joe não deixaria um cão pastor dentro de casa, do mesmo modo que não permitiria a entrada de um cavalo.

O collie cheirou as roupas no chão. Começou a ganir e seguiu para o vestíbulo como se tivesse se lembrado de alguma coisa. Três ou quatro vezes, o cachorro foi e voltou da cozinha ao vestíbulo.

— Oh, que merda — disse Begay. — Puta que pariu. Oh, Cristo.

Pela primeira vez, Jovem sentiu alguma afinidade com o patrulheiro navajo. Uma sensação, uma certeza, de que a casa não estava vazia.

O cão levou-os para o segundo andar, atravessou um patamar atapetado até o quarto do casal, onde a Sra. Momoa jazia morta e em paz sobre a cama larga. Seu vestido estava estofado de maneira estranha por causa dos bubões em torno do pescoço e sob os braços. Um vidro de aspirina e um termômetro estavam na mesa-de-cabeceira.

No outro quarto, decorado com troféus de cavalos, encontraram Joe Jr. Como ele estava nu, puderam ver imediatamente os bubões em suas virilhas. Os antebraços e a nuca estavam cobertos por curativos. O médico virou-o e tirou as bandagens. Os ferimentos estavam em carne viva.

— Como o rapaz hopi.

— Cale a boca — o médico disse para Begay. — Aproxime a lâmpada.

— Estes ferimentos são iguais aos do garoto — disse Jovem.

— Eu sei — o médico retrucou. — Fiz a autópsia. Deixe-me... Muito diferentes. Únicas. Agora estão semelhantes a muitas feridas. Que

diabo! Elas foram lavadas, caso contrário teríamos alguma saliva para examinar. Delegado, você, que é tão esperto, talvez saiba nos dizer qual é o animal que morde dessa maneira.

— Morcegos.

O médico arregalou os olhos através do visor.

— Que diabo está falando? — Chee empurrou Jovem de perto da cama.

— O que quer que tenha mordido Joe Jr, os cavalos e Isa Coloma, atacou-os durante a noite e não deixou rastros no chão. O único animal que eu conheço que voa e tem dentes são os morcegos.

— Você alguma vez viu uma mordida de morcego como essa? — indagou Chee.

— Não — Jovem admitiu.

— Então não sabe de que está falando. Sabe?

— Não sei, mas tenho certeza.

— Você tem certeza sobre uma impossibilidade — o médico interrompeu. — A preocupação mais imediata aqui é saber há quanto tempo viu essas pessoas pela última vez, delegado.

— Há quatro dias.

— Este é o tipo de peste mais virulento que já vi, se você estiver certo. Se ele tiver razão, Sr. Chee, o senhor terá problemas dentro em breve.

Depois de vasculharem a casa toda, carregaram os dois corpos dentro de sacos até o helicóptero e continuaram até o celeiro reformado. A parte superior tinha sido transformada numa sala de jogos com mesas de pingue-pongue e bilhar.

Num lugar de honra, estava um retrato emoldurado de Joe com o Senador Goldwater. O próprio Joe estava no banheiro, perto do vaso cheio de vômito. Seus membros estavam flácidos, mas o tronco continuava rijo devido ao rigor mortis.

Chee comentou com otimismo a respeito da ausência de bubões, mas o médico chamou a atenção para os pontos escuros no rosto de Momoa. Hemorragia capilar, outro sintoma de peste.

— O rapaz, aquele que apresenta ferimentos, morreu primeiro. Acho que ele transmitiu as pulgas para os outros — disse o médico enquanto arrastavam Joe para a sala de jogos para colocá-lo num saco. — Desde que não tenham tido visitas, podemos ir embora.

— Claro que iremos embora — Chee concordou.

— Com os diabos — disse Jovem.

Ele parou diante dos mapas pendurados nas paredes da sala de jogos. A maioria dos mapas pertencia aos assuntos mórmons de Joe: Israel Bíblica, a diáspora dos judeus e as viagens do jovem Brigham. Em outra parede havia um grande mapa topográfico da reserva. Deserto Pintado estava no centro, Mesa Negra no alto, a corredeira de Dinnebito a noroeste e Mesa do Antílope a leste.

— Vocês encontraram três cadáveres aqui — ele assinalou a corredeira de Dinnebito com o giz —, sete aqui —marcou Shongopovi em Mesa Negra —, um aqui — riscou o deserto a leste de Gilboa, onde o rapaz tinha sido atacado. — E mais um aqui que vocês nem sabem a respeito — ele acrescentou uma marca para Abner a sudeste de Gilboa — porque este morreu de hemorragia antes de a doença ter tempo de se desenvolver.

Jovem ligou as marcas, desenhando um triângulo irregular de lados iguais com cerca de cinquenta e cinco quilômetros de lado.

— Em outras palavras, numa área de aproximadamente mil e trezentos quilômetros quadrados, algo que vocês não são capazes nem de identificar matou ou infectou fatalmente doze pessoas e vocês continuam tentando responder a charadas. Vocês já se comunicaram com Fênix? Com Washington? Com quem quer que seja?

— Não — o médico admitiu infeliz.

— Não há razão para alarmes — disse Chee.

— Então tire esta sua roupa de astronauta. Ande.

— Não seja infantil. O que eu quis dizer foi que não há razão para começar um pânico. Nós tivemos algumas mortes por aqui, apenas isso.

— Você tem aqui uma epidemia. Apenas o início, mas é exatamente uma epidemia. E não um "problema", doutor. Nem algumas poucas mortes, porque outras estão chegando por aí. Que diabo, olhem para este mapa. Vocês me disseram que não havia sinal de peste entre os animais e a verdade é que vocês nem sabem quais os animais que estão disseminando a peste. A propagação da doença já atingiu mais da metade do meu território. O de vocês será o próximo. Ordenar a quarentena dentro de toda a nação hopi, esta é a resposta de vocês? Assim como a nação navajo? Quarentena no Arizona e no Novo México também?

— Você é um iniciador de pânico, eis o que você é.

— Sim. É exatamente isso o que vou fazer, a não ser que façamos um trato.

— Ah! Você quer que nós o enviemos de avião para Albuquerque e ponhamos algum dinheiro no seu caminho?

— Não. Vocês concluíram que aqui apenas a família foi infectada e acho que estão com a razão. Mas outras pessoas deviam estar aqui. Brancos, na verdade, um grupo de excursionistas que deveriam caçar e pescar na fazenda de Joe. Eles não vieram, ou um dos excursionistas, uma enfermeira, teria atendido à família.

— Ela não poderia ajudá-los — disse o médico.

— Bem, ela teria dado a eles alguma coisa além de aspirina. De qualquer maneira, ela não estava aqui e não apareceu em nenhum outro lugar, e este fato a coloca — ele apontou para o centro do triângulo — ali. Há sete pessoas naquela camioneta. Quero os dois helicópteros amanhã, para procurá-los no deserto. Daqui por diante, calarei a boca, é este o trato.

— Você está louco. Tivemos dois casos de peste entre a nossa gente para o lado de Moenkopi, ontem...

— Oh, vocês tiveram? Não me disseram. Então, somamos catorze casos e, digamos, dois mil quilômetros quadrados. E vocês mantêm tudo em segredo?

— Estes helicópteros precisam estar à mão para emergências e não para levar recados seus.

— Mas é este o trato. Caso contrário, chamarei todos os departamentos de saúde oficiais do Estado, amanhã mesmo. A propósito, por que você quer manter este assunto tão em segredo?

— Begay — Chee deu um passo atrás e o patrulheiro avançou na direção de Jovem.

— Begay — disse Jovem —, se você chegar mais perto, vou arrancar esse lindo capuz da sua cabeça. Quer correr o risco de ser contaminado pela peste só pelo Conselheiro Chee?

Enquanto Begay hesitava, Jovem fez surgir um revólver do bolso mais profundo do macacão. Joe sempre guardava um Colt 44 carregado atrás da secadora na lavanderia. Ele acreditava em segurança.

— Está bem — Chee encolheu os ombros —, parece que vamos ter uma exibição mexicana.

— Não, parece que você vai me dar dois helicópteros.

— Um compromisso. Um helicóptero, pelo menos até uma emergência.

— Os dois, até que nós os encontremos. Olhe, Chee, sei quando atingi um nervo e neste momento seus nervos estão cantando. O que você está tentando esconder? Você pode me dizer, estamos no mesmo time, não é?

— Está bem — Chee ergueu uma luva —, só para você calar a boca. E me refiro a tudo. A respeito de hoje à noite e tudo o mais, você não sabe de nada, nem diz nada.

— Dois helicópteros em Gilboa ao amanhecer. Apenas pilotos e médicos.

— Com licença — o médico interrompeu —, temos dez minutos de ar em nossos balões, e vocês disseram que esta família tinha quatro membros. Encontramos apenas três.

— Vamos verificar a garagem no primeiro andar — disse Jovem. — Depois de você.

A garagem estava vazia, mas iluminada. A parede do fundo era revestida para exercícios de tiro ao alvo; um alvo novo de papel estava pendurado numa corda de roupa.

Correntes de pneus, correias de ventiladores e chaves inglesas arrumadas por ordem de tamanho enchiam as paredes laterais. A adorada e bem polida camioneta de Joe estava estacionada no meio da garagem, paralela a uma moto bmw.

— A moto Harley de Ben não está aqui — Jovem reparou.

— Então ele saiu antes que os outros adoecessem.

— Não, alguém precisava ir pedir socorro se os fios telefônicos estavam arrebitados.

— Você era o único que sabia da possibilidade de haver gente doente por aqui.

— Ele não conseguiu pedir socorro.

Jovem continuava a pensar. Afastou-se um pouco dos outros, com a mão no cabo do revólver.

— Ben trabalhava para a companhia telefônica. Ele deve ter parado para consertar os cabos.

Ele nem perdeu tempo em dizer que o telefone continuava mudo. Os balões de oxigênio estavam se esgotando, após uma volta em torno

da casa, eles retornaram ao helicóptero estacionado sobre a grama colocaram lá dentro o corpo de Joe com a mulher e o filho.

— Nós nos esquecemos de apagar as luzes — Begay olhou para a casa. — Estranho. Devíamos ter apagado as luzes.

Begay tinha razão. As luzes da garagem, da sala de jogos, da cozinha, de todos os quartos e do vestíbulo tinham sido deixadas acesas pelos Momoa. A casa resplandecia contra as colinas escuras.

O *collie* seguira os corpos até o helicóptero e se sentara junto aos patins de aterrissagem com ar de desamparo.

— Tudo sob controle aqui, doutor, não está de acordo? — Chee observou.

A pergunta era uma ordem. Jovem, com o revólver no colo, estava fascinado pelo desespero de Chee.

— Catorze mortes em dois dias não é "sob controle" — o médico respondeu suavemente.

— Contudo, com alguma cooperação, poderemos manejar a situação.

Através de seu visor, Jovem observou os olhos do médico passarem por Chee, por ele e pelo cachorro.

— É melhor você colocar aquele cachorro num saco — ele disse.

— O saco é fechado a vácuo — protestou Begay. — Ele vai sufocar.

— A ideia é essa. Os cachorros têm pulgas. Sobrevoando a estrada da colina no caminho de volta, eles encontraram Ben Momoa. Sua Harley Davidson 750 estava tombada de encontro ao poste telefônico. Ben estava dependurado pelo cinto de segurança preso no alto do poste. Sob as luzes do helicóptero, ele parecia ter sido vítima de um sacrifício horrendo com as roupas em trapos e negro de sangue.

O próprio Chee desceu numa linga para içar Ben até o helicóptero.

— Talvez eu possa fazer o mesmo por você algum dia, Duran — ele gritou para o alto. As mariposas ouviram sua aproximação e a rede de sussurros lançada à frente da chegada. Alguns insetos caíram no chão e outros começaram manobras desesperadas de evasão. Mas os morcegos passaram por eles, ignorando-os, todos atentos ao eco de uma presa diferente.

O ouvido interno dos morcegos encerrava, de fato, dois órgãos de sentido separados: um para orientação no espaço outro para a audição. O órgão da audição, o labirinto em espiral, era, proporcionalmente,

cerca de mil vezes mais longo do que o similar humano e cheio de pelos. Os pelos se agitavam ao som do menor eco, que era simultaneamente interpretado como um inseto ou um obstáculo ou outro morcego, ao contrário do sistema humano que captava uma voz com mais nitidez do que seu eco. E quando os ecos eram refletidos a partir de alguma coisa maior, quente e viva, a partir do Alimento, os gritos e os ecos aumentavam para uma velocidade de metralhadora.

Misturados aos ecos havia o balido de uma cabra.

Havia quatro cabras amarradas a um tamariz, três das quais dormiam. A quarta esfregava as patas no chão nervosamente, com as orelhas empinadas para o farfalhar do vento.

Quando a brisa acalmou, a cabra fez o mesmo e mordiscou a casca da árvore. Havia até mesmo alguma grama em torno da árvore; onde quer que houvesse um tamariz, seguramente havia água. De repente a cabra recuou como se algo tivesse pulado em sua direção.

Curiosamente, a cabra avançou o focinho e o objeto saltou no ar e voou.

Naquele momento, mais de cem morcegos estavam no chão. Saltavam ou corriam rapidamente em torno da árvore com as membranas dobradas, apoiando o próprio peso nas patas traseiras e nos pulsos das asas. Havia uma ordem na alimentação e havia preferências. Era melhor o Alimento jovem e tenro do que o velho, era melhor o Alimento em gestação e succulento do que o macho, melhor o Alimento no cio com um odor transbordante que transformava o apetite em delírio. Os morcegos maiores, as fêmeas, atropelavam-se na dianteira. O Alimento esticou o focinho mais uma vez, os olhos estreitos salientes, e o morcego mais próximo devolveu o olhar fitando antes os olhos, depois uma mancha escura no ombro do Alimento antes de saltar, batendo as asas duas vezes, e descer sobre a mancha. Dois incisivos afastaram pelo, a pele e a longa língua vermelha do morcego projetou-se para fora a fim de atingir o sangue que enchia o corte e matizava o ar com uma doçura morna. As extremidades externas da língua se curvaram para baixo em torno de dois sulcos que formavam os canais de sucção. Um segundo morcego aterrissou, mais leve que um toque, no outro ombro. O Alimento corria para frente e para trás na extremidade da corda. Os outros Alimentos permaneceram dormindo enquanto cobertores se formavam sobre eles. Novos incisivos

morderam. O chão e o ar pareciam se fechar e envolver as cabras. O primeiro morcego já começava a expelir uma urina preta e viscosa, e o resto dos morcegos se apinhou para sangrar o Alimento. Provendo o próprio sustento, não prestaram nenhuma atenção ao tamariz e às lâmpadas dependuradas que os banhavam com luz ultravioleta, ou ao Land Rover estacionado a quase trinta metros de distância. Paine abriu uma banda da janela apenas o suficiente para introduzir o cano de uma pistola de ar. Acompanhando o comprimento do cano estava um aparelho de sensibilidade ultravioleta para recolher amostras. O cortador de pelos pousou primeiro sobre um morcego e depois sobre outro, escolhendo à vontade os espécimes para dissecação. Pela atividade que desenvolviam, os morcegos não pareciam infectados pela peste, mas só o escalpelo e o microscópio poderiam dizer.

Levaria horas até que todos os morcegos se alimentassem. Ele poderia escolher seus tiros.

CAPÍTULO 6

Jovem continuou a ver as luzes brilhantes da casa dos Momoa durante o sono. Acordou na escuridão lembrando-se do homem ruivo que queria um pedaço de Abner. Que fizera indagações a Frank a respeito de morcegos.

Paine vinha da parte de Chee, Chee soubera de tudo o tempo todo.

Quando chegou a aurora, Jovem já tinha coberto seu jipe com mato sobre uma colina cerca de dois quilômetros fora de Gilboa. Deitou de bruços sob um algarobo e olhou através dos binóculos.

Os helicópteros surgiram em linha reta pelo lado do sol, fazendo lacrimejar os olhos de Jovem. Aterrissaram um atrás do outro na rua em frente à cabana e dois vultos emergiram de cada helicóptero, vestidos de branco e carregando malas de médicos. Dez segundos depois, saíram da cabana segurando revólveres. Quatro patrulheiros navajos uniformizados saíram dos helicópteros e vieram ao seu encontro; Jovem reconheceu Begay. Correram até o armazém, onde permaneceram cinco minutos. Retornaram então para os aparelhos, subiram e levantaram voo. Os helicópteros sobrevoaram Gilboa em círculos e a pouca altura, tentando descobrir rastros de pneus, e não os encontraram porque Jovem os cobrira. Depois de algum tempo, partiram e seguiram para o norte na direção do planalto, caso ele tivesse tomado aquele caminho.

Jovem guiou de volta para a cabana. Não estava se sentindo muito esperto. Deveria ter arrancado a promessa de Chee em público, ou marcar o local de encontro num pueblo, ou contar a Cecil o que estava acontecendo. Em vez disso, isolara-se estupidamente no meio do deserto.

A primeira coisa que fez foi tentar entrar em contato com Cecil pelo rádio, mas os navajos tinham levado metade das válvulas do rádio, de modo que ele atirou sua espingarda e o saco de dormir dentro do jipe e guiou até o armazém, Selwyn estava vestido com um roupão de banho diante do balcão. Levantou a mão orgulhosamente e mostrou um mosquito morto.

— Onde está seu radiotransmissor, Selwyn?

— Está quebrado. Eu o mostrei para aqueles navajos e eles tentaram consertá-lo, mas não conseguiram. Acho que está quebrado em boa hora. Você não os encontrou por pouco. Estão a sua procura.

Dê-me alguns cartuchos de espingarda e de 44 também. — Jovem continuava com o Colt de Joe. — E Spam, uma caixa de seis, e tabletes de sal.

Selwyn atirou o mosquito fora e começou a encher o balcão.

— O rádio comum está funcionando. Ouvi sobre o incêndio na casa dos Momoa.

— Que incêndio?

— A família toda morreu queimada — Selwyn espanou a poeira das latas de cerveja. — Na noite passada. Você não soube de nada a respeito? Bem, também você não se importaria, você detestava aquele canalha tanto quanto eu.

Jovem afastou uma caixa de mostruário e tentou ver através do vidro.

— Você ainda tem estes rádios transistores. Vou levar um e algumas pilhas. Ponha na minha conta.

— O que mais? Sabe, Jovem, espero que alguém invente o pagamento à vista muito em breve.

Jovem pegou as mercadorias e saiu para o alpendre.

— Estou acordado desde as cinco. — Selwyn o seguiu com o roupão se sacudindo à volta dos pés descalços. — Um dos primeiros sinais de envelhecimento, insônia. Você está com algum problema, Jovem?

O delegado perscrutava o céu para ver se os helicópteros tinham voltado. As sombras da aurora começavam a se evaporar.

— Está numa pior, hem?

— É, mas não estou pior do que todo mundo. Cuide-se, meu velho.

Jovem guardou as compras, exceto o rádio transistor, dentro do saco de dormir e deslizou para trás do volante.

— Sempre quis lhe dizer que não há nada de errado com as suas filhas. Mantenha as janelas fechadas esta noite.

— O quê?

Mas o jipe do índio ganhava velocidade, na direção da estrada oeste.

Anne escutava o rádio da camioneta através do para-brisa destruído.

Enterrara Franklin uma hora antes do amanhecer e despendera forças equivalentes a um dia de sobrevivência.

Gastara as forças de mais um dia simplesmente para lavar-se com gasolina bombeada do tanque.

Mas àquela altura, deveriam estar procurando por ela. Àquela altura, Jovem estava chegando.

O rádio acompanhava seu devaneio.

— "... Como todos vocês sabem, a Dança da Chuva, em Shongopovi, festejada ontem, foi estragada pela morte trágica de sete anciãos no pueblo. A princípio, temia-se que os defuntos tivessem sido vítimas de cólera suína, que é excepcionalmente perigosa para pessoas idosas. As autópsias mostraram, contudo, que os sete morreram de envenenamento alimentar provocado por comidas estragadas deixadas na câmara de cerimônias. Outras notícias trágicas vêm da corredeira de Dinnebito, onde a popular família de Joe Momoa morreu num incêndio em sua casa na fazenda. O fogo começou no porão, segundo relatórios oficiais do Departamento de Incêndios de Tuba City, e espalhou-se rapidamente através do sistema de ventilação. Quatro pessoas morreram. E agora uma mensagem dos Armazéns Hubbell, onde você sempre encontra..."

Ondas de calor começaram a subir da areia. Os joelhos de Anne estavam cortados porque ela se arrastara atrás de lagartos. Verificou as axilas e a virilha à procura de inchações. Nada por enquanto. Era engraçado, pensou. Sempre estivera consciente da peste endêmica

existente no deserto e jamais vira um caso de verdade. Então, uma semana antes de deixar o deserto, um homem morria de peste diante de seus olhos e ela nem ao menos reconhecia os sintomas. O cansaço. A febre. Os bubões. A palavra "bubão" era engraçada. Como bolha. Um enfeite.

Imóvel, experimentou mais uma vez a sensação de que estava desaparecendo no deserto. Uma parte dela achava este fato desorientador, mas reconfortante. Essa "unidade" fazia parte da mentalidade hopi, e ela se divertia em pensar que só pudera senti-la à beira da morte, e imaginou que esse poderia ser o segredo da super-religiosidade dos hopis, porque eles estavam sempre no ponto de extinção.

Outra metade de seu ser continuava a pensar em sua sobrevivência. Em geral, chovia dois ou três dias após uma Dança da Serpente. Era a época do ano, claro. Com água suficiente para beber e protegida pelas nuvens, poderia caminhar pelo deserto.

Por outro lado, seria mais prudente recolher tanta água de chuva quanto fosse capaz e permanecer junto à camioneta uma vez que era o objeto à procura do qual estaria Jovem. Ele estaria vindo da corredeira de Dinnebito, se tivesse ido até lá para encontrá-la. Apenas, Momoa estava morto.

A areia se enrugou. Uma pequena miragem surgiu nos dois novos túmulos. Ao meio-dia, ela sabia, todo o deserto pareceria um oceano, como o oceano que fora um milhão de anos antes. Momoa estava morto, repetiu para si mesma. Carbonizado. De modo que se ela e Franklin e todos os outros tivessem chegado até a fazenda e acampado, teriam morrido num incêndio de qualquer maneira.

O rádio prosseguiu, esgotando o resto da bateria da camioneta:

"... Este foi o último sucesso de Johnny Cash. A propósito, Johnny estará presente no Powwow Indígena em Flagstaff e você não vai querer perder este acontecimento. Uma oportunidade para encontrar velhos amigos e fazer novos amigos. Ei, quem disse que você não pode conseguir uma boa recauchutagem de pneus pela metade do preço que pagaria por um novo..."

Um lagarto virou a cabeça para observar Anne. Ela não tinha mais forças para alcançar sua vara de pescar. Se Momoa estava morto, como Jovem saberia que ela não tinha saído do deserto? Tentou se concentrar,

mas metade de sua mente vagava por conta própria. As respostas escapavam a seu controle.

"... Quero transmitir uma nota de advertência sobre saúde. Fontes oficiais informam que não foram determinadas as causas do envenenamento alimentar ocorrido no planalto, pode haver outros casos. Isto é sério. Os sintomas a serem observados, segundo eles, são dores de estômago, tonteados, febre ou qualquer marca ou inchaço suspeita, ou ainda vômitos e diarreia. Se você tem ou conhece alguém com estes sintomas, entre em contato com as clínicas médicas em Ship Rock ou Window Rock ou aqui com Tuba City imediatamente. Diga, você não gostaria de participar do concurso da rádio CB..."

Nenhuma menção sobre um grupo de excursionistas perdido. Nenhuma menção de chuva. Ocorreu-lhe que era importante que fosse salva, não apenas por ela mesma, mas para prevenir a respeito da peste. A respeito dos morcegos. Os morcegos não carregavam pulgas roedoras, de modo que os morcegos e a peste não tinham relação, mas...

O esforço que fazia para raciocinar começava a cansá-la.

Era tão mais fácil apreciar a miragem crescer, perder-se nela, deixar a mente flutuar. Alucinações eram sinais de desidratação; a falta de água mudava todo o equilíbrio-químico do corpo, mas era tão sedutor. Ela se divertia em pensar que poderia ver Jovem chegando, acenando para ela através de uma onda de areia.

Seu pensamento prosseguiu numa direção mais cruel. Havia uma história que certa vez Jovem lhe contara, a respeito de um homem que fora ao canyon Maski e chegara a um belo e imponente pueblo construído no subterrâneo. A fumaça saía das chaminés, as crianças subiam e desciam as escadas a correr e pequenas fogueiras crepitavam sobre os telhados. O rapaz não foi apenas bem recebido nesse estranho pueblo subterrâneo, mas lavado e alimentado e levado para um grande salão de festa onde as festas estavam começando. Jamais vira tanto riso e tanta dança, e belas jovens que corriam cantando e brincando e apontavam umas para as outras gritando: —"Hapa! Hapa! É ele! É ele! Morto! Morto! É ele! É ele!" A brincadeira prosseguiu por quase toda a noite e quando ele estava cansado foi levado para a cama pelas duas moças mais bonitas. Elas se despiram e tiraram as roupas dele também. Beijou os lábios e os seios das duas e abriu suas pernas, fazendo amor com cada uma delas, até que todos adormeceram, as jovens por cima

dele. Ele acordou, esfregando os olhos, porque a claridade do dia era muito mais forte do que esperava e viu que o motivo era a ausência de teto. O aposento, que tinha sido tão agradável à noite, estava agora cheio de areia. Pedacos das paredes tinham desmoronado e as janelas estavam quebradas e o restante do telhado caía com o vento sobre o chão. Ele se sentou e alguns ossos caíram de cima de seu peito. Todo o aposento estava cheio de esqueletos, dois dos quais abraçados a ele. Enojado e apavorado, ele se desvencilhou do abraço e fugiu...

Jovem não vinha, ela disse para si mesma. Ninguém viria, a tempo pelo menos. Não antes de ela ser alguma coisa a ser removida e não amada. Sua cabeça balançou para a frente e para trás e ela escutou o ruído dos pés de um lagarto sobre a camioneta. Não escutou a voz desmaiada do rádio.

"... Outra advertência sobre saúde para ser transmitida. Uma lebre macho levada às autoridades sanitárias provou ser portadora de uma forma de peste animal. O delegado hopi Jovem Duran enviou a lebre e agora está sendo procurado pelas autoridades a fim de que possam administrar as injeções necessárias de vacina. Esta é uma doença infecciosa e o povo está avisado para não se aproximar do delegado, apenas informar às autoridades de seu paradeiro..."

Em vez de permanecer em terreno plano, Jovem esvaziou os pneus e atravessou tantas dunas quantas pôde na esperança de ver algum sinal da camioneta. Ou sinais de fumaça ou o brilho de um espelho. Ou abutres. De tempos em tempos, ligava o rádio transistor para saber o que Chee estava fazendo, e, também, porque ele sabia que se os excursionistas saíssem do deserto, Chee irradiaria sua chegada. O jipe gemeu, deslizando de lado sobre um algarobo, esmagando o arbusto com as rodas.

Jovem não sentia qualquer amargura em relação a Chee pelas mentiras e traições: seria tão inútil quanto o deserto se revoltar contra o sol. A sobrevivência não era uma questão de moral. Uma cobra não discutia a ética de comer ou não um esquilo; era comer ou morrer. Cento e trinta e cinco mil navajos sobreviviam. Seis mil hopis não estavam sobrevivendo. Eles podiam culpar os navajos, culpar os *pahans*, culpar os feiticeiros. Era o deserto, seu próprio lar, que os matava. Era um deserto em mutação, mais seco desde que os navajos e

os brancos roubaram os rios, se apoderaram da água da mesma forma que uma cobra morde.

Permanecer vivo provia sua própria moral. A partir daquele padrão, Chee era um herói e Jovem era, talvez, um covarde. Era assim que o chamavam no exército. Um super-covarde.

O jipe não iria a mais de oitenta quilômetros. Jovem continuava a acelerar até o fundo, confiando em sua perícia. Podia-se dizer que ele fugia. Evitando a responsabilidade de ser novamente preso. Por isso, voltaria para o deserto em primeiro lugar, para escapar de um mundo dentro do qual não se encaixava. Provavelmente, admitiu para si mesmo, era aquela a razão que o levava a reagir contra a quarentena. Não fora um ato de coragem, mas a ameaça do confinamento, qualquer tipo de confinamento após os anos na prisão era o bastante para fazê-lo tremer como um menino.

Não era nem corajoso o bastante para enfrentar a quarentena sabendo que tinha a resposta. A resposta para as mordidas, para o sangue derramado, para a ausência de rastros, para as luzes na casa de Momoa, para a noite em que Abner tinha morrido. Ele tinha a resposta, e seu único consolo por não voltar era que ninguém acreditaria nele porque era impossível. Um pesadelo impossível.

Ao meio-dia, o sol parecia pulsar grande e amarelo. As sombras e os próprios objetos encolhiam. Era um momento em que os próprios lagartos se enfiavam debaixo das pedras. Marmotas e boas da areia cavavam buracos profundos para fugir do calor.

Jovem estava atravessando um buraco seco de álcali quando escutou o bloco do motor estalar. Colocou o carro em ponto morto e rociou mais cem metros. O capô estava quente demais para ser tocado, de modo que ele o chutou para abrir. O motor estava quase vermelho de tão quente, e arrastando-se debaixo da traseira do jipe encontrou um buraco no radiador causado por uma pedra e por onde a água tinha se esvaído.

Levantou-se e fechou os olhos. Gilboa estava a cinquenta quilômetros para leste, o planalto a sessenta e cinco quilômetros ao norte. Havia uma auto-estrada federal a sessenta e cinco quilômetros a oeste.

— Diabo.

Ele conseguira. Por fim, tinha chegado a lugar nenhum, sem outra saída senão seguir suas próprias pegadas. A única indagação era: valia a pena?

Hayden Paine ficou de pé sobre o teto de seu Land Rover.

O binóculo acentuava as ondas de calor. Os cactos arborescentes pareciam ondular e dançar. Algarobos e iúcas se tornavam ilhas flutuantes, um *canyon* a mais de trinta quilômetros de distância se transformou num veleiro erguido sobre seu próprio reflexo. Às vezes, imaginava distinguir algum movimento com o canto do olho. Virava o binóculo e o movimento desaparecia, uma quimera. Além disso, seu interesse eram os *canyons*. Não tinha ido até eles, fora puxado em sua direção. A cada pôr-do-sol, tinha traçado o caminho dos morcegos com o osciloscópio. A cada aurora, guiava mais vinte quilômetros por uma trilha prevista e traçava novamente o voo dos morcegos de volta ao lar. Observando as escarpas negras e cor de telha dos *canyons*, sua excitação aumentou.

Desceu de volta à mesa e à caixa de isolamento armada no chão. A caçada da noite anterior fora bem sucedida.

Quatro cabras, compradas de um navajo próximo a Tuba City, estavam mortas, esgotadas até perderem a pressão sanguínea. Em troca, Paine tinha matado quatro morcegos.

A caixa de isolamento era uma caixa comum sem filtros de ar, úteis apenas para patologia. Duas luvas de látex com pulsos sanfonados alcançavam seringas e instrumentos de dissecação através de um painel de lucite. As asas de um morcego morto estavam estendidas e presas com alfinetes. Algumas pulgas saltavam contra a parede, porque um hospedeiro morto deixa de ser um hospedeiro. Um guarda-sol colorido fazia sombra sobre Paine enquanto ele trabalhava.

Durante uma hora, examinou o morcego com todo o cuidado, cortou o pelo à procura de inchações e extraiu sangue para análise. A peste humana começava normalmente quando o hospedeiro habitual da população de roedores morria de peste animal. As pulgas procuravam novos hospedeiros. Mas os morcegos não estavam morrendo; se alguma coisa estava acontecendo era justamente que eles floresciam cada vez mais. Apesar das pulgas aprisionadas e de outros parasitas de morcego saltando em redor, o morcego dentro da caixa não mostrava sinais de doença. Seria possível que um animal representasse

o papel de hospedeiro de um bacilo de peste e permanecesse saudável? Seria concebível que os vampiros, sugando o sangue de diferentes populações humanas, tivessem adquirido anticorpos de peste num sistema natural de inoculação? Uma resposta era que os mesmos morcegos que tinham espalhado derriengue fatal na Venezuela eram vigorosos e prósperos.

Os canyons do deserto atraíram novamente sua atenção. Antes, ele sempre caçara vampiros em regiões temperadas, no meio de uma vegetação luxuriante. Paine reuniu os mapas e os carregou para o Land Rover, onde o calor da camioneta queimava através das solas de suas botas. Fazia quarenta e nove graus à sombra. Os morcegos podiam sobreviver numa temperatura de caverna até cerca de trinta e oito graus, mas era preciso muita umidade para proteger as membranas de suas asas do ressecamento total.

O mapa topográfico da pesquisa geológica mostrava apenas um labirinto de canyons ásperos e áridos que, segundo um mapa fornecido por Chee, chamava-se Canon de Maski.

Passeou os olhos vagarosamente em torno, focalizando o deserto Pintado com o binóculo.

Ondas de calor tinham se fixado numa fervura lenta, como se a areia estivesse a ponto de estourar em chamas. Cactos retos estavam torcidos como saca-rolhas. A nordeste, Mesa Negra era apenas uma linha estreita e escura, desenhada no céu azul acima do horizonte. Alguma coisa corria na direção leste. Era o mesmo objeto móvel que Paine vira antes de examinar o morcego. Focalizou melhor. Às vezes, o objeto se dissolvia no ar, completamente, depois voltava a se juntar por um segundo e ficava quase distinto. Estava se aproximando, sem dúvida, e sobre duas pernas. Paine entendia a mecânica do deserto. Um homem era capaz de correr no calor no deserto, sem água, durante uma hora antes que fosse derrubado pela prostração. Nas altitudes elevadas do Arizona, talvez quarenta minutos. Assim sendo, o homem não podia estar ali, Paine estava vendo miragens. No momento em que chegara a essa conclusão, o vulto se despedaçou em pontos flutuantes e desapareceu. Paine fixou o olhar através do binóculo por mais cinco minutos. O homem sumira.

O calor sobre o Rover estava insuportável. Paine desceu para engolir dois tabletes de sal com um gole de água e estudar os outros

mapas guardados num fichário plástico com a inscrição "Sistemas de Observação de Recursos da Terra —Landsat II, III". Os mapas em si eram manchas de acetato colorido, somente decifráveis se colocados sobre outros mapas de fronteiras traçadas pelo homem. Aqueles eram dos mapas mais caros já desenhados. As companhias de eletricidade tinham pago mais por eles do que Chee estava pagando a Paine, e a verdade era que, pelos mapas, um investimento de milhões poderia ser confiado a Paine. Outra verdade era que ele teria feito o trabalho de graça.

Paine tinha deixado os mapas de lado quando se deu conta de que inconscientemente apontara o binóculo para leste. O homem que corria estava a cerca de dois quilômetros de distância. Ele dava passadas largas e tranquilas, levava um volume às costas e um chapéu de abas largas que sombreava seu rosto. Às vezes, ondas de calor subiam até seu queixo, mas ele continuava a caminhada, os braços balançando soltos.

Uma vez, sua imagem se dissolveu em azul para reaparecer ainda mais próximo. Paine já podia vê-lo sem binóculo. Um homem escuro e magro. O volume era um saco de dormir enrolado numa espingarda. Prosseguia sempre, deslocando-se sobre o terreno desigual, projetando as pernas compassadamente. Devia estar seguindo os rastros do Land Rover, Paine adivinhou. Contornou uma duna, passou por um cacto barrigudo murcho. Paine reconheceu a fisionomia.

O índio diminuiu a marcha a menos de vinte metros, olhando para Paine em silêncio para lembrá-lo de que eram inimigos, antes de cair bruscamente na sombra do Rover.

Paine tinha esperado muito tempo. Se tivesse visto um veículo se aproximar pelo deserto, teria tomado outro rumo; mas um homem a pé era simplesmente inacreditável. E aquele era o último homem que Paine gostaria de ver. O índio fechou os olhos e, pela boca, respirou voluptuosamente o ar relativamente fresco da sombra. As solas de suas botas estavam pontilhadas de espinhos e manchadas de sangue.

Paine estava nervoso. O índio já usara a técnica do silêncio em outra ocasião. Finalmente, o índio se sentou paratirar as botas.

— O que você quer? — Paine foi brusco. — Para que está me seguindo?

— Você tem uma cerveja gelada? — perguntou o índio. Ele lavou os pés com uma cerveja e bebeu duas outras.

Apesar de já ter bebido seis pelo caminho, continuava sedento.

— Paine, parece que você está vendo um fantasma.

— Você bem poderia ser um deles. Eu o vi lá longe há duas horas.

— E você não veio atrás de mim?

— Pensei que fosse uma miragem.

— Eu bem que gostaria de ser. Bem, não fique nervoso. Estou muito feliz em vê-lo.

A gargalhada de Jovem era por sua causa mesmo. A suspeita de Paine de que subestimara o delegado foi reforçada. Obviamente, Chee o subestimara também, porque Duran deveria estar preso desde aquela manhã. A ideia de um homem fugir a pé pelo deserto Pintado divertiu Paine realmente.

— Por quanto tempo você aguentaria correr?

— Talvez mais cinco passos. Qual é a distância até aquela mesa?

— Eu estava fazendo um estudo da vida selvagem... Jovem ficou de pé e caminhou até a mesa sombreada.

Paine o seguiu ansiosamente. Chee dissera que Duran não sabia nada, mas dissera também que Duran era um bêbado ignorante, um índio típico da reserva.

O morcego continuava aberto na caixa de luvas. Suas asas tinham ressecado como um pergaminho escuro em torno do qual jaziam os órgãos de uma cavidade abdominal. O estômago parecia uma minhoca.

— Você se importa? Paine deu de ombros.

Jovem enfiou as mãos nas luvas e pegou os escalpelos dentro da caixa. Puxou os lábios do morcego, deixando à mostra dois incisivos largos que tomavam metade da mandíbula superior. O restante das mandíbulas estava preenchido por dentes caninos grandes e em forma de adagas; os incisivos de baixo e os molares de trás eram praticamente inexistentes. Jovem espetou o estômago num escalpelo e passou-o pelos dentes do morcego morto, partindo o estômago em dois.

— Eram os dentes — Jovem sorriu. — Eram os dentes que eu não conseguia imaginar.

O índio sabia. Como, Paine não tinha tempo para adivinhar. Não era capaz de entender as próprias reações porque pensava que teria matado qualquer pessoa que tivesse interferido em seu trabalho e, em

vez disso, sentia tanto alívio quanto raiva. Balançava entre as duas emoções.

— Por que você me seguiu, Duran?

— Eu lhe conto enquanto estiver dirigindo.

Anne se equilibrava na ponta de um trampolim de três metros de altura, do qual ela podia ver todas as piscinas de Fênix, de modo que a cidade inteira parecia feita de turquesa, e se lembrou de uma história escrita por John Cheever chamada *O nadador*, na qual um homem atravessava o Estado de Connecticut seguindo uma linha de piscinas.

— Salte! — disse o pai da porta externa do bar. —Vamos, querida!

Em redor da piscina, havia mesas arrumadas para os convidados e um conjunto mariachi tocava música no jardim.

Anne percebeu que sua mãe tinha se mudado de um jardim de rosas para outro de cactos suculentos. Lilases aquáticos flutuavam na piscina, do mesmo modo que tinham feito para sua festa de formatura. Aquela era a sua festa de formatura, ela se lembrou.

— Você tem de saltar, querida — a mãe disse em voz alta.

Claro, seus pais queriam que ela aceitasse aquele emprego no Heard Museum no centro da cidade. Havia lindas bonecas *kachina* no Heard. Mas Anne tinha intenção de utilizar seus conhecimentos de enfermagem numa das reservas. Os índios eram fascinantes.

Ela mergulhou, voando com os braços esticados até afundar numa piscina azul-brilhante, sentindo o gosto de água pura, admirando os arranjos de lírios flutuarem acima de sua cabeça como pontos diante dos olhos. Vagarosamente, voltou à superfície e saiu da piscina. A parte de cima de seu maiô tinha caído, mas ninguém parecia notar, o que ela estranhou. Ela afastou os cabelos molhados dos olhos e viu Jovem sentado numa das mesas com outro rapaz alto e ruivo. Eles a esperavam com uma bebida num copo alto e ela foi ao encontro deles.

— Eu a amo — disse Jovem. — Vou levá-la daqui para o lugar que você quiser.

Isso era muito lisonjeiro, mas a festa tinha apenas começado. O outro homem colocou uma toalha molhada a sua volta.

— Você não tem uma toalha seca? — ela perguntou.

— Você precisa de uma molhada.

Ridículo, ela estava ensopada. Mas ela não queria fazer uma cena e, além disso, Jovem parecia tão satisfeito. Ele sorria tão raramente e

agora estava entusiasmado como um menino.

— Beba um pouquinho mais, em pequenos goles. Você vai ficar boa e tão logo possa ir, começaremos a viagem. Só você e eu, está bem? Neste momento, precisamos tirar sua temperatura.

— Como foi que chegou aqui? — Anne perguntou. Não era próprio de seu pai convidar índios para ocasiões sociais.

— Pela fumaça da fogueira. Você nos mostrou o caminho. Trabalhou muito bem.

O vozerio se misturava ao tilintar de copos enquanto a mariachi passeava por entre as mesas. Anne tinha receio de que alguém pedisse para tocarem *Guadalajara*. Aquela música a deixava atordoada.

— Desligue o rádio — disse Jovem.

O outro homem foi ao jardim de pedras, onde um dos convidados tinha estacionado uma camioneta imprópriamente. Sua mãe ficaria furiosa.

— O nome dele é Paine.

— Não vejo sinais de infecção. Além dos dedos quebrados e da prostração causada pelo calor, ela está bem. Se conseguirmos fazer baixar a febre... Felizmente, ela não está muito queimada de sol ou não teria sobrevivido — disse Paine.

— Ela perdeu cerca de dez quilos de líquido. Eu já a vi em melhores ocasiões — Jovem tentou fazer um gracejo.

— Obrigada.

Ela cobriu os seios.

— Não — Jovem tirou a toalha e substituiu-a por outra molhada e fresca.

— As outras pessoas — Anne olhou embaraçada para os convidados.

— Estão mortos. Você os enterrou. Encontramos os túmulos. Você foi a única que sobreviveu. Graças a Deus, nós a encontramos agora.

— Não pensei que vocês viessem.

Anne sabia como Jovem era suscetível a reuniões com brancos.

— Deveria ter vindo mais cedo.

Anne estava ansiosa por ver Jovem tão preocupado. Seu rosto estava empoeirado e macilento, o branco dos olhos estava vermelho.

— Você está bem? — ela perguntou.

— Até agora, não peguei nada. Esta é outra razão para sairmos daqui.

Paine tentou lhe fazer uma pergunta, mas houve um tumulto quando os convidados começaram a se retirar carregando as mesas e cadeiras. Ela estava confusa e tentava encontrar o pai. Ninguém nem ao menos se despedia. Não queria que a deixassem sozinha.

— Você está me escutando, Anne? — Jovem perguntou-lhe. — Você pode nos responder?

Ela assentiu. Faria qualquer coisa para impedi-lo de sumir.

— Foram morcegos?

Uma das mulheres que se retirava voltou-se e começou a gritar. Era a mulher do reverendo e berrava tão alto que Anne pôs as mãos nos ouvidos, mas o grito atravessou seu cérebro, inundou-o e saiu pela sua boca. O final da tarde estava estranhamente fresco e quieto. Uma brisa se filtrava através das paredes de rede da barraca de Paine. Ele a chamava de "casulo". Projetando-se para fora pela traseira do Land Rover, Anne achava que era mais semelhante a uma abelha-rainha. Estava deitada num saco de dormir, bebericando chá fraco com a cabeça apoiada numa maleta de amostras. Paine fazia ovos mexidos num fogareiro Coleman. Jovem permanecia ao seu lado.

— Amanhã, você estará em forma para sair daqui. — Pegou a mão dela. — E isto é exatamente o que faremos. Iremos para bem longe. Paine nos levará até a auto-estrada amanhã.

— Você mudou de ideia.

— Sim, e tudo de que precisei foi você ter sido quase morta. Se é que você ainda quer que eu vá com você.

Os olhos de Anne pareciam ainda maiores no rosto emagrecido. Quase perdida dentro de uma das camisas de Paine, mais do que nunca ela lembrava uma criança. Um abraço seria capaz de quebrá-la, pensou Jovem.

— Você tem certeza? — ela perguntou.

— Meus dias de reserva terminaram e estou disposto a viver entre os vivos. Por fim, descobri isso. Você é o meu bilhete de saída porque eu amo o bastante para estar onde você estiver, onde quer que seja. Veja o que aconteceu quando eu deixei que você se afastasse das minhas vistas.

— Eu sabia que você viria a minha procura, Jovem, realmente, eu sabia. — Segurou a mão dele.

— Descanse. Amanhã, sairemos daqui em boa forma, para começar.

Paine aproximou-se com dois pratos de ovos com aparência de coagulados. Ele não quisera nenhuma companhia. Por outro lado, a presença do delegado e da moça tinha feito com que Paine se conscientizasse da solidão em que vivia. Sentia-se atraído pelos dois do mesmo modo que uma pessoa permanentemente fria poderia ser atraída pelo fogo, mas percebendo que podia ver o brilho sem sentir o calor.

— Como foi que você adivinhou? — Ele entregou um prato a Jovem.

— A resposta não era difícil. Era apenas impossível. Os ataques eram feitos por um animal noturno que não deixava rastros, um animal que era capaz de voar até o alto de um poste telefônico e que tinha dentes. Mas aquele tipo de animal não matava gente, pelo menos não com dentes como aqueles. Nunca tinha visto um animal com dentes como aqueles. Mas comecei a pensar numa família morrendo, amontoada, dentro de uma casa com todas as luzes acesas e me lembrei de um certo Sr. Paine, que tinha perguntado a um delegado em Five House Butte se ele vira morcegos. Daí em diante, sabia que estava certo embora não pudesse prová-lo. Você arranhou as provas por mim.

— Temos muito que agradecer a você — Anne disse a Paine.

— Nada disso — Jovem interrompeu. — Ele está envolvido numa das tramoias de Walker Chee. Você acha que ele está fazendo isso pelos pobres índios? Para limpar a reserva? Não, mas para ajeitar as coisas para cavarem uma nova mina ou para continuarem a receber os turistas, isso sim vale o salário de Paine. É isso o que ele é. Um homem assalariado. Diga-me se estou errado, Paine.

Antes que Paine tivesse tempo para responder, o rádio começou a transmitir números de chamada. Como ele ignorasse o sinal, o rádio chamou-o pelo nome com mais insistência. Olhou para o índio antes de ir até a mesa onde ficava o rádio. Apesar das interferências, Jovem já tinha reconhecido a voz de Walker Chee.

— Volte aqui para Window Rock — disse Chee.

— Você me chamou no momento errado.

— Isto é uma ordem. Organizaremos sistemas de defesa. Expliquei tudo ao meu amigo, Sr. Piggot, e ele arranjará todo o equipamento de que necessitamos.

Paine voltou-se, segurando o microfone de modo que pudesse observar o delegado e a moça. A jovem escutava com toda a atenção, o delegado sorria voltado para outro lado.

— Tal como? — Paine perguntou.

— Qualquer coisa. Piggot tem bons contatos.

— Tal como? — Paine repetiu.

— Traçaremos um perímetro de defesa...

— Em torno do deserto?

— Em pontos especiais. Conseguiremos redes...

— De que altura? De que largura?

— E holofotes e projetores. As luzes estão onde estão as pessoas, eles não se importam com as luzes.

— Deixe-me terminar — disse Chee. — O mais importante é que teremos pequenos aviões com ddt. Tão logo os radares acusarem a presença dos morcegos...

— Não conseguirão. Os vampiros voam abaixo dos radares.

— Que droga, não estaríamos nesta situação se você tivesse exterminado os morcegos, como disse que faria.

— E o farei.

— Você diz isso todos os dias e todas as noites a situação piora.

— Estava seguindo o rastro deles. Já estou bem perto. Houve uma pausa antes de Chee continuar a falar.

— Onde você está neste exato momento?

— Não sei dizer exatamente.

— Mas você disse que está próximo dos morcegos. Onde acha que eles estão?

— Não posso dar muita certeza sobre isso, tampouco. Mas eu diria — Paine observou os olhos de Jovem se voltarem na sua direção — Mansion Mesa.

— Mansion Mesa. Está bem, Paine, eu lhe ordeno que vá para Window Rock agora.

— Não.

— Você ainda não foi pago, Paine.

— Ainda não matei os morcegos. Vou desligar.

— Paine...

Paine desligou o receptor com um peteleco e enrolou o fio do microfone na mão.

— Não estamos perto de Mansion Mesa — disse Jovem. — Fica a sessenta quilômetros a sudeste daqui.

— Exatamente.

Paine puxou o fio do microfone que estava ligado ao rádio.

— Mas agora, você não pode dizer a eles onde os morcegos estão realmente — disse Anne.

— Agora, ninguém pode dizer a eles. — Paine atirou o microfone tão longe quanto possível.

— Está muito bem. — Jovem pôs um pouco de café em sua xícara. — Ele não pode dizer a eles onde me encontrar.

Jovem estava certo a seu respeito — Anne disse a Paine. — Você está aqui por conta das companhias. Bem, eu só gostaria de saber a qual companhia deveria agradecer por ter me salvo a vida.

Que importa? — Jovem levantou os ombros. — Eu não me preocupo. Para mim, está tudo terminado por aqui. Assim que alcançarmos a auto-estrada será o fim para nós dois.

Suspendeu o caneco.

— Saúde.

Anne soltou a mão que Jovem segurava. Por um momento, ela se sentiu tão distante dele quanto de Paine. Ela não estava distante, pensou. Eles estavam. Paine, corpulento, com um bronzeado que se tornava pálido como um fantasma em contraste com a pele de Jovem; volumoso, mas ausente de alguma maneira. Jovem, escuro e franzino, e revestido de tanto cinismo que parecia quase intocável. Juntos, eles a haviam salvado, e agora ela se sentia quase supérflua para ambos.

Jovem puxou a espingarda para junto de seu joelho enquanto Paine introduzia um cartucho de CO2 numa espingarda de ar comprimido.

— Você vive de matar morcegos? — Anne perguntou.

— Hum, hum.

— E vive-se bem com isso? Matando morcegos? — Jovem perguntou.

— Para o sul do México, vive-se muito bem.

E você os mata com isso? — Jovem olhou para a arma de ar comprimido.

— Não. Com aquilo.

Paine apontou com a arma para um recipiente vermelho onde se lia "Perigo" em inglês, francês e espanhol, encostado à porta traseira do Rover.

— Cianogás. Isto é, se for preciso entrar na caverna. Nunca se entra numa caverna se se puder evitar. Se se puder evitar, deve-se atraí-los com algum alimento.

— Como, por exemplo?

— Gado, em geral. Os morcegos voltam para um rebanho no qual já se alimentaram. Eles dividem "seus" rebanhos em territórios. Você besunta "Vampirol" numa velha ferida.

— Gosto deste nome. — Jovem acendeu um cigarro. — Vampirol. Parece o nome de um depilador para pelos supérfluos.

— É feito de mel e estricnina. Funciona, mas é uma forma lenta de matá-los.

— Você odeia morcegos? — Anne perguntou.

Paine pousou a arma no chão e entrou no Rover. Voltou com uma garrafa de conhaque Napoleão e três copos de papel.

— Estamos fora da rota de voo habitual dos morcegos. — Encheu os copos e deu um para Anne. — Vamos...

— Isto é uma festa? — Jovem estava assombrado. — Que diabo faz você pensar que quero beber com você?

— Desculpe, Chee me disse que você era um beberrão.

— O que mais?

— Um coitado ignorante e incapaz. — Paine estendeu o copo.

— Você sabe o que é um pinhão? Uma noz branca .

— E daí?

Paine continuava a segurar o copo. Anne esperava que Jovem empurrasse a mão de Paine, mas, em vez disso, ele pegou o copo.

— Mel e estricnina, hem?

— Esta é a maneira mais fácil de fazê-lo. Paine virou o conhaque de uma só vez.

— *Pahan* louco — Jovem murmurou e ingeriu metade do copo.

— O que quer dizer isso? — Paine voltou a encher o copo.

Eu estava dizendo que temos por aqui todo tipo de branco maluco. Em geral, querem levar um lobo ou um felino da montanha. É a primeira vez que conheço um que está atrás de morcegos.

— Você não pensa muito neles.

— Nunca pensei.

— Pense um pouco. Pense num animal que do ponto de vista da aerodinâmica tem mais maleabilidade que uma mosca. Que possui um sistema de captação de ecos mais sofisticado do que a tecnologia de navegação de um bombardeiro

Que enxerga no escuro tão bem quanto um gato. Que, caso único na natureza, ultrapassou os limites da eficiência, convertendo o sangue de outros vertebrados em seu próprio sangue.

— Que tremendo vendedor ele é, não? — Jovem comentou com Anne.

— E não estou falando de uma gota de sangue — disse Paine. — Quando um vampiro feroz se alimenta, ele é capaz de beber uma vez e meia seu próprio peso em sangue. Por causa do anticoagulante existente na saliva do vampiro, a vítima perde em dobro a quantidade ingerida pelo morcego. Durante um ano, um único vampiro pode ingerir nove galões de sangue, ou o volume total de sangue de uma vaca de bom tamanho ou de seis pessoas.

— É assim mesmo? Como pode um animal beber cento e cinquenta por cento de seu próprio peso e sair do chão?

— Eles urinam. Urinam enquanto bebem. A refeição de sangue é absorvida pela região cardíaca do estômago e o fluido sanguíneo é expelido.

— Havia manchas pretas em redor de Abner e dos cavalos que foram atacados.

— Urina.

— É, são eficientes. — Jovem riu. — Vou dar algum crédito às pequenas presas.

Paine sorriu concordando.

— Você devia entrar numa caverna de vampiros algum dia. Certo ano no México, envenenei cem cavernas. Matei mais de cinquenta e cinco mil vampiros. Eram matanças interessantes.

Anne estudou o vermelho-escuro de seu conhaque. Foi Jovem quem finalmente quebrou o silêncio.

— Mas então o que é isso? Você sente um tédio enorme ou é totalmente louco? Um homem branco, com o seu talento, poderia ganhar milhões vendendo seguros. Por que vampiros?

— O estudo de morcegos vampiros...

— Você não disse "estudo", disse "matança". Anne já lhe perguntou antes. Você odeia morcegos?

Paine encheu o copo de Jovem.

— É um emprego. Sou um profissional, um assalariado, como você mesmo disse. E se acontecer que Chee não lhe pague? Isto não o preocupa?

— Ele vai me pagar. Vai me pagar o dobro quando tiver terminado.

Paine bebeu outro copo de conhaque.

— Chee é um idiota, tentando guardar este segredo — observou Jovem.

— Não, não, ele estava agindo normalmente.

— Isso é normal?

— Há setenta anos houve um surto de peste em São Francisco. As autoridades se recusaram a acreditar no fato. Um investigador federal chegou e foi atacado pela multidão. O Estado da Califórnia só aceitou ajuda diante da ameaça de Washington de manter todo o Estado em quarentena. É normal.

— Mas não é normal que morcegos-vampiros estejam por aqui. Por que eles estão?

— A maioria dos morcegos daqui migra através da fronteira durante as estações. Os vampiros estavam mais ao sul apenas — Paine respondeu evasivamente —, e suponho que finalmente se juntaram aos outros. Arizona, Texas e Novo México têm cavernas com milhões de morcegos em cada uma. É um paraíso natural para eles.

— Para você também, então. É engraçado como os morcegos e você aparecem ao mesmo tempo. E então os morcegos começam a espalhar a peste? É uma coincidência impressionante. Quero dizer, você não é exatamente um sortudo, ou é?

— Não entendo uma coisa — disse Anne. — Pensei que era um fato comprovado que apenas pulgas roedoras podiam transmitir peste.

— É um fato comumente aceito — disse Paine. — Como outro de que só os cachorros transmitem raiva.

— O que a raiva tem a ver com a peste?

— Os morcegos. Todos os anos, centenas de milhares de cabeças de gado morrem de uma paralisia semelhante à hidrofobia, raiva. Em 1950, a doença se espalhou até Trinidad e atingiu o povo. Mataram

todos os cachorros da ilha, mas as pessoas continuavam a ser infectadas. Na verdade, só quando os morcegos-vampiros começaram a atacar durante o dia foi que as pessoas perceberam qual era a fonte real, um pouco tarde para as oitenta e nove vítimas já mortas.

— Como é que os morcegos pegaram raiva? — ela perguntou.

— De um animal selvagem de que se alimentaram. O que é interessante é que a raiva se transformou numa variante um pouco diferente da doença. E que a maioria dos vampiros raivosos é imune à doença.

— Pensei que qualquer animal com raiva morresse.

— Então você entende qual é a minha ideia. Qualquer outro animal morreria. De qualquer modo, você disse que pulgas roedoras transmitem peste. A verdade é que dezenas de pulgas diferentes podem transmitir peste, e estas pulgas podem ser encontradas no homem, nos macacos, nos gatos, nos cachorros, camelos, carneiros e até em aves. E morcegos. Como é que os vampiros poderiam evitar de ser hospedeiros de peste por aqui? Qualquer animal de sangue morno representa alimento para eles e a peste é endêmica nos animais desta região. Quando você considerar o método de alimentação, o contato oral, a profusão de sangue e a atração das pulgas por sangue...

— Guarde isto — disse Jovem. — Guarde tudo isso para Chee e seu amigo Piggot, ou para o exército ou quem quer que tenha dinheiro de sobra. Você está desperdiçando conosco.

— Mas alguém deveria ser informado a respeito — disse Anne. — E o Centro para Controle de Doenças?

— Claro — Jovem deu uma risada —, eles fizeram um trabalho de primeira com a cólera suína.

— Chee está se encarregando desse tipo de informação — Paine respondeu a Anne. — De qualquer modo, mesmo que trouxessem um grupo do ccd em Atlanta, eles não saberiam que providências tomar contra os vampiros e acabariam me procurando no México.

Já estou aqui e sei onde estão os morcegos.

— Bem, eu não o compreendo! Você fala a respeito de uma epidemia de peste, mas nós escutamos quando você enviou Chee para o lado errado. Você é tão louco assim?

Paine estava consternado. O clima de convívio, quase de festa, que ele pensou que todos estavam desfrutando começava a desaparecer

depressa demais diante do impacto da explosão de cólera da jovem. Ele ergueu seu copo de papel. Estava vazio. Quando baixou o copo, ele o fez desajeitadamente porque estava tentando evitar o olhar enraivecido da moça, mas o copo caiu e rolou na direção dela.

— Está tudo bem — Jovem pegou o copo e serviu mais conhaque para Paine. — Eu o compreendo. Você é o exterminador de morcegos. Quer trabalhar sozinho.

Dois helicópteros voavam em fila na direção do sol. Em cada aparelho viajavam quatro homens vestidos com roupas fechadas de vinil, quatro bombas e ddt. Chee chegou à conclusão de que Paine tinha razão a respeito de uma coisa. Tão logo as companhias de petróleo ouvissem a expressão "morcegos-vampiros" entrariam em pânico.

— É assim que acabamos um incêndio numa refinaria de petróleo — disse Piggot. — Explodimos tudo.

— Não sei. Talvez devêssemos ter esperado para trazer Paine.

— Olhe, tivemos problemas com enxames de morcegos nos nossos poços na Indonésia. Nós só queimamos os ninhos. Não se espera que um determinado especialista venha fazer o serviço por nós. Ou qualquer maldito estudo ecológico. Se os vampiros estão aqui, é por aqui que vamos começar e onde ficaremos até explodir todas as cavernas de morcegos da região, se assim for preciso. Isto é, se você está interessado nos lucros do petróleo. Imagino que esteja.

Você está falando em milhões de morcegos. Os hopis não vão aceitar esse tipo de massacre na terra deles.

— Se você quer desistir, Chee, diga uma palavra e nós voltaremos.

Chee não podia voltar atrás, como ambos sabiam. Os recursos financeiros das tribos se esgotavam nas construções de alojamentos baratos, nas especulações hipotecárias de Nevada, em saneamentos da terra e transações bancárias. O orçamento para o ano seguinte tinha um déficit avaliado em dois milhões de dólares; um déficit que importaria em investigações do Departamento Indígena por mau emprego dos recursos federais. Aos seus olhos, Chee nada fizera de errado. Ele não inventara a inflação mundial, nem a pressão das hipotecas de Nevada. Mas sabia que as investigações assustariam os investidores particulares que ele cortejara por todo o país. Por outro lado, o consórcio de companhias de petróleo representado por Piggot estava disposto a pagar dois milhões de dólares por um arrendamento por vinte anos do

canyon Maski e dez por cento de royalties por todo o petróleo produzido. A princípio, Chee pensava que seu único problema era que o canyon estava na divisa entre os territórios navajo e hopi. Então os morcegos vieram e a peste chegou.

Um sol furiosamente vermelho se equilibrava no horizonte. Begay viajava no helicóptero da frente com o médico branco que estivera na fazenda dos Momoa. Segundo a sugestão "impossível" de Jovem, fizera indagações pelo telefone, de San Diego até a Cidade do México, até descobrir um zoólogo que reconheceu os ferimentos, e então dirigiu-se imediatamente a Piggot. Chee o demitiu. Não tinha importância. Como o médico esperava, Piggot pagou alto pela informação.

— O que eu estava dizendo — Chee modificou seu protesto — é que talvez fosse melhor esperar e coordenar o trabalho com Paine. No caso de alguns morcegos fugirem.

— Chee, você sabe quantos geólogos sabem mais a respeito de petróleo do que eu? Talvez mil, e são todos uns pobres coitados e muitos deles trabalham para mim. A razão disso tudo é que eu tenho coragem. Todo o negócio de petróleo se resume nisso. Coragem e fé. Por isso, estou lhe dando uma oportunidade. Você pensou que alguns morcegos me assustariam e me afastariam de uma jogada? Veja como perdeu tempo com o seu especialista. Deveria ter falado comigo desde o início.

— Mas ele conhece esses morcegos.

— E eu conheço dinamite.

— Já está quase na hora do crepúsculo. Os morcegos aparecerão logo.

Ótimo. Explodiremos aqueles que saírem e deixaremos o resto por conta do ddt.

— Há quantidades enormes de morcegos.

— Por isso, vamos a esse lugar primeiro. Olhe, Chee, você quer ser um homem importante, um herói, e quer ser rico. Sabe que se continuar conosco será tudo isso.

Chee calou a boca. Piggot usava quase o mesmo argumento que Chee usara com Duran, apenas o argumento de Chee era uma fraude e o de Piggot era a linha básica. A base era sempre a mesma em qualquer contrato de homem branco. Os helicópteros pertenciam a Piggot, não

tinham sido dados a Chee, apenas emprestados para pesquisas geológicas.

— Três quilômetros a dez graus ao sul. Temos contato visual — informou o helicóptero que ia na frente.

— Vamos aterrissar. — Piggot pegou o microfone.

Os dois helicópteros se balançaram ligeiramente de lado para obter uma visão melhor de Mansion Mesa, um planalto relativamente pequeno, de topo irregular e paredes desmoronadas que sugeria uma mansão decrépita e de proporções avantajadas localizada no meio do deserto. Sob a claridade escaldante do sol poente, a mesa tinha um brilho alaranjado. Uma camada de pedra vulcânica no topo do planalto tornava a vida impossível para os homens, mas o centro do planalto era oco, uma grande caverna ocupada por salamandras cegas, besouros, baratas, cobras-coral, pseudo-escorpiões e centenas de colônias de morcegos diferentes.

— Tem certeza de que existe vida ali? — Piggot indagou a Chee.

— Sim.

— É melhor passarmos por perto, primeiro — Piggot ordenou pelo rádio.

Os dois helicópteros fizeram um circuito em redor das paredes do planalto quilométrico, observando suas próprias silhuetas navegarem no solo. O som de motores a jato ressoou nas montanhas.

— Morcegos! — gritaram do primeiro helicóptero.

Na encosta sul, a cerca de cinco metros da extremidade do planalto, uns doze morcegos se apartaram à luz do dia e mergulharam na sombra que se erguia do solo do deserto.

— Vamos dar outra volta — Piggot ordenou.

— Esta é a entrada principal — Chee discordou. — Você não sabe como o sol some depressa. Temos de agir agora.

Os helicópteros fizeram um segundo circuito, mais próximo dessa vez, quase tocando as encostas com as turbinas. Ao retornarem pelo sul, sem descobrirem outra entrada, Chee observou que o sol se pusera até a metade. Uma linha sombreada de azul-nevoento estendia-se logo abaixo da entrada da caverna e um cordão fino mas sólido de morcegos saiu batendo as asas.

— Está bem, vai ser mais difícil do que esperávamos — Piggot falou pelo microfone. — Não podemos jogar as bombas simplesmente.

Teremos que sobrevoar a entrada e jogar as bombas lá dentro. A dinamite tem uma demora de dez segundos para dar contato, de modo que vocês não precisam se preocupar desde que não entrem num remoinho. Esperaremos por perto e, no caso de vocês errarem o alvo, entraremos com nossa carga. Mas vamos tentar acertar na primeira tentativa. E não se esqueçam dos capacetes. Há uma possibilidade de que alguns desses morcegos estejam infectados e não queremos correr riscos.

Piggot já estava correndo riscos, pensou Chee.

— Diga a eles para prosseguirem.

— Espere, chefe. Eu disse que faremos as coisas direito. Olhe, os morcegos nem ao menos estão saindo da caverna.

As sombras já atingiam metade da boca da caverna e continuavam a subir diante dos olhos de Chee. O helicóptero da frente regrediu cerca de cem metros, enquanto o outro que levava Chee e Piggot resvalou cinquenta metros para o lado. Houve uma pausa enquanto os homens em cada aparelho atavam os capacetes dos macacões. Não ficariam vestidos com eles durante muito tempo, de modo que podiam dispensar os balões de oxigênio. Chee começou a suar imediatamente quando outros morcegos surgiram. As sombras atingiram o alto da entrada da caverna. A maior parte do deserto era agora uma poça azul.

"Pronto", o rádio anunciou.

— Uma recompensa de cem dólares para cada homem que acertar uma jogada — Piggot lhes disse.

Chee observava Begay ser amarrado dos dois lados do alçapão aberto do Huey. Uma sacola foi entregue a Begay. Os dois helicópteros oscilaram no ar. Outros morcegos saíam da caverna, salpicando o ar.

— O que eles estão esperando?

— Calma — Piggot disse a Chee.

Begay levantou um polegar. O helicóptero mergulhou o nariz e avançou na direção da mesa.

— Mantenha-o a cinco nós até ele atirar a carga e então dispare. Uma boa caça! — gritou Piggot.

O helicóptero embicou para a caverna num ângulo de vinte graus. Begay e a carga estavam ocultos para o segundo helicóptero. Uma pequena nuvem de cerca de cem morcegos deslizou de dentro da

caverna. Firme e resolutamente, o helicóptero balançou na direção do planalto.

Os minutos seguintes foram e seriam sempre confusos na mente de Chee. A caverna não irrompeu com centenas ou milhares de morcegos, mas com dezenas de milhares de morcegos de guano, morcegos de caverna, morcegos vermelhinhos, morcegos do canyon, morcegos franjados, num total de cerca de quinhentos mil morcegos, como se Mansion Mesa despejasse suas colônias, do mesmo modo que o planalto sempre libertava os morcegos ao anoitecer, até que o helicóptero, o planalto e metade do céu ficassem encobertos por uma nuvem móvel e guinchante. O helicóptero de Chee quase foi lançado ao solo e o rádio berrava: "Morcegos!"

Os morcegos. O ruído de suas asas encobria o ronco dos motores a jato dos aparelhos. Chee não chegou a escutar o estrondo do helicóptero contra a encosta do planalto, apenas aquele baque como o de uma chuva pesada até que a carga finalmente explodiu no sopé da mesa, dispersando, sobre a areia, os restos de Begay e do helicóptero.

CAPÍTULO 7

O dia amanheceu quente e sem vento. Não havia qualquer movimento ou sombra ou contornos à vista. Apenas a luz branca que ressecava e evaporava a vida.

Às seis horas da manhã, um alerta geral sobre a peste foi transmitido pelo rádio do Rover, seguido uma hora mais tarde pelas ordens de evacuação para todas as pessoas que estivessem entre Mesa Negra ao norte e Castle Butte ao sul, e a corredeira de Dinnebito a oeste e a Rodovia 87 a leste.

Às oito horas, as ordens vindas de Window Rock foram invertidas e os ocupantes da área anteriormente mencionada recebiam instruções para permanecer onde estavam, evitar reuniões públicas, fumigar as casas e as próprias pessoas, não se aproximar de animais selvagens nem de animais domésticos doentes, e notificar qualquer ferimento, agitação ou febre suspeita. Além disso, deviam cremar os mortos e permanecer dentro de casa, à noite, com portas e janelas fechadas. Na realidade, era uma quarentena de seis mil e quinhentos quilômetros quadrados. À noite, um cerco.

— Apenas o começo.

Paine abriu um mapa. Círculos e datas marcavam todos os incidentes referentes a vampiros e peste.

— Winslow e Flagstaff ficam a apenas quarenta e cinco quilômetros desta área. Espere para ver o que vai acontecer quando a

peste chegar até lá.

— O que são estas outras marcas? — Anne perguntou.

— Os X são as trilhas sonoras dos vampiros. Os triângulos são as colônias de morcegos mais importantes. Ao sul Mansion Mesa, a leste Stephen Butte, a oeste a montanha de São Francisco. Há milhões de morcegos nas cavernas das montanhas. O que vai acontecer se os vampiros entrarem lá e as pulgas se espalharem?

— O quê?

— Você pode riscar Arizona, Utah e Novo México do mapa dos Estados Unidos só para começar.

— Nós os estamos riscando agora, estamos dando o fora.

Jovem voltava, depois de despejar a última lata de gasolina no Land Rover.

— Quando atravessarmos a Rodovia 89, há uma estrada de terra que conheço que leva até os caminhos do Grand Canyon. Ninguém vai saber que saímos da área de quarentena.

— Eu só prometi que o levaria até a auto-estrada — disse Paine.

— Você escutou o rádio. Seríamos apanhados num minuto na auto-estrada e enfiados num hospital cheio de gente com peste. Não há saída. Iremos para o Grand Canyon, todos nós.

— Não vou sair do deserto — disse Paine.

— Isto é com você. Nós vamos, e no caminhão.

— Eu preciso do Rover.

— Não tanto quanto nós.

Enquanto os dois homens discutiam, Anne saiu caminhando sozinha e se sentou junto a um cacto arborescente murcho. A polpa do cacto tinha sido comida, deixando a carcaça aberta como uma gaiola. Mais adiante, o S contínuo do rastro de uma cascavel decorava a areia. Ao longe, a planície se estendia até o horizonte, que estava claro e extraordinariamente visível mesmo através da vibração das ondas de calor. Uma linha longa, sem interrupções nem margens, a mesma linha na qual ela se concentrara quando estava morrendo. Morrendo, ela tinha resolvido que aquele era o local para morrer. E a forma de morrer, porque ela tinha mentido para Jovem, tinha perdido a esperança de que seria salva, e livre daquela esperança, sabendo que já tinha sobrevivido tanto quanto poderia sobreviver sozinha e sem ajuda, atingira uma inesperada clareza de raciocínio. Um entendimento da vida. Franklin

atingira o mesmo ponto antes de morrer. Aquela era uma dádiva repentina do deserto, não tanto um entendimento consciente, mas antes uma extensão dos sentidos, que a faziam sentir a brisa seca e fresca ao seu redor, ver os planaltos distantes plantados como mulheres morenas, ser enfim parte integrante do deserto. Essa percepção era uma absolvição vinda de seu executor. Talvez jamais tivessem sido os índios, nem uma satisfação do ego em seu voluntarismo que a trouxeram para o deserto e até aquele ponto. Talvez fosse uma procura da realidade. Porque Fênix era um sonho, um oásis falso. Jovem não era falso, apenas suas aspirações de deixar o deserto. As visões de Anne tinham sido reais ao vê-lo correr sobre uma duna porque ele era um animal do deserto e jamais poderia deixá-lo sem antes matar mais da metade de si mesmo. Se ela o queria, teria que aceitá-lo por inteiro. Por que ele e ela tinham sido poupados dos morcegos e da peste? Por que o deserto tinha feito aquilo por eles? Pegou um punhado de areia e deixou-o correr como água por entre os dedos quebrados.

Jovem ergueu a espingarda, introduziu uma bala no tambor e apontou-a para a cabeça de Paine.

— Dê-me as chaves.

— Você terá que me matar.

— Eu o farei, para nos salvar. Jogue as chaves.

— Há outras vidas em jogo. Sua gente, os navajos, todo mundo no deserto. E isto é apenas o começo.

— Não é o fim do mundo — disse Jovem.

Ele teria atirado naquele momento, mas de repente teve uma visão de Abner. Então Anne interrompeu.

— Além de você — ela perguntou a Paine —, quem mais pode deter os morcegos?

— Ninguém. Há especialistas em controle de vampiros na Cidade do México, mas levaria uma semana até que eles organizassem uma equipe. A essa altura, os morcegos se mudariam para uma nova caverna e a peste estaria fora de controle. Pode estar fora de controle agora.

— Como?

— Uma bala — Paine olhou para a arma de Jovem — mata apenas a pessoa atingida. Todas as vítimas, homem ou animal, mordidas por morcegos se tornam um vetor, um disseminador da peste. Pergunte ao seu amigo quão rapidamente a peste se espalhou em dois dias. De uma

pequena área de poucos quilômetros quadrados, para centenas de quilômetros quadrados. Geometricamente. Quanto maior a área que ela cobre, mais acelerada é sua disseminação. Você pode imaginar o que vai acontecer se um vetor humano chegar a uma cidade grande ou a um aeroporto. Ou até mesmo um motel próximo ao Grand Canyon.

— Há alguma possibilidade de Jovem ou eu estarmos com peste?

Paine demorou para responder.

— Sim, é possível.

— E você sabe onde estão os morcegos?

— Quase com exatidão. Estive traçando os caminhos de seu voo durante cinco noites. Conheço a área da caverna deles. É claro que eles podem se mudar para uma caverna diferente a qualquer momento, a não ser que eu os impeça agora.

— Não dê ouvidos a ele — disse Jovem. — Você não está com peste. Podemos chegar à Califórnia. Não teremos que ouvir falar da reserva novamente. Lembra-se do que você me disse? Poderíamos ir a qualquer lugar do mundo juntos.

Anne sacudiu a cabeça.

— Vou ficar.

— Você vai. Não sabe o que está dizendo.

— Sei o que estou dizendo. Durante dois anos, perambulei por esta reserva sem fazer nada além de curativos e aplicações de unguentos. Isso é quase a mesma coisa que nada, Jovem, e foram dois anos da minha vida. Talvez eu tenha feito alguma coisa de bom para as pessoas, espero que sim. Agora você quer que eu seja responsável por deixar essa gente morrer? Quer que eu jogue fora estes anos? Que eu fuja na primeira oportunidade que tenho de realmente ajudar? Se você quer fugir, fuja. Mas não vou com voce.

— Posso obrigá-la a ir. — Jovem apontou a espingarda para ela.

— Não. Isto você não poderia fazer.

— Paine é louco.

— Ele pode deter os morcegos.

— Entre na camioneta.

Anne não disse nada, mas sustentou o olhar de Jovem, sem lutar porque não tinha forças para isso. Ao contrário, rendeu-se, permitiu que os olhos dele penetrassem tão fundo quanto pudessem até que a espingarda caiu.

Jovem fez uma última tentativa. Vamos fazer uma troca. Fico aqui e espero até que ele a leve para fora da área de quarentena. Então, vou ajudá-lo quando ele voltar. Ele tem mapas, mas não conhece o deserto.

— Então isto soluciona tudo — disse Anne. — Somos todos necessários. Trabalharemos juntos como uma equipe. Se — virou-se para Paine — estiver de acordo.

— Uma equipe? — Paine pegou a espingarda de Jovem. — Uma equipe seria ótimo.

O *canyon* Maski era um labirinto de muitos *canyons*, alguns de arenito *kaibob* erodido com paredes esburacadas pelo vento arenoso, outros de argila preta e ainda outros de lava com veios brilhantes de obsidiana. Em outros tempos, o *canyon* tivera vegetação e um povo, os ancestrais dos hopis, que cultivavam milho e criavam cabras naquela fortaleza natural e impenetrável. Então, aos poucos, os poços secaram, o solo delgado se esgotou e os ancestrais desapareceram. Qualquer pessoa que se perdesse naquela habitação esquecida era considerada morta pelos hopis, que tinham se retirado para Mesa Negra; pelos navajos, que poderiam encontrar mais vegetação entre as dunas de areia; e pelos *pahans* de Washington, que prazerosamente cediam um pedaço do inferno.

Até o Landsat. O satélite Landsat tinha sido lançado pela Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço no dia 2 de janeiro de 1975. A partir de então, catorze vezes ao dia, o satélite circundava a Terra medindo a intensidade de radiação do solo em unidades 1.1-acre. Numa tela multiespectral, um espelho oscilante refletia luz para detectores que convertiam a luz em voltagens elétricas. As voltagens, por sua vez, eram convertidas em valores numéricos de 0 a 63. O Landsat projetava seus dados para uma estação em Goldstone, na Califórnia, onde os dados eram gravados em fita e embarcados para o Centro Goddard de Voos Espaciais, onde os valores numéricos eram reconvertidos em filmes em branco e preto, sendo então gravados, através de filtros, em forma de fotografias coloridas. As fotografias eram arquivadas no Centro de Processamento de Dados das Observações de Recursos da Terra do Departamento do Interior em Sioux Falls, Dakota do Sul. Embora as fotografias fossem caras, estavam sendo muito requisitadas por países em desenvolvimento, desejosos de encontrar sinais de depósitos de minerais; por meteorologistas que traçavam

mapas das condições do tempo; por engenheiros civis responsáveis por planejamentos de auto-estradas e principalmente por companhias de petróleo. Um grupo de companhias de petróleo sediadas em Houston notou que uma fotografia do Estado do Arizona, geralmente seco em petróleo, apresentava uma falha inexplicável e quase insignificante na intensidade da radiação. Fotografias noturnas da área, uma faixa de terra do deserto Pintado mantida em condomínio por tribos navajo e hopi, mostravam sinais de radiação ainda mais intensos.

Fizeram-se contatos com os navajos mais esclarecidos e helicópteros foram emprestados com a finalidade de cumprir estudos aéreos mais localizados através de filmes infravermelhos. A razão da falha na radiação, segundo descobriram, não era radiação, mas fogo. Uma fogueira que existia numa série de *canyons*, que vistos do ar pareciam dentes encadeados, *canyons* sem árvores ou qualquer outra coisa para se incendiar. Exceto petróleo. Havia um vazamento em algum ponto muito profundo sob a terra, de um poço insuspeitado de petróleo. Em alguma época, um raio devia ter atingido o vazamento e causado o incêndio, um incêndio que podia estar queimando há centenas de anos sem que ninguém soubesse. O vazamento de petróleo era imprestável, mas onde havia um, tudo levava a crer que houvesse outros, e de petróleo seguramente.

A uma distância de uns dois quilômetros, ao meio-dia no deserto, o *canyon* parecia os despojos de uma enorme criatura que tinha caído na terra, em chamas. Em vez do topo plano de um planalto, penhascos angulosos apontavam para o céu. Através de uma mortalha de lava escura, brotavam veios de arenito *supai* vermelho-ferrugem e filões de malacacheta fosca. Não havia qualquer tipo de vegetação e, exceto um bando de corvos, nenhuma forma de vida.

— Pare — disse Jovem.

O Land Rover freou.

Não havia reflexos, nem sombras, pensou Paine ao descer da camioneta. Como se o *canyon* absorvesse e cancelasse toda a luz. Jovem desceu, fitando os penhascos à frente. De um certo modo, estava se divertindo muito. Mas Paine estava embicado naquela direção quando Jovem o encontrara na véspera. Jovem deveria ter adivinhado.

— Você conhece estes *canyons*? — Paine perguntou a ele.

— Ele conhece. — Anne juntou-se aos dois. — Todos os hopis conhecem.

— Dê-me o binóculo — Jovem disse a Paine.

Paine entregou o binóculo a Jovem e o delegado focalizou o planalto em frente, vagando lentamente da esquerda para a direita.

— Tem um significado religioso — disse Anne. — Não sabia absolutamente que o lugar existia ainda.

— São superstições — Jovem a interrompeu. — Histórias de feiticeiros ignorantes. Nada que interesse a vocês. Você disse que os morcegos estão lá em cima?

Paine apontou para umas fendas nos penhascos.

— Eles voam através daquelas passagens. Se pudermos levar a camioneta até ali, poderemos atravessar o resto do caminho a pé.

Jovem estudou as paredes da fenda e baixou o binóculo vagorosamente até a base do planalto, até uma risca de arenito vermelho-ferrugem, onde encontrou o que estivera procurando, uma dupla espiral negra, com trinta centímetros de largura por sessenta de altura.

— Deve haver milhares de cavernas lá em cima, Paine. Como é que você vai encontrar a certa?

— Eles nos guiarão até lá, quando subirmos com a camioneta... — Paine se deu conta da concentração de Anne em Jovem. — Há alguma coisa a respeito do *canyon* que eu deveria saber?

— Você cuida dos morcegos. — Jovem entregou o binóculo. — Eu me encarrego do resto. O que você dizia a respeito da camioneta?

— Ok. — Paine abriu um mapa sobre o capô do Rover. — Segundo esta pesquisa aérea que Chee me deu...

— Você conseguiu isto com Chee? Interessante — observou Jovem.

— Há um caminho bastante largo para uma camioneta neste setor.

Jovem passou os olhos pelo mapa e novamente pelo canyon.

— Não é um caminho. É uma faixa de terra vulcânica. Você vai afundar até o para-brisa.

— Bem, o outro mapa que eu tenho é uma foto de satélite.

— Então, mostre. Vamos ver — Jovem disse quando Paine hesitou.

Paine fez como Jovem dissera, abrindo no chão a foto de satélite em acetato, com um metro de largura. Matizes de cores acentuadas por computador pareciam se misturar à areia.

— Estes são difíceis de interpretar — começou Paine. Jovem girou a fotografia.

— O sol está aqui. — Ele levantou um dedo. — Os canyons de arenito são as manchas rosadas. A argila xistosa é laranja, a lava atrai a maior quantidade de calor, de modo que é vermelha. Estes pontos mais escuros são de obsidiana exposta.

Jovem continuou por um minuto a traduzir as gradações de cores em serra, canyons, poços secos e campos de turquesa.

— Este ponto é o petróleo em combustão. Passei um ano olhando para este tipo de fotografia, apenas elas eram tiradas por aviões de reconhecimento. Nós sempre procurávamos petróleo em combustão. — Correu o dedo ao longo da extremidade leste dos canyons. — Há dois caminhos até a serra. Talvez os dois estejam bloqueados, talvez um só. Você e Anne, peguem a camioneta e rodem uns oitocentos metros até a base do canyon, e encontrarão uma passagem. Continuem devagar. O único perigo é terra vulcânica no caminho, mas vocês não querem ser apanhados. Eu irei na direção leste. Há um caminho mais curto daquele lado, mas está bloqueado por pedras, em geral.

— Ela tinha razão — disse Paine. — Nós formamos uma boa equipe.

Jovem não disse nada, mas esperou que Paine e Anne entrassem no Rover.

— Eu gostaria que você viesse conosco — disse Anne.

— Depois.

Ele esperou até que o Rover diminuísse de tamanho ao longo da base oeste do canyon e então começou a correr para leste, na direção da espiral dupla do arenito.

Paine ligou o motor e dirigiu o Rover para o caminho indicado por Jovem. Com exceção de um cascalho de mala cacheta solta, não viu nenhum obstáculo à frente e se sentiu encorajado.

— O índio tinha razão. Quero dizer, Jovem.

Olhou para Anne a fim de ver se a tinha ofendido. O pensamento dela estava longe. Falou mais alto.

— Jovem é um cara muito interessante.

— Acho que sim.

Ela tinha a atenção fixa no caminho. O Rover continuava a subir seguro, atirando cascalho com as quatro rodas. As paredes adiante

eram de arenito claro, calcificado.

— Mas ele não precisa ser — ela acrescentou. — "Interessante" é na realidade uma palavra muito pequenina. Uma palavra maçante. Morcegos-vampiros são "interessantes", peste é "interessante", índios são "interessantes", Todos são, a uma certa distância, como uma emoção. A vida é "interessante".

— A morte, também — Paine disse com firmeza. Anne passou os olhos por ele; havia momentos em que ela vislumbrava um pouco mais além do abismo de comunicação entre os dois.

Durante uma hora, o Rover se embrenhou pelo canyon até que o caminho se tornasse mais difícil, inexoravelmente projetado sobre o deserto.

Sob a espiral dupla traçada sobre a parede do canyon, crescia uma única vegetação sobre um pequeno outeiro, a datura. Quase tão altas quanto um homem, as plantas pro duziam flores de um violeta pálido, em forma de cálices. Jovem caiu de joelhos diante delas.

Exatamente onde Abner sempre dissera que elas estavam, pensou. Porque nenhum hopi podia entrar no canyon Maski sem datura na boca. Era este o "caminho", como qualquer estrada.

Durante toda a vida, ele virará as costas para o "caminho" e, para onde quer que se voltasse, o "caminho" estava na sua frente. A manobra que fizera com Paine e Anne, indicando-lhes uma estrada errada a fim de ficar sozinho, era mínima em comparação ao que Abner tinha feito com ele. Porque lá estava ele; depois de todos os lugares, ele estava ali. Mas, disse para si mesmo, ainda não acreditava.

Uma pena preta e branca de uma pega vibrou por entre as folhas grossas da datura.

Contudo, uma pessoa tinha obrigações. Jovem quebrou uma das plantas e cortou uma raiz branco-amarelada. Separou um segmento da raiz do tamanho de um botão e guardou o resto no bolso. Pôs o botão na boca e teve ânsias de vômito. O gosto era alcalóide e amargo, e de início pensou que ia vomitar, mas, depois de colocá-lo debaixo da língua, a náusea diminuiu. Jovem ficou de pé, virou à direita e correu ao longo da base do *canyon* até onde lençóis de lava empoçada desciam para o deserto em dobras sobrepostas que escondiam uma estrada de terra e malacacheta em declive. Sem diminuir a marcha, ele alcançou o *canyon*

otou com alívio que a datura não produzira qualquer efeito. Ele respirou confortavelmente o ar rarefeito e observou o céu estreitar-se a cada passo entre as paredes do *canyon*.

A estrada era tortuosa, com uma série de aparentes becos sem saída e cruelmente íngreme. Era sombria, mas sem sombras. As paredes irradiavam um calor enervante que ressecava a traqueia e os pulmões. Jovem respirava pelo nariz no início da subida, mas, após meia hora, o oxigênio exigido pelas pernas era em grande quantidade e ele abriu a boca. Em poucos minutos, sua língua ficou grossa como um pedaço de madeira, enquanto o botão de datura inchava. Seus olhos desceram do céu para as paredes multicoloridas, e das paredes para os sulcos que marcavam a estrada.

Foram os sacerdotes castelhanos que a construíram há três séculos, e suas carroças de bois, com cargas duplas de pedras inflamáveis, deixaram marcas na estrada. Os chicotes cheios de nós dos castelhanos desciam sobre os hopis que lutavam para controlar as carroças sobrecarregadas, porque os bois eram valiosos e as vidas humanas desprezíveis. Durante cinquenta anos, até que os sacerdotes foram assassinados e os chicotes queimados, os sinos derretidos, as missões arrasadas e a estrada abandonada.

Pontinhos de sol dançavam diante dos olhos de Jovem. Quando se jogou ao chão para descansar, viu à sua espera, sentado sobre uma ponta alta de arenito que se projetava sobre a estrada, a silhueta de um homem pequeno, vestido apenas com uma capa rasgada.

— Alô, Pulga — disse Abner.

— Alô.

Jovem pôs-se de pé e caminhou até o trampolim. Ao olhar para cima, na direção de Abner, ele olhava diretamente para o sol, mas era capaz de distinguir vagamente as feições do velho amigo e o sangue ressecado no peito de Abner. Abner estivera fumando tabaco do planalto e escutava um rádio transistor. Jogou fora o cigarro e desligou o rádio.

— Surpreso em me ver? — ele perguntou.

— Realmente, não. — Jovem cuspiu a datura. — Já que fui estúpido o bastante para comer isto, esperava ver alguma coisa.

— Aqui, você não pode ver nada sem datura — Abner repreendeu-o com brandura. — Você não devia impor obstáculos.

— Estou lutando contra você, velho. Abner esfregou a cabeça e sorriu.

— Foi uma pintura realmente poderosa, não foi, Pulga? Suásticas às avessas, espirais de trás para frente, tudo ao contrário para recomeçar tudo. Deixando Masaw fora do fogo. Você estava na pintura também, lembra-se, Pulga?

— Por que eu?

— Você é do clã do Coiote.

— Não é por isso.

— Então — Abner admitiu —, porque você é o único em quem eu posso confiar. Você detesta os *pahans*.

— Detesto também muitas pessoas, mas não as mato.

— Dá no mesmo, Pulga, se você souber se concentrar neste assunto. Você vai matar. Terá de matar.

— Não.

— Por que — Abner perguntou com malícia — acha que está aqui?

Jovem olhou para cima sem responder. O sol aderiu à manta de Abner como poeira. Aquilo não estava acontecendo, Jovem lembrou a si mesmo.

— Sinto muito a respeito dos sacerdotes no *kiva*. — Abner mudou de tom. — Eles não queriam que eu levasse a tabuleta do clã do Fogo, Pulga.

— Você estava morto antes deles.

— A culpa foi deles, eles deviam ter me ajudado. É importante quando você acaba com o mundo, e você precisa ter a tabuleta. Harold entendeu.

— Harold está aqui?

— Não.

— Há algum morcego por aqui?

Quando a silhueta se moveu sobre a pedra, a luz do sol desceu como líquido pela manta. Uma mudança de vento trouxe o mau cheiro de amônia. Abner ignorou a última pergunta de Jovem.

— Meu coração fica feliz em revê-lo, Pulga. Você sabe por que eu estou acabando com o mundo.

— Você me disse antes. Por causa da mina no planalto. Do Departamento Indígena. Navajos.

— Masaw diz que eles virão até aqui.

— Ele lhe disse isso?

— Você sabe, se os quebradores de cabeças querem vender a parte deles em Mesa Negra para ser explorada, está bem. Não se pode esperar muita religiosidade de um navajo, de qualquer maneira. Mas, você sabe, nós somos o único povo verdadeiro do mundo e Masaw é o único deus de verdade. Este canyon é o seu lar. A primeira coisa que você aprende é como ele saiu das chamas aqui para velar sobre nós. Este não foi o primeiro fato de que você tomou conhecimento em sua vida?

— Foi o que eu ouvi. Era verdade.

— Então você concorda em que o dia em que uma companhia comprar o canyon Maski, está na hora de varrer tudo e recomeçar tudo.

— Você quer dizer, varrer todo mundo.

— Não todo mundo. Iremos para o subterrâneo novamente, como sempre fazemos entre os mundos. E quando todos os outros estiverem mortos, teremos espaço suficiente quando voltarmos. Masaw prometeu. Jovem pensou sobre o assunto.

— Deixe-me dizer-lhe. Há uma hora atrás, quando vi onde estava, eu teria matado Walker Chee. Se ele estivesse ali comigo, eu o teria feito, porque uma coisa que nunca pensei em fazer foi ajudá-lo a tomar o canyon Maski. Ele vai tomá-lo. Você está com a razão a respeito disso tudo, velho. Eles o tomarão, se nos matar, e provavelmente o fará. Seguramente matarão Masaw. Eles o explodirão com pólvora e o enterrarão sob equipamentos de petróleo. Eu sinto isso. Mas agora, agora, eu me sinto triste apenas. Você sabe, minha vida foi apenas um círculo. Comecei aqui, fui embora para tão longe que nunca vi a curva, e então acabei aqui. Um círculo. O que é engraçado é que eu sempre pensei que poderia ir embora novamente e não posso. De modo que estou aqui com você, velho. E o que é você, velho, senão uma alucinação, uma alucinação delirante tentando afugentar o resto do mundo?

— Masaw disse que você agiria assim a princípio, Pulga.

— Pare com isso. Masaw não está matando gente. Os morcegos estão. A peste está. O povo hopi está morrendo. Que tipo de deus mata seu próprio povo?

— Não é fora do comum.

Jovem pensou ter visto novamente um sorriso no rosto de Abner.

— A razão pela qual você está aqui — Abner prosseguiu — é que Masaw quer que você ajude a matar o pahan.

— Você não está aqui, velho. Eu o estou imaginando apenas.

— Você não precisa matar o *pahan* pessoalmente — disse Abner, docemente. — Basta mantê-lo fora da caverna até o anoitecer. Então, Masaw sairá.

— E se eu quiser que Masaw me diga tudo isso pessoalmente?

— Você tem a datura. Deixe sua mente aberta e você verá.

Jovem se afastou da pedra.

— Não. Eu o vejo, mas você não está aí. Estou falando comigo mesmo, você não está aí.

— Você é um bom garoto, Pulga. — Abner começou a fazer um cigarro. — Sabemos que você fará aquilo que deve.

— Você não está aí! — Jovem berrou.

Pegou uma pedra e atirou-a sobre o trampolim com todas as suas forças.

Um grande corvo voou pelo céu, gritou sobre a cabeça de Jovem e mergulhou no espaço, fora do campo de visão.

O trampolim estava vazio.

Muito adiante, deserto abaixo, estava escuro como um oceano. Os promontórios do canyon Maski continuavam ao sol. Olhando do deserto para o canyon, Anne viu um labirinto com curvas diferentes e canyons com formas definidas. Areias voadoras tinham cavado o arenito em canyons, deixando-os lisos e redondos como conchas. Havia ainda os rios de cinza vulcânica e as chaminés de lava contorcendo-se para o alto, às centenas.

Os boletins médicos eram transmitidos agora com mais frequência pelo rádio do Rover.

— Temos boas notícias para as pessoas da área da peste. As autoridades da Saúde Pública nos informaram que a situação da peste que atinge a região sudeste das reservas navajo e hopi está sob controle. Neste exato momento, está se fazendo um esforço federal e estadual para se trazer vacinas por helicóptero.

Recursos para tratamento estão sendo distribuídos em Ship Rock e Window Rock, para que os doentes sejam cuidados. Se você está fora da área da peste e acha que pode estar infectado, não vá, repetimos, não vá para Tuba City. Fique onde está. Um atendimento coordenado em expansão está sendo pessoalmente dirigido pelo presidente do Conselho de Tribos Navajos, Walker Chee, que reafirma que a

cooperação entre as duas nações indígenas é essencial. Retransmissões deste boletim nas línguas navajo e hopi virão a seguir. Se você está na área da peste, é provável que possa prosseguir sua vida normalmente com certas precauções. Não se aproxime de nenhum animal selvagem que pareça doente. Se algum animal do rebanho aparecer doente, mate todo o gado com uma espingarda a uma distância de nunca menos de dez metros. Em qualquer circunstância, continue a se lavar duas vezes ao dia com sabão desinfetante, use repelentes de insetos e desinfete a sua casa.

Não saia de casa à noite sob hipótese nenhuma. Evite entrar em cavernas. Mantenha suas portas e janelas trancadas à noite. E o mais importante, não tente sair da área da peste. Tropas estaduais estacionadas ao longo da Rodovia 89, nas imediações de Flagstaff e Winslow, ao longo de Mesa Negra e a leste ao longo da corredeira de Oraibi, têm ordens para fazer voltar os evacuantes. Quem não obedecer às ordens será alvejado..."

Quando as sombras aumentaram, Jovem e Paine terminaram de erguer a tenda de tela de arame na traseira do Rover. Depois de fixar a última estaca no chão, Jovem deslizou os dedos pelos arames de metal fino da tenda.

— Eles podem morder através desta tela.

— Sim.

Paine colocou uma bateria pesada junto a Jovem. Juntos, eles ligaram dois fios à parede de teia. Jovem notou que onde as paredes se juntavam à traseira do Rover, havia um colar de isolamento de borracha espessa. Quando as conexões estavam terminadas, Paine regulou a bateria para cento e quinze volts e ligou uma chave.

— Agora, eles não podem.

Jovem tocou rapidamente a rede e sentiu um choque até o cotovelo.

— Sei o que estou fazendo. — Paine desligou a bateria.

"... uma mudança nos avisos anteriores. Por precaução, os limites ao norte da área de alerta da peste incluem agora os seguintes pueblos da borda sul de Mesa Negra: Hotevilla, Bacopi, New Oraibi, Toreva, Shongopovi e Walpi. Agora, também as cidades de Moenkopi e Tuba City estão consideradas em quarentena. Repetimos que estas são medidas de precaução e que não são razões para alarme..."

Jovem desligou o rádio. Quando a escuridão alcançou a serra, Paine deslizou para o banco do motorista. O microfone unidirecional já estava montado no teto e o osciloscópio refletia sua luz verde junto a Paine. Jovem e Anne se comprimiam na traseira do Rover. Paine verificou o relógio.

As primeiras estrelas começaram a aparecer, aumentando de intensidade a cada segundo. Hotomkam na constelação de Orion. Choochokam, as Plêiades.

— Tracei a rota do voo deles de modo bem preciso. Paine girou a alça do microfone para a frente e para trás num arco de quinze graus. Esfregou as mãos e sintonizou o amplificador, depois sintonizou-o uma segunda vez.

Anne já se acostumara aos sons do deserto à noite. Não havia nada sobre a serra ou vindo do canyon. Nem um inseto ou ave.

A linha branca do osciloscópio estava reta. Um fio de gelo.

— Se eles mudaram para uma nova caverna... —Anne começou a dizer.

A linha vibrou. Emergiu um leve desenho. Três linhas harmônicas correram de uma oitava para outra.

— Faltam três minutos para o pôr-do-sol. — Paine olhou para o relógio. — Estamos muito próximos da caverna.

Verificou o compasso do mostrador do microfone.

— Na direção oeste-noroeste e exatamente em frente a nós. Eles estão muito amontoados.

Jovem não tinha escutado nada, mas a linha do osciloscópio sacudiu violentamente. Olhou para Paine, cuja fisionomia estava triunfante.

— Escute — Paine desligou o osciloscópio.

Havia vento, Anne pensou surpresa. Não, chuva, corrigiu-se, mas nenhuma chuva estava caindo. Um remoinho de asas, concluiu, mas mais acentuado. Asas sem penas.

Jovem achou que soavam como passos no céu.

— Olhe — disse Anne.

Do oeste para leste, as estrelas estavam desaparecendo, escondidas por uma onda murmurante que varreu a serra a uma altura de dez metros. A onda sobrevoou o Rover ocultando a luz das estrelas. Eram mais velozes do que Jovem poderia supor, mais do que imaginou

possível, e instintivamente se encolheu, curvado pela sombra e pelas batidas pesadas e repetidas das asas. Um minuto tinha se passado e os morcegos continuavam a passar. Paine fechou os olhos; por um momento, o velho pânico voltou queimando como uma lâmpada vermelha, mas ele se controlou e o pânico se foi. Anne se concentrou no olho cego do osciloscópio. Jovem observava a linha de morcegos se afunilando no deserto, uma linha sinuosa mergulhando e dando voltas no vento noturno.

— Quando voltam? — ele perguntou muito tempo depois que os morcegos tinham desaparecido e Anne preparava tortillas de ovos em pó sobre um prato quente.

— Não sei. — Paine colocou sobre a mesa a espingarda de ar comprimido, três projéteis e um radioreceptor de bolso. — Tudo depende de quão depressa eles achem alimento lá fora. Pelo menos umas duas horas, mas podem encontrar algum gado abandonado. Instalei o alarme no microfone, de modo que saberemos quando eles se aproximarem.

— Podem encontrar alguma coisa além do gado. Todos na área de quarentena estão abandonados.

— É verdade, mas não foi isso que você perguntou. De qualquer modo, estaremos prontos quando eles voltarem.

— Estaremos?

— Isto — Paine ergueu um dos projéteis — contém uma miniatura de radiotransmissor. Pesa cerca de um grama e só emite sinal para uma distância de cerca de duzentos metros, mas acho que isto será suficiente para encontrar uma caverna tão próxima quanto a deles. O truque é fixá-los nas costas dos morcegos de modo que eles não possam mordê-los.

Paine ligou o botão do receptor, verificou três frequências de tons dos projéteis e desligou o botão, falando em voz baixa para si mesmo:

— "Onde a abelha suga, ali sugo eu. Deito-me quando as corujas piam. Nas costas dos morcegos, eu voo".

Jantar. Paine comeu sua tortilla esponjosa com grande voracidade e bom humor. Anne se ocupava com problemas domésticos. A luz brilhante do Coleman dissolvia a rede finada tenda, de modo que os três pareciam estar fazendo um piquenique ao ar livre.

— Agora, que estamos todos juntos nisto — Jovem empurrou a refeição para o lado —, acho que está na hora de você nos dizer contra que estamos lutando, Paine.

— Você sabe. Morcegos infectados.

— Sei. A partir do que já vi até agora, não penso que vamos sair desta situação.

— Jovem...

— Espere um momento, Anne.

Pensou em contar a ela e a Paine a alucinação que tivera com Abner, mas achou que não era o caso. Não ia comer mais datura.

— Se vamos morrer aqui com Paine, quero saber a razão. Quero conhecer as razões dele. Quero entender. Quero entender tudo.

— É muito complicado — disse Paine.

— Você disse a mesma coisa da primeira vez que nos encontramos. Na ocasião, você estava mentindo.

— Está bem — Paine concordou.

Mudou de posição, desconfortavelmente, procurando as palavras.

— E como uma guerra — Anne sugeriu. — É óbvio demais.

— Não — Paine sacudiu a cabeça —, não no sentido biológico. É apenas um encontro. Um encontro de formas de vida.

— Uma competição — disse Anne.

— Não. Uma interdependência. Vampiros e peste e homem.

Olhou o rosto dos outros dois.

— Vocês queriam a verdade, não queriam?

— Continue — disse Jovem.

— Poder-se-ia dizer que as duas formas dominantes de vida na terra são bacilos e mamíferos. — Paine escolhia as palavras com cuidado. — As três formas mais bem sucedidas destes grupos são os bacilos da peste, o homem e os morcegos. Funcionando juntos. A peste, para começar. O bacilo da peste sempre existiu. Como uma doença secundária.

— Não era tão perigosa?

— Para o homem das cavernas que a contraía, sim, mas quantos outros homens poderia infectar? Ou um fazendeiro? Ou um caçador? Você entende o que eu quero dizer? Havia a peste, mas não havia epidemias, nenhuma na história do mundo até o aparecimento da civilização mais adiantada. Até que os homens se reunissem em

idades, até que os homens comerciassem, até que os homens se aglomerassem. Então, começou o reinado da peste acima de todas as outras doenças. Por causa do homem, nada mais.

— A peste está bem — disse Jovem. — O que conseguimos a partir daí?

— Uniões. Antes de a Europa Ocidental ser atingida pela peste negra, a maioria da população vivia em servidão. Quando a peste passou e metade da população tinha morrido, houve escassez de mão-de-obra. Homens que haviam sido escravos começaram a vender seu trabalho. Os direitos individuais tiveram início. A democracia começou com a peste.

— Então, de acordo com sua opinião, a higiene pública é o fim da democracia — disse Anne.

— Rede de esgotos e controle de ratos não acabam com a peste. A primeira grande epidemia de peste matou cem milhões de pessoas no século VI. Setecentos anos mais tarde, a peste negra matou um quarto da população do mundo. No meio tempo? Podem me acreditar, não houve nenhum grande desenvolvimento na higiene pública. A peste tem seu próprio pulso, seu ciclo. Permanece em lugares como esse e espera.

— E o morcegos? — Jovem procurou, nervoso, por um cigarro. — O que me diz delee?

— O que digo sobre eles? Não fique zangado, mas o que você sabe sobre morcegos? Criaturas pequenas e agitadas, camundongos voadores, capricho da natureza? Não me refiro a vampiros agora, mas a morcegos em geral.

— Algo assim — Anne admitiu.

— Porque vocês não sabem que forma de vida maravilhosamente bem-sucedida são eles. Um dentre cinco mamíferos no mundo é um morcego. Os morcegos são os mamíferos mais espalhados pelo mundo, com exceção do homem. Nós governamos o dia, não a noite.

— Eles têm alguma relação com roedores? — Anne trocou um olhar com Jovem.

— Com alguém mais. Os dois espécimes gloriosos que descendem de insetívoros saltadores de árvores são o homem e os morcegos. Nós descemos e eles voaram, embora tenhamos a mesma mão em formas diferentes. Durante vinte anos, Leonardo da Vinci tentou desenhar asas para um homem voar como uma ave. Seu desenho mais aperfeiçoado

foi a asa do morcego. Temos outros pontos em comum. Mais de vinte tipos de vírus. Os primeiros pulgões da cama do homem vieram do morcego, quando compartilhávamos a mesma caverna. E o morcego mais próximo do homem é o vampiro.

— Bem — Jovem suspirou —, sei que você é um superexteminador de morcegos, mas o seu humor é um pouco forçado.

— Não é humor. É ironia. É verdade. Você vê que este é um conceito surpreendente, o morcego-vampiro. Incrivelmente avançado. De todos os morcegos, é o único que se acasala por muito tempo, como o homem. De todos os morcegos, é o que tem a gestação mais longa. Oito meses. De todos os morcegos, são os filhotes de vampiros que levam mais tempo para se desenvolver e ser ensinados. É o único morcego que pode pular ou correr. O único morcego que não pode viver em harmonia com nenhum outro animal, inclusive outros morcegos. É preciso acrescentar também, é o único morcego que não teme o homem. O primeiro cientista ocidental a ver um vampiro se alimentar foi Charles Darwin. Ele não sabia o que fazer com o animal.

— Então — Jovem lembrou-se finalmente de acender o cigarro —, conheça o seu inimigo.

— Conheço os seus primos. E uma vez que um vampiro pode viver quase vinte anos, um primo de vida bastante longa. Desse modo, não me chame de superexteminador. Pulgas a gente extermina. Morcegos, matam-se.

— O que, aliás, manda para o alto a sua teoria de interdependência, certo?

— Não. O vampiro se alimenta de mamíferos que dormem em grupos. Ele vive de gado e de cavalos. Não havia nem gado nem cavalos no Novo Mundo até serem trazidos pelos espanhóis.

— De que você acha que os vampiros viviam até então? Diga-me o nome de um mamífero grande da América que dormia agrupado ou em vilas.

Uma leve sensação de tonteira se apoderou de Anne.

— Você quer dizer gente?

— Sim, é exatamente o que eu quero dizer. Gente. Razão pela qual todos os ninhos antigos de vampiros se encontram perto de vilas. É claro, só podemos fazer especulações sobre os detalhes desse relacionamento. Se, por exemplo, uma colônia de vampiros se

estabeleceria territorialmente junto a uma vila especial para defender seu alimento contra outras colônias.

— O que as pessoas obtinham daí? — perguntou Jovem.

— Deuses.

"Ele conhece Masaw", pensou Jovem.

— Que tipo de deuses? — Anne insistiu no assunto.

— Os deuses maias, por exemplo — respondeu Paine, para alívio de Jovem. — Você ainda pode ver as estátuas no Yucatán. Estátuas com cabeças de vampiros. Os incisivos curvos e a língua comprida estão muito bem representados. Ninguém sabe exatamente por que os maias desertaram de suas vilas. Talvez tenha sido o colapso de sua agricultura. Talvez uma debilitação apenas. Perda de sangue. Onde quer que houvesse mais vampiros, havia mais deuses-morcegos. Mais sacrifícios públicos, mais rituais sangrentos, até que os astecas começaram a emplastar o cabelo com sangue e cortar as orelhas à maneira dos vampiros e usar uma capa de pele de morcego. Talvez os rebanhos bovinos sejam uma forma secundária de sacrifício para nós.

— Então, o que você está nos dizendo — disse Anne

— É que não podemos mudar nada? Haverá sempre peste e vampiros?

— "Haverá" não é a resposta. A única coisa que poderá eliminar a peste ou os vampiros será a eliminação do homem. Nós caminhamos juntos.

— Então o que estamos fazendo aqui não tem sentido—ela disse.

— Na longa jornada, no seu esquema biológico, nós não temos nenhum significado. Então, por que você está aqui?

— Porque — Paine não conseguiu pensar numa explicação melhor — esta é a minha ocupação.

Houve um longo silêncio antes que Anne comentasse:

— Meu Deus.

Durante muito tempo, ninguém disse nada.

Vagarosamente, a estrela Hotomkam girou até o canyon. Chochokam deslizou sobre o horizonte. Jovem fumava, desejando ter um pouco de tabaco do planalto. Exausta, Anne adormeceu no centro da tenda estreita. Paine descarregava e carregava metodicamente a arma de ar comprimido.

— Talvez fosse bom escutarmos as notícias — Jovem sugeriu.

— Por quê? — Paine perguntou. — Eles não estão transmitindo nada que não possamos prever.

— Acho que vão começar a bombardear as cavernas. — Jovem abaixou a voz.

— Farão isso — Paine concordou — com uma ou duas cavernas. Até descobrirem que estão apenas espalhando os morcegos. Queremos os vampiros juntos apenas duas noites mais...

— Por falar nisso, Anne não irá à caverna conosco amanhã. Só você e eu. Nas condições em que está, não poderia carregar nada e apenas ficaria no meio do caminho.

— Está bem.

— Não, quero outra coisa ainda. Sua promessa de que Anne ficará com o Rover, caso contrário você irá sozinho.

— Muito bem, tem a minha promessa de que ela não entrará em nenhuma caverna.

Paine abaixou a espingarda de ar. Uma mariposa sobrevoava a tenda acima da luz. De repente, o inseto começou a voar sem direção, ziguezagueando e caindo. Paine virou a cabeça para o alarma do amplificador mesmo antes de soar.

— Acorde-a! — ele disse a Jovem e penetrou na parte de trás do caminhão.

— Anne! — Jovem sacudiu o ombro da moça. — Eles estão aqui.

— A cerca de trezentos metros daqui.

Paine retornou. Numa das mãos segurava uma vara fina de madeira medindo um metro e meio de comprimento. Na outra, um frasco de cinquenta gramas de sangue desfibrilado.

— Você tem certeza de que eles vão parar? — Jovem pegou a vara; os últimos cinquenta centímetros da vara estavam enrolados com couro de bezerro.

Esfregando o rosto, Anne já estava ao lado da bateria.

— Eles não nos viram na camioneta antes. Desta vez estamos fora. — Paine derramou o sangue sobre o couro de bezerro. — Cuidado para não romper a rede.

— Sei o que estou fazendo.

— Quando eu disser "Suco" — Paine estalou os dedos para Anne.

Jovem se deu conta de que ainda tinha de ver os morcegos bem próximos. Assim como Paine e Anne. O delegado enfiou a vara através

da tela, de modo que o couro de bezerro, ensopado de sangue, ficava fora da tenda. A rede era incrivelmente frágil. Sentiu que seu coração pulsava sangue e adrenalina, e teve a sensação da fragilidade de sua própria pele. Não se lembrava de já ter sentido medo de algum animal.

O alarma do amplificador aumentou de volume e se tornou mais insistente, transformando-se num gemido constante.

Paine estava de pé no centro da tenda, esperando calmamente.

Anne olhou para o alto.

Primeiro, eles escutaram o assobio do falso vento, depois um farfalhar de couro. Uma forma passou como um relâmpago acima e através da luz antes que Jovem conseguisse reconhecer. Mais dois vultos. Dez. Reflexos de olhos como de velas. Cem, mais do que Jovem podia ver. Anne fitava, transfigurada. As paredes da tenda balançaram. Jovem não escutava mais o alarma por causa das batidas das asas.

— Eles vão embora! — Anne berrou.

— Não. — Paine apontou com o revólver para uma forma escura que corria pelo chão.

O rio de morcegos se derramou e fez uma curva, transformando-se num remoinho de asas inclinadas. O remoinho se nivelou numa enorme roda girando em torno da tenda. Jovem se surpreendeu agachado.

Paine parecia ainda mais alto, girando num calcanhar. Anne olhou para um rosto a meio metro fora da tenda.

As bochechas tinham pelos eriçados. Os olhos escuros eram oblíquos de cada lado do nariz achatado, de narinas pregueadas. As orelhas eram longas e nervuradas. Jovem viu que o teto do Rover estava cobertode morcegos. Um deles, com as asas enroladas como duas longas "pernas", saltou para a rede diretamente em cima de Paine. Outros morcegos apareceram à volta de toda a borda da tenda. Dois pularam do chão e escalaram as paredes da tenda agilmente. Outros pularam do Rover e alguns aterrissaram sobre a tenda. O braço de Jovem fez um movimento. Na extremidade ensanguentada da vara havia um morcego. Seus incisivos cortaram um pedaço do couro do tamanho de uma moeda pequena. Uma língua comprida e em forma de tubo vermelho se enrolou e delicadamente rodeou a vara. Ele escutou a explosão suave da espingarda de ar comprimido ao lado de seu ouvido e viu uma saliência do projétil no pelo das costas do morcego. Quarenta ou cinquenta morcegos se arrastavam no alto da tenda, e outros subiam

pelas paredes usando os polegares dos pés como ganchos. A quarta parte deles tinha o pelo da cara manchado de sangue seco. A vara que Jovem segurava se curvou com o peso de mais três morcegos. Paine enfiou a ponta da arma na rede e atirou novamente. O alto da tenda cedeu. Outros morcegos subiam do chão trazendo um odor nauseabundo de amônia. Jovem escutou um registro baixo de seus gritos excitados, um nítido clique em seus ouvidos. A poucos centímetros de seu ombro, eles começaram a roer a rede com os dentes. Paine mirou com cuidado para atirar o último projétil, chutando um morcego para fora da parede para puxar o gatilho sobre outro com um pedaço de couro pendurado na boca. Ao abaixar a arma, um morcego aterrissou entre suas omoplatas. Sem pensar, Jovem arrancou o morcego de cima de Paine e esmagou-o sob a bota.

— Suco! — berrou Paine.

O rasgão era na parte mais distante da tenda. Outro morcego vinha entrando quando Jovem apanhou a espingarda dentro do saco de dormir e acertou-o. Sangue, ossos e cartilagem se espalharam no interior da tenda. Atirou em mais dois que entravam antes de Paine introduzir uma vara de madeira dos dois lados da abertura e torcer para fechar.

— Ligue a bateria! — Jovem gritou para Anne, ajoelhada ao lado da bateria e com a mão inerte sobre o interruptor.

Os morcegos se enfiavam pelo teto e pelas paredes. Jovem descarregou a espingarda sobre eles e pegou o revólver que trouxera da casa de Momoa. Uma abertura de um metro de comprimento apareceu em uma das paredes. Jovem caminhou por entre os morcegos, usando as balas até alcançar a rede e fechá-la com as mãos. Quando olhou, sua mão stava coberta de morcegos.

Então, uma vibração de eletricidade atravessou seu corpo deixando em seu cérebro uma escuridão rodeada de convulsões.

CAPÍTULO 8

Um céu azul circundava o rosto de Anne.

— Como está se sentindo? — ela perguntou.

— Esplêndido — murmurou Jovem.

— O que é ótimo para um homem cujo coração parou.

— Está funcionando, agora?

Ergueu-se do colo dela e teve um estremecimento. Notou que suas mãos estavam enfaixadas até os pulsos. A tenda de rede tinha sido desmontada e o recipiente vermelho de veneno sumira. Paine, também, não estava ali.

— Onde ele está? — perguntou Jovem.

— Paine saiu para procurar a caverna. Ontem, você salvou nossas vidas, Jovem.

— Não me lembro de nada.

— A culpa foi minha. Eu estava apavorada, não consegui ligar a bateria.

Desvencilhou-se dos braços dela e pôs-se de pé. O chão balançava ligeiramente sob seus pés. Jovem franziu os olhos para o sol; era quase meio-dia.

— Mas ele devia ter esperado. Ele não pode carregar todo o material sozinho. Por que ele não levou o Rover?

— Ele esperou até se certificar de que você ia acordar. Jovem, ele deixou a camioneta para nós irmos embora. Levou sua espingarda e

disse que atiraria em você se tentasse segui-lo. Acho que atiraria mesmo. Ele é louco.

Jovem caiu sobre um joelho, mais de surpresa do que de fraqueza.

— Você não sabia disso? — perguntou a Anne. Desviou o olhar de Anne para a estrada, onde as pegadas de Paine subiam para o canyon.

— Quando ele foi?

— Há uma hora, talvez mais.

— Devia ter saído de madrugada. — Jovem sacudiu a cabeça. — Ele não sabe onde está indo. Não terá tempo suficiente.

— Jovem, vamos para casa. Ele é um profissional, pode fazer o trabalho sozinho. Ele é o único que pode.

— Um de nós é.

Jovem continuava a olhar na direção tomada por Paine, onde a estrada se embrenhava pelas paredes vermelho-foscas do canyon.

— Vamos esperar e ver — ele disse.

Paine descarregou o peso insuportável da mochila na estrada, deixando o Cianogás, a rede enrolada, a bateria, os fios e as ferramentas guardados e levando apenas o receptor, as cordas, o machado e a espingarda. Estava a quase dois quilômetros de distância de onde deixara o Rover e presumiu que Anne e Jovem estivessem agora bem longe do canyon. Não tinha mais pesadelos com o pai e com Ochay. Estava sozinho e livre e sua mente estava limpa.

A estrada abandonada prosseguia em seu caminho através do canyon e sob formações de lava dependuradas que a obscureciam nas fotografias aéreas. Paredes escarpadas de arenito ferruginoso comprimiam a estrada dos dois lados. Ocasionalmente, o arenito se fendia e revelava veios de argila bruta xistosa que brilhavam como lantejoulas. Ou uma faixa de pedra calcária branca. E às vezes, Paine dava um passo atrás diante da sombra do corpo de um homem e olhava para cima para ver apenas a silhueta imóvel de lava equilibrada na borda. No meio de toda essa riqueza geológica, tudo o que interessava a Paine eram os sinais de pedra calcária que geralmente indicavam a proximidade de cavernas adaptáveis aos morcegos.

Os sinais de rádio não estavam vindo. Tinha certeza de que os projéteis haviam sido bem disparados e que os morcegos estavam próximos, mas as paredes da estrada camuflavam qualquer tipo de

transmissão. A não ser que deixasse a estrada e subisse um pouco mais, ele poderia perder completamente a caverna.

Caminhou devagar até chegar a um fragmento de basalto que cobria doze dos quinze metros de altura da parede. Paine escalou o basalto e tirou lascas que o ajudaram a subir até o alto da parede. Estava senhor de todas as suas habilidades. Suspendeu-se até um ponto de onde podia descortinar toda a metade leste do canyon.

O *canyon* Maski resistia à habitual erosão da terra. Em vez de canyons uniformes e outeiros, a variedade de pedras de durezas diferentes criava um quebra-cabeça pontiagudo e confuso. Devia ter começado a partir de uma erupção vulcânica, pensou, coberto depois por rocha sedimentar, mais tarde separada por ventos que deixaram cavidades abertas de arenito manchado, diques de basalto em forma de dentes, e onde o arenito fora riscado de fios de lava, essas elevações pareciam figuras humanas de rocha negra. A metade leste do planalto cobria cerca de quinze quilômetros quadrados, calculou, e a metade oeste, um platô mais alto com o mesmo tipo de formações, parecia quase tão grande. A fenda de petróleo em combustão ficava no platô oeste.

Como Milton, ele pensou. "Um calabouço terrível, redondo de todos os lados como uma fornalha em chamas, embora não houvesse luz nestas chamas, mas antes uma escuridão visível."

Paine sorriu para si mesmo. Sentia-se muito bem, como sempre acontecia quando sabia que estava certo. No topo do mundo.

Passou de um penhasco para outro, saltando sobre fissuras profundas ou dependurando-se na corda quando as paredes escorregadias de obsidiana não ofereciam apoio. Sempre que encontrava pedra calcária, ele a seguia até que ela desaparecia ou mergulhava numa caverna. Havia centenas de cavernas, como dissera o índio, mas nenhuma era grande ou úmida o bastante para comportar uma colônia de morcegos, e nenhum sinal era transmitido pelo receptor. Paine não estava desencorajado. Havia morcegos e estava próximo deles.

De tempos em tempos, vislumbrava formas que deslizavam por entre os diques de basalto. Corvos. Ao lado de um ninho alto, encontrou um besouro de estêreo examinando regalado um monte de excrementos de aves, tão alto quanto a cintura de um homem;

Paine vira nuvens pesadas sobre o deserto, mas era impossível adivinhar quando chovera por ali da última vez. Não havia qualquer vida vegetal aparente e nem insetos, com exceção do besouro solitário.

Atravessou uma ponte natural de arenito oco e descobriu, dez metros abaixo, mergulhada nas sombras, a mesma estrada por onde passara. Paine se surpreendeu de que ela viesse até tão longe. Verificou o relógio. Cinco horas, mais duas horas para o pôr-do-sol. Era muito mais tarde do que imaginava. Contudo, estava confiante. Ainda tinha tempo.

Do outro lado da ponte, a composição da pedra mudou basicamente para vulcânica. Paine teve que abrir caminho com dificuldade por entre campos de chaminés e braços de lava que rasgaram suas roupas. Num determinado ponto, a seus pés, descobriu uma espiral dupla riscada grosseiramente na lava escura até uma base inferior de pedra calcária branca. Como os índios souberam que havia um tipo diferente de rocha sob a lava, ele não podia explicar; esse era um problema para os antropólogos. Para ele, a pedra calcária era um bom sinal.

Quando emergiu do campo de lava, obteve o primeiro sinal. O sinal aumentava de intensidade à medida que Paine avançava. Experimentou as duas outras frequências do receptor; a segunda mal podia ser ouvida, mas a terceira era a mais nítida de todas. Paine seguiu-a através de uma série de diques de basalto. Saltou de um lado de uma fenda para uma chaminé de pedra e aterrissou correndo e excitado no outro lado da fenda. À sua frente, apareceu uma enorme cúpula branca de pedra calcária.

As três frequências estavam chegando ruidosamente; ele desligou o receptor. A cúpula de calcário estava a quinze metros de distância e no centro havia uma cavidade de seis metros de diâmetro formada pela erosão. A borda da cavidade estava verde pelo líquen e pelo musgo. Paine se deitou de bruços e, movendo-se com grande cuidado, arrastou-se pela cúpula acima e olhou pelo buraco.

Ele os encontrara. A nesga de luz que se inclinava através do buraco até a caverna caía sobre uma poça negra a sessenta metros de profundidade. A poça era rasa, nova, mas o odor inconfundível de amônia se elevava no ar. Paine ligou o receptor, por um instante, para confirmar.

O som rouco e curto trouxe uma agitação de garras a menos de vinte centímetros sob seu peito, no outro lado da fina parede da cúpula. As três frequências partiam da mesma caverna. Lá estavam todos eles.

Quando seus olhos se acostumaram à escuridão da caverna, Paine viu que era circular, com cerca de noventa metros de diâmetro, com a forma aproximada de um anfiteatro natural. A partir do chão, todas as paredes se arqueavam suavemente até a cúpula. Se agora houvesse mil morcegos na colônia, a caverna poderia acomodar três vezes mais. Em algum lugar do chão, havia uma fonte ou um acesso para um lençol de água. Paine cheirou. O odor de amônia não era dominante e ele pôde sentir outro cheiro, leve, mas conhecido. Petróleo. Outro poço. Chee ficaria radiante.

As pupilas dos olhos de Paine continuaram a se dilatar. As linhas verticais perpendiculares ao chão não eram irregulares. Eram retas. Eram escadas toscas, talvez em número de dez, com a maioria dos degraus quebrados. Outras formas emergiram. Na sombra mais profunda da caverna, havia outra sombra ligeiramente mais escura. Um quadrado. Outros quadrados estavam espalhados em volta, chegando até a metade das paredes acima e um terço à volta. Janelas. Eram janelas e portas de casas de adobe de cinco andares, uma enorme galeria subterrânea. A razão pela qual Paine não as vira logo não foi apenas a escuridão. As próprias casas tinham se desintegrado quase que completamente. Os tetos estavam esmagados, as paredes tinham caído e a poeira cobria tudo como uma mortalha pesada. Paine raciocinou que um povo talvez tivesse se escondido, por pouco tempo num lugar como aquele para escapar a inimigos. Contudo, não eram construções provisórias. Aquela tinha sido uma pequena cidade.

Intrigado e perplexo, Paine debruçou-se completamente na borda do buraco, abrindo os braços e as pernas para diminuir o próprio peso. Imaginara que teria de descer o recipiente de Cianogás através do buraco usando grampos fixos na cúpula, uma operação que corria o risco de quebrar a concha frágil de pedra calcária ou de pelo menos espalhar os morcegos. Entretanto, se algum ponto das ruínas chegasse a cerca de trinta metros do teto da caverna, ele colocaria o recipiente ali. As ruínas confirmavam que havia outra passagem para entrar na caverna, porque tinha de existir um acesso para o homem.

Mas nenhum ponto sobre as ruínas era alto o bastante para o vaporizador de gás ser totalmente eficiente. O que agradou muito a Paine; em geral, era uma má ideia mudar de métodos, e um deslize no meio de ruínas velhas como aquelas pareciam ser poderia significar um desastre.

Seria pelo buraco, então. Bem em cima dos morcegos.

Deixou o caminho pelo qual tinha vindo, passou pelo campo de lava até a ponte de arenito, de onde desceu por uma corda até a estrada. Àquela altura, começava a se fazer perguntas.

A estrada percorria todo aquele caminho? Para onde?

Ele não queria parar, mas seu hábito de minúcia era muito forte. Uma armadilha não era boa se havia duas saídas, e de alguma maneira as pessoas tinham entrado e saído da caverna.

Enquanto Paine invertia o próprio caminho e corria estrada acima na direção da caverna, seu receptor voltou a entrar em atividade gradualmente. Não tão alto como os sinais acima da caverna, mas nítido.

Jovem sabia a respeito do canyon e da estrada. Paine ficou rubro. Aquele malandro devia saber a respeito da caverna desde o início.

A estrada terminava diretamente em frente ao que parecia ser uma entrada de mina. Uma roda de carroça, que apodrecia há centenas de anos, jazia ao lado de uma abertura de dois metros e meio de altura e com largura suficiente para duas carroças entrarem lado a lado. Os sinais vinham de dentro. Verificou a hora. Estava ficando tarde, mas ele precisava ter certeza.

Quando Paine entrou na caverna, tocou as paredes. Eram frias e úmidas e deixaram as pontas de seus dedos pretas. Cheirou-os e entendeu tudo. Era argila xistosa saturada de petróleo: para isso servia a mina. Argila mole tão impregnada de petróleo podia ser talhada em tijolos que queimariam mais que o carvão.

A mina aumentava adiante, e a cada passo os sinais se tornavam mais fortes. Aquela devia ser a outra entrada da caverna. A quarenta e cinco metros de profundidade, contudo, a mina chegava a um beco sem saída. Embora os sinais fossem mais fortes que antes e Paine sentisse o cheiro de amônia.

Como experiência, empurrou a parede do fundo e ela se desintegrou sob seus dedos. Seu braço se projetou através dos fios

apodrecidos de um cobertor dependurado que tinha sido a única separação entre a mina de argila xistosa e a caverna de pedra calcária. Cuidadosamente, puxou o braço de volta e espiou através do buraco que tinha feito. Diante dele, iluminado pela claraboia, estendia-se o gigantesco vestíbulo da caverna, a poça rasa de sangue digerido, as ruínas fantasmagóricas do pueblo e, acima, tão inerte quanto vulnerável, um teto de morcegos. Eles não usavam a mina.

Paine disparou numa corrida quando alcançou a estrada. Eram seis horas, não restava muita luz do dia para envenenar os morcegos antes que eles se reunissem. Na verdade, havia apenas o tempo suficiente para recolher a mochila e escapar da rota habitual de voo dos morcegos em direção ao deserto.

A estrada não era reta por mais de trinta metros. Para Paine, ela fazia curvas maldosas, como se estivesse tentando atrasá-lo, mas finalmente viu a mochila no lugar em que a tinha deixado. Um corvo se afastou do material quando Paine se aproximou.

Por hábito, Paine verificou a pressão do recipiente de Cianogás tão logo alcançou a mochila. O tanque estava bom. A bateria estava carregada e a rede de arame estava tão bem enrolada quanto antes. O corvo tinha procurado por comida apenas. Paine colocou a mochila nas costas e iniciou o retorno para a cúpula.

Apesar da subida íngreme e do peso do recipiente, Paine manteve um passo rápido. A estrada estava azul-escura sob os topos das paredes, iluminados de sol, embora o sol baixo penetrasse às vezes por uma brecha e atirasse a sombra corcunda de Paine no alto da parede. Uma vez, uma segunda sombra se juntou à dele e Paine olhou para cima e viu um corvo correndo ao longo dos penhascos.

Paine atirou a corda por cima da ponte de arenito e se suspendeu da estrada. Dali, abriu caminho pelo campo de lava e dobrou para o lado oeste do buraco, onde se encolheu sob um banco de pedra e observou os últimos raios de sol que brilhavam sobre a cúpula.

Agora que sabia exatamente o que ia fazer, Paine sentia uma confiança crescente. Abriu a mochila e tirou o capacete e o cortador de arame.

Não precisaria de máscara de gás ou luvas. Um vento leste soprou, levando seu cheiro para longe da caverna. Tudo estava indo bem.

Quando o sol se pôs, o horizonte leste transformou matizes de um rosado forte para violeta. Nenhum morcego emergiu pelo buraco. Outros morcegos podiam saudar a penumbra, mas os vampiros esperavam pela noite fechada. Então Paine os escutou, o som de seus movimentos, de asas e da chuva de urina nitrosa que os aliviava para o voo. Os cumes distantes do planalto brilharam como nuvens douradas, estrelas flutuaram no céu e, em segundos, o mundo mergulhou na escuridão.

Paine prendeu a respiração. Por um último instante, o ar acima do canyon esteve parado, e então os primeiros morcegos subiram pelo buraco, em espirais como folhas sobre uma fogueira. Os outros vieram como uma coluna negra que subiu cento e cinquenta metros céu adentro.

Os seus morcegos.

Paine agarrou-se à pedra como se estivesse prestes a ser sugado pela coluna em espiral. Uma parte dele estava. Junto com o pai, Ochay e os anos no México. Você é aquilo que você mata, dissera Joe Paine. Muito verdadeiro. Os morcegos e Paine tinham se juntado, se tornado a cabeça e a cauda de uma única criatura que comandava e perseguia a si mesma. Um animal concebido na morte e nutrido por obsessão. Disfarçado de diabo. Ele mentira para Anne. Havia, além dos limites biológicos, um sentido para tudo. Havia uma graça mútua na natureza. O carnívoro eliminava o fraco, os herbívoros e as aves transportavam as sementes, os insetos limpavam o solo, as flores emprestavam beleza. Cada um dava alguma coisa em troca de sua vida, todos exceto um. Havia aquele instante único, uma excentricidade da natureza, que não dava nada em troca de sua sede devoradora. O vampiro, apenas. Não era de claustrofobia que Paine tinha sofrido, era um estremeamento na presença do mal. Tinha chegado a entender aquilo, mas o que não previra era que o mal tinha sua própria gravidade. Não até ele ser atraído e ter empurrado os morcegos para onde jamais tinham ido e multiplicado milhares de vezes sua própria energia e horror.

O Apocalipse não precisava de cavalos pálidos ou dragões chispantes, não com os morcegos como sua causa e a peste como sua descendência. Tudo graças a Paine. Tudo por causa dele.

Mas o final da caçada tinha chegado, e antes do final ele estaria livre.

Nivelando-se em forma de nuvem e girando repetidas vezes em torno de si mesmos, espalhando-se num crescendo até o centro mover-se para frente e então formando uma linha ondulante e veloz, os morcegos voaram para leste na direção do deserto.

Paine concedeu aos morcegos dez minutos antes de desenrolar a rede de metal e cortá-la em pedaços iguais com o alicate. Queria ajustá-la bem ao buraco, sem ficar frouxa. Voltou a enrolar um dos pedaços da tela e carregou-o para a outra extremidade do buraco, onde martelou um lado da rede na cúpula com pregos. De quatro, ele se moveu até a beirada do buraco próximo ao banco de pedra e martelou outros pregos. Não era necessário aprofundar muito os pregos em forma de L, apenas o suficiente para manter a rede esticada no lugar em que fora aberta. Lá de baixo, vinham os sons dos bebês-morcegos que se agitavam pendurados no teto. Ele pressentia, mas não podia ouvir os gritos desesperados dos bebês, gritos que eram muito fracos e muito distantes atrás da onda caçadora de morcegos. Paine ligou dois fios elétricos na rede enrolada e levou-os até a bateria colocada sob o banco de pedra. Regulou a voltagem da bateria para trezentos, ligou-a, esperou escutar uma batida e desligou-a. Aquela parte da armadilha estava "pronta".

O banco de pedra era de granito, mais duro do que pedra calcária. Segurando um prego, Paine procurou uma fissura vertical e martelou o prego na fissura. Amarrou as duas cordas de quinze metros, formando uma única, de trinta metros de comprimento. Amarrou uma das pontas ao grampo e na outra deu um nó corrediço preso à alça do recipiente. Torceu o relógio da válvula do recipiente. Cada rotação completa de sessenta minutos ligava o vaporizador de Cianogás; deu doze voltas completas no relógio. Era este seu limite.

Então, colocou o recipiente de lado e, deitando-se de bruços, começou a descê-lo da cúpula pelo buraco.

O banco de granito estava a quinze metros do buraco; o tanque ficaria dependurado quinze metros abaixo, para dentro da caverna, bem fora do caminho dos morcegos quando eles voltassem e quando Paine estendesse a rede e ligasse o botão e esperasse.

Até as sete e quarenta e cinco para ser preciso, quando o primeiro vapor letal do recipiente começasse a sair. Nada poderia ser mais simples.

As estrelas apareceram em cachos de luzes. Paine descia vagarosamente o recipiente, do alto da cúpula. Da beirada do buraco, deu um empurrão final no tanque, que tombou dentro da caverna. Agarrou a corda e deixou-a passar gradualmente pela sua mão, descendo o tanque. Por precaução, afastou-se do buraco, até a metade da cúpula, antes de soltar mais a corda.

A corda parou. O tanque pesado estava a apenas três metros de profundidade para dentro da caverna, calculou Paine, mas a corda devia ter ficado presa em algum lugar na beirada do buraco. Deu um puxão na corda. Ela não se moveu.

Paine arrastou-se de volta até o topo da cúpula. Abaixo de suas mãos e de seus joelhos, sentiu a fuga ansiosa dos filhotes de morcegos, perturbados pela aparência do tanque.

— Paciência — murmurou para os bebês.

Na cavidade, ele encontrou o problema. A corda tinha se enfiado e ficado presa na pedra calcária macia da borda. Ele não gostava de apoiar todo o peso sobre os joelhos, mas soltou a corda e suspendeu o tanque para colocar a corda num local diferente.

Havia outro problema que ele descobriu quando o tanque apareceu. De alguma maneira, a corda da alça tinha se enrolado em redor da válvula e emperrado o relógio. Paine suspendeu com cuidado o recipiente para fora da caverna e colocou-o na beirada do buraco.

Um único puxão soltou a corda e Paine livrou a válvula. Desceu o tanque de novo para dentro da caverna, observando com satisfação o movimento na escuridão, soltando a corda suavemente até desaparecer o recipiente que balançava devagar nas sombras.

Paine ergueu o corpo e respirou fundo.

Escutou a cúpula estalar a sua volta. Ele já se voltava quando o buraco se alargou e a pedra calcária cedeu sob seus pés. Suas mãos se agarraram à pedra que se esmigalhava a cada pressão, na forma de uma areia clara que se derramava sobre ele.

Paine caiu. Primeiro os pés. Então ele abriu os braços e as pernas como um homem em voo e a escuridão atingiu seu rosto. À frente, ele viu a corda do tanque medir seu mergulho.

Parou de repente, balançando, a quinze metros do buraco. Seu pulso estava enrolado na corda presa na alça do recipiente. O tanque rolou frio contra seu rosto, contundido sobre um dos olhos. Tentou se

erguer, mas o braço preso à corda tinha sido puxado para fora do ombro. O outro braço não podia alcançar o recipiente.

Ele balançou.

Os bebês se agitaram no teto. Logo eles sossegaram e esperaram.

Junto com Paine.

CAPÍTULO 9

— Ele não conseguiu — disse Jovem. — Já estaria de volta se tivesse conseguido.

As duas estrelas de Natupkom, Castor e Pólux, flutuavam no alto. Surgindo da terra estava Talawsohu, a estrela da manhã. Duas vezes durante a noite, ele e Anne tinham seguido o voo dos morcegos. A partida, a olho nu. A volta, cinco horas mais tarde, pelo osciloscópio de Paine. Há cinco horas.

— Eu disse a ele para esperar.

— Paine sabe o que está fazendo. Coma alguma coisa, você está com um aspecto terrível. — Ofereceu a ele uma fatia de pão coberta com margarina. — Sinto muito, isto é tudo que sobrou. E algumas cervejas.

Ele sacudiu a cabeça. Mesmo à luz verde do osciloscópio, sua pele estava marcada pela fadiga.

— Ele teria atirado em nós se fôssemos atrás dele.

— Ele não vai atirar mais, está além disso.

— Ele está bem. O melhor que podemos fazer é ir para a auto-estrada para que Chee fique sabendo e envie um helicóptero para pegar Paine aqui.

Jovem ligou novamente o rádio. As estações de Tuba City não tocavam mais música.

Longos períodos fora do ar eram interrompidos por boletins. Tuba City completava o segundo dia de quarentena....

Quinze mortos em Shongopovi, vinte em Walpi... Os transportes estaduais de Utah e Novo México estavam interrompidos... ordenou-se a evacuação de Flagstaff...a situação estava sob controle.

— Vou sair para dar uma olhada. — Jovem beijou a mão de Anne.
— Avise-me se você vir alguma coisa na tela.

Ele saiu e ficou de pé na traseira do Rover, olhando para a estrada. Paine não voltava. Em vez de partir para a caverna quando deveria, Paine tinha permanecido na serra. Mesmo dormindo, Jovem tinha feito como Abner pedira. Quando Abner predissera, há quanto tempo? Uma semana? Apenas isso? E dali a uma semana, quem ou o que seria poupado? O que teria acontecido com todo mundo se uma semana atrás um delegado tivesse sido capaz de ler uma pintura de areia de um homem morto?

Enquanto Jovem procurava um cigarro, sua mão enfaixada caiu sobre o seu bolso. Ele tirou a raiz de datura.

Por si mesmo, Jovem sabia que não tinha forças para ir até a caverna. Mal podia caminhar e suas mãos estavam quase imprestáveis.

Se ao menos Paine estivesse com a razão. Se Paine tivesse sido o homem a deter os morcegos.

Jovem mordeu a raiz. A maior dentada de que foi capaz, embora não soubesse quanto poderia suportar. Se ele se envenenasse, Anne o levaria para fora do *canyon*. Se fosse narcótico, eles poderiam ir atrás de Paine. O que havia a perder? Deixou que o amargor descesse pela sua garganta.

Depois de Talawsohu veio Ponochona, a estrela do Cão, e a noite estava completa, mais escura antes do alvorecer. Todas as cerimônias noturnas terminavam com o aparecimento de Ponochona, e então os sacerdotes esperavam pelo sol para dizer se as cerimônias tinham transcorrido corretamente. Um erro faria com que o sol nascente trouxesse em sua direita um arco-íris de cores invertidas. Jovem esperou com os braços e as pernas rígidos, a boca aberta, o coração mais lento a cada batida. Sua cabeça caiu contra o caminhão e os olhos seguiram o curso das estrelas, morcegos brilhantes rodando a meia distância. As luzes eram de todas as cores e pelo meio havia auras mistas, como grãos coloridos de areia. Ele contava minutos de diferença

entre as batidas do seu coração. Uma brisa matutina soprou do lado esquerdo de seu rosto e seguiu caminho com infinita lentidão para a direita. Chuveiros de turquesas obscureceram as estrelas e então o deserto explodiu em chamas que saltaram de um lado a outro do horizonte leste. O **canyon** começou a navegar no meio das chamas.

As chamas cobriram Jovem e o aqueceram como um leve cobertor de ouro. Seu corpo incendiou-se e libertou-o, deixando-o flutuar no espaço. Durante muito tempo, ele desfrutou do nada, e por um longo momento sentiu retornar a consciência. Abaixo dele, descobriu que o mundo girava entre duas **kachinas**, uma com o rosto de nuvens e a outra bronzeada pelo sol. Fizeram uma reverência para Jovem e deram um empurrão no mundo.

O mundo era diferente. Um oceano rodeava um dossel de árvores. Entre as árvores, viu fileiras conhecidas de milho e mais além estavam obeliscos quadrados e templos como estátuas vivas com rostos de pedra representando tigres, serpentes e morcegos retorcidos e de bocas escancaradas. O milho era desenvolvido e os poços estavam cheios de uma água cristalina, mas as pessoas estavam partindo, caminhando pelo eixo da Terra durante séculos até que pararam numa ilha do mar rodeada por vulcões. Nas ilhas do oceano, erguiam-se pirâmides e sobre as pirâmides havia degraus ocupados por sacerdotes cobertos de sangue incrustado e guardados por soldados vestidos como animais. Novamente, outras pessoas partiram, caminharam pelo eixo da Terra na direção norte até alcançar a extremidade de um deserto. Sob seus olhos novas cidades se ergueram. Mesa Verde, Aztec, Wupatki, Ket Seel. Cada uma delas construída e, no auge de sua prosperidade, abandonada até que o povo fosse reunido para sua última grande migração para o próprio deserto. Em quatro grupos se dividiram e partiram em quatro direções, fazendo uma cruz sobre a terra até a passagem de outras centenas de anos e eles dobraram à direita formando uma suástica. Quando esta suástica girou, eles se dividiram em grupos menores, todos retornando, mas todos movendo-se em círculos até que a terra se tornasse um gigantesco desenho de suásticas móveis e espirais.

Um **pueblo** viveria por um instante. Outro grupo o encontraria, assim como um mapa em espiral do caminho de seus antepassados, e então virariam na direção oposta, um remoinho saindo de outro,

embora sempre dirigido para o ajuntamento permanente no centro do mundo.

E lá, na borda de Mesa Negra, eles finalmente apareceram, em Orabi, Hotevilla e Shongopovi, sem água, sem terra fértil, sem amigos, à mercê de seus deuses.

Jovem se viu às suas costas, com as mãos e os pés esticados, cobrindo o deserto que girava vagarosamente numa aura de luz amarela.

Finalmente ele chegou. Estava pronto.

— Está se sentindo melhor? — Anne se juntou a ele.

— Mais eu mesmo.

Ele deu uma respirada profunda e reconfortante. A brisa da manhã agitou um anel de cabelos macios sobre a têmpora da jovem, e os raios oblíquos do sol iluminaram seus olhos castanho-azulados.

— Sabe, você é muito bonita. — Ele se levantou.

— Sim, agora você parece você mesmo. Vamos, é melhor ficarmos prontos se temos que ir.

Ela subiu sobre o capô e entregou o microfone unidirecional para Jovem, que arrumou o microfone, o amplificador e o osciloscópio na traseira da camioneta. O equipamento quase não tinha peso para Jovem. Olhou para as mãos e arrancou as ataduras.

— O que está fazendo? — Anne viu os cortes abertos.

— Anne, sei como detê-los. Vou à caverna.

— Você não sabe onde é.

— Tenho uma ideia.

— Paine está...

— Paine está morto. Já é dia, Anne. Ele não voltou porque está morto. Não está?

— Se ele está — ela hesitou —, é mais uma razão para nós irmos. Sinto muito ter metido você nisto tudo.

— Você não fez nada. Pode me acreditar.

Duas horas antes, ele quase entrara em choque. O Jovem que ela via agora estava usando as mãos mutiladas para tirar a camisa, despreocupadamente.

— Foi uma recuperação muito rápida, Jovem. Quase inacreditável. Qual é a sua ideia?

— Abner abriu o anel. Vou fechá-lo novamente.

— Fechar o anel? Isto não faz nenhum sentido para mim, Jovem. Você está falando como um feiticeiro. Explique-me o sentido.

— Você quer dizer, algo chamado Cianogás fazia sentido.

Jovem rasgou as costas da camisa para amarrá-la à moda hopi em torno da cabeça.

— Sim.

— Paine fazia sentido?

— Sim.

— E Paine está morto.

Anne reteve as palavras na boca. A luz crua do sol nascente atirava sombras azuis do Rover, do Jovem e dela da beira da serra para o outro lado da estrada. De repente, Jovem falava em diferentes níveis.

— Não entendo — ela disse.

— Não entenda. Tudo o que quero é sua confiança.

— Mas como posso confiar em você se não entendo o que você está fazendo?

— Por isso se chama confiança. Sua confiança em algo não-científico e não-branco. Você não acha que está na hora de descobrir se realmente confia?

— É um bom momento — ela concordou. — Não é justo. Não poderíamos permanecer juntos se eu dissesse "não" agora. É injusto porque eu o amo.

— Às vezes, o amor não é o bastante.

Anne se afastou como que para não vê-lo. Ele resolveu lhe dar cinco minutos para que pudesse pensar. Anne voltou depois de apenas um.

— Vamos colocar as coisas desta maneira — ela disse. — No momento, por ter me feito uma pergunta como esta, não o amo, eu o odeio. Mas vou com você. Não deixaria que você fosse sem mim.

O que não era a mesma coisa que uma confiança completa, Jovem sabia. Mas um começo.

A estrada tinha sido construída para carros mexicanos de bois, de rodas altas, não um Land Rover. Embora Jovem houvesse esvaziado um pouco os pneus, e ganhado alguns centímetros com a retirada do teto, horas foram perdidas cavando com uma pá as paredes protuberantes de arenito e pontes baixas naturais. Ele não se importava com o progresso lento do trabalho, nem com o volume; se Anne estava vindo

com ele, Jovem estava determinado a trazer também o abrigo do caminhão.

Era meio-dia, a meio caminho da exaustão, quando eles chegaram ao final da estrada.

— O que é isto? — Anne puxou o freio de mão.

— Uma mina.

— Nunca ouvi falar numa mina aqui em cima.

— Bem, ficou fora de uso por algum tempo — captou a pergunta nos olhos dela.—Cerca de duzentos anos.

Quando desceram do Rover, Anne começou a chamar por Paine e Jovem a deteve.

— Nós o encontraremos.

Uma antiga roda de madeira estava caída na entrada da mina. Não havia sinal de Paine e o chão era duro demais para guardar rastros. Anne olhou com ansiedade em volta dos penhascos que comprimiam a estrada estreita. Ao longo das bordas dos penhascos, formações de lava negra olhavam para baixo.

— Uma mina e uma estrada que só os hopis conhecem? Qual é o segredo? — ela perguntou. — O que fazvocê pensar que os morcegos estão aqui?

— Posso estar errado. Quer esperar aqui?

— Juntos. — Entrou atrás dele.

Quando penetraram na caverna, asas pretas dispararam sobre suas cabeças. Jovem tapou o grito de Anne e eles viram quatro corvos subirem aos céus.

— Você está bem?

— Um pouco zozna.

Jovem pegou a lanterna da mão dela.

— Fique aqui.

Ele prosseguiu sozinho.

Estava frio como um túmulo. Contudo, não estava desconfortável. Exatamente como Abner descrevera tantas vezes. As paredes de argila xistosa úmida e negra como veludo que tinham sido exploradas pelos escravos hopis açoitados pelos sacerdotes de Castela. As trilhas de carroças supercarregadas. À medida que Jovem se embrenhava, escutava o som dos passos ressoarem abafados pelas paredes suadas. A

entrada e Anne sumiram num borrão. Jovem varreu o chão da mina com a lanterna procurando Paine. Nada.

Quando chegou no fundo da mina, uma brisa mesclada de amônia passou por ele. Ao desligar a lanterna, uma luz mais fraca brilhou no fundo da parede. A parede era um cobertor rasgado e a luz era um buraco. Jovem deu uma olhada antes de rasgar o cobertor e passar.

Viu que estava numa imensa caverna de pedra calcária iluminada por um buraco externo no teto. Jovem teve que esticar o pescoço para ver todo o teto, e em todos os lugares que olhava havia morcegos em tão grande quantidade que pareciam pendurados em camadas, e quando um morcego se agitava, todos os morcegos em redor se agitavam, de modo que seu langor diurno era marcado por ondulações constantes. No chão, havia uma poça salobra de urina e fezes.

E havia o *pueblo*. E, ao lado da poça, um homem agarrado ao recipiente vermelho.

Jovem emergiu da mina dez minutos mais tarde puxando uma corda. Na extremidade da corda, ainda amarrados, estavam Paine e o recipiente. O escalpo ruivo de Paine estava ligeiramente enviesado, como um boné, sobre a testa em carne viva. Listras de manchas negras marcavam suas roupas rasgadas. À luz do dia, ele parecia fora de lugar, bizarro como um pesadelo. Grotesco e fedendo a amônia.

Jovem cortou a corda de seu pulso e deitou o homem morto ao lado da roda da carroça. Só então ousou olhar para Anne.

— Eles estão aqui. — Ela fitava a mina.

— Ah, claro. Os morcegos estão aqui.

Observou-a começar a desmaiar e, em seguida, conseguir se recuperar. A palidez de defunto em seu rosto se transformou em lágrimas de raiva.

— Como foi que aconteceu?

— Há um buraco sobre a caverna. Ele caiu, tentou agarrar a corda e prendeu o braço.— Jovem levantou uma ponta esfiapada da corda. — Talvez a corda tenha arrebentado antes de os morcegos voltarem, talvez ele não tenha sentido nada.

Jovem duvidava. Uma boa corda não arrebentava sozinha, a não ser que alguma coisa na outra ponta lutasse e torcesse por muito tempo.

— Ele não usou o tanque. — Anne esfregou os olhos.

— É o Cianogás. Podemos usá-lo por ele. Veja, Jovem, faremos o que ele ia fazer.

— Não.

— O que quer dizer? — Anne endireitou o recipiente.

— Ele nos falou tudo a respeito. Disse que era completamente seguro.

— Anne.

— Faremos à maneira dele. É só acertar o relógio. É fácil.

— Anne. — Ele se ajoelhou ao lado do recipiente e deu um tapa no relógio sobre a válvula, que girou. — A queda o quebrou. Não funcionaria.

— Então como, que diabo! Qual é a sua grande ideia? O que foi que você trouxe para usar?

— Nada, Anne. Está tudo aqui.

Enquanto os olhos dela o seguiam furiosos, Jovem foi até o Rover apanhar um cobertor para cobrir Paine. O cheiro de amônia não vinha mais apenas de Paine, toda a mina o transpirava.

— Você viu os morcegos. — Anne se controlou.

— Estão numa caverna grande no fundo da mina. Jovem fez um gesto com a cabeça na direção do corpo de Paine.

— Ele tinha muito mais apetrechos na mochila além do tanque quando partiu, você disse. Acho que sei o que ele pretendia fazer no buraco.

— Podemos alcançar os morcegos? Isto é tudo o que eu quero saber.

— Podemos matá-los. Não é o suficiente?

Jovem subiu no teto do caminhão, de onde viu um torso de lava que sobressaía de um penhasco seis metros acima. Ele laçou o torso.

— Eu volto — gritou.

Ele se suspendeu pela parede do penhasco, onde parou para descansar fora da vista de Anne. O narcótico da datura estava perdendo o efeito e suas' mãos queimavam pela pequena subida. Deu outra mordida na raiz. Apenas o suficiente para acalmar a dor, ele esperava. Depois de lambe os dedos com a língua seca, começou a se arrastar, subindo pela cúpula da caverna.

Antes de chegar ao meio da cúpula, sentiu-se melhor, mais forte. À beira do buraco, encontrou uma rede de metal enrolada em grampos e

pronta para ser estendida. Fios elétricos e uma corda partida levavam a um ressalto de pedra, onde ele descobriu a bateria de Paine e a mochila de equipamento. Jovem estendeu a rede bem presa aos grampos, cobrindo o buraco, e ligou a bateria para eletrificar a rede. De dentro da mochila, tirou apenas a picareta.

Ao ficar de pé a datura subiu à sua cabeça e ele viu o céu se tornar coalhado de nuvens. Todas as nuvens eram vermelhas e vomitavam sangue.

Jovem tinha esperado algo assim. Virou as costas para as nuvens e com os olhos baixos esforçou-se para chegar à estrada.

Anne tinha sumido quando ele se aproximou da camioneta. Ela saiu da mina antes que ele a chamasse.

— Aí está você. — Jovem estava aliviado. — Bloqueei a saída deles pelo buraco. Paine já tinha tudo pronto.

— Eu o vi. Entrei na caverna.

— Muito bem. Então você viu os morcegos.

— Vi as casas também. Jovem, aquelas histórias que você me contou a respeito de uma cidade subterrânea não eram apenas histórias, eram?

— São ruínas de um *pueblo*, apenas isto. O deserto está cheio delas.

— Não dentro de uma caverna. E a história a respeito do poço em chamas. Se andarmos mais uns cem metros, nós o encontraremos também?

— O que importa? Então, encontramos algumas ruínas. Viemos aqui para encontrar os morcegos e conseguimos. Você não vai ficar apavorada com algumas histórias de velhos feiticeiros índios.

— Importa — disse Anne —, porque você sabia o que havia lá dentro e não me contou. Você acredita nestas histórias? Acredita?

Jovem levou muito tempo para responder, porque ele queria mentir, seria um conforto mentir, para ela, para ele. Mas Anne escutaria a mentira e o desprezaria por isso. Então, no final, ele não respondeu nada.

— Estamos perdendo tempo — disse ele. — Pegue todos os cobertores que puder encontrar na camioneta.

Penduraram um novo cobertor na divisão da mina com a caverna, não apenas para interceptar a luz da lanterna mas para abafar o ruído

do trabalho deles. Enquanto Anne segurava a lanterna Jovem começou a usar a picareta na parede.

— Veja isso. — Ele pegou o primeiro pedaço de argila xistosa deslocada da parede. — Saturada de petróleo. Queima como carvão se estiver suficientemente quente.

— Vamos enfumaçá-los para que morram.

— Não, há um vazamento de petróleo em algum lugar da caverna. Sinto o cheiro. Se alcançarmos o vazamento, teremos mais que fumaça.

Para isso será necessário uma enorme quantidade de argila xistosa.

— Exatamente. — Jovem jogou a pedra sobre um cobertor.

Ele meteu a picareta na parede novamente. E mais uma vez. E outra vez. A argila era macia e absorvia os golpes em vez de rachar. Mas uma pequena pilha de pedaços lustrosos se acumulou sobre o cobertor. A pilha cresceu. Segurando a lanterna de modo que o fecho de luz servisse de alvo para a picareta, Anne sentiu que o ressentimento desaparecia sob os golpes. Jovem tirou a camisa. Mais do que movimentar a picareta, ele atacava a parede com ela. Anne observou os músculos de suas costas e braços que saltavam com cada golpe.

— Você quase morreu há duas noites atrás, Jovem. Como pode fazer isso agora?

— Bem, o trabalho pesado é uma coisa engraçada — ele disse entre dois golpes. — Você nunca se esquece como se faz.

A datura estava trabalhando por ele agora. Ele estava sob controle.

Anne continuou com a picareta enquanto Jovem arrastava o primeiro cobertor carregado de argila xistosa da mina para a caverna. Pelo ângulo da luz que entrava pelo buraco, podia dizer que eram cerca de duas horas.

Puxou o cobertor pelo chão da caverna até as ruínas do pueblo. Seu primeiro passo sobre o degrau de uma escada estilhaçou-a inteiramente, mas conseguiu escalar um monte de entulho até o que restava de uma plaza acima das casas de um andar. Uma nuvem de poeira rodopiava em torno de seus pés. Na curva da parede, mais quatro andares de ruínas se ergueram a sua frente. Jovem deixou que as pedras caíssem do cobertor. Ele precisava de um anel, um anel sólido de fogo dentro da caverna.

— Pulga — uma das portas sussurrou para ele. Jovem tropeçou de cima do entulho. Os morcegos o ignoraram.

Continuou escavando, deliberadamente concentrado na tarefa manual. O anel teria uma circunferência de quarenta e cinco metros e ele precisaria de catorze pilhas de argila xistosa distanciadas três metros uma da outra, e cada pilha com cerca de trinta centímetros de altura. Seu corpo ficou coberto de poeira negra riscado de fios de suor. O mesmo pó que Abner tinha usado. Quando olhou para baixo, seu peito estava pintado de espirais.

Depois de carregar mais três pilhas até as ruínas da caverna, estava a ponto de entrar em colapso. Enquanto Anne foi até a camioneta para pegar a última garrafa de cerveja, ele mastigou mais datura.

Um suor frio de choque cobriu seu corpo. Dentro de sua cabeça, sentiu a datura misturar-se, brilhante e quente como um segundo cérebro.

— Deixe-me fazer parte do trabalho — Anne se ofereceu quando voltou. — Desta maneira, você vai se matar.

— Estamos indo bem — ele disse calmamente.

— Jovem, vamos fugir. Sair daqui enquanto podemos. Dor e sensibilidade escoavam de suas mãos, e ele pegou a cerveja.

— Não entre na caverna — ele disse. — Mesmo que eu a chame, não entre lá.

Ele tinha terminado com as ruínas. Puxou a carga seguinte de argila xistosa para o pé do entulho, um tipo de detrito formado por adobe e pedras marcado por um pedaço ocasional de cerâmica que um povo chamava de história. A luz que vinha pelo buraco tinha se erguido para a plaza em ruínas, iluminando uma tabuleta de pé com a figura de um homem sem cabeça.

Um ângulo da tabuleta de pedra estava quebrado; era a tabuleta do clã do Fogo roubado do *kiva* dos sacerdotes mortos. Jovem não estava surpreso até o momento em que começou a medir o tempo pelo ângulo da luz do buraco, quando se deu conta de que a tabuleta e a plaza estavam do lado oeste da caverna. O sol tinha se deslocado para leste.

— Verifique a hora no relógio da camioneta — ele disse a Anne quando saiu da mina. — Não se guie pelo sol, apenas pelo relógio.

— São seis horas — ela informou um minuto mais tarde. — Mas está muito claro.

Noventa minutos para o pôr-do-sol..

— Tire o cobertor de cima de Paine — ele disse. Ele encheu dois cobertores com o dobro da carga antes de entrar novamente na caverna, onde começou a alargar o círculo de pilhas em torno da poça no chão. Até então, ele ainda não tinha visto qualquer sinal evidente de vazamento de petróleo e não sentia mais seu cheiro. Acima, o teto mostrava um lento despertar dos morcegos, mas ele despejou a primeira pilha tão silenciosamente quanto possível.

A segunda carga de argila xistosa deslizou de dentro do cobertor tão vermelha quanto areia. Ele sentiu a datura se revolver em seu cérebro.

— Pulga. Pulga, o que você está fazendo? Você tem a datura. Nós podemos falar. Você é um de nós. O que você está fazendo agora, Pulga?

A voz não era de Abner.

Jovem voltou para a mina. Enfraquecido, seu corpo começava a lhe faltar e cada cobertor demorava mais para ser enchido. Os ferimentos em suas mãos tinham voltado a abrir, tornando mais difícil a pressão na picareta.

— Pare. Falta apenas uma hora — Anne lhe disse. — Deve haver argila xistosa suficiente lá dentro.

— Precisa formar um anel.

— Por quê?

Ele errou o golpe na parede e a força do movimento o projetou contra a argila. Caiu sobre o cobertor, cego até que Anne limpasse o sangue e o suor de seus olhos.

— Há uma toalha no Rover. Volto num segundo. Sozinho na mina, Jovem comeu mais datura e esfregou alguma em suas mãos. Quando Anne voltou, ele estava firme no trabalho novamente. O novo corte na sobrancelha tinha parado de sangrar.

— Pelo menos, vamos trazer o Rover aqui para dentro e usá-lo para transportar a argila — ela disse. — A camioneta vai servir.

— Ele não vai entrar, a não ser que esvaziemos completamente os pneus.

— Então, vamos fazer isto.

— Não. — Jovem continuou usando a picareta na claridade da lanterna projetada na parede. — Você vai sair daqui depressa. Você não vai querer guiar por aquela estrada abaixo com pneus vazios.

— Você quer dizer *nós* vamos sair daqui.

Puxando as duas cargas seguintes dentro dos cobertores, Jovem achou o corredor da mina mais longo e mais estreito. Suas pernas se moviam tensas, até penetrar na caverna, que estava coberta por uma luz fraca, azul-água.

Em vez de pilhas de argila, uma grande serpentina dupla cobria todo o chão da caverna. As espirais se moviam com a preguiça poderosa de uma serpente enorme, uma serpente sem cabeça.

— Eu velei por você, Pulga. Por ela também. Pelo seu bem-estar. Para o novo mundo que estou fazendo para você. Por isso, estou fazendo tudo isso. Para você.

"Eu compreendo", pensou Jovem. Uma espiral de serpentina se desenrolou e se estendeu para envolver Jovem.

— Deixe-me mostrar-lhe o novo mundo, Pulga. Deixe-me mostrar-lhe.

"Sinto muito", pensou Jovem. "É muito tarde".

Quando a espiral o envolveu, ele pegou a pedra mais pontuda do cobertor e torceu a ponta na palma ensanguentada de sua mão. Esmagou-a dentro da mão, experimentando, até que a ponta dentada encontrou o último neurônio de dor, e então ele agarrou com força a pedra, sobre o ferimento. A espiral retrocedeu e toda a serpentina sumiu. Ele olhou para cima, através da névoa azul, para o teto da caverna de onde mil morcegos pendurados olhavam para baixo.

Jovem esvaziou os cobertores e correu de volta à mina. Seguiu-se um vento e a lanterna de Anne apagou, mergulhando-os no escuro.

— Não há nem uma luz fraca. O que vamos fazer agora?

— Traga a camioneta até a entrada da mina e acenda os faróis. Ligue-os na bateria.

Na claridade dos faróis, Jovem escavou mais duas pilhas de argila. A picareta se tornou muito pesada para ser levantada, e bem à frente de Anne ingeriu o resto da datura. Anne gritou para ele do Rover, mas sua voz ecoou de maneira confusa através da mina.

— Está ficando escuro — ele entendeu finalmente. As duas pilhas de argila que ele arrastou para a caverna eram as últimas, o anel estava completo. A voz estava silenciosa, mas o teto tinha se modificado. Havia uma agitação constante entre os morcegos, ondas de despertar e

pequenos voos de um lado para outro do teto. Podia ouvir os estalos de suas conversas.

Jovem saiu da mina na direção do Rover. A estrada estava escura sob os penhascos levemente riscados de tons alaranjados.

— O sol está se pondo — disse Anne.

— Onde está o sifão?

— Você não me pediu para procurá-lo.

— Eu sei, mas onde está?

O rosto de Jovem estava negro de poeira, com exceção dos olhos vermelhos. Estava irreconhecível. Anne achou uma maleta de ferramentas na traseira do Rover e, dentro, um tubo de sifão com um pequeno reservatório. Sem que tivesse sido pedido, ela pegou também dois depósitos vazios. Encheu de gasolina até a metade o segundo reservatório quando o tubo secou.

— Não há mais nada no tanque. Está vazio. Como vamos sair daqui?

— Rolando. Há o bastante no cano de combustível para nós darmos a partida.

— Está bem — ela concordou. — Tenha cuidado. Eu o amo.

— Sim. Mantenha os faróis ligados para que eu possa enxergar a saída.

— Eu estarei aqui.

Jovem pegou uma lata com cada mão e estava pronto para ir quando se lembrou de algo.

— Você tem um fósforo?

Ela colocou uma caixa de fósforos na calça dele.

— Boa sorte.

Ele entrou na mina. No meio do caminho, a mina fazia uma curva e ele deixou a iluminação dos faróis para trás. Antes a mina tinha sido reta. Os reservatórios ficavam mais pesados. Jovem não conseguia levantar os pés mais do que dois centímetros. Ele alcançou a caverna e, entre a poça e as ruínas, começou a derramar do pesado reservatório uma linha de gasolina até o anel de pilhas de argila xistosa.

O buraco parecia um halo de luz em torno do qual o teto da caverna vibrava. Às centenas, os morcegos abriam suas asas antecipando o crepúsculo e uma chuva constante de urina molhou o chão. Jovem se concentrou no traçado da linha de gasolina.

— Pulga, olhe.

Das chaminés do pueblo começou a sair fumaça. As escadas ficaram fortes e verticais e varas com penas dos clãs enfeitavam as belas casas. Pelos cinco andares, as janelas se acenderam em sinal de boas-vindas e nas paredes internas Jovem viu sombras de pessoas. O cheiro de pão e os ruídos de vida se espalharam pela caverna.

— Pare, Pulga. E olhe.

O halo em torno do buraco diminuiu em forma de uma lua minguante. À sua volta, os morcegos se amontoavam tão densamente, pendurados uns nos outros, que abaixo do buraco havia uma nuvem de asas estacionadas. A gargalhada musical de uma mulher veio do pueblo.

Ele traçou de volta seu caminho pelo pueblo. Escutou vozes de crianças, o barulho de homens jogando, a conversa das jovens, os cozidos fervendo nos fogões. Cada pilha de argila era um ramo de choupo e a tabuleta do clã do Fogo estava inteira e rodeada de bastões de oração. A gasolina batia no chão como farinha de milho azul. De uma casa veio uma canção que ele não escutava há anos. "Em algum lugar, muito distante, Sibopay. O que fazia eu em Sibopay? Quando nasci? De onde vim? Para onde vou? Quem sou eu? Perguntei a mim mesmo em Sibopay". Com o canto dos olhos, viu gente nas janelas, rostos que desapareciam quando olhava para cima e reapareciam quando desviava os olhos. Após um dia sem alimento, o aroma de pão *piki* fresco era irresistível.

— Junte-se a eles, Pulga. Estão esperando por você. Sua gente, Pulga. Esperando por você.

Uma pega de barriga branca sobrevoou a cabeça de Jovem e se afastou na direção de uma fileira de estrelas. Quando alcançou as estrelas, as asas do pássaro se transformaram em couro e as estrelas se tornaram os últimos raios de sol na beira do buraco.

Jovem desceu aos tropeços do pueblo. Ele precisava apenas acabar de encharcar as pilhas de argila em direção à saída da mina.

— Pulga, fique conosco.

A gasolina respingou em suas calças. Quanto mais derramava, mais pesada ficava a lata, até que finalmente ele já arrastava a lata pelo chão.

Pontas de asas roçavam nas paredes, no teto e no chão da caverna. Às centenas, outros morcegos caíam e espichavam as mãos membranosas. A caverna estava cheia de milhares deles, um remoinho,

uma sombra viva que rodava e rodava, com os olhos descoloridos fixos num último raio de sol no buraco, esperando pelo momento de emergirem. Asas, olhos, bocas passaram velozes por Jovem, ergueram-se como uma onda para o buraco e se afastaram da luz.

Jovem derramou a segunda lata de gasolina numa linha reta em frente à saída da mina. Ele acenderia o anel de argila xistosa em primeiro lugar e incendiaria a saída quando fosse embora. Um morcego voou sobre seu ombro. Ele não escutou o sussurro do morcego ou sua mudança de tom. Mais dois morcegos passaram voando junto ao seu rosto, com os olhos sobre ele. Mais outro passou. Ele sentiu uma leve picada. Brotou sangue de sua orelha. Um murmúrio espalhou-se pela caverna até onde estavam dependurados os recém-nascidos rosados. Jovem sacudiu a cabeça e outro mordeu seu pescoço. De qualquer maneira, agora estava escuro demais para ver os morcegos que vinham sobre ele.

Tirou do bolso a caixa de fósforos. Quando começava a riscar um fósforo, uma asa arrancou a caixa de sua mão. Ele ficou de quatro e bateu o chão. Asas e dentes aterrissaram sobre suas costas. Alguma coisa passou correndo por ele no chão. Seus dedos se fecharam sobre os fósforos. Conscientemente, arrancou outro fósforo da carteira e o riscou. Um morcego fugiu da chama e Jovem atirou o fósforo.

Rolou no chão, esmagando os morcegos em suas costas.

Da primeira pilha em fogo, duas chamas azuis se espalharam para as outras pilhas, encontrando-se nas ruínas. De cada pilha se ergueu uma chama de dez metros de altura. Uma nova linha de fogo surgiu e atingiu a poça no centro da caverna, que se incendiou com chamas horizontais e brilhantes. Uma linha vermelha varreu as ruínas. Outras brotaram do anel e ziguezaguearam pelo chão e pelas paredes. Atrás dele, bloqueando a mina, havia um lençol de fogo.

Os morcegos que não estavam queimando levantaram voo na direção do buraco e da rede eletrificada. Como uma nuvem, eles ferveram sobre as chamas. Jovem estava assombrado. A caverna inteira estava em fogo, um palácio de luzes. Outros vazamentos de petróleo surgiram das paredes e o fogo das pilhas cresceu, cuspidando uma fumaça negra e densa.

Para Jovem, morcegos e fogo se tornaram uma só coisa, que tomou a forma de um gigante encolhido sob o teto, como rosto agoniado em

chamas sobre uma capa negra esfarrapada. Olhos cegos e leitosos fitavam sem acreditar:

— PULGA!... POR QUÊ?... ERA PARA VOCÊ....PARA VOCE!

— Eu sei!... — Jovem gritou e lágrimas rolaram de seus olhos.

— TUDO... PARA VOCÊ!

Uma camioneta apareceu na frente de Jovem e suas portas se abriram. Anne estava ao volante, berrando.

— Jovem! Jovem, aqui!

Através do fogo, ele viu o pueblo se derreter. Paredes de adobe se desmoronavam numa poeira vermelha. As janelas batiam com força. Do lado de dentro, vultos de chamas dançavam selvagememente, correndo de um cômodo para outro sem poder escapar.

— Jovem! — Anne gritou.

Ele caiu dentro da camioneta e Anne manobrou a camioneta rapidamente, sacudindo-se sobre os pneus retalhados.

Ela embicou diretamente para o fogo que bloqueava a mina e o atravessou. Dentro da mina, o Rover inclinou-se pelas paredes.

O resto da gasolina, na mangueira da camioneta, acabou no momento em que eles irromperam na estrada, e dali, rolaram, rolaram, descendo sempre, quase sobre o deserto, quando a cúpula da caverna explodiu como uma bola de fogo na direção do céu.

CAPÍTULO 10

A explosão correu como um fluxo através de uma rede subterrânea de poços e, em redor da caverna, outras crateras menores se abriram em série. Ao longo de um rendilhado de veios de argila xistosa sobre a superfície, chamas azuis se espalharam como mensageiros, correndo paralelas, convergindo e se espalhando novamente. Onde os veios verticais se encontravam, as chamas cuspiam através das paredes do *canyon* à procura de mais argila, que estalava e deixava à mostra veias ricas de petróleo. O fogo lambeu o caminho até o platô mais alto do lado oeste, soltando bolas incandescentes que se ergueram na noite para chover em chamas sobre os *canyons*. Assim, o incêndio continuou a se espalhar, pelos dentes enegrecidos das minas de basalto e através dos campos de lava de formas retorcidas. Os primeiros caminhões de bombeiros e de laboratórios móveis vindos de Tuba City tentaram abrir caminho até a caverna dos morcegos, para bater em retirada depois quando o fogo começou a impedir a estrada atrás deles. Eles voltaram atrás dois quilômetros a partir da base do *canyon* enquanto helicópteros do Departamento de Parques passavam por cima do *canyon* para soltar cargas de água enriquecidas de fosfato.

Alguns minutos antes do amanhecer, o fogo decresceu ao mesmo tempo que se alastrava. De um lado a outro, o *canyon* Maski ficou iluminado por chamas azuis.

Jovem e Anne olhavam dos caminhões de bombeiros e das ambulâncias que se amontoavam no deserto. De pé sobre o capô de seu carro, Piggot acompanhava o progresso das chamas com o binóculo.

— A primeira explosão acendeu o planalto. Soou como uma bomba. — Walker Chee pisou num toco de cigarro. — Todo o *canyon* deve estar infiltrado de petróleo e de argila xistosa.

Como campos de bombardeios, pensou Jovem. O *canyon* estava aceso como campos azuis de bombardeios. Seu rosto estava empolado. Sua orelha e pescoço estavam com curativos e um cobertor cobria suas costas.

Outro poço de petróleo emergiu, alaranjado, transformando-se em azul. Um helicóptero levantou voo rápido, com as turbinas assobiando desesperadas, fugindo das chamas crescentes.

— Inútil. Absolutamente inútil. — Piggot saltou de seu carro e atirou o binóculo para o banco traseiro. — Isto vai se incendiar durante anos, talvez para sempre. Despeça-se dele, Chee.

— Aonde vai você?

— Venezuela, Indonésia, Alasca. — Piggot sentou-se no banco da frente. — Em algum lugar, existe alguém querendo negociar. Tudo o que tenho a fazer é encontrar essa pessoa.

— Temos um contrato! — Chee berrou atrás do carro em movimento.

Observou as lâmpadas traseiras do Cadillac desaparecerem antes de voltar para o *canyon*, onde ele pôde ficar contemplando dois milhões de dólares se consumirem em fumaça.

Um dos veículos com laboratório do Controle de Doenças pegou o lugar deixado por Piggot. Um jovem investigador vestido com macacão de vinil, com o rosto sujo de fuligem, olhou Jovem e Anne com curiosidade antes de se dirigir a Chee.

— Não há meios de dizer quando poderemos fazer uma verificação na caverna. O principal é o seguinte: todos os morcegos estão mortos?

— Pergunte a ele. — Chee levantou os ombros e se afastou, acabrunhado.

O investigador estava ansioso, mas ensaiava para se aproximar de Jovem. O índio que ele via era escuro, tinha os olhos tão vermelhos quanto os de um animal e estava nu da cintura para cima.

— Eles estão mortos — disse Jovem.

— Espero que isto seja verdade. Se eles estão mortos, o maior vetor das doenças está eliminado e o resto será basicamente uma operação de quarentena.

O investigador estudou Jovem mais atentamente.

— Se está entendendo o que quero dizer.

A incerteza do investigador fez com que Jovem se lembrasse de Paine.

— Estou tentando — disse Jovem.

— Ouvi dizer que um homem ficou na caverna.

— Na mina.

— Um amigo?

— Sim. — Jovem olhou para Anne. — O povo hopi tem uma grande dívida para com ele.

O investigador tomava notas. Perguntou a Anne a respeito do incêndio, da caverna e dos morcegos; ela respondeu que tinham posto fogo na caverna com gasolina, que era um local comum sob todos os aspectos e que não havia meios de os morcegos escaparem. Enquanto falava, enfiou o braço por dentro do braço de Jovem. Quando ele fechou o livro de anotações, parecia muito satisfeito.

— Muito obrigado. Há uma ambulância a caminho para vocês dois. Vocês ficarão no hospital por uns dois dias para observação, mas posso apostar que poderão aproveitar o resto. Vocês escaparam de uma maneira surpreendente.

— Você acha? — Jovem perguntou num tom inexpressivo.

— Bem... acho — o investigador exclamou — Inacreditável.

— Ótimo.

O investigador voltou meio confuso para a camioneta, e se afastou em direção aos caminhões de bombeiros.

Jovem estendeu o cobertor sobre Anne para poderem se apoiar um no outro. O céu estava descolorido em torno do canyon.

— Você vai fazer de Paine um herói, não vai? — disse Anne.

— Ele foi um herói.

Ou Abner, e Harold, até mesmo Chee. Dessem a eles a justa recompensa, todos estavam certos, pensou Jovem. Todos, menos ele, talvez.

— Mas foi você quem agiu — disse ela.

— Não sei o que fiz. Espero que ninguém jamais saiba o que fiz.

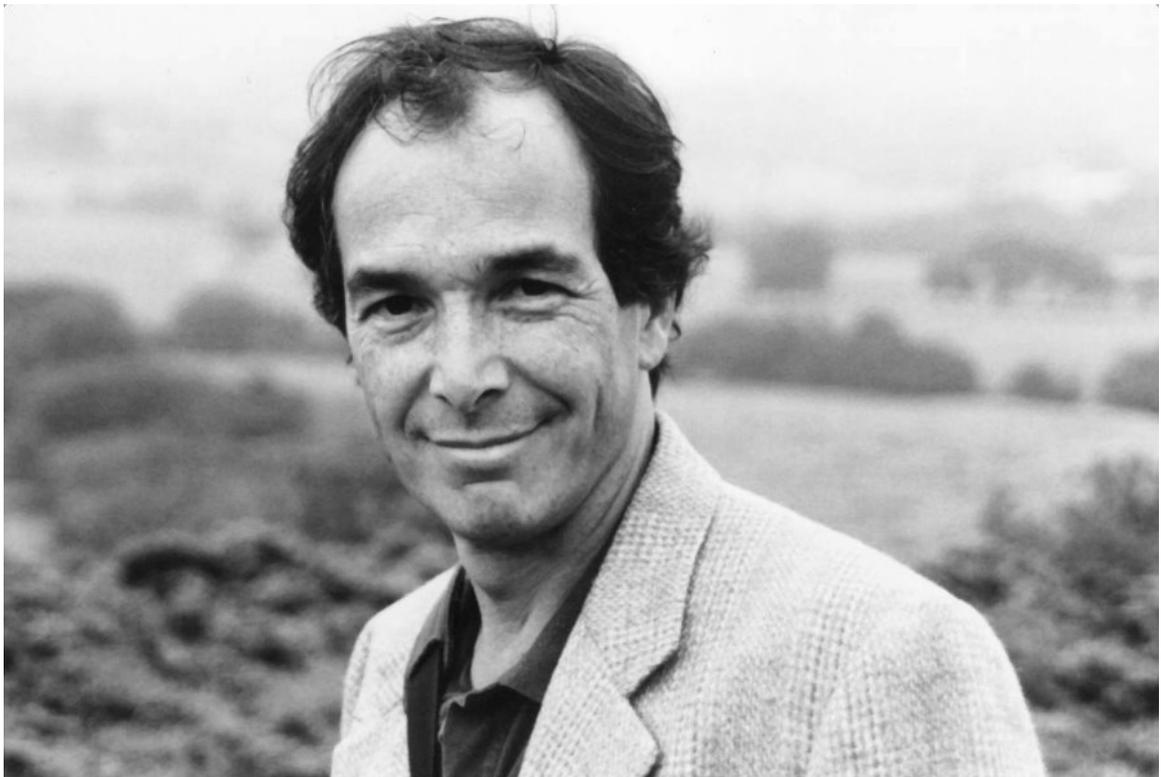
As formas do canyon começaram a emergir na luz matutina. As paredes de arenito multicoloridas estavam chamuscadas de preto. Os penhascos destripados, cegos, desconjuntados, usavam uma máscara negra. Uma fumaça negra subiu pelo vento da manhã sem se mover.

— Espero não saber nunca.

As luzes das chamas pareciam estrelas de um universo que tinha morrido e desabado sobre si mesmo. Quando o sol apareceu às costas de Jovem, as estrelas se apagaram e desapareceram uma a uma.

FIM

O AUTOR E SUA OBRA



Elogiado narrador de histórias de suspense, Martin Cruz Smith conhece bem a região desértica dos Estados Unidos. Tais características, aliadas a uma abordagem sobrenatural da realidade, tornaram *Terrores da noite* um dos mais lidos romances dos últimos anos, obra de impacto para os apreciadores do gênero.

A história já foi levada às telas em superprodução cinematográfica.

Cruz Smith nasceu nos Estados Unidos em 1942. Filho de músico de jazz, também tem o sangue indígena dos pueblos. Iniciou sua vida profissional como jornalista e em 1967 lançou-se na carreira de escritor. Antes de se radicar em Nova York, conheceu a fundo os Estados Unidos, vivendo em várias regiões do país, inclusive no sudoeste, que escolheu para cenário desta história.